



Mil CORAÇÕES

Partidos

Romance

Três anos.
Doze meses.
Uma dor eterna.

DA AUTORA DE

Mil
Beijos

TILLIE COLE

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Tillie Cole

MIL CORAÇÕES PARTIDOS



Tradução
Sofia Ribeiro

*Quinta Essência**

Ficha Técnica

Título: Mil Corações Partidos
Título original: A Thousand Broken Pieces
Autor: Tillie Cole
Tradução: Sofia Ribeiro
Revisão: Isabel Garcia
ISBN: 9789895811601

Direitos reservados para Portugal
QUINTA ESSÊNCIA
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

© Tillie Cole, 2024
Edição publicada com o acordo com McIntosh e Otis Inc.
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Índice

Ficha Técnica

Prólogo

1 Fôlegos Perdidos e Nuvens Deslizantes

2 Sonhos abandonados e lagos congelados

3 Corações Tímidos e Primeiras Vistas

4 Aviões a Jato e Céus Chuvosos

5 Montes Ondulantes e Barcos Oscilantes

6 Palavras Sinceras e Abraços Calorosos

7 Segredos Partilhados e Céus de Despedida

8 Sonhos Ressurgidos e Sorrisos Congelados

9 Neve Deslizante e Gargalhadas Ligeiras

10 Céus Coloridos e Beijos Congelados

11 Almas Derretidas e Corações Abertos

12 Areias Douradas e Tristezas Profundas

13 Corações Partidos e Memórias Fraturadas

14

15 Escuro como Breu e Luz Ofuscante

16 Cores Fortes e Gargalhadas Mais Fortes

17 Corações Partidos e Deixar Partir

18 Desgostos e Afinidades

19 Histórias Angustiantes e Raiva Extinta

20 Céu Escuro e Estrelas Mais brilhantes

21 Gestos Atenciosos e Música Renascida

22 Louça Partida e Beleza Encontrada

23 Flores Desabrochadas e Velhos Amigos

24 Adeus

25 Ventos Quentes e Palavras Sentidas

26 Vozes Silenciosas e Pontos de Viragem

27 Corações Caseiros e Almas a Sarar

28 Cura

29 Convidados Surpresa e Corações Ligados

30 Corrida da Vitória e Estrelas da Esperança

Epílogo Debaixo das Estrelas e Céus Eternos

Agradecimentos

*Para os que perderam um ente querido, caminho convosco.
Para os que perderam um pedaço do seu coração, dou-vos a mão.
Para os que não sabem como seguir em frente,
rezo para que este livro seja um consolo.*

*Ao meu pai.
Vou ter saudades tuas para sempre.
Até nos encontrarmos de novo.
«Endure Fort»*

«Cheguei à conclusão de que, para os doentes,
a morte não é tão difícil de suportar.
Para nós, a dor acaba, vamos para um lugar melhor.
Mas para os que ficam para trás,
a dor é ampliada.»
Poppy, *Mil Beijos*

Prólogo

Savannah

Treze anos de idade

Blossom Grove, Georgia

NÃO CONSEGUIA OUVIR MAIS NADA ALÉM DO SOM ENSURDECEDOR DO MEU coração. Tão rápido, o seu ritmo retumbante como as destrutivas tempestades estivais que assolavam a Georgia quando o calor apertava.

A minha respiração ficou mais pesada quando os pulmões começaram, lentamente, a deixar de trabalhar. O ar no meu peito endureceu em pedras de granito, empurrando com tanta força dentro de mim que fiquei petrificada. Uma estátua, a olhar para a Poppy, a definhar no leito. A ver os meus pais agarrarem-se um ao outro como se também estivessem a morrer. O seu bebé, a primeira filha, a perder a guerra contra o cancro à frente dos seus olhos, a morte pairando sobre ela como uma sombra agourenta, à espera para a levar.

Senti a Ida apertar-me a mão com tanta força que me podia ter partido os ossos. Senti o corpo franzino da minha irmã mais nova a tremer, sem dúvida de medo ou dor, ou de total incredulidade por isto poder ser efetivamente real.

Por isto estar *de facto* a acontecer.

Eu tinha a cara encharcada de lágrimas, que caíam dos meus olhos como rápidos.

– Savannah? Ida? – chamou a minha mãe baixinho. Pestanejei através da névoa aquosa até ver a nossa mãe diante de nós. Comecei a abanar a cabeça e o meu corpo espasmódico parecia voltar à vida, do seu estado

entorpecido e catatónico.

– Não❖ – sussurrei, sentindo em mim o olhar aterrorizado da Ida. – Por favor❖ – acrescentei, e a minha súplica quase muda flutuou até ao vapor, no ar estagnado à nossa volta.

A mãe dobrou-se e passou a mão a tremer pela minha bochecha.

– Tens de te despedir, amor.

A sua voz vacilava, rouca e cansada. Olhou por cima do ombro, para onde o Rune estava sentado na cama, a depositar beijos atrás de beijos nas mãos da minha irmã mais velha, nos seus dedos, no rosto, olhando para a sua Poppymín como sempre olhara: como se ela fosse feita só para ele. Um grito abafado escapou-se-me dos lábios enquanto os observava.

Não era real. Não podia ser real. Ela não podia deixá-lo. Não podia deixar-*nos*...

– Meninas – insistiu novamente a mãe, com urgência na voz. O meu coração partiu-se quando o lábio inferior da mãe começou a tremer. – Ela... – A mãe fechou os olhos, tentando reunir uma qualquer espécie de compostura, interrompendo aquilo que ia dizer. Eu não sabia como é que ela fazia aquilo. Eu não era capaz. Não conseguia enfrentar isto. Não conseguia *fazer* isto.

– Sav – disse a Ida, ao meu lado. Virei-me para olhar a minha irmãzinha. O seu cabelo escuro, os olhos verdes e as covinhas fundas nas bochechas, a sua pele, vermelha de chorar. O seu querido rosto, destroçado. – Tem de ser. – A sua voz tremia. Mas acenou-me com a cabeça, num gesto de incentivo. Naquele momento, a Ida tinha mais força do que a que eu conseguia reunir.

Ela levantou-se, sem nunca afrouxar a mão de ferro na minha, enquanto me conduzia para cima. Quando me levantei, olhei para as nossas mãos dadas. Em breve, seria assim para sempre. Só as nossas duas mãos, sem uma terceira para agarrar, para nos guiar.

Segui atrás da Ida, e parecia que os meus pés atravessavam melaço a cada passo que dava, à medida que nos aproximávamos da cama, posicionada de forma a poder-se olhar pela janela. Para que a Poppy pudesse ver o mundo lá fora. A brisa levava pétalas caídas de flores de cerejeira, brancas e rosadas, que se espalhavam pelo chão ao caírem das árvores. O Rune olhou para cima quando nos acercámos, mas eu não fui

capaz de o olhar nos olhos. Não era suficientemente forte para o ver nesse momento. Aquele que todos temíamos. O momento que, lá bem no fundo, nunca acreditei que fosse chegar.

Inspirando o mais fundo que consegui, contornei a cama com a Ida. A primeira coisa que ouvi foi a respiração da Poppy. Estava diferente. Era profunda e estertorada e eu via a exaustão, o esforço, no seu lindo rosto❖

O esforço que era, para ela, aguentar-se mais uns meros minutos. Ficar connosco o máximo de tempo que conseguisse. Porém, apesar de tudo, abriu um sorriso ao ver-nos. As suas irmãs. As suas melhores amigas.

A nossa Poppy... a melhor pessoa que conheci.

A Poppy ergueu as mãos finas e frágeis e estendeu-as, para que cada uma de nós segurasse uma. Fechei os olhos ao sentir como estava fria, como era débil o seu aperto.

– Eu adoro-te, Poppy – sussurrou a Ida.

Abri os olhos e lutei para não me deixar cair no chão quando a Ida pousou a cabeça no peito da Poppy, abraçando-a com força. A Poppy fechou os olhos e depositou o fantasma de um beijo na cabeça da Ida.

– Eu também❖ te adoro❖ Ida – respondeu, segurando a nossa irmã mais nova como se nunca mais a fosse largar. A Ida era a dupla da Poppy em todos os sentidos: personalidade, feições, a maneira sempre positiva de ver a vida. Os dedos da Poppy percorreram o cabelo escuro da Ida. – Nunca mudes – murmurou quando a irmã levantou a cabeça. A Poppy pousou a mão enfraquecida na face dela.

– Não vou mudar – disse a Ida, e a sua voz quebrou quando ela recuou, deixando cair, com relutância, a mão da Poppy. Foquei-me nesse largar da mão. Não sei porquê, mas queria que a Ida continuasse a segurar a mão da nossa irmã. Talvez se nos agarrássemos a ela, juntas, a Poppy não tivesse de partir, talvez conseguíssemos mantê-la aqui, onde estava em segurança...

– Sav... – sussurrou a Poppy, os olhos brilhando quando os meus os encontraram.

Desfiz-me, o rosto caído quando comecei a soluçar.

– Poppy... – disse eu, segurando-lhe a mão e trazendo-a para mim. Eu abanava a cabeça, vezes sem conta, pedindo em silêncio a Deus, ao universo, a *alguém* que fizesse parar isto, que nos abençoasse com um milagre e a deixasse ficar aqui connosco, mesmo que fosse apenas durante mais um bocadinho.

– Estou... bem... – disse a Poppy, interrompendo as minhas súplicas íntimas.

A mão dela tremia, levei-a aos lábios para lhe beijar a pele fria. Mas, ao fazê-lo, vi que a mão da Poppy estava firme e o tremor era meu. As lágrimas escorriam-me pelas faces.

– Savannah – disse a Poppy –, eu... estou... pronta... para ir.

– Não – disse eu, a abanar a cabeça. Senti uma mão nas costas e um braço cingir-me a cintura. Eu sabia que era a mãe e a Ida, a manterem-me direita. – Eu não estou preparada... preciso de ti... és a minha irmã mais velha... preciso de ti, Poppy. – O meu peito doía, ao ponto de sofrimento, e eu sabia que era o meu coração a partir-se em pedacinhos fragmentados.

– Eu ♡ estarei ♡ sempre ♡ contigo – disse a Poppy, e reparei que a sua pele tinha um tom amarelado, ouvi o estertor na respiração intensificar-se e tornar-se mais errático. *Não... não, não, não...* – Vamos... – a Poppy inspirou debilmente, um arquejo *definhante* – ver-nos de novo...

– Poppy... – consegui dizer, antes de ser dominada pelos soluços atormentados. Baixei a cabeça para o peito da Poppy e senti os seus braços fracos apertarem-me. Podia estar a perder forças, mas aquele aperto era um manto seguro a envolver-me. Não queria largá-la.

– Eu... adoro-te... Savannah... tanto – disse a Poppy, debatendo-se com o fôlego reduzido para poder falar. Fechei os olhos com força, tentando, em vão, aguentar. A Poppy deu-me um beijo no cabelo.

– Savannah. – A voz da minha mãe navegou até aos meus ouvidos. – Querida ♡ – murmurou.

Levantei a cabeça e encontrei o sorriso fraco da Poppy.

– Adoro-te, Pops – disse eu. – Foste a melhor irmã mais velha que eu podia ter querido.

A Poppy engoliu em seco e os seus olhos brilhavam com as lágrimas. Estudei o seu rosto. Estava tão perto de nos deixar. Memorizei o verde dos seus olhos, as madeixas naturais de calor no seu cabelo escuro. Agora estava pálida, mas agarrei-me à memória do tom pêssego da sua pele macia. Agarrei-me à memória do seu aroma doce envolvendo-me, o seu rosto cheio de riso e de vida.

Não queria largar-lhe a mão, não sabia se alguma vez seria capaz de o fazer, mas, quando a minha mãe me apertou os ombros, larguei, recusando-me a desviar-me do seu olhar até a mãe e o pai virem para o lado da cama e me bloquearem.

Recuei a tropeçar, e o choque instalou-se. A Ida agarrou-me a mão e aninhou-se no meu peito. Fiquei a observar, num estado de quase dissociação, a mãe e o pai beijarem e segurarem a Poppy, despedindo-se dela. Os meus ouvidos encheram-se de um ruído branco quando a mãe e o pai se afastaram e o Rune veio para junto da cama. Fiquei ali, abismada, a Ida desfeita no meu peito, a tia DeeDee, a mãe e o pai a afastarem-se para o lado, enquanto o Rune dizia alguma coisa à Poppy, baixando-se depois para a beijar nos lábios...

Sustive a respiração quando, segundos mais tarde, recuou devagar. E vi. Observei o rosto do Rune e vi, na sua expressão destrocada, a confirmação de que ela tinha partido. A Poppy deixara-nos...◆

O Rune abanava a cabeça e era impossível, mas o meu coração partia-se ainda mais. Depois saiu a correr do quarto e, ao fazê-lo, aterrei de novo, com estrépito, no aqui e agora. A primeira coisa que ouvi foi o som de choro agonizante, e os ruídos devastadores cortaram-me a alma ao meio. Olhei para a minha mãe, depois para o meu pai. A mãe tinha caído no chão, o pai tentava segurá-la nos braços. A tia DeeDee estava virada de costas para a parede que a amparava, a soluçar descontroladamente.

– Sav – gritou a Ida, com um soluço, agarrando-me a cintura com mais força.

Apertei-a com força. Apertei-a, enquanto fitava a cama. Fitava a mão da Poppy. A sua mão imóvel sobre a cama. A mão parada, *vazia*. Era como se tudo estivesse a acontecer em câmara lenta, como um qualquer truque usado nos filmes.

Mas isto era a vida real. Era a *nossa* casa. E aquela era a *minha* adorada irmã, na cama. Na cama, sem ninguém ao seu lado.

A mãe estendeu o braço para a Ida. A minha irmãzinha mergulhou no abraço dos meus pais, mas eu avançava como se um íman me arrastasse para junto da Poppy. Como se uma força invisível, um qualquer fio transparente, me chamasse para onde ela jazia.

Com a respiração entaramelada, contornei a cama e fiquei imóvel. Imobilizei-me a olhar a Poppy. Não lhe saía respiração da boca. O seu peito não se erguia, não havia rubor nas suas faces. Era, contudo, tão bela na morte como fora em vida. O meu olhar foi de novo pousar na sua mão vazia. Estava virada para cima, como se quisesse ser tomada uma última vez.

Por isso, sentei-me na berma da cama e envolvi-lhe as mãos nas minhas. E, ali sentada, senti algo em mim mudar. Nesse momento, perdi algo na minha alma que soube que nunca iria recuperar. Levei os dedos frios da Poppy aos lábios e dei-lhe um beijo na pele macia. Depois baixe as nossas mãos entrelaçadas para o meu colo. E não larguei. Não *iria* largá-la.

Não sabia se podia.

Fôlegos Perdidos e Nuvens Deslizantes

Savannah

Dezassete anos de idade

Blossom Grove, Georgia

HAVIA PRECISAMENTE QUARENTA E DUAS FENDAS NO CHÃO DE LINÓLEO. ROB, o terapeuta principal, estava a falar, mas eu só ouvia o ínfimo zumbido do sistema de aquecimento, a trabalhar por cima de nós. Eu tinha o olhar desfocado, apanhando apenas lanças de sol que rasgavam as janelas altas e os contornos borrados dos outros no círculo à minha volta.

– Savannah?

Pestanejei para focar o olhar e ergui-o para o Rob. Ele estava a olhar para mim, com uma linguagem corporal aberta e um sorriso encorajador no rosto. Mexi-me nervosamente no meu assento. Eu não tinha o dom de falar em público. Era-me difícil pôr por palavras os sentimentos turbulentos que se agitavam dentro de mim. Estava melhor sozinha. Ficar muito tempo na companhia de outras pessoas deixava-me esgotada; quando eram demasiadas, faziam com que me fechasse dentro de mim mesma. Não era nada como a minha irmã, a Ida, que tinha uma personalidade contagiosa e extrovertida.

Tal como a Poppy...

Engoli o nó que brotou imediatamente na minha garganta. Tinham-se passado quase quatro anos. Quatro anos longos, excruciantes, sem ela e continuava sem conseguir pensar no seu nome ou imaginar o seu lindo

rosto sem sentir o coração entrar em colapso, como uma montanha a desmoronar. Sem sentir os dedos inexoráveis da morte à volta dos meus pulmões, a privá-los de ar.

As sabedoras pontadas de ansiedade começaram logo a subir, com as suas garras, vindas das profundezas do seu sono. Enterravam os dentes nas minhas veias e mandavam o seu veneno intoxicar-me o corpo até me apanharem e fazerem de mim uma refém relutante.

Fiquei com as palmas das mãos húmidas e a minha respiração tornou-se pesada.

– Savannah.

A voz do Rob tinha mudado; embora fizesse eco nos meus ouvidos quando tudo à minha volta afunilava num vazio, ouvi a sua inflexão preocupada. Sentindo o peso dos olhares que todos pousavam em mim, dei um pulo do lugar e corri, disparada, para a porta. Os meus passos eram um batuque arrítmico quando segui o feixe de luz no corredor em direção ao ar livre. Irrompi pela porta para o exterior e suguei o ar invernoso da Georgia.

Os holofotes bailando invadiram a minha visão e fui a tropeçar até à árvore que repousava no recinto do centro de terapia. Encostei-me ao tronco pesado, mas as minhas pernas cederam e caí no chão duro. Fechei os olhos e pousei a cabeça na madeira, a casca áspera a arranhar-me o couro cabeludo na nuca. Concentrei-me na respiração, em tentar lembrar-me de todas as lições que aprendi acerca de lidar com um ataque de pânico. Mas parecia nunca ajudar. Os ataques faziam-me sempre refém até ficarem, por fim, na disposição de me libertar...❓

Eu estava completamente exausta.

O meu corpo ficou a tremer durante o que me pareceu uma eternidade, o coração engasgado e às guinadas até eu sentir os pulmões começarem a soltar-se, a garganta assegurando finalmente ao meu corpo o oxigénio que ele tanto desejava. Inalei pelo nariz e expirei pela boca, até me afundar mais na árvore, o cheiro a relva e terra atravessando a névoa da ansiedade, bloqueadora dos sentidos.

Abri os olhos e olhei para o céu azul luminoso, vendo as nuvens brancas a viajar ao alto, tentando encontrar formas nas suas estruturas. Vi-as aparecer, depois partir e pensei como seria a vista lá de cima, o que veriam quando olhavam para nós, a amar, a perder e a quebrar.

Uma gota de água aterrou nas costas da minha mão. Baixei os olhos e levei com outra gota no nó do meu dedo anelar; vinham das minhas faces. A exaustão percorreu-me como uma onda, consumindo todas as minhas forças. Nem conseguia levantar as mãos para limpar as lágrimas. Por isso, concentrei-me novamente nas nuvens andarilhas, desejando ser como elas, em constante movimento, sem nunca ter de parar, processar e pensar.

Pensar dava-me margem para quebrar.

Nem sequer me dei conta de que alguém se tinha sentado ao meu lado, até sentir uma subtil mudança no ar à minha volta. As nuvens continuavam a captar a minha atenção.

– Outro ataque de ansiedade? – perguntou o Rob.

Anuí, o meu cabelo a esfregar a casca solta da árvore, que mal se segurava à sua casa. O Rob só tinha trinta e tal anos. Era boa pessoa e excecional no que fazia. Ajudava tanta gente. Ao longo dos últimos quatro anos, vi uma miríade de adolescentes transporem a porta do centro de terapia e ir embora, mudados, empoderados e capazes de funcionar novamente no mundo.

Eu estava pura e simplesmente destruída.

Não sabia como recuperar, como me recompor. A verdade é que, quando a Poppy morreu, toda a luz desapareceu do meu mundo e, desde então, eu andava aos tropeções no escuro.

O Rob não falou durante algum tempo, mas finalmente disse:

– Temos de mudar de tática, Savannah.

Os cantos dos meus lábios subiram quando vi o que parecia ser uma margarida formar-se numa nuvem. A Ida adorava margaridas. Era a sua flor preferida. O Rob recostou-se na árvore ao meu lado, partilhando o vasto tronco.

– Recebemos alguns fundos. – As suas palavras entraram-me pelos ouvidos, sílaba a sílaba, enquanto o mundo, dolorosamente lento, começava a ser reparado. – Há uma viagem – disse ele, deixando as palavras pairar no ar entre nós.

Pestanejei e a imagem consecutiva do sol bailou no escuro quando fechei os olhos com força para banir o brilho ofuscante.

– Quero que vás – disse o Rob.

Fiquei petrificada e, por fim, virei a cabeça para o enfrentar. O Rob tinha cabelo ruivo curto, sardas e uns olhos verdes penetrantes. Era uma palete ambulante de cores do outono. Era também um sobrevivente. Dizer que eu o admirava é um eufemismo. Castigado na adolescência pela sua homossexualidade por aqueles que deviam amá-lo, abriu caminho pelo inferno até chegar à liberdade e à felicidade, ajudando agora os outros que também se debatiam com os seus modos de ser.

Há uma viagem... Quero que vás... ❖

Essas palavras diferidas foram filtradas pelo meu cérebro e a minha velha amiga, a ansiedade, começou a ressurgir.

– Um pequeno grupo, vindo de todo o lado nos Estados Unidos, vai viajar por cinco países. Uma viagem de recuperação. – Rolou a cabeça para trás, para olhar as nuvens que antes me prenderam a atenção. – Adolescentes a lidar com a dor.

Abanei a cabeça, tornando, a cada segundo, o gesto mais pronunciado.

– Não consigo – murmurei, o medo envolvendo-me a voz.

O sorriso do Rob era empático, mas ele disse:

– Já falei com os teus pais, Savannah. Concordaram que te faria bem. Já reservámos um lugar para ti.

– Não!

– Já terminaste o liceu. E entraste em Harvard. Em *Harvard*, Savannah. É incrível. – O Rob fez uma breve pausa, para pensar, mas depois acrescentou: – Fica em Boston. MUITÍSSIMO longe daqui.

Compreendi as entrelinhas. Eu não conseguia ser funcional em casa, como é que haveria de ser na universidade num outro Estado?

Quando a Poppy morreu, atirei-me aos estudos. Tinha de ter sempre a cabeça ocupada. Foi assim que me mantive à tona. Sempre fui estudiosa. Sempre fui a inteligente. O ratinho de biblioteca. A que falava de física, equações e estruturas moleculares. A Ida era a mais ruidosa, a irmã dramática, a engraçada, que chamava todas as atenções, no melhor sentido. E a Poppy... ❖ a Poppy tinha sido a sonhadora. Fora a criativa, a que acreditava, a que tinha a música, a esperança e a felicidade infinitas no coração.

A que teria mudado o mundo.

Quando a Pops morreu, eu deixei de conseguir enfrentar a escola: os olhares das pessoas, as expressões de pena, as luzes da ribalta que me seguiam para toda a parte, apresentando-me como a rapariga que tinha visto a irmã mais velha morrer. Por isso, estudei em casa e terminei o liceu mais cedo. Harvard aceitou-me; eu tinha feito o suficiente para entrar. Mas com os meus estudos terminados, o tempo recém encontrado tornou-se meu inimigo. Horas de ócio passadas a reviver o definhamento da Poppy, a sua morte lenta diante dos nossos olhos. Minutos intermináveis que davam à minha ansiedade espaço para atacar, para fazer os seus avanços, como mercenários a brincar com um alvo fácil. Sentia a ausência da Poppy como um nó a apertar à volta do meu pescoço, dia após dia.

– Eu sei que deve parecer assustador. Sei que é uma coisa que talvez não acredites que consigas fazer – disse o Rob, com a voz gentil e encorajadora. – Mas *consegues*, Savannah. Eu acredito em ti. – Senti o lábio inferior tremer quando os meus olhos encontraram os seus. – Não vou desistir. – Um sorriso delicado. – Vamos conseguir que ultrapassemos isto. Vamos levar-te para Harvard este outono. E tu vais singrar.

Eu queria retribuir o sorriso, para lhe mostrar o meu apreço por ele pensar em mim, por nunca desistir de mim, mas os nervos fizeram-me retrain. Pessoas novas. Lugares novos. Terras desconhecidas: era completamente aterrorizador. Mas não me restava força para contestar. E, meu Deus, mais nada funcionara comigo. Quatro longos anos de terapia individual e de grupo não me tinham conseguido levantar nem me recompor. Eu estava cansada demais para discutir. Por isso, virei de novo a cabeça e fitei o céu. Uma grande nuvem aproximava-se e eu fiquei quieta.

Parecia mesmo um violino.

* * *

Entrei em Blossom Grove com a banda sonora sinfónica dos pássaros a cantar. Fosse qual fosse a altura do ano, havia sempre algo surreal neste lugar. Um pedaço de céu na Terra, um vislumbre do celestial, da paz. Ou talvez fosse só o espírito de quem aqui repousava que o tornava tão especial. A proteger o lugar que ela tanto adorava.

As árvores estavam despidas, os botões ainda não se encontravam preparados para nos mostrar a sua beleza, o inverno mantinha-os afastados durante um pouco mais de tempo. Mas o arvoredado não ficava menos bonito por isso. Inspirei o ar fresco, que assobiava por entre os ramos castanhos, até os meus pés me levarem à árvore que protegia a minha melhor amiga.

A lápide de mármore branco brilhava como um anjo ao sol poente, e o manto do crepúsculo sobre a sepultura era em tons dourados idílicos. POPPY LITCHFIELD destacava-se em letras douradas, com PARA SEMPRE gravado por baixo.

Limpei umas folhas caídas do cimo da lápide e sentei-me diante dela.

– Olá, Poppy – disse eu, sentindo já um aperto na garganta.

Eu sabia que, para muitos, quatro anos depois da morte de um ente querido era quanto baste para que encontrassem um caminho de volta a uma espécie de vida. Para seguirem em frente, como pudessem. Mas, para mim, quatro anos até podiam ser quatro minutos. Parecia que tinha sido ontem que a Poppy nos deixou, a mim e à Ida. Que deixou a mãe e o pai e a tia DeeDee. Que deixou o Rune. As fraturas que lascavam o meu coração continuavam abertas e por sarar.

Esses quatro anos não tinham mudado nada. Nesse dia, foi premido um botão de pausa. E, desde então, eu não tinha conseguido premir o *play*.

Beijei os dedos, que depois coloquei na lápide. Estava quente, onde pousei a mão, do sol que iluminava sempre este arvoredado, fazendo saber ao mundo que alguém verdadeiramente belo residia aqui.

Espreitei para baixo e vi uma fotografia espetada na parte inferior da lápide. As lágrimas picaram-me os olhos quando olhei, com espanto, para a cena impressionante que alardeava. As luzes do Norte eram captadas na perfeição na imagem, verdes e azuis atravessando um céu negro salpicado de estrelas.

Rune.

O Rune tinha estado aqui. Fazia sempre isto. Sempre que vinha a casa, passava horas na campa da Poppy, debaixo da árvore preferida dos dois. Passava o dia a conversar com o seu único amor, a sua alma gémea, a falar-lhe da sua vida na NYU, a Universidade de Nova Iorque. Do estágio que assegurara com um fotógrafo vencedor de um Pulitzer. Das

suas viagens pelo mundo, a visitar atrações e países longínquos, como as luzes do Norte, que captava sempre em película e depois trazia para a Poppy ver.

«Para que ela não perca as novas aventuras», dizia-me.

Depois, havia os dias em que ele visitava a Poppy e eu me sentava atrás de uma árvore ali perto, escondida e despercebida, a ouvi-lo falar com ela. E então as lágrimas caíam, em cascata, dos meus olhos, perante a injustiça do mundo. Por perdermos a estrela mais brilhante dos nossos céus, por o Rune perder metade do seu coração. Tanto quanto eu sabia, nunca namorou com mais ninguém. Disse-me uma vez que nunca iria sentir por ninguém o que sentia pela Poppy e que, embora o tempo juntos tivesse sido breve, foi o suficiente para durar uma vida inteira.

Eu nunca tinha vivido um amor como o deles. Não sei se muitos teriam. Enquanto a Ida procurava e rezava por um amor do tipo Rune e Poppy, eu temia que me fosse causar ainda mais sofrimento. E se também o perdesse? Como conseguiria lidar com isso? Não sabia como é que o Rune sobrevivia cada dia que passava. Não sabia como abria os olhos todos os nasceres do sol e simplesmente *respirava*. Nunca lho perguntei. Nunca arranjei coragem.

– Hoje tive outro ataque – disse à Poppy, encostando-me à sua lápide.

Pousei a cabeça no mármore morno. Bebi o tranquilizador canto dos pássaros que sempre lhe fazia companhia. Passados alguns minutos de silêncio, tirei o caderno da mala. Aquele que nunca me atrevi a abrir. Passei o dedo pelas palavras *Para a Savannah*, escritas na capa, com a letra da Poppy.

O caderno que ela me deixou. Aquele que nunca li, nem sequer abri. Não sabia porquê. Talvez por eu ter tanto medo de ler o que a Poppy tinha a dizer, ou talvez por ser o último pedaço que eu tinha dela e, uma vez aberto, uma vez terminada a sua última palavra, ela desaparecesse verdadeiramente.

Abracei o caderno junto ao peito.

– Vão mandar-me embora, Pops – disse eu, e a minha voz calma foi levada pelo arvoredo quase em silêncio. – Para tentarem que eu fique melhor. – Suspirei e o peso no meu peito quase me magoou as costelas. – Eu não sei como deixar-te ir.

A verdade é que eu sabia que se a Poppy pudesse falar comigo estaria destroçada por ver como a sua morte me paralisara, me ferira de forma irreparável. No entanto, eu não conseguia livrar-me disso. O Rob disse-me que o luto nunca nos abandonava. Em vez disso, adaptávamo-nos, como se fosse um novo apêndice que tínhamos de aprender a usar. Que a qualquer momento, a dor e o sofrimento podiam atacar e quebrar-nos. Mas que acabaríamos por desenvolver as ferramentas para lidar com isso e arranjar uma maneira de seguir em frente.

Eu continuava à espera desse dia.

Fiquei a ver o sol poente desaparecer por entre as árvores, o quarto crescente da lua a aumentar, o seu lugar. O manto dourado que nos adornava tornou-se de um azul prateado à medida que a noite chegava e eu pus-me em pé para me ir embora.

– Adoro-te, Pops – disse e, relutantemente, atravessei o arvoredos em direção à nossa casa. A nossa casa, a que, nos dias que correm, falta o pulsar do coração.

Porque ela foi enterrada no solo atrás de mim. Dezassete anos para sempre. A idade que eu tinha agora. Nunca envelheceria. Nunca irradiaria a sua luz. Nunca partilharia a sua música.

Uma caricatura de que o mundo ficaria privado para sempre.

Sonhos abandonados e lagos congelados

Cael

Dezoito anos de idade

Massachusetts

– ISTO NÃO ESTÁ A ACONTECER – DISSE EU, FITANDO A MINHA MÃE E O MEU PAI no sofá. Eu estava no centro da sala de jantar, a fumar, o corpo aceso de raiva ao ouvir o que eles estavam a dizer.

Um fragmento de culpa tentou abrir caminho até ao meu coração, ao ver as lágrimas da minha mãe saírem-lhe dos olhos e riscarem-lhe as faces, mas o fogo que me inundava as veias queimou essa faísca de remorso em vapor.

– Cael, por favor – sussurrou a minha mãe, de mãos estendidas, apaziguadoras.

Mudou-se para a berma do sofá, como se viesse ter comigo, oferecer-me alguma espécie de consolo. Abanei a cabeça e recuei três passos, até estar quase em cima da lareira por acender. Eu não queria o seu consolo. Não queria *nada* disto. Mas o que é que estavam *a pensar* neste momento?

O meu pai estava sentado no nosso velho sofá castanho, estoico, fiel à sua posição de agente da lei honrado, que era. Ainda estava fardado, *O Melhor de Massachusetts* a fulminar-me, o rosto enrubescido por a mãe estar *outra vez* a chorar por minha causa.

Cerrei o maxilar com tanta força que senti que os meus ossos podiam rachar. As minhas mãos fecharam-se em punhos cerrados e debati-me com o impulso de bater com elas nos tijolos da lareira, contra os quais roçavam agora as minhas costas. Mas era assim o dia-a-dia neste buraco do inferno. Nesta casa cheia de memórias que eu já não queria alojadas no meu cérebro. O meu pai estava farto de remendar os buracos que eu fazia na parede com o punho. Tão farto como eu estava da minha constante corrente de raiva. Mas essa raiva nunca me abandonava. Portanto, acho que nenhum de nós tinha aquilo que queria.

– Tu vais, filho – disse o meu pai, as palavras imbuídas de autoridade.

Era um homem de poucas palavras. Sucinto, e esperava que as suas ordens fossem obedecidas. Tudo em mim gritava para lhe dizer que fosse para o diabo. O seu tom duro era combustível para as chamas que ardiam dentro de mim. Eu tentei. Tentei mesmo manter a calma. Mas estava a perdê-la. Como uma bomba-relógio a fazer tiquetaque, eu sentia que estava prestes a explodir.

– Cael, nós temos de tentar alguma coisa – disse a minha mãe, um tom subtil de súplica na voz quebrada. Noutros tempos, ver a minha mãe transtornada ter-me-ia quebrado. Agora? Nada. – Falámos com o teu novo terapeuta. Acabaste o liceu no ano passado. Recusaste ir para a universidade. Esta viagem pode ajudar-te. Dar-te novamente um propósito. Agora, apenas existes. Sem um trabalho, sem orientação, sem escola, sem hóquei. Falámos com o treinador de Harvard. Ele está sempre a perguntar por ti. Continua a querer-te. Quer-te na lista do ano que vem. Tu és capaz. Ainda podes ir... ❖

– EU ESTOU-ME A CAGAR PARA A UNIVERSIDADE! – gritei, interrompendo o que ela estava para dizer. Em tempos, eu *tinha-me* interessado pela universidade. Era a única coisa em que eu pensava. A única coisa com que *sonhava*. Para poder ir ter com *ele*, para podermos jogar lado a lado, como sempre planeámos fazer...

Os meus olhos foram involuntariamente para a massa de fotografias na parede por cima do sofá, onde os meus pais estavam sentados. Imagem atrás de imagem de mim e dele ao longo dos anos. A jogar em estádios, com o braço em cima um do outro, os dois de sorriso na cara e taco na mão, com Equipa EUA escrito no peito. Agora, eu já nem sabia bem sorrir. Causava estranheza aos meus músculos faciais funcionarem

dessa forma. Desviei o olhar dessas imagens, agora um santuário maldito para o que poderia ter sido. Nem sequer conseguia olhar para elas. Eram todas mentira. Contavam a história de uma vida que era fictícia.

Nada daqueles tempos era real.

– Eu não vou – disse eu, com um aviso sombrio na voz. Mas o meu pai continuou inabalável. Pôs-se de pé. A sua estrutura larga e alta avultou-se em tempos sobre mim, mas o meu metro e noventa e três colocava-me agora três centímetros acima dele, os meus ombros espadaúdos e o corpo atlético igualavam-se aos dele em força e poder. – Nunca te vou perdoar isto – digo, cuspiendo as palavras, com o choro baixinho da minha mãe em fundo a fazer ricochete no escudo constante que eu segurava à volta de mim. Nos tempos que corriam, parecia que nada o penetrava.

O meu pai meteu as mãos nos bolsos.

– Então, vou ter de viver com isso, filho.

Eu sabia que não havia forma de ele mudar de ideias.

Fiquei a vibrar ali mesmo, atravessado por um calor escaldante como se eu fosse feito de lava. Sem olhar para a minha mãe, fui disparado para a porta, batendo-a ao sair de casa. Lancei-me ao meu jipe. A minha respiração transformou-se em névoa branca ao encontrar o frio gelado. A neve repousava, funda, nos campos à volta e as minhas botas ficaram encharcadas só de ir de casa para o caminho de acesso. O inverno encerrava firmemente a Nova Inglaterra no seu punho cerrado.

Pus as mãos no volante e apertei o couro. Como sempre que estava ao volante, voltou-me à memória aquela noite. As minhas mãos tremiam só de me sentar no jipe. A minha respiração ficou ofegante e eu senti-me fraco, tão fraco por as memórias me deitarem abaixo, por poder ficar destruído simplesmente por me sentar num carro, que cedi à raiva que tinha dentro de mim. Deixei que inundasse o meu corpo, quente e lívido, até me livrar dela. Os meus músculos contraíram-se de tal maneira no meu peito que doeram. Cerrei os dentes, deixando que as chamas escaldantes dentro de mim calcinassem qualquer vestígio de quem eu era antes. Deixei que crescesse, dos dedos dos pés ao couro cabeludo, até eu ser só feito dela. Depois deixei que assumisse o controlo. Entreguei as rédeas e rugi noite dentro, cheio de toda aquela fúria que

tentava escapar. Bati com as mãos no volante, chutei a perna até o meu pé bater no sistema de som, arrancando-o do painel e deixando-o pendurado, suspenso diante de mim.

Quando a minha voz ficou rouca e toda a minha respiração foi expelida, fiquei tenso a olhar para a casa rural branca, estilo quinta, que outrora foi o meu santuário. Eu agora *odiava* este lugar. O meu olhar disparou para a janela superior direita e uma lasca conseguiu imiscuir-se, apunhalando-me o coração.

– Não – sibilei, e afastei os olhos daquele quarto. *Agora não*. Não ia deixar aquela dor entrar agora.

Tentei fazer andar o carro. Mas, por um momento, fiquei paralisado. Apanhado no purgatório para onde tinha sido atirado há um ano. Quando tudo mudou num piscar de olhos e a máscara de chapa quatro que disfarçara a nossa idílica vida familiar foi firmemente arrancada.

Fechei os olhos e deixei que o fogo dominasse tudo. Espetei a chave na ignição, abri os olhos e derrapei o carro para fora do caminho de acesso, os pneus debatendo-se para conseguirem aderência no gelo preto que cobria o nosso caminho de acesso, de terra batida. Senti o cheiro a borracha queimada quando pus o pé a fundo no acelerador. O medo de conduzir estava lá, como uma febre baixa que ameaçava disparar. Mas contive-o. Deixei-me simplesmente queimar e que qualquer emoção que tentasse passar fosse eviscerada.

Tinha de ser assim. Eu não podia voltar a afundar-me naquele lugar onde tudo era vazio e a desabar – um sumidouro de onde era impossível de sair. Em vez disso, avancei para essa raiva visceral que agora me controlava. Entreguei-me ao ódio – do mundo, das pessoas, de tudo o que podia expor o que eu tinha enterrado bem fundo.

Mas, principalmente, foquei-me em *odiá-lo*. O ódio e a fúria que eu tinha contra ele eram uma pira rugindo, encharcada de gasolina.

Pestanejei e voltei a mim. Eu tinha conduzido sem direção, sem pensar, perdido na minha cabeça, e dei por mim a aproximar-me do único lugar do qual tentava manter-me longe.

Nós temos de tentar alguma coisa...

As palavras da minha mãe soavam na minha cabeça em modo de repetição. *Não*, eles queriam que eu me fosse embora. Queriam livrar-se do filho que lhes dava problemas. Eu! Não se fala do *outro* filho. Mas de

mim, aquele que ficou. Aquele que *ele* deixou para trás. Aquele de quem ele nem quis saber quando fez o que fez...

O primeiro sinal do colapso do meu peito começou a interferir com o meu esterno. Frenético, parei no parque de estacionamento e abri a porta do condutor. Senti na pele a bofetada do frio do inverno rigoroso do Massachusetts. A minha *T-shirt* preta *Henley*, o gorro e as calças de ganga rasgadas não contribuíram em nada para evitar o frio. Mas deixei-o penetrar nos meus ossos. Eu *queria* sofrer. Era a única altura em que me lembrava que ainda estava vivo. Era isso e a raiva que me entrara na alma um ano antes e cuja força aumentara desde então.

Nem tive tempo de me dar conta de que os meus pés se moviam. Passei por carro após carro, reconhecendo cada um deles. Mas o que estava eu a fazer ali? Eu não *queria* estar ali, mas os meus pés continuavam a impulsionar-me para a frente. Levaram-me pela porta lateral, onde os sons que antes eram como a minha casa agora pareciam distantes e já não faziam parte da minha vida. Vozes graves a chamar aos gritos, tacos a bater no gelo e discos e lâminas a cortar o gelo.

Contudo, eu não sentia nada.

Subi as escadas cada vez mais alto e só parei quando cheguei aos lugares que se diz que fazem sangrar do nariz, bem longe da vista. Sentei-me no assento de plástico duro e entrelacei os dedos das mãos. Tinha todos os músculos do corpo contraídos quando os meus olhos se focaram no gelo. Quando vi os meus antigos amigos e colegas de equipa a praticar. A fazer corridas, fugas e fintas. Remate atrás de remate ao Timpson, o guarda-redes que raramente deixava passar alguma coisa. Não era à toa que a sua alcunha era «Para Trás».

– Aqui! – chamou a voz mais familiar, atravessando o rínque, e senti uma facada aguda no estômago.

O Eriksson avançou com pujança, intercetou o disco e voou sobre o gelo. Com um remate perfeitamente apontado, navegou para a rede e marcou.

Eu costumava estar *ali*, ao lado dele.

A minha perna batia no chão, em sinal de agitação e fiz um esforço para não inalar o frescor do gelo, para sentir o ar frio cortante a encher o recinto. Puxei o gorro e passei a mão pelo cabelo escuro. As tatuagens

nas costas das mãos destacavam-se na minha pele mais pálida. Tatuagens. Tantas tatuagens e *piercings* cobriam agora o meu corpo, praticamente apagando qualquer sinal da pessoa que eu fui antes.

Fechei os olhos quando o barulho dos tacos de hóquei a guerrear e as tábuas do rinkue a serem sovadas espoletaram uma enxaqueca infernal. Levantei-me de um salto e desci as escadas à bruta, em direção à porta lateral. Tinha acabado de chegar ao corredor quando ouvi:

– Woods?

Fiquei paralisado a meio do passo. Ouvi o som do Eriksson a sair do gelo, as lâminas nos pés a correrem desajeitadamente na superfície dura atrás de mim. Mas continuei a andar, evitando o meu antigo melhor amigo até que uma camisola emoldurada, montada na parede da arena, me fez parar redondo. WOODS 33 estava orgulhosamente no corredor. Tinha IN MEMORIAM escrito numa placa de bronze acima dela, uma fotografia individual da equipa com o seu rosto sorridente para mim.

Foi um murro no estômago. Eu não estava preparado. Tinha-se imiscuído em mim. Tinha acontecido sem aviso...

– Cael! – A voz do Eriksson estava agora mais perto. Virei a cabeça e vi-o aproximar-se e o meu coração começou a bater contra as costelas. A expressão de esperança e entusiasmo no seu rosto quase fez as minhas pernas cederem. – Cael! Devias ter-me dito que vinhas. – O Stephan Eriksson estava sem fôlego de me tentar apanhar. Continuava a agarrar o taco do treino de que acabara de sair a correr e tirou o capacete, que pousou no chão junto das lâminas nos pés. Limitei-me a olhar para ele. Não conseguia mexer-me.

Ele tinha estado lá comigo. Ele tinha visto tudo *comigo*.

A atenção de Eriksson desviou-se para a camisola emoldurada à minha frente, a sua expressão engolida pela tristeza.

– O treinador mandou pô-la aí há uns meses. Disse umas coisas muito fixes sobre ele. Foste convidado, mas...

Senti arrepios pela espinha acima, que me fez pele de galinha em cada centímetro do meu corpo. Eu via que o Stephan estava a estudar a minha aparência. Vi-o olhar para as tatuagens nas minhas mãos, no peito e no pescoço. Vi-o seguir com os olhos os *piercings* no nariz e no lábio inferior, os buracos pretos nas minhas orelhas.

– Tenho tentado apanhar-te, meu – disse ele, tentando aproximar-se. Fez um gesto para o gelo. – Há meses. Temos saudades tuas. – Respirou fundo. – *Eu* tenho saudades tuas. Não é a mesma coisa sem ti, mano.

Mano...

Esta palavra era como uma catana a cortar-me o peito, dividindo-me ali mesmo. Sentindo o fogo íntimo derreter o gelo que se acumulara em mim no instante em que entrei no ringue e disse, cuspidando as palavras:

– Eu não sou teu irmão. – E depois, a olhar para a camisola emoldurada que pairava como um presságio ao meu lado, bati com o punho bem no centro do número 33, em azul-marinho. Senti o vidro partido cravar-se-me nos nós dos dedos e o calor do meu sangue chegou à pele quando começou a escorrer até ao pulso.

– Credo, Woods! Para! – gritou o Stephan, mas eu já estava a empurrar a porta e a sair para a noite escura de inverno. Atravessei o parque de estacionamento, com os pulmões a arder, e saltei para o meu carro, ignorando o Stephan, que tentava fazer-me sinais da porta lateral.

Onde é que eu tinha a cabeça, para ter ido ali?

Saí do estacionamento, tentando impedir que as mãos me tremessem. Aquela moldura. Aquela *T-shirt* emoldurada. *Porque é que foram fazer aquilo? Porque é que eu tive de ver aquilo?*

Conduzi e conduzi, forçando o limite de velocidade, mas não conseguia impedir que as minhas mãos tremessem. Será que foi isto que ele sentiu quando seguia rugindo pela estrada fora? Quando fez o que fez? O meu sangue escorria pelo braço. Tinha os nós dos dedos abertos, as feridas em carne viva.

Mas pior, sentia o cheiro do meu sangue.

Sangue...

O cheiro a cobre puxou-me imediatamente para o momento que rezei poder esquecer. Estava tão tatuado no meu cérebro como a tinta preta e vermelha no meu pescoço. Senti a respiração falhar, os sopros brancos de fumo irrompendo diante de mim em *staccato*, em bolas enevoadas. O meu estômago revirou-se, o fogo a que me agarrei como a uma muleta extinguiu-se imediatamente quando aquela noite voltou aos tropeções.

Virei bruscamente à direita para a estrada de terra batida que levava a casa, mas pus o pé a fundo no travão a meio do caminho, no lago. Eu estava ofegante como se tivesse acabado de fazer uma maratona. Não

podia estar no carro. Era muito fechado, muito sufocante, lembrava-me demasiado daquela noite...

Levantei-me de um salto do lugar do condutor e fui a correr para o lago, que tinha uma camada grossa de gelo espesso a cobrir a superfície. Parei no limiar, com a cabeça inclinada para trás enquanto olhava para o céu que escurecia.

In memoriam...

Um som sufocado, estrangulado arrancou-se da minha garganta. Dobrei-me, com as palmas das mãos abertas no gelo. Uma coisa qualquer que me trouxesse de volta à terra. *Credo*. Como é que chegámos aqui? Como é que correu tudo tão mal?

Porque é que ele não disse nada? Porque não *falou* simplesmente comigo?

Atirei a cabeça para trás e gritei para o céu noturno, ouvindo os pássaros adormecidos fugir das árvores em redor. Levantei-me devagar, a garganta ferida, o corpo a saltar de adrenalina, e dirigi-me ao barracão que não abria há não sei quanto tempo.

Coloquei a mão ensanguentada na maçaneta, rodei-a para a abrir e deparei com os meus velhos patins a olhar para mim. Ignorei o murro no estômago quando vi o segundo par encostado ao lado deles.

Agarrei nos meus e chutei as botas, sem me importar que as minhas meias ficassem encharcadas ao bater na neve. Deslizei os pés neles e senti-me enjoado quando aquela onda familiar de *estar bem* me dominou. Olhei para os tacos, que retribuíram como se tivessem alma, como se tivessem memórias presas nas camadas de madeira.

Antes que eu pudesse pensar demais, peguei naquele com fita preta e dourada – as cores do Bruins. Quando o agarrei, pareceu-me um sacrilégio. Nunca achei que merecesse segurar este taco. Como poderia merecer, quando ele pertencia ao meu herói? Aquele que me ensinou tudo o que eu sabia. Aquele que eu admirava, que imitava, com quem me ri e com quem corri. O que brilhava tanto que iluminava o raio do céu inteiro.

Agora, eu estava permanentemente preso sob o seu eclipse.

Deslocando-me instintivamente para o lago, coloquei a lâmina direita no gelo e empurrei até deslizar pela superfície. O vento forte bateu-me na cara. Os meus pulmões, que pareciam ter-se esquecido de como

funcionar, beberam um longo arquejo. A ponta do taco que eu agarrava arrastou-se pela superfície congelada do lago. Bati-o de um lado para o outro, como se estivesse a passar um disco no meio. Era tão natural como respirar. *Isto. Gelo. Hóquei.*

Fechei os olhos enquanto fazia círculos pelo lago. E como se eu tivesse entrado noutra dimensão, ouvi o eco distante de dois miúdos a rir...❖

– Achas que me apanhas, miúdo? – A voz profunda do Cillian ressoava sobre a neve e sobre o vento enquanto eu corria para ele, roubando-lhe o disco. – Ei! – Riu-se e foi atrás de mim pelo lago a uma velocidade que parecia ser de um milhão de quilómetros por hora. Já não me conseguia apanhar, naquele tempo. Quando fiz o disco deslizar entre os dois galhos que compunham a nossa baliza improvisada, envolveu-me nos seus braços, tirando-me do gelo. – Agora és melhor do que eu, miúdo. Como é que isso aconteceu, caraças?

O sorriso no meu rosto era tão largo que me doíam as bochechas. Encolhi os ombros.

– Sabes isso, não sabes? – disse o Cillian; largou-me e pôs-se em círculos à minha volta. – Tens o caminho todo pela frente. Toda a gente vê isso. Todos os olhos estão postos em ti.

Eu não via. O Cill era o melhor jogador de hóquei que eu já tinha visto. Eu tinha a certeza de que nunca estaria à altura. Era mais velho do que eu e era a estrela de todas as equipas em que já tinha estado. Desde que me lembro, queria ser como ele.

– Está escrito nas estrelas, miúdo – disse ele, agitando-me o cabelo despenteado com a mão enluvada. – Vamos jogar juntos em Harvard e depois conquistar a fama. NHL, All Stars. Olimpíadas. – Sorriu e depositou um beijo na minha cabeça. – Juntos, sim?

– Juntos – respondi, sentindo-me o miúdo mais sortudo do mundo. Eu e o Cillian. Juntos, nós os dois poderíamos conquistar o mundo...

Uma sensação de afundamento pressionou os meus ombros, um peso de dez toneladas empurrando-me para o chão. Abri os olhos e dei por mim especado no escuro, no meio do nosso lago negligenciado e

abandonado. Sozinho. Sem o futuro com que sonhávamos diante de nós. Sem o «Irmãos Woods conquistam o mundo». Só eu e o espectro do meu irmão pairando sobre mim como um vácuo, sugando qualquer coisa boa e leve no seu vazio voraz.

A madeira do taco de hóquei gemia nas minhas mãos quando os meus dedos a apertaram como um vício. Quanto mais tempo eu ali estava, imóvel, mais a fúria preenchia o vazio na minha alma, acumulando-se a ponto de eu levantar aquele taco bem alto e bater com ele no gelo com toda a força que consegui, estilhaçando-o e lascando-o em mil e um pedacinhos.

Os nossos sonhos agora também estavam destruídos, portanto, eram mais uma vítima nesta nossa situação de merda. Empurrei-me para trás no gelo, descalcei e chutei-os para a massa de árvores crescidas e sem folhas que me cercavam, e deixei-me cair de novo no chão.

Tu vais, filho...

O meu pai até podia estar mesmo atrás de mim, tal era a sonoridade da sua voz na minha cabeça. Eu tinha dezoito anos. E estava prestes a fazer uma viagem à volta do mundo com outros aparentemente «como eu». Tinha dezoito anos e devia estar a trabalhar para o futuro com que sonhei. Mas aquele que me tinha sido prometido foi-me roubado por quem eu mais amava, aquele em quem eu mais confiava neste mundo. Já nada importava. Eu estava completamente sozinho.

E já há tanto tempo que nem tinha energia no meu íntimo para querer saber disso.

Corações Tímidos e Primeiras Vistas

Savannah
Nova Iorque

– ESTÃO TODOS PRONTOS?

Sentada na ponta da cama do hotel, levantei os olhos, perdida nos meus pensamentos.

A Ida estava diante de mim, com o seu cabelo escuro comprido, caído em ondas suaves, e um sorriso de covinhas no belo rosto. A minha mãe e o meu pai tinham-me trazido a Nova Iorque para eu apanhar o voo com destino à nossa primeira paragem da viagem terapêutica. Ficámos de nos encontrar no aeroporto, onde eu ia ter com o resto dos miúdos que iam e com os nossos dois terapeutas, claro. Fiz umas quantas chamadas de vídeo com os terapeutas e eles pareciam simpáticos. Mas isso não me tirou os nervos.

A Ida recusara-se a ficar em Georgia, insistindo em ir ver-me partir.

Pressionei a mão na mala fechada.

– Acho que sim.

Ela tinha partilhado um quarto comigo na noite anterior. Regalou-me com histórias da escola e os últimos mexericos do seu grupo de *cheerleaders*.

Se havia coisa que personificava a luz do sol, era a Ida Litchfield.

Deixou-se cair ao meu lado na cama e enfiou a mão na minha. Olhei para os nossos dedos entrelaçados, o seu verniz rosa-choque ao lado do meu transparente. Pousou a cabeça no meu ombro e bastou esse simples ato de carinho fraterno para eu ficar com um nó na garganta.

– Não quero ir – confessei num sussurro, sentindo as palpitações que inflamaram a ansiedade que eu sabia se preparava para atacar.

A Ida apertou-me a mão.

– Eu sei... – disse num fio de voz, e eu soube que ela se continha de dizer mais. Esperei, sem saber bem se queria ouvir. Mas depois, com uma inspiração trémula, ela disse: – Mas eu preciso que vás. – A súbita tristeza na sua voz foi uma faca espetada diretamente no meu coração.

Aquietei-me perante a sua confissão e virei a cabeça para a olhar. Ela manteve o rosto baixo, a cabeça enfiada na curva do meu pescoço.

– Ida...

– Por favor... – disse ela, implorando baixinho; depois levantou devagar a cabeça. Arrasou-me ver os seus olhos, normalmente felizes, esmagados de tristeza. Um brilho de lágrimas banhou-lhe as íris verdes. O meu coração disparou. A Ida olhou para a janela, que mostrava o aeroporto JFK, e depois novamente para mim. – Eu preciso de ter a minha irmã de volta – disse ela finalmente, e eu senti aquela faca cortar ainda mais fundo. Queria dizer alguma coisa, mas a culpa infundiu as minhas células, impossibilitando-o.

– Perder a Pops... – disse a Ida, num fio de voz, derramando sobre a face esquerda uma lágrima solitária, que eu sacudi com o polegar. A Ida dirigiu-me o eco de um sorriso grato.

Respirou fundo.

– Perder a Pops foi a coisa mais difícil por que já passei na vida. – Pousei a mão livre no seu joelho. – Mas ver a mãe e o pai no rescaldo... ver-te *a ti*... – Fez uma pausa, e eu percebi que ela estava de volta àquele momento, a reviver os primeiros meses após a morte da Poppy. Os dias mais sombrios por que já passámos. O rescaldo, saber que nada voltaria a ser como dantes. – Ver o que isso vos fez a todos... foi o que mais me custou. A minha família. A minha família linda e perfeita foi irremediavelmente ferida e eu não pude fazer nada para melhorar a

situação. A mãe e o pai estavam desfeitos. A Poppy, a nossa Poppy perfeita tinha partido e eu sentia tantas saudades dela que não conseguia respirar, mas... – A Ida interrompeu-se.

Puxei-a mais para mim.

– O quê? Por favor, diz-me.

A Ida mexeu-se e olhou-me nos olhos.

– Mas eu sabia que te tinha. Queria agarrar-me a ti, Savannah. Para ter a certeza de que não me deixavas também.

Eu tinha a respiração entrecortada. A Ida era tão nova quando tudo aconteceu. Com idade suficiente para se lembrar de tudo, mas tão jovem que deve ter sido quase impossível processar o luto.

– Eu costumava entrar de mansinho no teu quarto à noite, só para ter a certeza de que estavas a respirar.

Eu não sabia.

– Ida...

– Agarrei-me ao facto de que, apesar de a Poppy se ter ido embora, eu sabia que ela estava num lugar melhor. Eu sentia-o, no meu coração. Depois de todos aqueles anos de sofrimento. De lutar para viver... – Abanou a cabeça. – Não sei explicar como; mas eu simplesmente sabia que ela estava a olhar por nós. Sempre que pensava nela, sentia-me envolvida por uma espécie de calor subtil que nem consigo descrever. Às vezes, em nossa casa, sentia a presença dela, como se caminhasse junto a mim, e se sentasse no sofá ao meu lado. – Riu-se de uma maneira autodepreciativa. – Consolou-me tanto. E continua a consolar. Provavelmente parece uma parvoíce❖

– Não – disse eu, tranquilizadora. Na verdade, no início, eu também tinha rezado por isso. Tinha pedido tantas vezes à Poppy um sinal, e não veio nada. Eu só queria saber que ela estava bem. Que a sua vida não tinha mesmo terminado. Que ela estava num lugar melhor do que este mundo, a rir e a amar, talvez reunida com a nossa avozinha, que ela adorava tanto. Que continuava a amar-nos e estava entre nós, a ajudar-nos a lidar com a perda irreparável da sua pessoa.

– Mas aquilo que eu achei mais difícil desde que perdemos a Poppy...
– Sustive a respiração, à espera do que ela ia dizer. Os seus ombros descaíram e ela sussurrou: – Foi aquele dia horrível... em que também te perdi.

Tudo o que restava do meu coração foi obliterado, as palavras da Ida tiveram o efeito de uma granada. A sua mão tornou-se um aperto de morte em torno da minha.

– Eu vi-te esmorecer, Sav. Vi fechares-te de tal maneira sobre ti que te tornaste impenetrável. Construístes muros à volta do teu coração, tão altos que ninguém era capaz de os transpor. – Mais duas lágrimas caíram no seu rosto. – Nem sequer eu. Trancaste-te deixando-nos a todos de fora. – A Ida fez uma expiração lenta e demorada. – Há pouco menos de quatro anos, perdi duas irmãs e... – Ficou com a voz embargada, e isso deu cabo de mim. Pigarreou e disse, com voz rouca: – Só te quero de volta.

O sofrimento na sua voz deixou-me enjoada. Porque ela tinha razão, não tinha? Eu empurrara toda a gente. Deixei sofrer a minha irmãzinha e não fiz nada para a ajudar. Mas não foi de propósito. Os muros tinham-se erigido sem a minha orientação e aprisionaram-me bem no seu interior. E eu deixei.

E continuava lá, mas ouvir o que isso estava a fazer à Ida...

Demorei demasiados minutos a falar, mas, respirando fundo, confidenciei:

– Não sei *como* voltar. – Desta vez, a Ida enxugou as lágrimas do meu rosto. – Tenho tentado, Ida, prometo...

– Eu sei que sim. – A Ida enrolou os braços à volta de mim. Quando o fez, o meu coração acelerado acalmou um pouco. – Estou muito orgulhosa de ti por teres tentado tanto, mas preciso que vás nessa viagem. Não só por mim, e não só pela Poppy, mas por *ti*. – A Ida recuou e segurou-me as faces com as mãos em concha. Havia tanto amor e incentivo nos seus olhos. – Tu mereces viver, Sav. És tão amada e tão especial, tão inteligente, bonita e gentil, e mereces ser feliz. – A garganta embargou-se-lhe de novo. – É a única coisa que quero para ti. Felicidade. A Pops haveria de querer o mesmo.

Olhei para a minha irmã e debati-me com a voz que, dentro da minha cabeça, me dizia para eu resistir, que não precisava de ir. Que eu estava bem. Que só precisava de mais tempo, de mais terapia com o Rob, em casa. Terapia que eu fazia há anos... que não tinha funcionado... porque nada funcionava...

– Está bem – disse eu, traindo o medo no meu íntimo, e apertei mais a minha irmã contra mim. A Poppy sempre foi a minha irmã mais velha, aquela com quem eu ia ter para tudo. Mas eu agora era a irmã mais velha da Ida. Aquela com quem ela deveria poder ir ter, para fazer confidências e em quem confiar. Portanto, eu tinha de tentar. Por ela, eu iria tentar.

Uma batida repentina à porta assustou-nos. A Ida riu-se da força do nosso sobressalto e eu dei por mim também a sorrir.

– Meninas, é hora de ir – disse o nosso pai do corredor.

A Ida afundou a cabeça para encontrar os meus olhos baixos.

– Estás bem? – Vi a preocupação no seu olhar. O medo de ter falado demais, de ter puxado muito por mim.

Eu sentia-me abatida, estafada, mas apertei-a com mais força.

– Estou. – Era mentira. Sabíamos as duas. E as duas o ignorámos.

– Quem sabe – disse a Ida, rasgando um sorriso. – Se não vão também uns rapazes giros, para tornar a viagem um pouco mais suportável.

Revirei os olhos ao seu sorriso luminoso.

– Ida, tenho a certeza de que não vou querer saber disso para nada.

Ela agarrou-me nas mãos.

– Ou rapazes *estrangeiros*. Daqueles com sotaque e o romance a correr-lhes pelas veias.

Abanei a cabeça para a minha irmã mais nova quando nos levantámos da cama e pegámos no meu casaco e nas malas. Ignorei o tremor das minhas mãos e o nervoso miudinho. A Ida enfiou o braço no meu e fomos para o corredor. A minha mãe e o meu pai estavam à espera. A mãe avançou, com a preocupação estampada no rosto. Tenho a certeza de que parecia que tínhamos estado a chorar.

– Estamos bem – disse eu, antes que ela pudesse perguntar. Apertei o braço da Ida. – Nós... nós vamos ficar bem.

Só esperava que, se dissesse isso a mim mesma vezes suficientes, pudesse, de alguma forma, torná-lo verdade.

* * *

O aeroporto JFK era tão barulhento e movimentado como eu esperava. O meu pai conduziu-nos a umas pessoas agrupadas de lado, longe das filas e dos grupos de viajantes preocupados, que verificavam freneticamente os ecrãs das chegadas e das partidas. Reconheci logo os nossos terapeutas, o Leo e a Mia, das nossas chamadas de vídeo. A Ida ainda estava de braço dado comigo, o meu apoio constante, mas ver caras novas e curiosas virarem-se para mim fez com que os meus nervos disparassem e eu desejasse estar em qualquer lugar, menos ali. contei outros quatro adolescentes, mais ou menos da minha idade, também com as suas famílias. Todos olharam para nós quando o meu pai estendeu a mão para apertar a da Mia.

– Savannah! – disse a Mia, e estendeu a mão para mim a seguir.

Tinha cabelo louro curto e olhos azuis gentis. Parecia ter quarenta e tal anos e tinha um sorriso caloroso. O Leo apresentou-se em seguida. Era um homem mais alto, na casa dos cinquenta, com pele de ébano e uns belos olhos escuros. O Leo e a Mia disseram-nos numa chamada de vídeo que eram psicólogos especializados em luto.

O meu pai tirou-me as malas da mão.

– Savannah, deixa-me apresentar-te aos outros que vão na viagem – disse a Mia.

A Ida soltou o braço do meu e, por um momento, quase me recusei a deixá-la ir. Os seus olhos encontraram os meus e ela acenou com a cabeça, incentivando-me. Enfie as mãos trémulas em torno da cintura, respirei fundo para evitar o meu pânico crescente e segui a Mia, deixando o Leo a conversar com os meus pais e irmã.

Primeiro foi uma menina de pele bronzeada e olhos escuros.

– Savannah, esta é a Jade.

– Olá – disse ela, cumprimentando-me timidamente e acenando com a mão. Parecia estar com o pai e os avós.

– Depois temos a Lili e o Travis.

A Lili tinha cabelo castanho encaracolado e olhos azuis; o Travis tinha cabelo ruivo e óculos de armação preta. Ambos acenaram sem entusiasmo. Parecia que ninguém estava animado com esta viagem.

– E este é o Dylan.

O Dylan avançou e deu-me um abraço. Fiquei paralisada, não estando acostumada a ter pessoas tão físicas por perto, mas depois, desajeitadamente, retribuí o abraço. Ele rasgou um sorriso para mim ao afastar-se. O Dylan tinha a pele escura e os olhos de caramelo mais bonitos que eu já vi. Era alto e esguio, com um sorriso gentil e acolhedor.

– Estão quase todos; estamos só à espera de mais um... – A Mia parou a meio da frase. – Ah, aqui está ele.

Virei-me e parei de respirar por um instante, quando vi um rapaz alto aproximar-se de nós. Tinha cabelo castanho-escuro – curto dos lados, mas mais comprido em cima –, que lhe caía desalinhadamente sobre a testa em ondas grossas, e uma infinidade de tatuagens e *piercings*. Era espadaúdo e claramente musculoso, em boa forma física, talvez desportista? Estava todo vestido de preto e mantinha os olhos postos no chão enquanto seguia quem deduzi serem os seus pais. Dei por mim a observá-lo à medida que se aproximava. Parecia tão fechado como eu e, por um momento, houve um lampejo de camaradagem no meu peito para com ele.

– Olá, Cael – disse o Leo, e o rapaz levantou finalmente os olhos. Eram impressionantes. Azul cristalino, num tom quase prateado. Eram os olhos mais marcantes que eu já tinha visto. Como se sentisse o meu olhar, descartou a saudação do Leo e virou-se para mim. O meu coração engasgou-se quando ele pestanejou, as pestanas compridas e escuras varrendo o ar acima das suas faces. – Anda. Vou apresentar-te a todos.

O Cael e o Leo encaminharam-se até nós. Baixei os olhos, mas, mesmo assim, senti os do Cael postos em mim. O Leo apresentou o Cael ao resto do grupo, chegando finalmente a mim.

– E esta é a Savannah – disse o Leo e, respirando fundo, levantei a cabeça. O Cael estava mesmo à minha frente e eu tive de inclinar a cabeça para o olhar nos olhos.

– Olá – disse eu, e ele acenou, em saudação. Inclinou a cabeça de lado, como que a ver-me melhor. Cerrou o maxilar e o seu belo rosto adquiriu uma expressão tempestuosa.

Senti o calor subir-me às maçãs do rosto, mas fui salva quando o Leo anunciou:

– Pronto, estão todos. – Sorriu. – Pessoal, está na hora de se despedirem dos seus familiares.

Qualquer calor que se tivesse acumulado no meu rosto desapareceu quando enfrentei os meus pais e a Ida. O meu coração disparou imediatamente, a ponto de me deixar tonta. Tentei focar-me na respiração, em não quebrar logo no primeiro desafio que enfrentava.

A minha mãe avançou e envolveu-me nos seus braços, e eu esperei que ela não me sentisse a tremer. Ouvi um soluço na sua respiração e senti umas lágrimas perdidas caírem no meu ombro. Agarrei-me a ela com mais força e tive de me debater para me soltar.

– Vais sair-te lindamente – disse ela, e passou a mão para cima e para baixo nas minhas costas, em movimentos tranquilizadores.

Acenei com a cabeça, incapaz de encontrar a minha voz. A minha mãe recuou um passo e o meu pai abraçou-me a seguir.

– Liga-nos a qualquer hora, está bem? Estamos a um mero telefonema de distância. – Acenei com a cabeça e ele recuou, encontrando os meus olhos. O meu lábio inferior tremia e, pela tristeza que lhe engolia o rosto, soube que ele se deu conta disso. – Estou tão orgulhoso de ti, querida. Isto vai ser tão bom para ti. Eu sei que vai. – Tossiu e apontou para cima. Demorou alguns instantes a falar. – E ela vai estar a ver-te. Vai estar contigo a cada passo do caminho, vai levar-te por ele. – As suas palavras, embora gentis, foram um soco no peito.

– Sim – sussurrei, mantendo a compostura. Não ia quebrar. Eu tinha de fazer isto. *Tinha* de o fazer.

– Agora sou eu! – Uma única gargalhada rompeu a escuridão da minha ansiedade quando a Ida me envolveu num abraço quase sufocante. – Adoro-te – disse ela simplesmente. Senti essas palavras até aos ossos. Eu estava a fazer isto por ela. Estava a fazer isto por *toda* a minha família.

– Eu também te adoro – respondi, parecendo muito mais confiante do que me sentia. Quando a Ida se afastou, estava a sorrir para mim, com as covinhas a aparecer. – Estou tão orgulhosa de ti. – Acenei com a cabeça, incapaz de falar. – Liga-me e manda-me mensagens. Quero saber tudo, cada passo do caminho. E fotografias! Muitas fotografias, por favor!

– Eu mando.

Recuei, sentindo, a cada passo, que os meus pés eram feitos de granito. Não queria nada ir. Tudo em mim gritava para que eu me recusasse, para que embarcasse no voo de regresso à Georgia e voltasse à minha vida normal. Mas eu sabia que a minha existência normal não era boa para mim. E quando olhei pela última vez para a minha mãe e o meu pai, para a minha irmã e para as lágrimas que se acumulavam nos olhos deles, soube que tinha de melhorar por eles.

Tinha de melhorar por *mim*.

Peguei na bagagem de mão e fui ter com a Mia e o Leo. A maior parte dos outros já se tinha despedido das respetivas famílias. Quando levantei os olhos, o Cael encolheu os ombros, com bastante agressividade, para sacudir a mão que o pai lhe pousara no ombro, e afastou-se dos pais, com uma expressão severa no rosto, sem sequer se despedir deles. Parou ao meu lado, de corpo rígido e humor sombrio. Mas senti o calor do seu corpo, como se estivesse ao lado de uma fornalha. Do meu outro lado estava o Dylan.

– Estás preparada, Savannah? – perguntou o Dylan.

Encolhi os ombros e o Dylan deu-me uma cotovelada carinhosa, tentando ser consolador.

– Vamos lá ver se nos conseguem ajudar, hein? – Apesar do tom brincalhão, captei o toque de desespero na sua voz, e o seu sorriso contagiante perdeu um pouco do seu esplendor.

Quando olhei mais uma vez para a minha família, o meu coração começou a disparar e a ansiedade que eu havia combatido jorrou em mim com força total, roubando-me o ar dos pulmões. O meu corpo tremeu e a minha mão foi imediatamente para o meu peito. Arquejei, tentando arranjar um pouco de oxigénio, de que tanto precisava. As minhas mãos tremeram terrivelmente e senti uma gota de suor brotar na minha testa.

– Savannah?

A Mia veio pôr-se diante de mim e eu vi a minha mãe e a Ida avançarem na minha periferia. Respirei pelo nariz. Virei-me para a minha irmã e a minha mãe, apercebi-me da preocupação estampada no rosto delas, mas estendi a mão para as deter. Pararam imediatamente e eu dirigi-lhes um débil sorriso.

Eu tinha de fazer isto sozinha.

– Savannah, consegues falar? – insistiu a Mia, envolvendo a pergunta em suave preocupação.

Eu tinha começado a sentir o zumbido nos ouvidos, que me encerrava no meu pânico, mas depois de algumas respirações medidas, foi esmorecendo lentamente e o som avassalador do aeroporto chegou como um maremoto sensorial.

Encarei a Mia e assenti. Sentia o corpo fraco e a exaustão instalou-se rapidamente, como aconteceu com todos os ataques de ansiedade que já tive. Tinha os nervos à flor da pele.

– Estou bem – disse, trémula, e a Mia colocou uma mão tranquilizadora no meu ombro, com um vislumbre do que parecia ser orgulho a cintilar no seu rosto.

Lancei um olhar à minha família. Vi a profunda preocupação no rosto da minha mãe e do meu pai. Os olhos da Ida brilhavam, mas ela sorriu e deu-me um beijo. Sorri para a minha irmã mais nova e debati-me para conseguir um mínimo de compostura.

– Pronto, vamos lá – disse o Leo, e o Dylan aproximou-se mais de mim.

– Tudo bem, Savannah? – perguntou.

– Sim, obrigada – respondi. Gostei da sua preocupação.

Depois senti alguém acercar-se à minha esquerda, o aroma a sal marinho e ar fresco coberto de neve envolvendo-me. Fiquei quieta ao dar-me conta de que era o Cael. Avultou-se ao meu lado. Tive de erguer os olhos para ele. Estava virado para a frente, com um vazio escuro no seu olhar claro, mas depois pestanejou e olhou para mim. Aproximou-se ainda mais um centímetro, e uma sensação de calor cresceu dentro de mim. Tinha os braços cruzados sobre o peito, fechados. Nenhuma palavra foi dita. Eu nem o conhecia, mas, estranhamente, era como se ele estivesse a proteger-me.

Quando começámos a andar, o Cael e o Dylan ladearam-me como sentinelas protetoras. Confirmei que tinha a minha mala de mão e meti a mão dentro dela para passar os dedos num caderno que levava comigo para todo o lado. Esperava que o meu pai tivesse razão. Esperava que a Poppy me acompanhasse nesta viagem, que caminhasse ao meu lado, com a mão nas minhas costas para me dar força. E rezei para que, seja o

que for que acontecesse nesta viagem, talvez fosse a altura de eu conseguir abrir a primeira página do meu caderno e ouvir mais uma vez a minha irmã.

Só precisava de arranjar coragem.

Enquanto passávamos pelo controlo de segurança e aguardávamos na sala de espera do aeroporto, eu perguntava-me se aquela viagem conseguiria ajudar algum de nós. Íamos ver. Por mais que eu quisesse que funcionasse, continuava a sentir-me entorpecida por dentro. E tive a certeza, ao olhar para os seis adolescentes seleccionados, aqueles que o Leo e a Mia estavam a tentar salvar do buraco negro permanente do luto, de sentir a tristeza entupida derramando-se das nossas almas. Em cada rosto, reconheci as máscaras de normalidade que todos usávamos, disfarçando a pessoa que gritava de dor por baixo.

Senti que nos esperava uma batalha difícil.

Com um longo fôlego, enviei um apelo silencioso à minha irmã.

Poppy, por favor, se me consegues ouvir. Ajuda-me. Por favor, só uma última vez. Ajuda-me a ultrapassar isto.

Ajuda-me a aprender a viver sem ti.

Ajuda-me a ficar bem.

Aviões a Jato e Céus Chuvosos

Cael

EU NÃO SABIA O QUE ESPERAR DAS OUTRAS PESSOAS QUE IAM NA VIAGEM. ERAM todos de lugares diferentes dos Estados Unidos, com sotaques variados. Vínhamos de contextos diversos. Ao ver todos à espera na sala do aeroporto, quase ninguém a falar, ficou claro que estávamos todos perdidos na mesma fossa fétida da perda – a Mia e o Leo pareciam ter escolhido bem os seus seis casos perdidos.

Os meus olhos dirigiram-se ao assento à minha frente. Savannah. Não podia negar que, no instante em que pus os olhos nela, parou tudo. Surpreendente, visto eu, nem de longe, ter reparado em alguém dessa maneira num ano. Ela era, pura e simplesmente, a pessoa mais bonita que eu já tinha visto. Agarrei firmemente os braços da cadeira quando o meu primeiro pensamento foi falar dela ao Cill...

Mexi-me no assento, e aquele aperto no estômago transformou-se em náusea ao pensar nele. Cerrei tanto o maxilar que senti os dentes doerem. Mas que raio é que eu estava ali a fazer?

Levei a mão ao meu saco e tirei de lá os auscultadores, mas o fio que os mantinha fechados estava emaranhado. Puxei o fio, mas quanto mais eu puxava, mais nós ele fazia.

– Grr! – exclamei com frustração, quando o fio estalou na minha mão e rasgou o meu saco de lado. Chutei o saco para longe do meu lugar e fechei as mãos no cabelo, agarrando madeixas, simplesmente a tentar

respirar. Rangi os dentes e tentei obrigar-me a acalmar-me. Mas não adiantou de nada.

Arrastei os pés no chão, as pernas a bater, agitadas. Não podia ficar ali sentado. Não podia *consumir-me* naquele assento. Estendi a mão para a frente e arrastei o saco até mim. Então, quando estava prestes a pôr-me em pé de um salto, para tentar libertar-me daquele peso impossível à volta do pescoço, levantei a cabeça e apanhei imediatamente a Savannah a sorrir por causa de alguma coisa que a Jade, uma das raparigas, lhe estava a dizer. Mal vi aquele sorriso, algo dentro de mim acalmou. Uma onda de paz caiu sobre mim. E por um segundo – um único instante *livre*, de euforia – tudo se aquietou. Não me anestesiou. Isso *nunca*. Mas ver aquele sorriso... eu não entendia porque me afetava tanto. Era só uma rapariga. E era só um sorriso. Mas, por uma fração de segundo, houve um cessar-fogo dentro de mim.

Lili, a terceira rapariga da viagem, debruçou-se do seu lugar e juntou-se à conversa. A Savannah sorriu educadamente quando a Jade e a Lili se riram. A Savannah não se riu. Tinha os braços fechados à volta da cintura e reparei que trazia as mangas da camisa puxadas para baixo sobre as palmas como se isso lhe desse algum tipo de conforto, protegendo-a de alguma forma.

Inclinei a cabeça para o lado enquanto a estudava. Nunca tinha visto ninguém ter um ataque de pânico. Nunca vi nada tão emocionalmente incapacitante abater-se sobre alguém tão de repente. A Savannah estava sem pinga de sangue e começou a tremer, o corpo em sobressalto enquanto ela se debatia para respirar. Os seus olhos azuis arregalaram-se de medo e os lábios perderam a cor.

Geralmente, eu não sentia nada a não ser irritação. Era assim há tanto tempo. Não havia filmes, livros ou histórias pessoais que me afetassem, por mais trágicos que fossem. Raios, nem sequer a minha mãe a chorar todos os dias e o meu pai a tentar consolá-la conseguiu invadir os muros impenetráveis que agora encerravam o meu coração. Mas ver a rapariga franzina de cabelo louro-escuro e olhos azuis arregalados a debater-se para respirar no meio do JFK foi a primeira vez que algum tipo de emoção se instalou.

Por um momento, um breve momento, eu *senti* realmente alguma coisa.

Como que se dando conta do meu olhar, a Savannah desviou o seu dos aviões que descolavam lá fora e virou-se para mim. Um rubor assomou imediatamente às maçãs do seu rosto perante a minha atenção e eu senti novamente aquela esticção no peito. O Dylan voltou então de fosse onde fosse que tivesse estado e deixou-se cair ao lado dela. Passou-lhe um pacote de batatas fritas. Desta vez, o pequeno sorriso que ela lhe dirigiu deixou-me tenso. A Savannah... era deslumbrante. Sem rodeios. Ela era linda, mas parecia ainda mais fechada do que eu, se é que tal coisa era possível. De longe, a mais calada do grupo, o que dizia muito sobre ela. O Dylan inclinou-se e disse-lhe alguma coisa que eu não consegui ouvir, e ela soltou uma risada divertida.

Senti outro esticção no coração. E não gostei. Não queria sentir de novo. Tinha-me habituado ao fogo. Preferia-o àqueles primeiros tempos agonizantes depois de o Cill...

O Travis sentou-se ao meu lado, libertando-me da espiral em que eu estava prestes a entrar. Olhei para o ruivo, com óculos de armação grossa e preta, assentes num rosto pálido e cheio de sardas.

– Queres um? – disse ele, e estendeu uma caixa de *Twizzlers* para mim.

– Não – respondi bruscamente e olhei de novo para a Savannah.

O Dylan continuava a falar com ela, que respondia com acenos de cabeça e sorrisos amáveis.

Eu não conseguia tirar os olhos dela.

O Travis pigarreou.

– Então, este ano não há hóquei?

Fiquei siderado; a pergunta teve a eficácia de um balde de querosene sobre a minha cabeça. Virei-me para o rapaz, que teria mais ou menos a minha idade, e senti um enxame de fogo nas veias, quente e pujante. Demorei um momento a perceber que toda a gente do nosso grupo olhava para nós. Vi a Savannah e o Dylan a observar-nos, com a Lili e a Jade ao lado, à espera da minha resposta.

– Não falo de hóquei – respondi, desta vez de forma ainda mais incisiva.

Fulminei o Travis com o olhar, assegurando que ele não continuaria com essa linha de perguntas, mas ele limitou-se a acenar com a cabeça como se a minha resposta não estivesse envolta numa ameaça para não

continuar por esse caminho. Na verdade, não parecia nada afetado pela minha atitude de merda. E ele era claramente um fã de hóquei.

Ótimo. Era mesmo o que eu precisava. Alguém que conhecia o meu passado.

O Travis deu outra dentada no seu *Twizzler* e disse, casualmente:

– Gosto de dados. – Apontou para si mesmo. – Sou um cromo da matemática. – Ignorou a minha expressão sombria. – O desporto produz dos melhores dados que há. – Encolheu os ombros. – Assisti a alguns dos teus jogos de hóquei júnior enquanto os recolhia. Reconheci a tua cara mal a vi, e o teu nome, claro. – Um lampejo de compaixão encheu-lhe os olhos castanhos e eu vi: ele sabia por que razão eu estava ali. Se seguia o hóquei, se seguia as minhas estatísticas, talvez também as de Harvard, então *saberia*.

Era dessa parte que eu nunca poderia fugir. O que aconteceu ao Cill... tinha sido uma grande notícia no mundo do desporto. No mundo do hóquei, foi o maior choque dos últimos anos. A maior tragédia.

Mas no meu mundo pessoal... era o armagedão.

Saí do meu lugar de um salto, interrompendo-o antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. Senti os olhos do grupo postos em mim e conseguia sentir a mesma pena dirigida a mim, da mesma maneira que tinham olhado antes para a Savannah. Encontrei um café e fui para a longa fila. Tinha os punhos cerrados ao lado do corpo e debati-me para não esmurrar a parede mais próxima.

Um aroma viciante a amêndoas e cerejas espalhou-se de repente à minha volta. Quando me virei para olhar para trás, a Savannah estava *mesmo* atrás de mim. Tinha os grandes olhos azuis focados em mim. As suas faces estavam novamente coradas. Senti um aperto no peito, que ameaçava sentir alguma coisa, mas afastei a sensação. Naquele momento, não conseguia lidar com sentir *nada*. Tinha acabado de pensar no meu ir...

– *O quê?* – disse eu bruscamente, a voz carregada de veneno.

A Savannah parecia chocada com a minha atitude.

– Hã... estás bem? – A sua voz nervosa e doce entrou nos meus ouvidos e atingiu-me como um comboio de carga. Ela era do sul. Da região de maior fervor religioso, pareceu-me. O seu sotaque rural

envolvia as vogais da pergunta como seda, suave e melódico. O oposto do meu sotaque duro do Massachusetts, cortante como o vidro.

– O que é que isso te importa? – disse eu, falando como quem morde, a voz dura. – Volta para o grupo e deixa-me em paz.

Tornei a virar-me para a fila, sentindo o estômago às voltas por algum motivo inexplicável. Não me importava de ter sido brusco com ela. *Não*. Senti a sua presença atrás de mim como a de um anjo: consoladora, carinhosa, calmante. Mas eu não queria isso. Eu *queria* ser cáustico, queria ficar incinerado. Esperei alguns segundos, depois não pude deixar de olhar para trás. Apanhei-a a retirar-se para a sala de espera, onde os outros aguardavam, de cabeça ligeiramente inclinada.

Era evidente que percebeu a mensagem.

Pedi um café e mal tinha voltado à sala de espera quando apareceu o anúncio de embarque. A Mia entregou-nos um bilhete a cada e formámos uma fila. Segurei o café e a mala estragada e ignorei todos os outros. Vi a Savannah com o Dylan dois lugares à minha frente e tentei não deixar a culpa entrar no meu coração. Ela estava só a ver se eu me sentia bem. Já há muito tempo que ninguém queria saber. Eu tinha conseguido afastar todos aqueles que amava. Mas ela tinha tentado...

Não fazia diferença. Eu não precisava dela, nem de ninguém na minha vida.

Fomos levados para o avião como se fôssemos gado e eu resfoleguei, incrédulo, quando cheguei ao meu lugar. Era nos lugares do meio do avião, numa fila de quatro. Os meus três companheiros já estavam sentados; o lugar livre era entre a Savannah e o Travis, com o Dylan ao lado da Savannah, no corredor.

Perfeito.

Sentei-me, arrumei a mala debaixo do assento à minha frente e ia colocar os auscultadores. Antes de conseguir fazê-lo, senti uma cotovelada. O Travis.

– Desculpa – disse ele, apontando para a boca. – Às vezes esqueço-me de ficar de bico calado. Tenho de aprender a não dizer em voz alta tudo o que me vem à cabeça. Eu não devia ter dito nada. – O rapaz parecia sentir-se tão culpado que não consegui deixar de libertar um pouco da minha irritação.

– Eu *nunca* falo de hóquei – repeti, certificando-me de martelar bem esse ponto, depois coloquei os auscultadores e a música abafou imediatamente todo o ruído.

Fechei os olhos e não pretendia abri-los de novo antes de aterrarmos. Mas quando o cheiro a amêndoas e cerejas passou outra vez por mim, abri uma fenda do olho e dei pela Savannah a olhar nervosamente na minha direção. Não sei o que foi que me impeliu a isso, mas dei por mim a responder à pergunta que ela me fez na fila do café.

– Eu... – Respirei fundo, depois disse: – Estou bem... – Num intervalo entre músicas, captei o soluço da sua respiração chocada. – Obrigado – acrescentei, desajeitadamente.

Um lampejo como que de alívio passou no olhar de Savannah e ela assentiu, concentrando-se de novo no livro de bolso que tinha nas mãos. Não prestei atenção ao que era; estava demasiado ocupado a tentar manter os olhos fechados e a não imaginar o seu rosto bonito e a maneira como ela tinha acabado de me olhar.

Olhara-me como se se importasse.

* * *

Lake District, Inglaterra

A geada agarrava-se como renda branca aos muitos muros cinzentos por onde passámos, muros compostos por camadas e camadas de tijolos antigos. As estradas minúsculas e sinuosas punham à prova a competência do motorista do autocarro, as gotas gordas da chuva batiam nos vidros enquanto éramos abanados em estradas irregulares de asfalto repletas de buracos, tentando chegar ao nosso destino. Pequenas construções antigas salpicavam os campos que se estendiam por quilómetros e quilómetros, só com rebanhos de ovelhas e gado em residência. Agarrei-me à beira do assento, a contar os minutos até chegarmos ao alojamento. Odiava andar muito tempo em qualquer tipo de carro ou meio de transporte.

Eu estava siderado, com a Inglaterra estendendo-se diante de mim, e a tentar desviar o pensamento de tudo. Nunca tinha ali estado. E só tinha ouvido as pessoas falarem de Londres e de outras cidades grandes a

respeito do Reino Unido. Aparentemente, estaríamos longe, muito longe de qualquer uma delas. Ótimo. Eu não queria estar perto das massas.

Ali no campo, o céu estava mal-humorado e nublado, sem sol à vista. O ar era gelado e bastou a curta caminhada do aeroporto até ao autocarro para aquele vento frio me chegar aos ossos. Mas eu tinha um carinho por essa sensação – por um instante, lembrei-me de como era estar no gelo. A respiração quente transformando-se em névoa branca a cada expiração medida, o frio mordaz e brutal contra a pele, como um chicote feito de mil lâminas.

Passados mais dez minutos, o autocarro que nos levava ao Lake District, em Inglaterra, parou lentamente. Eu tinha-me sentado na parte de trás, portanto fui o último a sair. Mas quando desci dos degraus do autocarro, a visão do lago à minha frente paralisou-me. Era enorme, a perder de vista, e a bruma pairava sobre a sua superfície como uma nuvem escura caída. Parecia algo saído de um filme gótico à moda antiga. Havia barcos a balouçar ao longe, adornados de névoa cinzenta. As ilhotas pareciam assombradas, com as suas árvores espichadas e os pássaros camuflados a chamar do interior das brumas. As montanhas cercavam o lago como duras muralhas de castelo e os turistas movimentavam-se em pequenas fileiras de lojas do outro lado do lago, envoltos em casacos quentes de inverno, chapéus, luvas e cachecóis.

Eu não tinha muita esperança para esta viagem. Mas isso... isso era algo para ver. Sem grandes lojas, sem arranha-céus, sem tráfego pesado. Apenas o som do lago e o vento gelado assobiando chicoteando em torno das árvores.

– Bem-vindos ao Windermere! – disse a Mia, enquanto o motorista recolhia toda a nossa bagagem do compartimento do autocarro, colocando-a na calçada onde estávamos.

Atrás de nós, havia um grande edifício tipo albergue, feito do mesmo tijolo cinzento que parecia constituir tudo o resto naquele lugar. Do lado de fora, havia bancos corridos e uma lareira exterior com toros à volta. Era escuro e estranho. E completamente isolado.

Imaginei que tinha sido escolhido por isso.

– Esta vai ser a nossa casa durante as próximas duas semanas – disse o Leo e gesticulou para que todos pegássemos nas nossas malas e o seguíssemos até à entrada.

Havia barcos a remos de madeira atracados na costa rochosa que cercava a casa e balouços de madeira improvisados pendurados nos galhos das árvores em redor.

Seguimos a Mia e o Leo até casa e fomos levados a um corredor, depois a uma grande sala decorada com sofás e um televisor.

– Temos este albergue só para nós durante a nossa estada – explicou a Mia. O Leo começou a entregar uma chave a cada um de nós. – Os rapazes vão dividir um quarto, assim como as raparigas – continuou a Mia.

Inspirei fundo, exasperado. Eu ia ficar com o Dylan e o Travis. A última coisa que eu queria era partilhar o quarto com outras pessoas. Não era novidade para mim; no hóquei, estávamos sempre a partilhar quartos.

Mas isso foi noutros tempos. Foi *antes*. Agora, precisava de solidão.

– Cada um de nós estará nos quartos dos supervisores, ao lado dos vossos dormitórios. – O Leo apontou para as escadas. – Caso precisem de nós para alguma coisa. Que tal irem instalar-se e depois encontrarmos aqui de novo dentro de uma hora, mais ou menos, para discutir o que acontecerá nesta etapa da viagem. – O Leo sorriu. – Eu sei que o *jet lag* deve estar a dar sinais, mas acreditem em mim, por experiência própria, é melhor continuar o máximo que conseguirem, para ajudar a mudar para este fuso horário.

Eu raramente dormia, fosse como fosse. Achava que o meu corpo nem sabia em que fuso horário vivia.

A Lili conduziu-nos até às escadas. As raparigas começaram a subir até ao último andar, quando o Dylan pegou na bagagem da Savannah e começou a subir.

– Ah, não é preciso – disse ela, com o seu sotaque sulista outra vez a perpassar-me o corpo. Parecia que estava a cantar.

– Não custa nada – disse o Dylan, e pousou as malas à porta do quarto dela.

O Travis deu-me uma cotovelada quando chegámos ao nosso quarto. Abanou as sobrancelhas, num gesto sugestivo, depois inclinou a cabeça para o Dylan e a Savannah. Afastei-me dele. Mas entendi o que estava a insinuar. E fiz um esforço. Fiz mesmo um esforço para não deixar que

aquilo me incomodasse, mas por mais que tentasse expulsar o pensamento deles juntos, o meu estômago revirado dizia-me que não tinha sido bem-sucedido.

Ignorei o penedo que se formava no meu peito e segui o Travis até ao quarto. Havia dois conjuntos de beliches. Atentei no tamanho deles, e depois no meu e simplesmente aceitei que não ia dormir, mesmo que conseguisse fazê-lo.

Atirei a mochila para a cama de baixo de um dos beliches, o que estava encostado à parede mais afastada. Nem ia tentar subir para a de cima, de maneira nenhuma. As paredes do quarto eram de um tom creme neutro, os lençóis eram vermelho-ferrugem. O Travis seguiu-me e atirou a mala para a cama de cima do meu beliche. Cerrei os dentes. Estava com esperança de que ele ficasse com o Dylan. Nunca conheci ninguém tão alheio ao facto de uma pessoa não querer falar com ele.

Assim que pensei no Dylan, ele entrou. Olhou para mim, no beliche de baixo, e para o Travis, no de cima, e dirigiu-se ao beliche livre.

– Parece o Four Seasons, hein? – disse ele, fazendo uma piada.

Recostei-me simplesmente na cama, ignorando-os. Não era desconfortável, mas, como previsto, os meus pés ficavam de fora. Eu estava agitado e cansado e só queria ficar ali, sem ter de lidar com o que a Mia e o Leo tinham reservado para nós.

Pus os auscultadores e liguei a música mesmo a tempo de bloquear o Travis e o Dylan, a conversar. Fechei os olhos e tentei não pensar em nada, até uma mão me abanar o ombro.

Dei um sacão com o braço e abri os olhos.

– O que foi?

O Dylan fez um gesto para eu tirar os auscultadores, aparentemente imperturbado.

– Está na hora da reunião – disse ele quando eu os tirei. Devo ter adormecido, o que era surpreendente. O sono não me costumava chegar com facilidade.

Sentei-me, tentando injetar alguma energia no corpo. O Dylan gesticulou para a cama.

– Caibo à justa. Mas não é fantástico para ti, pois não?

O Dylan era bastante alto. Devia ter um metro e oitenta e dois. O Travis era mais perto do metro e oitenta. Com o meu metro e noventa e três, estava acostumado a ser sempre o mais alto da maior parte das pessoas da minha idade. No hóquei, era apenas um entre muitos.

Em silêncio, segui-os para fora do quarto, desci as escadas e entrei na sala de estar principal. O fogo rugia na lareira aberta. Um grande tapete vermelho cobria o chão de pedra. As paredes estavam forradas de quadros emoldurados, paisagens do que supus serem os muitos lagos e montanhas da região.

As raparigas já estavam sentadas, ocupando um dos sofás de três lugares. Embora contrafeito, procurei imediatamente a Savannah. Ela parecia cansada. Os seus olhos azuis estavam vermelhos, a pele de pêssago, pálida. Afogava-se numa camisola grossa creme, que segurava firmemente com os braços à volta do tronco. Tinha puxado o cabelo comprido num carrapito desalinhado, ao cimo da cabeça, e eu não conseguia parar de lhe olhar para a curva do pescoço e para o lindo perfil, quando virou o rosto.

Sentei-me ao lado do Dylan e do Travis no segundo sofá de três lugares. A Mia e o Leo entraram alguns minutos depois, e cada um sentou-se numa poltrona ao lado do fogo. Seguravam no colo o que parecia ser um monte de cadernos.

– Então, quais são as vossas impressões sobre a nossa primeira paragem? – perguntou a Mia, a sorrir.

No que aos terapeutas diz respeito, a Mia e o Leo pareciam-me bem. Mas eu não queria nem precisava de terapeutas a tentar esgaravatar a minha psique e a ajudar-me. Eu só queria que me deixassem em paz.

Pelo menos a Mia e o Leo não pareciam ser insistentes – por enquanto. No ano anterior, eu tinha passado por quatro terapeutas. Nunca nenhum tinha conseguido que eu «me abrisse». Eu mal falava nas sessões, ficava a olhar para o relógio até o nosso tempo acabar. Nenhum deles tinha sido capaz de derrubar os muros que se construíram à minha volta depois da morte do Cill. Eu não tinha muita esperança de que o Leo e a Mia pudessem ser mais bem-sucedidos do que os seus antecessores.

– É lindo – disse a Jade, a voz ostentando um inglês com sotaque.

A Mia acenou com a cabeça quando mais ninguém ofereceu uma resposta. O Leo pigarreou.

– Concebemos esta viagem para vos ajudar. Cada país que visitarmos é uma ajuda para superarem os desafios que têm enfrentado. – O Leo foi ao encontro dos olhos de cada um de nós. – Eu e a Mia temos uma política de portas abertas. Vocês são livres de vir falar connosco a qualquer momento. Mas também terão tempo a sós connosco. Entendemos que, para alguns de vocês, a terapia convencional não foi bem-sucedida. – Fiquei com os pelos do pescoço em pé quando vi os olhos do Leo desviarem-se por instantes para mim. Talvez fosse imaginação minha. – Mas esperamos que esta nova abordagem os deixe mais à vontade relativamente à ajuda para percorrerem o caminho individual do luto.

» Todos vocês perderam uma ou mais pessoas importantes na vida. Não vamos pressioná-los a partilhar com o grupo quem são essas pessoas. No entanto, encorajamo-los a criar laços, a partilhar a dor pessoal, mas quanto confidenciam cabe a cada um decidir. Estão todos no mesmo barco e o apoio das pessoas na mesma situação pode mudar a vida de cada um, em termos do seu próprio caminho de superação. Mas saibam, por favor, que estamos aqui para vocês.

A Mia sorriu e dei-me conta de os ombros da Savannah relaxarem. Parecia que ela gostava tanto de falar sobre quem tinha perdido como eu.

– Bem – disse a Mia, e pôs-se em pé. Um a um, entregou-nos o que vi ser um diário e uma caneta presa a ele. – Além das sessões individuais, teremos uma sessão de grupo todos os dias. Serão focadas em qualquer tema, desde técnicas para ajudar a lidar com os sentimentos, ou um espaço aberto para falarmos e respondermos a quaisquer perguntas que possam ter. Ou, claro, se quiserem partilhar a vossa história com todos os outros aqui. – Ergueu um diário que sobrava. – Mas uma coisa que fazemos questão seja imperativa é que escrevam um diário.

A Mia tornou a sentar-se e as chamas do grande fogo aberto projetaram sombras no seu rosto.

– Estes diários serão apenas para os vossos olhos e podem ser usados de várias maneiras. – O diário jazia no meu colo como se estivesse envolto em carvalho venenoso. – Podem escrever sobre o tempo que

passarem aqui, as experiências que tiverem. Os pontos turísticos que virem.

– Pode ser um lugar para escreverem os sentimentos que têm. Para os ajudar a processar o luto enquanto o atravessamos – acrescentou o Leo.
– Pode ser um lugar de poesia, se assim o desejarem. Se desenharem, pode ser onde esboçam o que os inspira.

– Ou, uma coisa que descobrimos que funcionou excepcionalmente bem com grupos anteriores – disse a Mia – é que o diário pode ser o sítio onde exprimem o que não conseguiram dizer àquele ou àqueles que perderam. – O ambiente na sala passou de neutro a claramente embargado. A Mia pareceu senti-lo e a sua voz tornou-se mais suave. – Sabemos que muitos de vocês não conseguiram um encerramento psicológico. – Uma mão invisível agarrou-me a garganta e começou a apertar. – Não tiveram oportunidade de se despedir. – Deu à frase um momento para respirar, que era a última coisa que eu precisava. – Quando isso acontece, ficam muitas coisas por dizer. – Mexi-me no sofá e senti os olhos das pessoas fixos em mim. Ou talvez não estivessem. Simplesmente, senti-me como que debaixo do raio de um holofote enorme. Obriguei-me a ficar quieto e senti aquela mão à volta do meu pescoço apertar cada vez mais quando imagens indesejadas daquela noite começaram a piscar na minha cabeça. O barulho dos pneus, o som do metal a roer... o cheiro a sangue, tanto sangue, a buzina... o som contínuo e interminável da buzina...

– E, para outros, pode ser um lugar onde dizem ao ente querido como se sentem, como a vida sem ele tem sido. Os sonhos e os medos. As aspirações e apreensões. Tudo e mais alguma coisa que queiram. Ninguém vai lê-los além de vocês. São exclusivamente para os vossos olhos – disse o Leo.

– Podiam usá-lo como um lugar para falar de novo com eles, por mais trivial que seja. Como uma conversa – disse a Mia.

Os meus olhos começaram a deslocar-se pela sala. A maior parte dos outros acenava com a cabeça, parecendo aceitar prontamente a nossa tarefa. Eu queria levantar-me e ir-me embora, sentia comichão nas mãos e os pés a saltar do chão. Queria apanhar o primeiro voo de regresso aos Estados Unidos e sair daquele lugar, para longe daquele grupo.

Mas depois avistei a Savannah.

Segurava o diário nas mãos, os nós dos dedos brancos como a cal da parede. Não acenava com a cabeça. Não parecia ter aceitado a ideia, como todos os outros. Em vez disso, olhava para o azul sem imagens com uma expressão tão arrasada que senti um vazio no estômago. A sua respiração estava acelerada e eu tinha a certeza de que ela estava prestes a cair de cabeça noutro ataque de ansiedade.

Portanto, fiquei a observá-la, só para ter a certeza de que não escorregava. E comecei a perguntar-me quem teria saído da sua vida, deixando-a rasgada ao meio. Teria sido uma doença a afligir o seu ente querido, ou uma morte rápida e inesperada? Foi uma escolha da outra pessoa, como tinha sido...

– Isto não vai acontecer – gritei de repente, a minha voz áspera enchendo a sala. Aqueles pensamentos... Eu tinha atingido o meu limite. Já não aguentava mais pensar nisso. Acenei com o diário no ar. – Isto é inútil. E eu não tenho nada a dizer *a ele*, seja como for.

– Nós compreendemos que penses assim, Cael, a sério – disse o Leo.

Olhei à volta da sala, precisando de encontrar uma maneira de sair dali. Sentia-me enjaulado. Encurralado. Eu precisava de me ir *embora*.

– Mas queremos que não desistas de o fazer. A nossa esperança é que, depois de algum tempo connosco, nesta viagem, te possas sentir diferente. Talvez aprender a abrires-te, a explorar os teus sentimentos.

Soltei uma gargalhada desdenhosa, depois levantei-me e dirigi-me ao fogo. Atirei o diário para a lareira, que rugia.

– É *isto* que eu penso do vosso diário – disse eu, sentindo uma profunda satisfação ao ver as páginas em branco começarem a arder. – Não vou escrever nele. De que é que serve? De que é que serve *tudo* isto? Ele está morto e não vai voltar.

Fez-se um silêncio total na sala, mas a minha rebeldia interior animou-me a continuar. Eu nunca mais falaria com o Cill. De forma nenhuma. Especialmente num diário qualquer, onde as entradas para aqueles que perdemos não eram mais do que uma fantasia patética, uma maneira de nos enganar para nos sentirmos melhor.

O crepitar dos toros a arder lembrava o estrondo de mil raios, enquanto devorava o diário, centímetro a centímetro. Pareceram-me horas, enquanto assistia. Depois, ergui os olhos e apanhei o olhar da Savannah. Tinha uma expressão de choque estampada no rosto, mas

também havia outra coisa... Entendimento? Compaixão? Eu não sabia. Mas não gostei da dor que me causou no peito, de fazer o meu coração bater a dobrar. Não gostei de como os seus grandes olhos azuis estavam presos em mim como se eu fosse transparente para ela.

Não suportava estar naquela sala. Virei-me para me ir embora, para sair dali, mas o Leo pôs-se no meu caminho.

– Por favor, Cael – disse ele.

Olhei para a porta. Era a minha fuga para a liberdade, para escapar desta deplorável tentativa de recuperação. Senti os olhos dos outros fixos em mim. Como é que eles estavam ali sentados a aceitar aquilo? Como é que *queriam* isto?

O Leo aproximou-se um passo.

– Cael, por favor, senta-te. – A sua voz estava mais firme.

Debati-me com a necessidade de desobedecer, mas quando dei por mim a olhar novamente para a Savannah, por cima do ombro, a expressão consternada no seu rosto fez com que eu fosse perpassado pela culpa, ou algo parecido. Ela queria que eu me fosse embora ou que ficasse? Será que compreendia por que razão eu não queria estar ali? Teria medo de mim? Senti um forte aperto no estômago ao pensar nisso.

Eu não queria que ela tivesse medo de mim.

Virei-me para enfrentar o Leo. Tinha as mãos ao alto, como se estivesse a lidar com um cão raivoso.

– Vamos só falar sobre a viagem agora e o que vamos fazer. Só isso. – Senti o cheiro do diário a arder no fogo, o papel a cantar. Consolou-me.

Virei-me de novo para a Savannah. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Deu cabo de mim, caracas. Os seus olhos encontraram os meus e depois desviaram-se para o diário que eu tinha atirado ao fogo. Eu não sabia o que lhe ia na cabeça. Será que ela achou que eu tinha agido mal?

– Cael? – insistiu o Leo.

– Que seja – disse eu, e sentei-me.

Não sabia ao certo porque não me fui embora. Decidi não pensar muito nisso. O Leo também se voltou a sentar e eu olhei para aquele diário a derreter e a fundir-se com os toros em chamas. Lembrava-me o meu coração, agora arrasado. Que também ardera até às cinzas.

A voz suave, mas firme, da Mia rompeu o silêncio pesado que se seguiu à minha explosão.

– Amanhã, vamos escalar.

Pestanejei, desviando a minha atenção da lareira. Tinha-me abstraído, sem me dar conta disso. Senti o material macio e aveludado do sofá roçar a palma da minha mão, e o som do Travis a assoar o nariz ao meu lado trouxe-me de volta para o aqui e agora. Quando olhei para ele, tinha os óculos no cimo da cabeça e estava a limpar os olhos. Também olhou para mim e eu vi a dor crua que guardava dentro de si, enquanto me fulminava com o olhar.

Fui eu que fiz aquilo? A minha explosão fez aquilo? Ou foi a ideia de escrever no diário?

Quando olhei à volta para o grupo, vi que ninguém havia sido poupado. Pela maneira como seguravam os diários, tinha de ser isso. Pensar na pessoa que se perdeu... expressar como era sentir a falta deles... foi brutal.

Perder alguém que se ama: o clube a que ninguém queria pertencer, mas que todos seríamos forçados a integrar em algum momento da nossa vida. Ninguém escaparia. Era apenas uma questão de tempo.

Dei por mim a acenar com a cabeça para o Travis, um gesto subtil de apoio, que ele retribuiu com um pequeno sorriso autodepreciativo. Dei por mim a querer conhecer também a história dele.

Uma coisa era certa: estávamos todos completamente destrambelhados.

– O Lake District é conhecido por muitas coisas – disse o Leo, passando à frente do facto de termos ficado tão perturbados. – O alpinismo e a caminhada são dois dos mais populares. E é por isso que estamos aqui – disse e avançou um centímetro no assento. – Vamos subir. Vamos caminhar. E vamos explorar esta bela paisagem a pé. Três dos maiores picos da região.

Franzi o sobrolho. Estávamos ali para caminhar? Dava para ver a silhueta das montanhas enevoadas da janela da sala de estar.

– Temos tudo o que precisam para caminhar – disse a Mia. – Por isso, ficam com o resto da noite por vossa conta. O jantar é às sete. Depois, começamos cedo amanhã. Por agora, instalem-se. Desfaçam as malas. Socializem, conheçam-se. E vemo-nos em breve.

A Mia e o Leo saíram da sala, este último de olhar preocupado posto em mim ao sair.

– Bem, aquilo foi pesado – disse o Dylan, arrancando umas risadas constrangidas aos demais.

Fitei o diário no fogo. Eu não tinha nada a dizer ao meu irmão, não tinha sentimentos nem novidades para partilhar com ele. Ele tinha sido negligente ao não me informar dos seus problemas, portanto tenho a certeza de que reconhecera o sentimento.

Não mostrara consideração por mim, o seu irmão mais novo e melhor amigo, quando fez a sua escolha. Não houve comunicação. Nem sinais. Apenas as sete palavras rabiscadas que se apressou a escrever no verso de um velho bilhete de hóquei antes de rebentar com o nosso mundo.

Instintivamente, enfiei a mão no bolso e procurei a carteira. Ainda lá estava. E no compartimento traseiro, com fecho de correr, aquele maldito bilhete. E essas palavras. Palavras para as quais eu não olhava há meses, que me queimavam a pele como se tivessem sido escritas numa eterna chama aberta. Impossíveis de extinguir, ganhando a sua existência pelo fogo.

Era como se aquele bilhete escondido na minha carteira pesasse cem toneladas. Mas eu não conseguia ganhar coragem para o deitar fora. Era a coisa que eu mais odiava no mundo, mas o meu objeto mais precioso.

Pus-me em pé e nem olhei para trás, para os outros, quando corri para a porta da frente. Precipitei-me para um lençol de chuva gelada. O vento esbofeteou-me a cara, mil palmas nas minhas bochechas. Eu não tinha casaco, mas naquele momento, a intempérie que atacava o meu corpo soube-me bem. A ardência nas minhas bochechas lembrava-me que eu ainda estava aqui, vivo, mesmo que eu não vivesse realmente.

Só de pensar naquela sala cheia de miúdos destruídos, como eu, a Savannah a segurar o diário ao peito como se fosse o seu maior medo encarnado, enfureceu-me. O Travis a chorar só de pensar em escrever alguma coisa.

Era uma treta. Aquilo tudo.

Baixei o braço e peguei numa pedra, que atirei ao lago com todas as minhas forças. Antes de atingir sequer a superfície, já tinha outra na mão, maior desta vez, puxando pelo antebraço até ao ponto de rutura.

Deixando que a raiva reprimida me subisse pela garganta, rugi na noite tranquila enquanto atirava mais pedras ao lago.

Seguiu-se um galho quebrado. Depois, mais pedras. Uma após a outra, até sentir os músculos a arder e a minha voz ficar rouca.

Quando estava exausto, vieram as perguntas. Perguntas que eu sabia que nunca seriam respondidas. Uma em particular: *porquê? Porque é que ele teve de fazer aquilo? Porque é que teve de me deixar aqui assim?* Não era assim que eu costumava ser. Mas agora... não sabia ser outra coisa.

Sem fôlego e cansado, fiquei apenas com o ódio de mim que surgia sempre depois de uma explosão. Ódio de mim por não ver os sinais. Por não ver que ele estava numa luta interna. As lágrimas rasaram-me os olhos. Inclinei de novo a cabeça para a forte carga de chuva, deixando as minhas lágrimas fundirem-se com as gotículas pesadas, disfarçando a dor.

Inspirei fundo e abri os olhos, pestanejando. Sempre senti um breve surto de dormência após uma explosão emocional. Dava-me uns momentos de paz. Uns momentos preciosos para não ser consumido. Para não sentir nada.

Arrastei os pés até à beira do lago, as botas enterradas dois ou três centímetros na água gelada, e fitei a sua extensão. Parecia interminável. Imóvel e antigo. Como se tivesse visto um milhão de pessoas como eu, perdidas e sozinhas, ali para algum tipo de arco de redenção. Alguma derradeira tentativa de serem salvas delas mesmas e das cartas de merda que o mundo lhes deu para jogar.

As nuvens cinzentas e o tempo mal-humorado eram um reflexo dos meus pensamentos interiores negros. Debrucei então a minha atenção sobre os picos e, pela primeira vez em algum tempo, ansiei realmente por algo. Houve um lampejo de faísca. Um pouco de calor de uma brasa há muito esquecida, bem no fundo do meu subconsciente.

Eu gostava de exercício físico. Estava em boa forma. Durante muito tempo, o desporto ia ser a minha vida. Ia profissionalizar-me. Vivia para a produção de dopamina de quando jogava com a minha equipa, com o vício da competição. De jogar o jogo que em tempo amei mais do que respirar. Eu prosperava no frio: a pista de gelo era a minha melhor amiga. A ideia de ficar preso em quartos de albergue e ser forçado a

falar do meu passado e de sentimentos era um inferno para mim. Estar lá fora na natureza e caminhar, apenas... caminhar... *isso* eu conseguia fazer.

Fiquei lá fora, à beira do lago até estar encharcado e a tremer e o frio do vento duro começar a sacudir-me os ossos. Virei-me para voltar para a casa, tomando o caminho comprido e sinuoso que contornava os fundos do jardim. Estava eu prestes a deixar a linha de árvores da floresta circundante quando pus os olhos em alguém sentado na saliência rochosa elevada, que dava para outra parte do enorme lago.

Savannah.

Reconheci o seu cabelo louro e a estrutura franzina. Estava sozinha, aninhada debaixo de um grande guarda-chuva, e segurava alguma coisa contra o peito. Por um momento, julguei tratar-se do diário que tínhamos acabado de receber. Mas o caderno que ela segurava era maior e tinha uma cor diferente.

Perguntei-me o que seria. Por um segundo, ponderei ir ter com ela. Não sabia para quê. Tive a súbita vontade de me sentar, simplesmente, com ela. Os seus olhos tinham-se cruzado com os meus na sala de estar. Durante uns minutos, foi como se eu tivesse rasgado o meu peito e ela visse todas as minhas cicatrizes.

Talvez ela entendesse. Talvez fosse a única pessoa que não precisava de me questionar porque sabia como era aquele pesadelo vivo. Ter alguém que compreendesse... não ter de explicar o que era ser tão profundamente despedaçado, entender que não existiam palavras que pudessem explicar aquele nível de destruição da alma. E entender como era estar sozinho com uma dor tão devastadora que, talvez, às vezes, fizesse pensar se seria fácil deixar de existir também...

Mas depois alguma coisa dentro de mim impediu-me e a escuridão controladora e consumidora que me impedia de fazer tantas coisas naquele tempo envolveu-me nos seus braços e eu passei por onde ela estava sentada e fui diretamente para a casa.

Foi um lembrete de que eu não estava ali para fazer amigos. Só tinha de levar a viagem até ao fim. Depois podia ir para casa. E o que acontecia depois disso?

Queria lá saber.

Montes Ondulantes e Barcos Oscilantes

Savannah

PARECIA IMPOSSÍVEL.

Eu estava no sopé de Helvellyn Fell, a examinar com os meus olhos o seu tamanho enorme. Alongava-se, cada vez mais alto, até que os picos desapareciam nas nuvens baixas. Eu nem conseguia ver o topo e estavam à espera de que escalássemos aquilo? O dia estava, felizmente, seco, mas o solo era gelado, com a geada do inverno a beijar as folhas de erva que cobriam o solo irregular.

Quando eu exalava, a minha respiração transformava-se em fumo branco e os meus pulmões queimavam quando inalava o ar gelado inglês. Um homem chamado Gordon era o nosso guia. Um ex-sargento do exército britânico, que nos conduziria nos próximos dias para cima e para baixo nos três picos famosos do Lake District.

Eu não era propriamente atlética. Nada daquilo me atraía. Mas estava ali e era suficientemente introvertida para não arranjar discussão.

O rosto da Ida veio-me à cabeça quando tive vontade de recuar; respirei fundo e tentei preparar-me psicologicamente para a tarefa que tinha pela frente.

Eu *tinha* de tentar. E tentaria, por ela.

Rapidamente se estava a tornar o meu mantra.

Eu estava embrulhada em camadas em cima de camadas de roupas térmicas, com luvas, gorro e um cachecol que também me tapava metade da cara. Estava um gelo, mas até então, eu estava quente o suficiente para o enfrentar.

– Todos prontos? – perguntou o Gordon.

Acenei com a cabeça, como todos os outros, e depois começámos a nossa subida por um conjunto íngreme de degraus de pedra irregulares. Depois de ter subido alguns, fiquei com as pernas a arder. O Gordon subiu-os a correr, como se tivesse ali estado um milhão de vezes, e provavelmente tinha mesmo. A Mia ia à frente do grupo, o Leo na cauda. O Dylan caminhava ao meu lado, parecendo achar aquele passeio pela charneca mais fácil do que eu. O Travis e o Cael estavam atrás de nós, com a Lili e a Jade à frente, com a Mia.

A meio do caminho, olhei para trás. O Cael subia os degraus sem dificuldade, sem sequer um rubor de esforço no rosto. Eu não fazia ideia porque não me ultrapassara e ao Dylan, para tomar o seu lugar óbvio à frente. O Travis estava a ter dificuldades, mas o Cael ficou ao seu lado, com os olhos focados no cimo dos degraus. Até que olhou para mim e eu me virei rapidamente para a frente. Bastou-me olhar para ele para não poder deixar de reviver a véspera na minha cabeça. Na sala de estar. Quando ele saltou do lugar e atirou o diário ao fogo, quando desafiou o Leo e a Mia. Estava tão zangado. Parecia sair-lhe de todas as células do corpo. No entanto, houve momentos. Momentos breves, quase impercetíveis, em que o seu olhar se cruzou com o meu e a sua hostilidade desapareceu, deixando no seu rasto o fantasma de um menino triste e vulnerável. Mas capturava-o logo a seguir, enterrando-o sob as chamas altas.

E na véspera... o olhar do Cael cruzou-se com o meu no meu momento de tristeza. Quando aquele diário foi posto no meu colo e eu comecei a quebrar. Ele tinha-me visto começar a desfazer-me e o entendimento que eu via naquele profundo azul-prateado estendeu-me a mão. Como se por um momento, ele simplesmente... me *percebesse*.

O diário foi concebido para me dar um lugar para conversar com a Poppy. Para lhe contar como eu estava desde que ela partiu...

Senti um aperto no coração só de me lembrar do puro terror que me atravessou. Porque eu só lhe podia dizer como tinha falhado. Como me desfiz. Como a vida sem ela parecia não ter sentido. Como, depois da sua morte, algo dentro de mim desmoronou, despedaçou de tal maneira o meu coração e a minha alma que era impossível voltar a colá-los. Que quando ela deu o último suspiro, toda a minha alegria pela vida partiu também. Que eu fiquei a dar-lhe a mão tanto tempo depois de ela ter morrido que os seus dedos ficaram moldados numa posição de aperto quando eu finalmente fui obrigada a deixá-la.

E teria de lhe dizer que eu a deixei ficar mal. Que falhei de tal maneira que isso teve um impacto na vida de todos à minha volta. A Ida, a minha mãe, o meu pai... Eu não tinha amigos, não tinha vida e estava com medo.

Estava *petrificada* com a ideia de que nunca seria capaz de a deixar. Que esta seria para sempre a minha sorte...

De repente, torci o tornozelo e tropecei numa das muitas pedras rachadas e irregulares. Senti-me começar a cair para trás. O Dylan virou-se assim que o meu coração se afundou, mas estava muito longe para me apanhar. Então, no preciso instante em que receei estar prestes a cair no chão, uns braços fortes seguraram-me e mantiveram-me em pé. Debatí-me para agarrar as mangas pretas de um casaco e soube exatamente quem me tinha apanhado no momento em que senti aquele cheiro familiar de sal marinho e neve fresca.

– Apanhei-te – disse o Cael baixinho, quando a minha bota escorregou mais uma vez no chão gelado e eu tentei encontrar o equilíbrio.

A sua voz causou-me arrepios, que não tinham nada que ver com as temperaturas geladas e tudo com o rapaz fechado de Massachusetts que me segurava firmemente nos seus braços.

E eu senti que ele me *tinha* apanhado. Nos seus braços, sentia-me segura.

O meu coração acelerado começou a abrandar quando o Cael me endireitou os pés e me firmou no degrau acima dele. Fechei os olhos e consegui afastar o pânico, depois virei-me para enfrentar o Cael. Demorei um momento a dar-me conta de que ele ainda tinha as mãos na minha cintura. Engoli em seco quando os meus olhos encontraram os

seus. Eu estava um grande passo acima de onde ele se encontrava, e ele continuava a ser consideravelmente mais alto do que eu. Usava um gorro preto, mas algumas madeixas onduladas escuras e desalinhadas escaparam e caíam-lhe sobre os impressionantes olhos azul-prateados.

– Obrigada – disse eu, e o Cael perscrutou o meu rosto.

Eu não sabia o que ele procurava, mas senti as faces começarem a queimar sob a sua atenção. Desta vez, o meu coração estava acelerado por um motivo totalmente diferente. Um sentimento a que eu não estava acostumada.

Ele pigarreou.

– Aleijaste-te? – perguntou.

O seu sotaque da Nova Inglaterra era forte; cerrado o suficiente para rivalizar com o meu da Georgia. Fiquei tão impressionada por ele me falar suavemente que não respondi.

Mas depois insistiu.

– Savannah?

O Cael dizer o meu nome arrancou-me dos meus pensamentos rebeldes e trouxe-me de volta à terra.

– Savannah? Estás bem? – O Leo correu para nós e parou ao lado do Cael, que nunca tirou os olhos de mim.

O Dylan veio a correr para o meu lado e apanhei toda a gente a ver. Senti as mãos do Cael na minha cintura apertarem ligeiramente quando os demais se focaram em mim.

Sentindo o rosto a arder de toda aquela atenção, eu disse:

– Estou bem.

O Cael começou a curvar-se e eu engoli quando uma madeixa de cabelo escuro roçou a minha bochecha. Cheirava a hortelã. Verificou o meu tornozelo, as mãos grandes à volta da minha bota, a testar a flexibilidade. Não havia dor.

O constrangimento parecia ser a minha única lesão.

– Tudo bem? – perguntou ele, sorridente, enquanto o dobrava para a esquerda e para a direita, fazendo círculos lentos e cuidadosos.

– Sim – respondi, com voz rouca.

– De certeza? – perguntou o Leo, com preocupação no rosto.

Não seria eu a razão para o grupo não poder continuar.

– Prometo – disse eu.

Era verdade. Eu tinha estado embrenhada a pensar na Poppy e dei um passo em falso. Pensar na Poppy muitas vezes fazia-me perder a concentração.

– Está bem, então vamos continuar – disse o Leo.

O Cael largou-me o tornozelo e senti uma brisa fria envolver-me com a sua ausência. Endireitou-se outra vez, balançando sobre os pés, como se estivesse a debater alguma coisa mentalmente. Depois ofereceu-me o braço.

– Tu... precisas de ajuda para o resto do caminho?

Não respondi com palavras. Escaparam-se-me nesse momento. Em vez disso, enfiei cuidadosamente o braço no dele e deixei-o caminhar ao meu lado enquanto alcançávamos os outros, que estavam à nossa espera no topo. Tentei ignorar o leve adejar no peito que a sua oferta produziu em mim.

O Dylan ia do meu outro lado. Quando senti o seu olhar queimar-me, virei-me; ele fez um gesto subtil com a cabeça na direção do Cael e dirigiu-me uma expressão perplexa. Eu sabia que o Dylan só gostava de mim como amigo; tinha-me dado zero vibrações românticas. E claramente achou a ajuda do Cael tão surpreendente como eu.

Não tive muitos amigos na minha vida. As minhas irmãs sempre foram tudo para mim. Mas senti uma ligação instantânea com o Dylan. Ele era querido. E engraçado. E eu tinha a certeza de que era uma alma completamente perdida, como eu. Só a sua personalidade efusiva lhe galardeava uma fachada melhor, e o seu sofrimento era eficazmente disfarçado.

O braço do Cael era forte, debaixo do meu. Ele não disse nada enquanto subíamos. Mas o nosso silêncio partilhado não parecia tenso. Era... *bom*. Tranquilo. Eu sempre fui mais calada na natureza. Não precisava de barulho para preencher nenhum tipo de vazio.

Mas aquilo, estar em sereno silêncio com outra pessoa, era uma bênção que eu não esperava naquela viagem. As pessoas queriam sempre conversar. Parecia que o Cael partilhava a minha preferência pelo silêncio.

Quando chegámos ao degrau de cima, qualquer frio que eu tivesse sentindo por causa do vento forte e das baixas temperaturas havia desaparecido, e um brilho de suor cobria-me a testa.

Empenhei-me em arrefecer, em recuperar o fôlego, com as coxas a gritar do esforço.

– Sentes-te bem? – perguntou-me a Lili.

A Jade e a Mia também vieram ouvir a resposta.

– Sim. Escorreguei, foi só isso.

Tinha a cabeça baixa, de vergonha. Mas depois senti o braço do Cael ficar tenso sob o meu, uma respiração aguda escapando dos seus lábios. Olhei para cima. Também exalei uma respiração rápida perante a visão diante de mim: a que tinha captado a atenção do Cael. Uma colcha verde de retalhos do campo inglês estendia-se diante de nós. Árvores de todos os tons de verde e castanho, paredes de pedra e galhos nus cobertos de neve faziam da vista uma pintura a óleo. Uma névoa pairava sobre o solo, como se o céu tivesse baixado para se juntar à terra durante umas horas sagradas.

Era absolutamente lindo.

– Bebam todos água e vamos continuar – disse o Gordon, interrompendo a minha admiração.

Quando fui tirar a minha mochila, dei-me conta de que ainda tinha o braço enfiado no do Cael, segurando-o como se ele fosse a minha tábua de salvação.

– Desculpa – disse eu, agitada, enquanto retirava rapidamente o braço.

Ocupei-me da minha água. Quando olhei para cima, captei o olhar intenso do Cael preso em mim, mas rapidamente baixei a cabeça. Senti as faces incendiadas. O meu primeiro pensamento foi que a Ida estaria a gritar de emoção, fazendo comentários sugestivos e provocando-me.

Ela tinha-me mandado uma mensagem na véspera à noite e o Cael acabou por ser o assunto.

IDA: Que tal a Inglaterra?

EU: Fria e molhada, assustadora e gótica. É linda.

IDA: E como são os teus companheiros de viagem?

EU: Adoráveis. Sofredores. Alguns calados e reservados. Outros nem tanto.

IDA: E o jeitoso alto e moreno, com as tatuagens?

A sua pergunta deu-me permissão para refletir sobre o Cael. Eu tinha-o ouvido lá fora, no lago, a gritar enquanto atirava coisas para a água. E depois ouvi o seu silêncio. Quando a fúria deve ter diminuído e outra emoção se sobrepôs. Deixou-me triste.

EU: Zangado

Mandei essa mensagem, mas depois lembrei-me de quando ele se virou para mim na sala e só restava desolação nos seus olhos sofredores. Apenas por um segundo, mas tinha estado lá. Um segundo da sua alma esfarrapada e exposta.

IDA: Acontece. Lembra-te de que o pai esteve muito zangado durante algum tempo

Lembrei-me do meu pai depois da morte da Poppy. Estava tão zangado com o mundo por lhe ter levado o seu bebé. Foi horrível vê-lo assim, mas eu conhecia o homem que existia lá dentro. Eu sabia que o homem de cabeça quente não era quem ele era na sua alma e que ele voltaria para nós. Talvez... talvez o Cael cujo olhar se cruzou com o meu na sala de estar fosse um breve vislumbre do menino perdido no seu íntimo.

IDA: Ele pode precisar de um amigo. Alguém que esteja ao seu lado enquanto ele passa por isso. Alguém que o compreenda

Olhei para a mensagem da Ida. O meu pulso acelerou com aquela sugestão óbvia.

EU: Talvez

IDA: Mantém-me informada da escalada! Não posso acreditar que te puseram a escalar montanhas!

Sorri ao lembrar-me das mensagens da Ida enquanto bebia a vista idílica diante de mim. Ela era tão romântica. Sempre a ver o lado bom das pessoas. Então pensei imediatamente na Poppy. Ela teria dito o mesmo sobre o Cael. A Poppy era uma pessoa que ajudava. Ela teria olhado para o Cael e teria ajudado a ultrapassar a dor que ele tão claramente sentia. Fez isso por mim tantas vezes enquanto crescia.

Por um momento, esse pensamento encheu-me de uma leveza inebriante, ao lembrar-me dela dessa maneira. O quanto ela adorava a sua família. Como nos amava a todos, como amava o mundo. O quanto amava o Rune, até ao seu último suspiro. Mas, como na maior parte dos dias nos últimos quatro anos, esse pensamento feliz logo se transformou na memória angustiante de vê-la naquela cama, a olhar pela janela, quebrada e frágil, a morte pairando sobre ela, a respiração ofegante.

Qualquer calor que a subida me tivesse trazido foi rapidamente enxaguado por uma lança de gelo que me percorreu a espinha. Com as mãos a tremer, afastei a garrafa de água e fechei os olhos.

Só por uma vez... só por *uma vez*, eu queria pensar nela e não me sentir agredida, não me sentir magoada. Queria lembrá-la como ela costumava ser: perfeita, alegre, cheia de vida. Não doente ou triste ou a esforçar-se para se manter positiva quando a única coisa que a aguardava, no final da sua história, era a tragédia.

Lembrar-me dela no seu leito de morte assombrava-me. Acordava-me a meio da noite. E sempre que eu acordava, por um milésimo de segundo, acreditava que tinha tido um pesadelo e a Poppy estava no seu quarto, enfiada na cama em segurança.

Então lembrava-me e perdia-a de novo. Perdi-a repetidamente, todas as manhãs quando acordava e tinha de ser relembrada de que ela partira. Cada momento significativo que me acontecia, queria contar-lho. Todas as canções que eu sabia que ela iria gostar e não estava aqui para ouvir. Todas as peças de música clássica que ouvi, e imaginando-a com o seu violoncelo, olhos fechados, cabeça a balouçar, completamente perdida na melodia.

Há quatro anos que não assistia a uma orquestra ao vivo. Esse era o sonho roubado da Poppy e parecia que seria uma traição assistir a um concerto. Eu mal conseguia ouvir música clássica sem ficar abatida.

Era uma das piores coisas, pensei, quando se perdia alguém. Ter boas notícias para partilhar e, por um segundo – um mero segundo emprestado de paz –, ficar-se entusiasmado para lhes contar. Antes que a realidade inevitavelmente desabasse sobre a pessoa relembrando-a de que nunca mais lhes contaria nada. E as boas notícias que se queria partilhar, de repente, já não pareciam tão empolgantes. Na verdade, pareciam uma facada no peito e deixava de se ansiar que algo significativo voltasse a acontecer.

A morte de um ente querido não era um acontecimento isolado que tinha de se suportar. Era um ciclo sem fim. Uma cruel rotina que se consumia no coração e na alma da pessoa até só restar carne queimada.

Sacudi as mãos quando elas começaram a tremer. Inspirei devagar e profundamente o ar frio que me recordava onde estava. A terra irregular sob os meus pés crepitou na lama gelada. Eu precisava de andar. De me mexer. De me livrar daquele sentimento visceral que me encerrava. Quase caí de joelhos, aliviada, quando o Gordon começou a conduzir-nos.

Pela primeira vez na vida, eu queria andar. Queria andar e andar até não ser capaz de pensar. Até os meus músculos ficarem tão doridos e exaustos que eu caísse num sono reparador.

Apenas por uma noite.

– Mais devagar, *ranger* – disse o Dylan, e deu uma corrida para me alcançar.

Não obedeci. Insisti, de peito apertado por respirar tão rápido. Mantive a atenção focada no percurso que tínhamos pela frente. Tudo à minha volta estava parado e calmo, a minha respiração acelerada era a única coisa que eu conseguia ouvir, até que:

– O Jose teria adorado isto. – As palavras do Dylan pouco mais eram do que um sussurro, mas eu ouvi, o vento sibilante levou-as diretamente para os meus ouvidos.

Abrandei e olhei para o meu amigo. Tinha os olhos baixos e as mãos nos bolsos. Dirigiu-me um olhar nervoso e disse:

– O meu melhor amigo. – Encolheu os ombros, como se o que estivesse prestes a dizer fosse trivial. – Foi ele quem eu perdi. É por isso que estou aqui.

Não era nada trivial. Era monumental. O *mais* importante.

– Sinto muito – disse eu, e vi que ele tinha empalidecido, o belo rosto enrugado de tristeza.

O Dylan forçou o seu sorriso contagiante a aparecer, sufocando a tristeza interior que eu bem via que gritava para ser libertada.

O silêncio estendia-se entre nós. Os ombros do Dylan curvaram-se para dentro e eu senti uma distância a crescer entre nós. Eu era péssima naquilo. A consolar os outros. A dizer as palavras certas. O meu coração dilacerou-se por ele. Mas eu não sabia como melhorar as coisas.

A Poppy era uma pessoa que ajudava... sê uma pessoa que ajuda...

O Dylan olhou à volta, para nós, para o lago lá em baixo, que agora parecia diminuto, de tão longínquo. Eu sabia que ele estava a pensar no Jose. Os seus olhos brilharam e eu não aguentei mais. Estendi a mão, enfiei o meu braço no dele e puxei-o para perto de mim. Apercebi-me de um embargo na sua respiração e de um soluço extinto, pousei a cabeça no seu ombro e tentei mostrar sem palavras que eu estava ao seu lado.

O vento apanhou uma lágrima que me caía do olho e levou-a para o ar. Eu não conhecia o Jose. Mas estava a começar a conhecer o Dylan e a perceber como ele era especial. Portanto, sabia que o Jose também devia ter sido especial.

– O mais especial que é possível... – Ouvi a voz da Poppy sussurrar ao meu ouvido e essa memória envolveu-me como um cobertor quente. Ela havia de querer que eu estivesse lá para os outros. Que também me abrisse a eles.

Eu não era uma pessoa de contacto físico, mas a respiração do Dylan parecia ser mais fácil quando eu o abraçava. De alguma forma, isso também me fez sentir melhor. Partilhar a dor um do outro.

– Ele adorava o ar livre – disse o Dylan. Riu-se, e foi tão puro que me tirou o fôlego. – Estava sempre a tirar-me da minha casa e a levar-me com ele lá para fora. Basquetebol, basebol, caminhadas, futebol. Ele queria fazer, assistir, experimentar. – Apertei-o com mais força, para que soubesse que poderia continuar se quisesse. Eu era boa ouvinte.

O Dylan riu-se, depois disse:

– Houve uma vez que nós... ❖

O seu riso desapareceu abruptamente e eu ouvi aquele som de cortar o coração que me disse que tinha a garganta embargada, a voz levada com o embate de uma memória. Um ataque surpresa de luto, tão forte

que pode deixar uma pessoa caída de joelhos. Eu sabia que a boa lembrança do Jose tinha sido sequestrada por outra atormentada. O Dylan baixou a cabeça e entregou-se à sua agonia.

Sem saber o que fazer, quase parei para dizer à Mia e ao Leo que precisávamos de voltar para trás. Que o Dylan estava em sofrimento e tinha de descansar. Mas então o Cael passou por nós e, de maneira a só nós o ouvirmos, disse com autoridade:

– Continua a andar.

Fez um gesto com o queixo na direção do Gordon e eu vi um lampejo de compaixão pelo Dylan atravessar-lhe o belo rosto. O Cael ia logo colado à nossa frente. Olhou por cima do ombro, como se tentasse não falar connosco, não se envolver. Mas depois deixou descair os ombros, num gesto de derrota, e disse:

– Isso ajuda. Continua só a andar. Insiste. Esgota a dor. Não lhe dê espaço para respirar.

O Cael tinha os olhos assombrados e eu sabia que, tal como eu, ele já tinha passado por aquilo. Calculava que todos tínhamos. Os desencadeares da emoção eram horríveis. Como um dia aparentemente bom se podia transformar num pesadelo apenas por passarmos por um cheiro familiar, pelo ressurgimento de uma memória ou um milhão de outras coisas que nos lembravam que um ente querido tinha partido.

O luto caminhava por um campo minado, sem proteção nem guia.

Portanto, caminhámos. Com o meu braço enfiado no do Dylan e o Cael por perto, caminhámos. Percorremos trilhos de cascalho e orientámo-nos cuidadosamente por uma rota traiçoeira chamada Striding Edge, «Beira de Caminhada». Almoçámos a olhar para vistas de tirar o fôlego, depois descemos o que originalmente parecera ser um percurso impossível.

Quando chegámos ao fundo, de cara vermelha, com frio e sem fôlego, o Leo disse:

– Virem-se, pessoal. – Obedecemos e vimos Helvellyn erguendo-se mais uma vez acima de nós, com aparência majestosa e dominadora. – Vejam só o que acabaram de concretizar – disse ele, e as suas palavras penetraram bem fundo. – Escalaram isso. Mesmo tendo eu a certeza de

que achavam que não seriam capazes. – Exalei demoradamente e senti o orgulho desabrochar no meu coração. Tínhamos conseguido. *Eu* tinha. – Agora, vamos voltar para o albergue e aquecer.

Sentei-me ao lado do Dylan no autocarro para casa, novamente com o braço no dele, de mãos dadas com firmeza. Ele não voltou a falar naquela noite, mas segurou a minha mão na sua como se fosse um vício. O Cael sentou-se no lugar do outro lado do corredor, com os auscultadores bem postos. Mas como que sentindo o meu olhar, virou-se para mim.

– *Obrigada* – disse eu, só com os lábios.

As narinas do Cael abriram-se e ele acenou com a cabeça, em reconhecimento. Depois virou-se, de postura novamente rígida e selada.

Quando a noite caiu, olhei pela janela. Tínhamos conseguido. Estávamos despedaçados, exaustos e emocionalmente esgotados. Mas quando voltámos para o albergue, algo dentro de mim se acalmara. O oxigénio que dava vida ao meu luto, como se fosse uma coisa viva dentro de mim, tinha sido extinto... por um tempo, pelo menos.

E adormeci. Sem pesadelos. Nem insónias. Apenas sono.

Nunca me sentira tão grata por uma noite de silêncio total e absoluto.

* * *

– O que é que acharam do dia de ontem? – perguntou a Mia.

O Leo e a Mia tinham-nos reunido na sala de estar para uma sessão de grupo. Apertei as mãos entrelaçadas. Entendia a premissa das sessões de grupo, mas nunca senti que funcionassem no meu caso.

– Foi bom – disse o Travis.

– Eu gostei – acrescentou a Lili.

A Mia sorriu.

– Ótimo. Em breve, passamos ao pico dois: Scafell Pike.

O Leo inclinou-se para a frente no lugar.

– Mas hoje temos as nossas sessões de grupo e não tarda vamos começar algumas individuais. O resto do dia é por vossa conta. Talvez, para alguns de vocês, uma oportunidade para começarem a escrever o diário. – O Leo olhou cuidadosamente para o Cael, que estava sentado, de braços cruzados, a olhar pela janela. Eu tinha a certeza de que não lhe tinham dado outro. Era óbvio que não seria bem-vindo.

Perdi a cor ao pensar no diário. Ainda não tinha a certeza se *eu* conseguiria fazê-lo.

– Neste momento, queremos fazer algumas técnicas de respiração – disse a Mia. – Para muitos, ao passar pelo luto, as crises de ansiedade podem ser uma experiência comum. – Olhei para os meus dedos, para o verniz transparente que começava a estalar. – A raiva também pode ser uma emoção inebriante com que lidar – continuou a Mia. – Por isso, queremos equipá-los com algumas ferramentas para os ajudar a lidar com a situação se e quando esses momentos surgirem.

– Também são boas para *mindfulness* – acrescentou o Leo. – Então, por favor, sentem-se direitos no lugar e fechem os olhos. – Fiz o que disseram, endireitando a coluna. – Quero que inspirem pelo nariz durante oito segundos – instruiu o Leo, e contou em voz alta. – Agora, sustentem a respiração durante quatro segundos. Ouçam o bater do coração. Ouçam o ritmo nos ouvidos. Depois, expirem por quatro segundos. – Os meus ombros relaxaram um pouco. – Quando entram em pânico ou em stresse, isto pode ser uma ótima ferramenta para os ajudar a retomar o foco e a controlar o que sentem ser incontrollável.

Levei a mão ao coração e senti-o bater sob a palma da mão.

– Às vezes – disse o Leo. Mantive os olhos fechados. – Quando pensamos naqueles que perdemos, podemos sentir-nos impotentes, sem controlo. Este exercício pode ajudá-los a sentirem-se com os pés no chão. – Com as suas palavras, vi automaticamente a Poppy no seu leito de morte. Vi-a no seu caixão, colocado na divisão da frente da nossa casa, a mãe e o pai raramente saindo do seu lado, o Rune a dormir no chão ao lado de onde ela jazia. Recusando-se a deixá-la até que a descessem ao solo... onde ele acabou por fixar residência.

O meu coração disparou perante aquela memória. Sentia as garras da ansiedade começarem a esticar-se dentro de mim, prontas para agarrarem, mas depois inspirei por oito segundos e sustive a respiração por quatro. O fantasma de um sorriso puxou-me os lábios para cima quando ouvi o ritmo do meu coração e o senti começar a abrandar, o pânico a diminuir até eu conseguir expirar uma respiração normal de quatro segundos. Já me tinham ensinado essa técnica antes, é claro. Mas ali estava *a funcionar*. Talvez fosse a distância da Georgia, onde perdi a

Poppy, ou o ambiente tranquilo dos lagos que fez com que, desta vez, ajudasse. Talvez no meu subconsciente eu estivesse a abrir-me à superação. Queria tanto que isso fosse verdade.

– Ótimo – disse o Leo e eu não abri os olhos, mas perguntei-me se ele estaria a falar diretamente comigo.

– Outro aspeto que pode ser difícil – disse a Mia gentilmente, enquanto nos lembrava de continuar a respirar – é para aqueles que estavam lá no momento da morte do seu ente querido. Ou logo após. Essas memórias podem ser incapacitantes. Elas...

Um estrondo forte fez-me abrir bruscamente os olhos, para ver o Cael sair disparado da sala. Tinha mandado ao chão uma mesinha de apoio, e o copo de água que estava nela entornou-se no chão. Ouvi a porta da frente bater e o silêncio tomou conta da sala.

O Leo e a Mia não fizeram nenhum movimento para limpar a água.

– É melhor ir atrás dele? – perguntou o Travis, com evidente preocupação estampada no rosto.

– Vamos dar-lhe tempo para se acalmar – disse a Mia. – Isto vai ser difícil para todos vocês – acrescentou. – Vão sentir todas as emoções possíveis. As fases do luto não são lineares. São cíclicas. Raiva, negação, negociação, depressão e aceitação. Não têm de seguir uma ordem específica. Podem não experimentá-las todas. E, para alguns, uma das fases será prevalente. Podem passar pelas cinco, depois começar tudo de novo.

– O luto – disse o Leo – é uma emoção para toda a vida. Pessoas que tiveram a sua perda há quarenta anos continuarão a passar por momentos em que se sentem completamente desfeitas. O que pretendemos fazer nesta viagem é ajudá-los a lidar com o luto. Infelizmente, o luto é incurável. Mas *podemos* aprender a viver com ele. Podemos aprender a reencontrar a felicidade. A sorrir e a rir. E chegará um momento em que as memórias dos nossos entes queridos serão mais positivas do que negativas. Em que poderemos voltar a falar deles com felicidade, não com tristeza, e a recordar os bons momentos. – Fez um sorriso débil. – Isso agora pode parecer distante. Mas é alcançável. Temos de deixar que todos cheguem lá ao seu próprio ritmo e expressem a sua dor da maneira que precisarem.

– Não há aqui certos e errados – disse a Mia.

– Agora, vamos tentar isso de novo – disse o Leo, e continuou com a sessão.

Passou-se uma hora e deram-nos tempo livre. Peguei no livro que estava a ler e dirigi-me ao exterior. Estava um dia gelado e cortante, mas o sol brilhava e o lago estava imóvel como o vidro.

Agasalhei-me com casaco, gorro e cachecol. Ouvi o som de vozes vindas da sala de estar, mas queria ficar algum tempo sozinha. Contornei as traseiras da casa, dirigindo-me para a saliência rochosa onde começara a gostar de ler, quando ouvi madeira a raspar no chão.

Ao cortar a linha das árvores até à margem do lago, vi o Cael desamarrar um dos barcos a remos. Não tinha voltado para dentro desde que saiu da sessão de grupo. Eu sabia que a Mia e o Leo tinham ido ver como ele estava. Mas eu fiquei... preocupada. Sim. Fiquei preocupada com ele. Talvez eu quisesse sair para ler, em parte, para ter a certeza de que ele estava bem. Ele já se chegara à frente por mim duas ou três vezes. Eu queria retribuir o favor.

O Cael usava o casaco e o gorro pretos, com o cabelo desalinhado a escapar do rebordo. Tinha o rosto ruborizado e o corpo tenso.

Dei um passo mais à frente e a cabeça do Cael guinou para cima. Cerrou o maxilar quando me viu ali espedada, mas continuou a desamarrar o barco.

– O que foi? – rosnou, mal olhando para mim.

– Estás bem? – perguntei, com o coração na garganta. Odiava vê-lo assim. Ver alguém assim. A afogar-se numa dor tão óbvia.

O Cael soltou o barco e atirou o cabo para a costa. Tinha as botas no lago, a água era rasa e ainda não lhe molhava as calças de ganga. Não pensei que ele me fosse responder, até que ele disse:

– Vens?

Levantei a cabeça para trás em choque e olhei para o barco. Ele estava a convidar-me para ir com ele? Era um barco a remos tradicional, de madeira. Dois remos, presos de cada lado. Olhei para o barco como se fosse uma chama aberta. Abri a boca, sem saber o que dizer, mas dei por mim a proferir:

– Eu... Não sei se devemos usá-los.

Uma gargalhada incrédula, quase cruel caiu da boca do Cael antes de ser engolida por um olhar severo de ira... e talvez uma pitada de desânimo.

– Logo quando eu pensei que podias ser *diferente*... – Abanou a cabeça, o rosto a ruborizar. – Claro que não és. Porque é que alguém aqui seria capaz de entender... – A garganta embargada parecia roubar-lhe as palavras antes de me enfrentar com um olhar tão cheio de desilusão que me magoou fisicamente. – Volta para o pé dos outros lá dentro e pronto.

Vi a água cobrir-lhe as pernas até aos joelhos enquanto ele arrastava o barco para uma parte mais profunda do lago. Ia dar um salto para o barco, quando dei por mim a dizer:

– Espera!

O Cael ficou imóvel, depois virou-se. Senti o pulso disparar, o sangue correr nas veias. Captei o que parecia ser uma expressão de esperança no lindo rosto do Cael. Era tão crua, tão aberta, tão sincera... tão *vulnerável* que me despedaçou o coração.

– Eu... – interrompi-me, segurando o meu livro ao peito. Levantou-se vento, que me atirou o cabelo para a cara. «Ele pode precisar de um amigo...» As palavras da Ida circulavam à volta da minha cabeça. O Cael abanou a cabeça, frustrado, e fez novamente menção de partir, quando os meus pés me impulsionaram para a frente e eu disse: – Eu vou contigo.

O Cael expirou longa e profundamente e, naquele momento, eu entendi. Ele não queria estar sozinho. Por mais arisco que fosse, tão envolto na escuridão como estava, sentia-se sozinho e não sabia como pedir companhia.

Os olhos do Cael estreitaram-se enquanto ele me observava. Por um momento, achei que ele tinha mudado de ideias; depois, estendeu lentamente a mão. Os nervos acossaram-me, mas eu respirei, como a Mia e o Leo nos ensinaram, e coloquei a minha mão na do Cael. A dele apossou-se da minha, mas o seu aperto era firme e, quando delicadamente me puxou para mais perto, disse com voz rouca:

– Posso?

Não percebi o que ele queria dizer, até que colocou as mãos na minha cintura e eu me dei conta de que ele queria levantar-me para o barco.

– Sim – sussurrei, e as mãos dele em mim fizeram com que aquelas borboletas voltassem a adejar no meu peito.

O Cael pegou em mim como se eu não pesasse nada. Agarrei-me ao seu *bíceps*. Ele era musculoso e ágil sob os meus dedos. O Travis tinha dito qualquer coisa no aeroporto sobre o hóquei no gelo. O Cael não levou nada a bem, mas deve ter sido aí que conseguiu a boa forma e o físico atlético.

– Obrigada – disse eu, e sentei-me num dos plintos de madeira. Sem esforço, o Cael subiu para dentro do barco. – As tuas calças de ganga – disse eu, vendo que estavam encharcadas até ao joelho.

Estava um gelo lá fora. Fui atravessada por surto de pânico. Ele podia ficar doente. Naquele tempo, a ideia de alguém ficar doente fazia-me entrar num pânico cego.

– Estou acostumado com o frio – respondeu ele, depois sentou-se e pegou nos remos. Começou a remar, o barco levando-nos rapidamente da curta costa do albergue para as profundezas mais amplas do vasto lago. Outros barcos vagueavam ao fundo, cruzeiros turísticos rondando o perímetro ao longe.

O Cael estava focado, puxando por si o máximo que podia fisicamente. O barco atravessou o lago como uma faca quente a cortar manteiga. Agarrei-me de lado, com o vento a levantar-se a par da velocidade do Cael. Ele tinha o rosto ruborizado e a respiração começou a acelerar. Passaram-se minutos e o suor começou a escorrer no seu rosto. Mas o Cael prosseguiu, continuou a exorcizar a raiva que parecia viver num fluxo ilimitado dentro de si.

Fez-me pensar no que a Mia e o Leo nos disseram sobre os estágios do luto. Que, para alguns, um estágio os mantinha cativos por mais tempo. Eu não tinha a certeza de onde me encontrava. Parecia sentir qualquer um deles em determinado dia.

Quanto mais nos afastávamos no lago, mais a beleza do lugar se tornava evidente. A partir desta nova perspetiva, o lago parecia completamente diferente. Cercavam-nos montanhas com calotas de neve; árvores de ramos nus que abrigavam milhares de pássaros erguiam-se orgulhosamente em ilhotas isoladas. Fechei os olhos e senti o vento gelado bater no meu rosto. Agitou alguma coisa dentro de mim. Fez-me sentir algo... viva.

Só me apercebi de que o Cael tinha parado de remar quando a brisa no meu rosto morreu e eu abri os olhos. Engoli os nervos quando vi que o Cael me observava. A raiva a que ele se agarrava parecia ter diminuído e aquele tipo profundo de desolação voltou aos seus olhos azul-prateados. Ao ver que também eu o observava, o Cael tirou o gorro e passou a mão pelo cabelo despenteado. Raramente o tirava e vê-lo sem gorro... ele era lindo.

O Cael olhou para as pessoas na outra margem do lago. Turistas a comer gelado, a dar de comer aos patos, a reservar passeios pelo lago. Segui a sua linha de visão. Eles pareciam tão despreocupados. Tão aliviados.

– O que estás a ler?

A voz grave do Cael parecia exausta. Não me surpreendeu. Ele tinha remado a uma velocidade vertiginosa, até claramente não conseguir continuar. Mas eu também sabia que não era apenas a exaustão física que o levava àquele lugar. A vida também era estafante.

Eu segurava o livro ao peito. Quando o afastei, disse:

– É sobre os poetas do lago.

A testa do Cael franziu-se, em sinal de confusão.

– Quem?

– Os poetas do lago. – Gesticulei em redor. – Poetas ingleses famosos que vieram para o Lake District para fugir da agitação da vida na cidade no século XIX. Queriam viver no meio da natureza e descansar e viver uma vida com um ritmo mais lento. Queriam um lugar onde pudessem estar em contacto com os seus sentimentos.

O Cael olhou novamente para o lago, com os remos arrumados e os braços apoiados nas pernas. Parecia perdido nos seus pensamentos, até que disse:

– Consigo perceber isso.

Inclinei a cabeça para o lado, aproveitando a sua preocupação com o lago para o estudar. Parecia que todos os centímetros do seu corpo eram cobertos por tatuagens, buracos grandes no lóbulo das orelhas, uma argola no lábio inferior. Eu só o tinha visto de roupa preta. Mas, mesmo sem cor, era incrivelmente bonito. Um dos rapazes mais bonitos que eu já tinha visto, se não mesmo o mais bonito.

– Sobre o que escreveram?

Pestanejei, muito perdida no estudo do Cael para processar a pergunta. Como não dissesse nada em resposta, ele virou-se para mim, apoiando o queixo nos braços cruzados.

– Como? – perguntei, as maçãs do rosto a arder por ter sido apanhada a estudá-lo.

Os olhos do Cael pareciam exibir irritação.

– Os poetas. Sobre o que é que escreveram?

Era como se ele precisasse de alguma coisa para ocupar rapidamente a cabeça. Algo que o tirasse do inferno que o prendia.

Eu podia fazer isso por ele.

– Eram os românticos ingleses. Escreviam sobre beleza, pensamentos e sentimentos um bocado insólitos para a época. Alguns dos poetas mais famosos foram Wordsworth, Coleridge e Southey. – Encolhi os ombros.

– Acho que eram vistos como rebeldes. A moldar o que queriam que a poesia fosse e desrespeitando as regras antigas. A usá-la para exprimir os seus sentimentos.

– Têm algum poema deles nesse livro?

– Têm – disse eu, e procurei um dos meus preferidos do Wordsworth.

Fui entregar-lho para que o lesse, e ele disse:

– Podes lê-lo? – O meu coração batia como um tambor e o calor infundiu o meu rosto. Ia abanar a cabeça, recusar, quando ele disse: – Gosto do teu sotaque. – E o meu coração trovejante quase parou.

Gosto do teu sotaque...

Sentia a pele arder de vergonha, mas o Cael mantinha aquela expressão arrasada no olhar, e eu ansiava por fazê-lo sentir-se melhor.

Portanto li.

– *Errava eu só como uma nuvem...*

Li cada um dos belos versos sobre céus cheios de estrelas, narcisos e ondas e sobre a maravilha de contemplar essas vistas extraordinárias num estado pensativo e sossegado. E senti cada verso. Recitar aquele poema no lugar que foi a sua musa era surreal e mais do que uma bênção.

Quando terminei, a atenção do Cael estava fixada em mim. Ele não comentou nada imediatamente, depois disse com voz áspera:

– Parece mesmo aqui.

Eu sorri e assenti. Era exatamente o que eu sentia.

– Estou quase a acabar, se quiseres lê-lo depois.

O Cael encarou-me de novo. E eu senti que ele procurava algo no meu rosto. Não fazia ideia do quê.

– Obrigado – disse ele.

Mexi-me no lugar e vi uma pequena lancha passar por nós. Ia uma jovem família a bordo. Uma mãe, um pai e duas crianças pequenas, que usavam uns coletinhos salva-vidas vermelhos. Pareciam tão felizes e despreocupados. Lembrei-me desses dias.

– Já te sentes melhor? – atrevo-me a perguntar ao Cael.

O Cael inspirou demoradamente e expirou devagar.

– Eu nunca me sinto melhor – confessou, e a sua voz parecia estilhaçada como vidro.

Tinha uma expressão reservada e eu perguntei-me o que lhe teria custado revelar-me aquilo. O Cael era tão formidável, tão alto e dominador, intimidante. Mas naquele momento, parecia tão frágil, tão vergado pela vida que me apeteceu abraçá-lo com força até ele se sentir bem.

O meu coração afundou-se. Porque a simples confissão do Cael era tão crua como os meus próprios sentimentos. Fleti a mão, querendo estender o braço para segurar a sua, mas não sabia se ele iria querer isso; acho que eu não tinha naturalmente essa ousadia.

Passaram-se alguns minutos de silêncio e ele perguntou:

– De onde és?

O barco oscilou suavemente quando um barco turístico maior passou por nós, fazendo com que pequenas ondulações atravessassem o lago.

– Da Georgia. De uma pequena cidade rural chamada Blossom Grove.

O Cael esboçou o menor e mais breve dos sorrisos, mas foi o suficiente para levantar um pouco do cinzento daquele dia e deixar entrar um bocadinho de sol.

– És um verdadeiro pêssego da Georgia, hein?

Por mais que tentasse, eu não conseguia parar de corar. Ele tinha sorrido. Estava a falar comigo e parecia uma bênção.

«Ele pode precisar de um amigo...»

Decidi que a Ida tinha razão.

– Pois. Acho que sim. Tu és da Nova Inglaterra? – perguntei, por minha vez.

O sorriso do Cael evaporou-se, os muros voltaram a erguer-se. Anuí brevemente.

– De uma pequena cidade nos arredores de Boston.

Remexi nas bordas do livro que segurava.

– É suposto ir para Harvard neste outono.

Fiquei surpreendida com essa admissão. Eu não sabia porquê, mas o Cael de repente ficou tenso e os seus olhos, que tinham estado tão abertos e vulneráveis, rapidamente enregelaram e eliminaram qualquer vulnerabilidade que ele estivesse a expor. Vi a sua linguagem corporal mudar de aberta para defensiva e os seus habituais muros altos depressa se erigiram.

– Está na hora de ir – disse ele friamente e agarrou-se aos remos.

Confusa, eu disse:

– Eu disse alguma coisa...?

– Eu disse que vamos *voltar*. Já terminei aqui – disse com dureza, num tom de voz que não dava azo a argumentos.

Os arrepios chegaram-me aos ossos e eu tentei pensar no que tinha acabado de acontecer. O que teria desencadeado aquela reação.

Não falámos mais enquanto ele nos levava de volta. Regressara a si a mesma frustração cortante e avançou com pujança até à costa do albergue, com igual dureza com que remámos para fora de lá, novamente vinculado aos seus demónios.

Quando nos aproximámos da costa, vi o Dylan sentado na saliência rochosa que eu gostava de ocupar. Fez-nos um aceno e, alguns minutos depois, atracámos. O Cael saltou do barco primeiro, depois puxou-o durante todo o caminho, para voltarmos à areia rendilhada de pedra.

Ia sair, mas senti a mão do Cael apertar firmemente a minha.

– Posso? – perguntou, distante, e fez deslizar as mãos na minha cintura quando assenti.

Levou-me do barco ao colo, depois colocou-me suavemente na praia. A maneira como cuidava de mim fisicamente estava em oposição direta à maneira como falava comigo. Captou o meu olhar preocupado durante

uns segundos, abrindo a boca como se fosse dizer alguma coisa, talvez explicar, mas depois partiu para o albergue sem mais uma palavra. Vi-o ir-se embora, de coração na garganta.

– Oi, Sav – disse o Dylan, saltando da berma da saliência rochosa para ir ter comigo. Eu ainda estava a olhar para o Cael. O Dylan seguiu o meu olhar. – Foram remar?

Assenti, não querendo partilhar nada da última hora. Não sabia porquê, mas o tempo que passámos no barco parecia pessoal, apenas meu e do Cael. Vi um vislumbre de outra faceta dele. Ele... ele mostrou-se o rapaz destroçado que havia debaixo da raiva, baixara o seu escudo de fogo.

Eu queria ajudá-lo.

– Parece ser um tipo difícil de conhecer – disse o Dylan, apontando para a porta que o Cael acabara de transpor. – Às vezes é bastante assustador.

Olhei para o meu amigo.

– Não creio que seja perigoso. Ele é... – Suspirei, ainda a sentir-me confusa. – Ele está em sofrimento – disse eu e ouvi o tom defensivo na minha própria voz.

Dava-me conta de que ele parecia agressivo e inacessível, até para mim. Mas a maneira como se comportara no barco... tão calado, derrotado... era óbvio que estava numa agonia tal que parecia visceral.

– Eu sei – disse o Dylan, com uma pitada de culpa na voz. Arrastou os pés. – O Travis disse que o Cael jogava hóquei. – Eu sabia disso. Mas o Dylan disse: – Tipo, hóquei de alto nível. Do género, estar prestes a tornar-se profissional, ou pelo menos poder tornar-se. No mínimo, teria ido para a faculdade para jogar, depois para a NHL. Jogou hóquei júnior pelos EUA. Era a superestrela deles. – Pedacos do quebra-cabeças disperso do Cael começaram a encaixar-se.

Estou acostumado com o frio...

Uma onda de sentimento protetor tomou conta de mim.

– Não tenho a certeza se o Travis devia estar a partilhar a história do Cael.

O Dylan parecia surpreendido com a dureza das minhas palavras. Eu também estava. Mas eram sinceras. As nossas histórias eram nossas para partilhar quando estivéssemos prontos.

– Acho que o Trav está só um pouco deslumbrado com o estrelato – disse o Dylan, cuidadosamente. – O Travis é inofensivo, Sav. Tagarela e sem filtros, mas inofensivo. – O Dylan inclinou a cabeça na direção em que o Cael tinha acabado de entrar. – Acho que quando o Travis disse que o Cael era bom, foi um eufemismo. Aparentemente, ele quebrou todos os recordes conhecidos para a sua faixa etária e até mesmo além dela. Ao que parece, foi a estrela de hóquei mais promissora que a liga júnior viu em anos. E depois... parou de jogar e pronto.

Uma acutilância sabedora pairou sobre a última palavra do Dylan, e ficou claro para mim que o Travis sabia exatamente por que razão o Cael tinha parado de jogar, uma informação que transmitiu ao Dylan. Mas eu não queria saber. Eu queria que se o Cael alguma vez me quisesse dizer porque estava ali, porque deixou de jogar hóquei, fosse ele a decidir.

– Vou lá para dentro ler – disse eu, mudando de assunto. O Dylan parecia petrificado e sem saber se me tinha chateado. Não tinha. Mas eu sentia-me... *protetora* em relação ao Cael. Não pensei muito no porquê. – Vens?

O Dylan sorriu, aliviado, e lançou o braço à volta dos meus ombros, depois levou-nos para dentro, conversando sobre tudo e mais alguma coisa. Instalámo-nos na sala de estar. Li sobre os poetas junto do fogo que rugia; o Dylan, o Travis, a Jade e a Lili assistiam e davam classificações às *sitcoms* britânicas na televisão.

A noite aproximava-se, com as estrelas respingando no céu, e eu fechei o meu livro, agora terminado. Levantei-me para ir para a cama, quando avistei o Cael num recanto do corredor, sentado no banco almofadado da janela, de braços cruzados sobre o peito, auscultadores postos e a olhar pela janela.

Fui ter com ele e pousei cuidadosamente a mão no seu braço. O Cael virou-se e puxou bruscamente o braço. Fulminou-me por um segundo com o olhar, que depois suavizou um pouco, ao dar-se conta de que era eu.

Puxou os auscultadores para trás e disse:

– O que foi?

Não estava a ser duro. Pelo contrário, parecia exausto, sombrio.

Entreguei-lhe o livro.

– Acabei – disse eu. – É muito bom.

Olhou para o livro oferecido como se fosse uma granada viva. Vi a batalha desenrolar-se no seu rosto, sobre se deveria ou não o aceitar. Ficou claro que travou algum tipo de guerra no seu íntimo. Mas depois os seus olhos encontraram os meus e os seus ombros perderam toda a tensão. Estendeu a mão e tirou-me cuidadosamente o livro.

– Obrigado – sussurrou e voltou-se para a janela.

Interpretei isso como sendo a minha deixa para me ir embora.

Estava quase na porta quando ouvi:

– Boa noite, *Pêssego*. – A surpresa que aquela alcunha inesperada trouxe ao meu peito foi tão forte que parecia que tinha deixado uma marca. Virei-me e vi uma expressão assombrada, mas gentil, no rosto do Cael; depois, desapareceu rapidamente.

Um verdadeiro pêssego da Georgia, hein..., dissera ele no barco.

– Boa noite, Cael – disse eu, com uma voz um pouco mais ousada, e subi as escadas deixando, por uma vez na vida, o meu coração disparar. Porque desta vez, a sua batida tão rápida foi, na verdade... boa.

Palavras Sinceras e Abraços Calorosos

Savannah

O FRIO POR TER ESCALADO SCAFELL PIKE CONTINUAVA AGARRADO A MIM COMO um manto. O tempo não esteve como na subida de Helvellyn. Esteve molhado e tempestuoso, a chuva tão forte e fria que parecia penetrar na pele e gelar a medula.

Eu tinha tomado um banho de água a esquentar para afugentar o frio, quando regressámos. Mas alguma coisa nesse dia me fazia sentir mal. As nuvens cinzentas eram opressivas e a exaustão das nossas caminhadas, misturada com a do *jet lag* pesava sobre mim. Senti-me estafada. E estava morta por ir para casa. Queria sentir o conforto dos abraços apertados da Ida e queria aninhar-me no sofá com a mãe e o pai e ouvi-los falar do seu dia.

Mais do que isso, queria ver minha Poppy no seu arvoredor florido.

– Passaram quatro anos desde que a tua irmã faleceu? – perguntou a Mia, e eu olhei para o fogo que rugia no pequeno escritório que estava a ser usado como gabinete de consultas da Mia e do Leo. Fiquei tensa com as palavras dela. – Quantos anos tinha ela quando morreu?

Engoli o nó que me subira à garganta. Ficava sempre com um aperto na garganta quando me faziam perguntas sobre a Poppy. Como se o meu corpo estivesse a defender-se de falar da minha irmã, de rasgar ainda mais uma ferida já aberta.

– Dezassete – respondi, obrigando-me a colaborar.

Queria estar num lugar qualquer, menos ali. Mas eu tinha prometido que ia tentar. Então, apertei as mãos no colo e mantive o olhar baixo. Puxei os punhos da camisola para baixo até cobrirem as palmas das mãos. Um hábito nervoso que sempre tive nos momentos em que me sentia pouco à vontade.

– Dezassete... a idade que tu tens agora – disse a Mia, que claramente tinha ligado os pontos. Acenei com a cabeça e olhei de volta para as chamas. Os troncos crepitavam e faziam-me lembrar os verões na praia, quando estava a crescer.

– Foi rápido? A doença dela?

Inspirei uma respiração fortificante e sacudi a cabeça.

– Não – sussurrei. – Estendeu-se por alguns anos. – Tinha os olhos rasos de lágrimas e regressei mentalmente aos primeiros tempos do diagnóstico da Poppy. Ainda me lembrava de a minha mãe e o meu pai nos terem sentado para me contarem e à Ida. Acho que nenhuma de nós tinha entendido realmente a gravidade da doença da Poppy. Bem, pelo menos até nos mudarmos para Atlanta para o tratamento. Até a sua aparência se modificar, os sorrisos da mãe e do pai ficaram tensos e eu me ter dado conta de que as coisas não estavam a correr como queríamos.

Eu não conseguia lutar contra a memória que se imiscuía na minha cabeça...

Entrei no quarto de hospital da Poppy e parei redonda. A Ida tinha a mão na minha. Apertou-a a ponto de doer quando vimos a Poppy, que parecia tão pequena no meio da sua cama de hospital.

Mas não foi isso que nos deteve. Não foi isso que fez as lágrimas derramarem-se dos meus olhos e escorrerem pelas minhas faces como cataratas gémeas.

– O teu cabelo – disse a Ida, falando por nós as duas.

A Poppy sorriu e passou a mão pela cabeça careca.

– Foi-se – disse ela, parecendo tão otimista como sempre. Inclinou a cabeça para o lado. – Fico bem?

Ficava. Absolutamente. Mas, também, ela estava sempre linda. Tinha dezasseis anos. Lutava contra o cancro há algum tempo. Tinha feito muitos tratamentos..., mas eu não tinha a certeza se estariam a

funcionar. Eu e a Ida éramos muito mantidas à parte. Eu odiava estar longe da Poppy. Faltava-me alguma coisa quando ela não estava por perto.

– És perfeita – disse eu, e fui sincera.

– Então venham cá – disse ela e chamou-nos para a cama. – Tive tantas saudades das duas. – Enquanto subíamos, tivemos o cuidado de não nos sentarmos nos fios que estavam presos ao braço dela.

A Poppy envolveu-nos nos seus braços. Mas não senti consolo com aquele abraço. Só senti terror. Porque a Poppy dava-nos sempre os abraços mais apertados. Mas quando nos segurou, apertando-nos como se nunca nos fosse largar, senti a sua fraqueza. A Ida riu-se e beijou a Poppy na cara, alheia. Mas eu senti uma mudança na minha irmã mais velha. Algum sexto sentido escondido fez com que ficasse com os pelos do pescoço em pé e um buraco de pavor se abrisse no meu estômago. Quando olhei para a Poppy, vi a razão para tal nos seus olhos verdes.

Ela não estava a melhorar.

Dava para ver, pela sua expressão vacilante, que ela sabia que eu também sabia.

– Adoro-te, Sav – murmurou ela, com a voz embargada.

A Poppy sempre foi forte, mas naquele momento, não conseguia impedir que a voz se lhe quebrasse, e isso disse-me o que eu mais temia. Ela ia deixar-nos.

Com um soluço engasgado, não pude deixar de cair de novo nos seus braços. Jurei que nunca a iria largar...

– Ela não merecia morrer – dei por mim a dizer, demasiado cansada para me chocar sequer com a minha participação voluntária.

Um zumbido baixo de irritação começou a fazer-se ouvir dentro de mim. Eu sentia-me cansada e sozinha, e estava tão zangada com o mundo.

– A maior parte das pessoas não merece morrer, Savannah. Mas, infelizmente, é também uma inevitabilidade na vida. – Enrolei as mãos, com as unhas cravando-se-me na pele. A Mia inclinou-se para a frente. – Há pessoas que ficam na nossa vida apenas por um curto período de tempo, mas a marca que deixam em nós é uma tatuagem preciosa.

A minha amargura caiu por terra com aquelas palavras e a devastação rapidamente se infiltrou, uma enxurrada de tristeza embebendo a raiva que se acumulara nas minhas veias, como uma tatuagem preciosa.

– Tenho saudades dela – sussurrei, e senti aquela dor fria nos ossos ficar mais forte.

A exaustão que sentia era uma âncora que me impedia de me mover, de me proteger de todos aqueles pensamentos que eu não queria na minha cabeça, lembranças que eu não queria reviver. O esforço dos últimos dias bastou para me tornar impotente a resistir-lhes.

– Eu sei que sim – disse a Mia, e passou-me um lenço de papel da caixa sobre a mesa. Eu nem me tinha apercebido de que estava a chorar. Enxuguei as lágrimas e fiquei quieta quando a Mia perguntou: – É bom lembrarmos aqueles que perdemos. Há alguma coisa que possas fazer que a Poppy gostasse de fazer? Uma maneira de te sentires mais perto dela?

A minha respiração tornou-se tão agitada quanto no lago Windermere mais cedo, porque havia uma maneira.

Eu estava esgotada da caminhada. Mas o que me deixava mais cansada era a constante fuga da minha irmã. Não sabia se era por toda a minha luta ter sido queimada, juntamente com a minha energia, nos últimos dias, mas eu estava cansada de evitar a mensagem que a Poppy me queria passar.

Acima de tudo, tinha simplesmente *saudades* dela. Sentia tanto a falta da Poppy que, às vezes, pensava que a intensidade do meu luto me iria matar também.

– Tenho um caderno – disse eu, sem nunca tirar os olhos do fogo. Senti o calor no rosto, o cheiro da madeira a arder a colar-se ao meu cabelo acabado de lavar. – A Poppy... deixou-me um caderno. Em que escreveu. – Mexi-me no meu lugar. – E que eu nunca consegui abrir.

– E o que sentes agora em relação a isso? – insistiu suavemente a Mia.

Deixei descair os ombros, num gesto de derrota.

– Que estou cansada de lutar contra isso.

– Apetece-te lê-lo agora ou em breve? Em privado, claro – disse a Mia. Uma pintura a óleo de outra parte do Lake District chamou-me a atenção. Estava pendurada na parede e, imediatamente, fez-me pensar

nos poetas do lago. Eles foram ali para fugir, para escapar do mundo que estava a mudar demais e a roubar-lhes a felicidade.

Foram para ali passar o resto dos seus dias em paz.

Talvez eu também estivesse destinada a estar ali. Longe de tudo o que conhecia, num lugar de calma e paz. Talvez fosse aquele o sítio em que eu teria novamente notícias da Poppy. Ali, numa viagem para me ajudar a seguir em frente após a sua morte e manter alguma espécie de vida. Para a recordar carinhosamente, como ela merecia, e não ser uma lembrança que eu temesse.

– Acho que sim – disse eu, e senti a respiração ficar um pouco mais fácil.

Embora eu estivesse a mentir se dissesse que não sentia um buraco no estômago ao pensar em finalmente abrir a primeira página. O que teria a Poppy querido dizer-me? Não conseguia imaginar.

– Acho que é uma boa ideia, Savannah – disse a Mia.

Mexi as pernas doridas e tive de abafar um gemido. Não havia nenhuma parte de mim que não estivesse dorida. Realmente não compreendi o propósito daquela parte da viagem; senti que a única coisa que fizemos foi empurrar o corpo até ao ponto de rutura. Estávamos todos moídos e esgotados de forças. Não tinha sido a experiência edificante que eu esperava que fosse.

Levantei-me da cadeira e a Mia sorriu para mim.

– Portaste-te muito bem hoje, Savannah. Estou orgulhosa de ti.

– Obrigada – disse eu, e saí da sala cautelosamente.

Subi as escadas para o dormitório e, a cada passo, sentia os nervos à flor da pele. Eu estava a subir em direção ao caderno.

Ia finalmente fazê-lo.

Por sorte, a Lili e a Jade não estavam no quarto quando entrei. Durante alguns minutos, deixei-me ficar simplesmente sentada na beira da cama a olhar para a minha mala, que estava na outra ponta do quarto. Não tinha nada, a não ser o caderno no bolso com fecho de correr.

De repente, uma flecha de luz atravessou a janela, lançando no chão de madeira um arco-íris refratado, que terminava precisamente onde estava a minha mala.

Senti um arrepio pela espinha acima. Nunca fui uma pessoa religiosa, como a Poppy, e quando ela nos deixou, qualquer crença num poder maior foi como que sugada da minha alma. Para mim, éramos todos feitos de pó das estrelas. E quando morríamos, ocupávamos o nosso lugar entre as estrelas onde fomos criados. Mas fiquei siderada a olhar para aquele feixe celestial de luz colorida. Fiquei com os pelos dos braços e do pescoço em pé, como se houvesse eletricidade estática à minha volta.

De olhos fechados, inclinei a cabeça para o teto, na direção das estrelas, e perguntei-me se aquilo seria realmente a Poppy a dizer-me que estava ali, enquanto eu embarcava na leitura das suas palavras finais para mim.

Levantei-me e olhei pela janela. O sol irrompera através do céu cinzento nublado, o seu reflexo ofuscante cintilando na água como um halo dourado. A chuva tinha parado e os picos distantes, cobertos de neve, estavam iluminados como que debaixo de um holofote, projetando neles um brilho branco.

Foi... surreal.

Sentindo no rosto o calor dos raios solares do inverno, atravessei a sala e retirei o caderno da mala. As minhas mãos tremeram um pouco quando os meus dedos encontraram o papel, mas isso não me dissuadiu do que eu tinha de fazer.

Desci as escadas e tirei o casaco e um cobertor do gancho. Como sempre, fui até à saliência rochosa com vista para o lago. E antes de me sentar, parei a olhar para a paisagem diante de mim.

Não sabia se alguma vez tinha visto uma coisa mais majestosa do que aquela vista. A água de Windermere era calmante, o vento estava frio, mas o sol no meu rosto trouxe um brilho de algo que esteve perdido para mim durante tanto tempo: esperança.

Sentei-me, embrulhei-me no casaco e cruzei as pernas. O caderno da Poppy estava no meu colo. Perdi a noção do tempo apenas a admirar a sua letra manuscrita. *Para a Savannah.*

Os meus olhos brilharam quando as lágrimas se acumularam neles. Enxuguei-os rapidamente, não querendo que nada danificasse ou maculasse o último pedaço da minha irmã.

Fechei os olhos e inspirei profundamente. Depois, numa expiração medida, abri-os e finalmente virei a página. E comecei a ler:

Minha querida Savannah,

Se estás a ler isto, já parti. Regressei a casa. E já não estou a sofrer.

Sou livre.

Uma das maiores alegrias da minha vida foi ser tua irmã mais velha. Adoro-te, de todas as formas possíveis e imaginárias. A minha irmã calada e reservada, com o coração mais gentil e o sorriso mais caloroso. A minha irmã que nunca está mais feliz do que quando se aninha diante da lareira com um livro, a música a tocar baixinho em fundo. Aquela que ama a sua família, especialmente as irmãs, com uma ferocidade de tirar o fôlego.

Mas Savannah, tu és a irmã que eu sei que mais se debate com a minha morte. Eu conheço-te, assim como tu me conheces. Não tínhamos segredos uma para a outra. Nós éramos as melhores amigas. E sei que a minha partida te vai afetar mais. Sei que não vais falar disso. Sei que vais guardar a tua dor presa bem dentro do teu grande coração e isso parte o MEU. Enfrentei o meu destino. Abraço a morte e o que vem a seguir com os olhos bem abertos e alegria na alma.

Mas custa-me pensar em deixar-te e à Ida. Mal consigo pensar na vida que deveria ter-se estendido diante de nós. As memórias que teríamos criado. Nós as três contra o mundo.

As irmãs Litchfield... o mais chegadas que é possível.

Mas também sei que a vida continua à tua espera. E eu quero que a recebas de braços abertos. Quero, de todo o coração, que assumas o futuro com tanto amor como me mostraste. Põe a Ida debaixo da tua asa e VIVE. Vive por todos nós.

És tão inteligente, Savannah. Durante toda a minha vida me deixei fascinar com a tua inteligência. Com a maneira como vês o mundo, com uma intensidade silenciosa. Como nada te escapa e estudas o mundo inteiro à tua volta. Mas o melhor de tudo é o quanto amas aqueles que deixas entrar no teu coração.

Adoro a minha família. Amo o meu Rune com todo o meu ser. No entanto, a maneira como me amas e à Ida... Meu Deus, é uma das melhores lembranças que levarei comigo. E sei que, mesmo no céu, sentirei esse amor transcendendo através das nuvens. Nem a morte poderia tirar-te de mim. Quero que saibas isso.

Eu sei que, por causa da minha doença, duvidaste do mundo. Sei que tens dificuldade em aceitar o meu destino e que sentes que é injusto. Mas eu nunca me senti assim. Muitas coisas más acontecem às pessoas boas. Mas acredito que um lugar melhor nos espera. Que o meu falecimento, para nós como irmãs, será apenas uma coisa temporária. Alguns minutos na imensidão que é a eternidade. E que, mal dermos por isso, te terei de volta nos meus braços e no meu coração, onde sempre estiveste.

Mas, para ti, isso é daqui a muito tempo. E o que mais me atormenta, enquanto te escrevo isto, é que temo que deixes de viver. Podes ser sossegada e observar em silêncio, mas isso não significa que não SINTAS, numa escala sem precedentes.

E Savannah, eu não suporto pensar que a minha morte te magoou. Receio que deixes que isso te limite, e não é isso que eu quero para ti. Eu quero que tu vivas. Eu quero que prospere e quero que mude o mundo, sendo tão inteligente e amorosa como és. Por isso, decidi escrever este diário para ti. Estarei sempre a olhar por ti. Eu nunca poderia ficar longe de ti por muito tempo. E embora não esteja aí diante de ti, quero ajudar-te a seguir em frente.

Preciso que saibas que eu estou bem, Savannah. Estou em paz. Já não sinto dor. E estou feliz. Já tenho saudades tuas. Só a ideia de não caminhar ao teu lado na vida é quanto basta para quebrar a minha determinação austera. Mas a minha fé faz-me acreditar que ESTAREI ao teu lado. Em espírito.

Preciso que acredites que nunca estás sozinha.

Vou encher este diário de mensagens para ti. E vou convencer-te de como és especial. Vou ajudar-te a lidar com a minha perda. E vou amar-te e apoiar-te através das páginas, quando não puder estar aí em vida. Porque, minha linda irmã, eu amo-te mais do que a própria vida e nunca me irei verdadeiramente embora. Ter-me-ás sempre. Só preciso de te convencer desse facto.

Eu adoro-te, Savannah. Nunca te esqueças disso, porque o amor te levará sempre adiante.

A tua irmã dedicada,

Poppy

Um grito arrepiante foi arrancado da minha garganta, tão alto que os pássaros das árvores em redor se espalharam pelo céu. Passei a mão pela página enquanto as lágrimas caíam, em rios fundos, dos meus olhos. Os meus ombros tremiam com a intensidade do meu choro e eu estava indefesa para impedir que essa tristeza angustiante se derramasse. Poppy... a minha Poppy... Abanei a cabeça e inclinei-a para o céu. Eu queria acreditar que ela me observava. Queria acreditar que estava lá para mim, caminhando ao meu lado como ela tinha dito, mas...

O som de um galho a estalar atrás de mim fez-me virar bruscamente a cabeça. O Cael saiu da linha de árvores e estendeu a mão.

– Sav – tentou dizer.

A sua carranca permanente tinha desaparecido e a preocupação estampou-se no seu belo rosto, mas a tristeza visceral, as lágrimas e a caverna de luto que aquela carta escavara dentro de mim transformaram-se em raiva, tão ágil e célere que me deixou descontrolada.

Fechei o diário e pus-me em pé de um salto, ignorando os gritos dos meus músculos, e disparei:

– O que estás aqui a fazer? – O Cael ergueu as mãos, tentando mostrar que não queria fazer mal. Mas não importava. Sentia-me elétrica de fúria. A dor da perda era tão potente que era como combustível para um fogo que já rugia. – Porque é que vieste de mansinho para o pé de mim? Estavas a observar-me? – A minha voz subia cada vez mais alto e eu não conseguia controlá-la.

O Cael não se mexeu, como se eu fosse um cavalo assustadiço.

– Estava a dar um passeio e ouvi-te. Parecias transtornada. Queria ter a certeza de que estavas bem.

Nunca lhe tinha ouvido a voz tão suave, tranquilizadora, mas fez ricochete em mim como no Teflon.

– EU NÃO PRECISO DE TI! – gritei, e a minha forte explosão ecoou pelo lago tranquilo. – Não preciso deste sítio para nada! – disse eu, gesticulando para o albergue e os picos circundantes. E depois, como se alguém tivesse puxado uma ficha da tomada, senti a raiva furiosa dentro de mim começar a esgotar-se, levando toda a minha luta e força em meros segundos. Os meus ombros descaíram e enrolaram-se para dentro: totalmente esgotados.

– Só preciso dela – sussurrei.

Cobri o rosto com as mãos e quebrei. Quebrei tanto que tive medo de cair no chão, mas antes que isso pudesse acontecer, fui abraçada por braços fortes que me ajudaram a firmar-me.

E chorei. Chorei e chorei contra o peito do Cael. Enfiei os braços à volta da sua cintura e deixei-me ficar agarrada a ele. Era tão bom abraçar alguém sem fingir, nem por mais um minuto, que estava bem. Era bom não me levantar todos os dias e colocar uma máscara que estava farta de usar.

– Ela morreu – disse eu, e toda a minha tristeza aprisionada disparou para a porta da liberdade. – A minha irmã. A minha irmã mais velha e perfeita morreu. Morreu e deixou-me aqui para existir neste mundo sem ela, e eu não consigo... Meu Deus, Cael, eu não sei viver sem ela aqui, ponto. Como é que me sinto inteira outra vez? – Enterrei a cabeça no peito do Cael, cerrando os punhos no seu casaco grosso. Ele limitou-se a agarrar-me com mais força. Segurou-me contra si e manteve-me abrigada no seu abraço.

Chorei novamente até me sentir desidratada e estafada. Tinha o peito dorido, do esforço, mas continuei a agarrar com força o Cael, tanta que não sabia se alguma vez me conseguiria libertar.

O Cael tirou uma mão das minhas costas e começou a passá-la pelo meu cabelo, suave e calmante. Eu tinha a respiração irregular no rescaldo e o meu corpo vacilava ao tentar recompor-se depois de se ter destroçado completamente.

Inspirei o aroma fresco do Cael. Deixei que o cheiro a neve e sal infundisse o meu corpo. Concentrei-me em tentar continuar a respirar, mas senti o coração disparar, arritmico, o pânico familiar que me atacava diariamente subindo à superfície.

A mão do Cael parou no meu cabelo e ele inclinou-me lentamente para trás. Leu o meu rosto com os seus olhos cuidadosos e brilhantes e instruiu:

– Inspira oito segundos, Pêssego.

Olhei-o nos olhos e fiz exatamente o que ele disse. Não tinha mais luta dentro de mim para resistir. Ele respirou comigo e eu espelhei as suas ações.

– Agora sustém quatro – disse ele, e a mão que estava no meu cabelo desceu para me esfregar as costas. Fiquei com pele de galinha, mas o ritmo da sua mão tornou-se o meu guia. Tal como a Mia e o Leo nos ensinaram, escutei o eco do bater do meu coração e ouvi-o começar a abrandar. – Expira, Sav – disse o Cael, e eu obedeci. Repeti o exercício mais algumas vezes. O meu pânico diminuiu lentamente, tal como os soluços, até só restar eu. Eu estava entorpecida, mas havia um novo sentimento dentro da minha alma. Um vislumbre de leveza que não me lembrava de sentir desde antes do diagnóstico da Poppy.

As mãos do Cael subiram pelos meus braços, passando por cima do meu casaco até me segurarem o rosto. Desceram-me pela espinha brasas crepitantes e eu olhei para o rosto dele. Perscrutava os meus olhos, cada parte do meu rosto. Depois, colou a testa à minha. Nenhuma palavra foi dita, mas aquele contacto de pele com pele trouxe beijos de calor ao meu corpo frio.

– Sentes-te melhor? – perguntou ele, depois de vários segundos suspensos.

– Acho que sim – disse eu. E depois impedi-me de terminar essa frase. Eu estava tão *farta* de apaziguamentos. Portanto, abanei a cabeça, revelando a minha verdade, sentindo o seu cabelo suave beijar-me a face. – Não – confessei por fim. – Não sinto. Não estou bem. Nada mesmo.

O Cael não disse nada imediatamente. Não me consolou, nem me ofereceu nada sobre si em troca. Deixou-me pouco à vontade. A sentir-me exposta e abatida, fiz um movimento para me afastar, envergonhada por estar tão vulnerável, quando ele disse com voz áspera:

– Eu também não estou bem.

O meu olhar disparou para cima e foi de encontro ao dele. Os seus olhos brilharam e eu tive a sensação de que era a primeira vez que admitia aquilo a alguém... talvez até a si próprio. Eu ainda tinha os

braços à volta do seu casaco, por isso libertei-os e levantei a mão para também lha colocar na face.

Senti na palma da mão a pele áspera da barba por fazer. Engoli em seco. Eu nunca tinha tocado num rapaz tão de perto. O Cael susteve a respiração, mas quando o meu dedo passou furtivamente pelas suas maçãs do rosto e pelo pescoço tatuado, ele expirou e fechou os olhos. Aquele momento era uma trégua. Respirávamos o mesmo ar e partilhávamos a nossa dor reprimida. Os nossos segredos, na segurança do casulo que criámos.

Eu podia ter ficado assim para sempre.

Então, uma gota de chuva atingiu a minha bochecha, seguida por outra em rápida sucessão. Lembrando-me do meu diário, afastei-me do Cael e agarrei-o rapidamente. Levei-o ao peito, no preciso instante em que os céus se abriram e a chuva começou a cair em bátegas.

– Por aqui – disse o Cael e agarrou-me pelo braço.

Não corremos em direção à casa; em vez disso, corremos para a costa e para um molhe coberto que ficava ao lado dos barcos a remos.

Corri atrás do Cael e a onda de energia necessária para sair da chuva torrencial fez sair-me dos lábios uma explosão inebriante e inesperada de riso. A mão do Cael apertou-me com mais força, enquanto o som estranho navegava no ar e como que explodiu como um fogo de artifício por cima de nós.

Quando chegámos ao molhe e nos baixámos sob o telhado inclinado, debrucei-me e fiz um esforço para recobrar o fôlego. Sopros brancos de fumo criaram uma nuvem em meu redor, até que os meus pulmões se acalmaram e o meu pulso diminuiu para uma batida constante.

A chuva respingou no telhado de madeira, mas, no interior, o molhe estava seco. Levantei a cabeça e vi o lago estender-se diante de nós, o telhado inclinado fazendo uma moldura da famosa extensão de água.

– Que lindo – sussurrei, tomada pela visão.

Havia patos a nadar alegremente na torrente e as gotas de chuva faziam com que milhares de ondinhas passassem na superfície do lago.

Retirei a minha atenção da paisagem e dirigi-a ao Cael, e senti um aperto no coração. A culpa depressa me invadiu.

– Cael – disse eu, ouvindo a vergonha na minha própria voz. Ele também olhava para a vista. Mas tinha as costas direitas e o maxilar apertado. Tive medo que se fechasse outra vez. – Peço imensa desculpa.

Achei que não me ia responder, nem sequer acusar ter ouvido o meu pedido de desculpas, agora de volta ao distante Cael que fora desde que chegámos. Eu não o culpava por isso. Nunca na vida tinha falado tão mal com ninguém. Ele estava apenas a tentar ajudar-me e eu fiz aquela cena mesmo na cara dele.

Deixei o meu pedido de desculpas flutuar no ar estagnado à nossa volta, permitindo que o som da chuva preenchesse o silêncio desconfortável e constrangedor. Sem tirar os olhos do lago, ele disse:

– O teu riso é lindo.

O meu coração apertado saltou de volta no peito e começou a martelar quando ele proferiu aquelas cinco palavras inesperadas. O Cael deslocou-se até à beira do molhe e sentou-se, deixando a brisa fria beijar-lhe o rosto. Não me passou despercebido que ele deixara um lugar para mim ao seu lado, um convite tácito para eu me sentar também.

E foi isso mesmo que fiz, agarrando o meu diário.

– Cael...

Ia pedir novamente desculpa, quando ele disse:

– Lamento o que aconteceu à tua irmã.

Bastou a referência à Poppy para ficar de garganta embargada.

– Obrigada – disse, rouca.

Perguntei-me se ele iria pressionar mais. Mas não o fez. Passei o dedo pela caligrafia da Poppy na capa do caderno. Conseguia imaginá-la no assento da janela, no seu quarto, a escrever aquilo. Mesmo com tudo com que teve de lutar, continuou a pensar em mim.

– Chamava-se Poppy – dei por mim a partilhar.

Julguei que ia ficar chocada por ter dito o nome dela em voz alta. Mas descobri que, a respeito do Cael, uma parte profunda de mim sabia que ele era seguro. Suspirou e cruzou as pernas, apoiando os cotovelos nos joelhos. Estava a dar-me o espaço e o tempo de que eu precisava para falar.

Pestanejei para afastar as lágrimas.

– Teve cancro. – Apertei o diário ao peito. Tentei enganar-me dizendo que era como receber um abraço de apoio da minha irmã. – Ela morreu há quase quatro anos, depois de uma longa e cansativa luta contra a doença.

O Cael baixou a cabeça, quase como se estivesse em oração. Eu aclarei o nó da garganta e disse:

– Ela era minha rocha. A âncora do meu navio e ando à deriva desde então.

Passaram-se minutos em completa quietude. Olhei para a neve nos picos distantes. Eu nunca tinha visto nevar. Esperava ver ali, mas o inverno inglês só nos agraciou com céus cinzentos e chuva sem fim. O caderno escorregou do meu colo enquanto eu ajeitava as pernas e foi cair à frente do Cael. Percebi que a chuva tinha começado a diminuir, e então uma grande nuvem dissipou-se e o sol voltou para lançar os seus raios dourados à nossa volta.

Um halo familiar sobre o lago.

Estendi o braço para ir buscar o caderno, mas o Cael já estava a entregar-mo. Uma fenda de luz escapara por entre os painéis de madeira nas paredes do molhe e destacava a mão estendida do Cael... como se também a Poppy lhe estendesse a mão.

Pousei a minha mão na dele e voltei a baixá-la até ao seu joelho. O Cael franziu a testa, confuso.

– A Poppy deixou-me este caderno – expliquei. – Hoje foi a primeira vez em quase quatro anos que consegui abri-lo. – Os olhos dele arregalaram-se. – Só li a primeira página. Era o que eu tinha acabado de ler quando me encontrei.

O seu rosto foi engolido pela compaixão.

– Toma – disse ele, com voz rouca, e estendeu outra vez o caderno para mim, como se fosse feito de vidro e ele tivesse medo de que se quebrasse nas suas mãos.

Aquele raio de sol pousou novamente na sua mão. E eu senti-o. Senti a Poppy guiar-me para partilhar aquilo... para partilhar a minha dor.

– Lê-o – disse eu, e o rosto do Cael empalideceu. Começou a abanar a cabeça. Coloquei de novo a minha mão na dele e virei a capa revelando a primeira entrada da Poppy para mim. – Por favor – disse eu,

acrescentando de seguida: – Seria bom que alguém aqui a conhecesse também.

Vi um medo gritante na expressão do Cael perante o meu pedido. Mas seja o que for que ele tenha visto no meu fê-lo baixar os olhos e começar a ler. Fechei os olhos e inclinei a cabeça para trás, deixando a brisa fresca correr pelo meu cabelo húmido da chuva. Deixei um sorrisinho enfeitar os meus lábios quando senti um cheiro familiar a neve e sal... e depois aquilo que parecia ser baunilha.

Só conhecia uma pessoa que cheirava assim.

A sensação de uma mão a cobrir a minha arrancou-me da minha paz. Abri os olhos e olhei para aquelas mãos, que o Cael virou. Enfiou os dedos nos meus, agarrando com força. Tinha pousado o caderno no chão.

Eu sentia um nervoso miudinho no peito. Ainda mais quando vi a sua mão livre a cobrir, protetora, a linda letra manuscrita da Poppy.

– Ele matou-se – disse o Cael, tão baixinho que os meus ouvidos mal conseguiram detetar as palavras. Mas ouvi-as. Ouvi-as e, embora fosse uma confissão quase silenciosa, teve a eficácia de um grito numa grande gruta, ecoando pelas paredes e cortando-me o coração.

Apertou ainda com mais força a mão na minha.

– Cael...

– O meu irmão mais velho. O Cillian. Ele... Eu... – Abanou a cabeça, interrompendo a voz trémula, incapaz de continuar. – Desculpa, Sav. Não posso... Não consigo falar...

Aquela notícia fez-me doer a alma. O meu coração gritava de dor. Não podia imaginar aquilo. Não era capaz de imaginar perder a Poppy ou a Ida de uma maneira tão trágica. Não seria capaz de suportar isso. Como é que uma pessoa ultrapassava uma perda dessas?

Cael... Não era de admirar que estivesse tão perdido e sozinho.

Levei as nossas mãos unidas aos lábios e beijei-lhe as costas da mão. Beijei a tatuagem opaca de coração partido que estava gravada na sua pele com tinta preta grossa. Ele não conseguia terminar o que estava a tentar dizer. Não conseguia dizer aquelas palavras em voz alta.

– Sinto muito – disse eu, por minha vez, sem que as minhas palavras captassem a compaixão que sentia por ele.

Expulsando para o ar livre qualquer timidez, aproximei-me do Cael e pousei a cabeça no seu ombro largo. Ele tinha o corpo rígido e tenso. Mas depois expirou demorada e laboriosamente e pousou a cabeça na minha.

Sentámo-nos, unidos, a contemplar em silêncio o brilho do sol no lago. Eu nunca tinha tido uma coisa assim. Alguém com quem partilhar a minha dor e que fosse tão aberto comigo sobre a sua. Mas senti um buraco no estômago ao pensar no que ele me disse. O irmão mais velho tinha tirado a própria vida. Era por isso que o Cael estava tão zangado. Tão desfeito por dentro. Era por isso que...

– Ela amava-te – disse o Cael, interrompendo a correria da minha mente. Senti o seu sopro mentolado na minha face. Ele mexeu a cabeça ao de leve e os seus lábios roçaram o meu cabelo. Fechei os olhos e deixei que a sensação do seu conforto íntimo me abraçasse. – Ela amava-te tanto.

– Pois amava – sussurrei, sem querer furar a frágil bolha de paz que tínhamos criado. Abri os olhos e vi uma ave de rapina em círculos por cima de uma das muitas ilhotas do lago. – Não tenho palavras para as saudades que sinto dela.

– Eu também tenho saudades dele – disse, por fim, o Cael, e eu senti o quanto aquilo representava pela maneira como ele se derreteu ao meu lado, como se procurasse alguma forma de contacto humano, uma rede de segurança para a grande queda admitir que aquilo causara.

Perguntei-me há quanto tempo andaria sozinho, evitando qualquer apoio do mundo. Aproximei-me dele novamente, tão perto que nem um centímetro de ar havia entre nós.

Duas peças partidas à procura de uma forma de se sentirem inteiras.

– Deixou-te um caderno inteiro – disse o Cael. Fez uma pausa e, em seguida, confidenciou baixinho: – Eu recebi sete palavras escritas à pressa num bilhete velho e descartado para um jogo de hóquei.

A minha alma estilhaçou-se por ele. A morte da Poppy tinha-me destruído. Mas eu tinha respostas para o porquê de ela ter morrido. Não tinha dúvidas de que ela me adorava; fez questão de mo dizer muitas vezes. Eu tinha tido oportunidade de me despedir, ainda que esse adeus tivesse sido a minha desgraça.

O Cael... fora-lhe roubado esse momento vital.

Ouvi a sua respiração começar a prender-se e tive a certeza de sentir uma lágrima cair da sua face e bater-me na cara de lado. Mas eu não queria perturbar aquele momento. Eu sabia que era comovente para ele.

Também era para mim.

Sentados em silêncio, vimos o sol de inverno começar a pôr-se e a escuridão encobrir o cume dos picos, acossando as colinas e espalhando-se sobre o lago à nossa frente. As estrelas tentavam espreitar por entre o céu nublado e a lua escondeu o seu brilho atrás de nuvens espessas e implacáveis.

Eu tremia, o sol poente levava qualquer calor que aquele dia de inverno tivesse e mergulhava a noite num frio cortante. O Cael deve ter notado, porque virou a cabeça, roçando com os lábios a minha orelha, e disse:

– É melhor irmos para dentro.

Acenei com a cabeça, mas não me mexi por alguns momentos, não querendo arrancar-me àquela agradável dormência em que tínhamos entrado. Mas quando uma rajada de vento ártico encontrou o seu caminho até ao molhe, não tivemos escolha.

Endireitei-me, larguei com relutância a mão do Cael e pus-me em pé. Ele seguiu o meu exemplo, pegou no caderno da Poppy e devolveu-mo. Encontrei então os seus olhos. Pela primeira vez desde que nos sentámos a desabafar as nossas mágoas.

Havia algo de novo no seu olhar. Como se me visse de maneira diferente. Eu certamente o via a ele. Foi-se o rapaz inacessível dos arredores de Boston. E, em seu lugar, estava Cael Woods, um rapaz desfeito que estava de luto pela trágica morte do irmão mais velho. Apesar de sermos tão diferentes na superfície, por baixo de tudo éramos almas afins.

O Cael fez deslizar novamente a mão na minha e o frio que nos cercara foi combatido por uma espada de calor impressionante. Liderou o caminho desde o molhe até ao albergue. O chão gelado crepitava sob os nossos pés. Olhei para o céu e para as nuvens escuras que impediam a visão das estrelas.

Errava eu só como uma nuvem... O poema de Wordsworth veio-me à cabeça. Quando entrámos no albergue e nos separámos, com relutância, ao cimo das escadas para irmos para os respetivos quartos, percebi que

talvez eu não estivesse tão só como julgava.

E ele também não.

Não pude deixar de recordar como ele ficou quando gritei com ele. A minha fúria... não o tinha ofendido, tinha-o chamado. Naquele momento, eu tinha sido um reflexo vivo de como ele se sentia por dentro. Ardi de tristeza, como ele.

Ele tinha-me visto e, ao fundo do meu desespero, eu também o tinha compreendido. E acalmou-se. Fez-me confidências.

Cael... Ele sofria tanto...

Depois de tomar banho, subi para a cama. A curiosidade venceu; peguei no meu telemóvel e procurei o nome do Cael na Internet. Apareceram centenas e mais centenas de páginas. A primeira fotografia era de há alguns anos e eu não podia acreditar no que estava a ver. Usava o equipamento de hóquei. Mas não tinha tatuagens, nem *piercings*... nem tristeza. O seu sorriso aberto e contagiante era de tirar o fôlego. Mas o que fez o meu peito apertar a ponto de estourar foi a pessoa que estava ao seu lado, com o braço orgulhosamente à volta dele.

Cillian.

Passei o dedo sobre o rosto despreocupado, de menino, do Cael. Depois fiquei petrificada ao ler a legenda. *O Futuro do Hóquei. A estrela principal de Harvard, Cillian Woods, com o irmão mais novo, Cael.*

Harvard.

A história seguinte fez o meu coração afundar-se ainda mais. *Cael Woods a caminho de Harvard! Os Irmãos Woods no Crimson!*

O artigo explicava que o Cillian tinha ido para Harvard. O Cael também tinha assinado para ir. O Cael era um ano mais velho do que eu. *Harvard*... foi por isso que ele me trouxe de volta do lago naquele dia. Eu tinha-lhe dito que também ia para Harvard..., mas era evidente que ele *não* foi. Não era preciso ser um génio para perceber porquê.

A sensação de algo maior do que eu bailava por cima da minha cabeça. Eu não era pessoa de acreditar no sobrenatural, mas não podia negar a serendipidade do nosso encontro. Havia algo em Cael Woods que chamou por mim logo quando o vi. Atraíu-me para ele como a chama atrai a traça.

Fez-me querer protegê-lo e ajudá-lo a carregar o peso do seu coração partido.

Foi com uma dor na alma que desliguei o telemóvel, já a sentir-me culpada de ter invadido a sua vida daquela maneira. Não devia ter feito aquilo. Mas não conseguia tirar da cabeça a imagem do seu sorriso despreocupado. Não conseguia parar de pensar no Cillian, com o braço à volta do Cael, a sorrir para o mais novo como o irmão mais orgulhoso do mundo. Não pude deixar de me perguntar o que lhe teria acontecido para achar que a morte era a única saída para o que o atormentava. Perguntei-me se o Cael saberia.

Levei o telefone ao peito, como se pudesse abraçar o jovem Cael através do ecrã. Abraçá-lo antes que o seu mundo fosse destruído. A minha cabeça era um tornado de pensamentos, que se enredavam ao acaso. Veio-me à memória o rosto da Poppy. Naquele momento, eu teria falado com ela. Ela teria sabido o que dizer.

Senti então as mãos irrequietas, com a necessidade de lhe contarem, de alguma forma. Pousei o telefone na mesa ao meu lado e peguei no diário que a Mia e o Leo nos tinham dado. Abri a página e fiz isso mesmo: deixei-me confiar na minha irmã mais velha, como sempre fiz...

Minha querida Poppy, comecei e, por uma vez na vida, não lutei contra a dor que há tanto tempo vinha reprimindo. Li hoje a tua primeira entrada. Pestanejei para afastar as lágrimas, mas aguentei firme. Tenho tantas saudades tuas. Ter notícias tuas depois de tanto tempo foi como visitar o próprio céu, apenas para ser informada de que já estava lá há muito e era hora de voltar para casa. Pensei no meu dia. E depois pensei em mim e no Cael no molhe. Não ando bem, Pops. Mandaram-me numa viagem para me ajudar a lidar com o facto de te ter perdido. Não achei que fosse ajudar. Levei a base da caneta aos lábios enquanto pensava no que dizer a seguir, depois recomecei a escrever. Mas conheci um rapaz. Chama-se Cael...

E escrevi para a minha irmã. Escrevi-lhe como se não tivesse passado tempo nenhum. Como se ela estivesse simplesmente noutro lugar do mundo, remoto e onde não podia atender as minhas chamadas. Viva e de boa saúde, à espera de que as minhas cartas chegassem até ela.

E quando pousei a caneta, a minha respiração tornou-se mais fácil. O peso que eu carregava constantemente no esterno era ligeiramente mais leve. Pousei a cabeça na almofada, fechei os olhos e tentei dormir. Mas depois o rosto do Cael entrou na minha cabeça e o meu coração ficou

novamente apertado quando passei em revista a sua confissão. Cillian. O seu irmão chamava-se Cillian Woods. Eu queria ter a certeza de que nunca me esqueceria. Ele merecia ser lembrado.

Pensei na voz quebrada do Cael, no beijo no meu cabelo, na sua face pousada na minha cabeça. E passei os dedos pela mão que ele segurara com tanta força enquanto desabafava o seu trauma mais profundo.

Ainda sentia o calor.

Segredos Partilhados e Céus de Despedida

Cael

STEPHAN: A tua mãe disse-me que estás fora.
É só para saber como estás. Sinto a tua falta, meu.

FIQUEI A OLHAR PARA A MENSAGEM DO STEPHAN; LI-A SEM RESPONDER E PUS O telemóvel no silêncio. As suas mensagens não respondidas estavam agora na casa das centenas e eu tinha ignorado cada uma delas. A verdade é que eu não conseguia enfrentar o meu melhor amigo. Não conseguia enfrentar os meus pais. Enviavam-me mensagens constantemente desde que eu ali estava e eu ignorei-as todas. As chamadas também. Deixei para a Mia e o Leo que os informassem de que eu estava em segurança.

Não conseguia enfrentar ninguém de casa. Especialmente agora. Estava rasgado ao meio desde ontem, com a Savannah. Não conseguia parar de pensar em tê-la encontrado na saliência rochosa, desfeita e aos soluços. A maneira como ela tremia de fúria, a mesma emoção destrutiva que vivia nas minhas veias. Como gritara comigo, o rosto bonito contorcido de dor. E não conseguia parar de pensar no molhe. A sua vulnerabilidade, a sua honestidade. Em como me foi mais fácil respirar depois de lhe ter dado a mão. Porquê? Qual era o significado disso? Estar ao lado dela, dar-lhe a mão... deu-me um momento de paz que nunca tive. E aprofundou-se ainda mais com o que ela me disse.

Com o que *eu* lhe disse.

Cillian.

Nunca tive essa intenção. Simplesmente... *arrancou-se* de mim, como se a confissão estivesse a esgaravatar para sair e ser ouvida por *alguém*.

Falei do Cill a alguém. Falei do Cill à Savannah... Não sabia como devia sentir-me com isso. Sentia-me diferente nessa manhã. Estava completamente abalado. A escuridão ainda estava lá, bem escondida nas minhas veias, mas... *merda*, eu falei do Cillian a alguém. E a amargura que existia dentro de mim não era tão forte. Não me consumia todos os minutos que estava acordado. Até me tinha esquecido de como era.

O que estava a acontecer?

– Estás pronto? – perguntou o Travis, enquanto eu arrumava a última roupa na mala, perdido em pensamentos.

Nesse dia, era a nossa última subida. No dia seguinte, partíamos para a Noruega. Sem saber como eu estava abalado e confuso, o Travis esperou por mim à porta, enquanto eu pegava no casaco e nas botas de caminhada. Ele estava sempre a tentar estender a mão, em busca de amizade. Eu dava-lhe sempre para trás.

Agora estava a dar chutos no chão com a biqueira.

– Desculpa se eu exagero – disse ele do nada. Parei com o choque. Fui ao encontro dos seus olhos. – Não tenho muitos amigos, especialmente desde que... – Sacudiu a cabeça e começou a dirigir-se às escadas, deixando por acabar o que estava a dizer.

Não sabia se era a influência da Savannah ou se por não me estar a sentir eu próprio, mas chamei:

– Trav. – O Travis virou-se, o rosto sardento corado de vergonha. – Na boa.

Uma longa expiração saiu do seu peito e fez-me sentir um perfeito parvalhão. A verdade é que eu não tinha chegado a conhecer ninguém naquela viagem. Ignorei toda a gente e estive-me a marimbar para quem era apanhado no meu fogo cruzado.

Exceto a Savannah. Mas ela era diferente. Tinha *sido* diferente desde que pus os olhos nela pela primeira vez. E agora mais ainda.

– A sério? – disse ele, com a expressão a iluminar-se.

Acenei com a cabeça e apontei para a porta da rua e para o autocarro que nos esperava. Vi que a maior parte do grupo já estava no autocarro. Os meus nervos fizeram-me tremer as mãos quando pensei em ver a Savannah de novo. Como é que enfrentava alguém a quem tinha acabado de falar do meu irmão?

Estava toda a gente a conversar entre si quando eu e o Travis entrámos e eu sentei-me algumas filas à frente de onde todos os outros se sentaram, sem olhar para ninguém nos olhos. Desta vez, não estava a tentar ignorá-los; só precisava de espaço.

Olhei pela janela para o lago. A chuva tinha finalmente parado. O céu desanuviou e o sol ia alto. Ainda estava um frio de rachar..., mas não estava tão escuro e deprimente como na véspera.

Talvez, depois de falar com a Savannah, dentro de mim também não estivesse tão escuro e deprimente. Até uma mera lasca de uma certa luz interna já era um progresso.

Ao passar a ponta do dedo pelo lábio inferior, ainda sentia a maciez do cabelo da Savannah nos lábios quando lhe beijei a cabeça e inalei o seu cheiro a cerejas e amêndoa. Ainda sentia a palma macia da sua mão na minha, calejada, maltratada e áspera de anos e anos de hóquei. Tinha precisado de lhe dar a mão. Não sabia se por ela ou por mim, mas naquele momento de vulnerabilidade, tive de lhe dar a mão.

Não tinha querido sair daquele molhe. Os nossos problemas pareciam muito mais pequenos quando estávamos aninhados naquela cabana de madeira. A nossa tristeza foi libertada, apenas por um par de horas, e nós simplesmente... *éramos*.

O lugar ao meu lado afundou-se. Virei a cabeça e senti uma reviravolta no estômago. Savannah. Olhou para mim sob as pestanas claras e compridas, os olhos azuis pedindo permissão de que aquilo estivesse bem. De que ela estar ao meu lado estivesse bem.

A sua presença deixou-me imediatamente à vontade. Nada de cumprimentos. E, estranhamente, não havia arrependimento por lhe ter contado do Cillian.

– Olá, Pêssego – disse eu, com a voz tensa.

Senti-me aberto e despido ao seu olhar. Vulnerável. Não estava acostumado a ser vulnerável com ninguém. Nunca na vida fui. Mas tinha sido com aquela rapariga bonita da Georgia, da maneira mais crua que

era possível.

A Savannah enfiou a mão na mochila e tirou de lá um saco para sanduíches cheio de bolos e fruta.

– Não desceste para o pequeno-almoço. – Encolheu os ombros, aquele rubor dela que eu tanto adorava a aflorar-lhe a pele das faces. – Achei que podias estar com fome. – Olhei para aquela rapariga, maravilhado. Aquele pêssgo da Georgia que tinha conseguido escalar os meus muros altos.

– Obrigado – disse eu e peguei no saco.

A verdade é que eu tinha sido um cobarde naquela manhã. Baldei-me ao pequeno-almoço porque não sabia o que diria à Savannah quando a visse. Não sabia como estar perto de alguém que tinha visto todas as minhas cicatrizes escondidas, assim tão abertas e expostas.

Eu devia saber que ela não tornaria a situação constrangedora.

Muito pelo contrário... faria com estivesse tudo bem.

A Savannah instalou-se no seu lugar. O autocarro começou a andar. Tentei não deixar que o habitual desconforto de estar num veículo me enervasse. Portanto, olhei para a paisagem que se havia cimentado no meu cérebro. Nunca esqueceria aquele lugar.

– Último dia – disse a Savannah.

Eu sabia que ela se estava a esforçar para falar comigo. Era ainda mais reservada do que eu. Entendi que não era natural para ela fazer conversa de circunstância. Mas também entendi que estava a tentar.

Por mim.

– Pois – disse eu e enfiei a mão no saco para sanduíches, tirando de lá um *croissant* de chocolate. Suspirei depois de dar uma dentada. Estava a morrer de fome.

– Mais uma subida – disse eu, querendo tentar dizer alguma coisa, envolver-me. Fazer com que a noite anterior não parecesse tão *grande*.

A Savannah assentiu, e depois um pequeno sorriso agraciou-lhe os lábios rosados. Parei a meio da dentada só para o testemunhar. Eu não sabia como ela fazia aquilo, mas aquela rapariga era capaz de cortar qualquer névoa escura que me cercasse como se empunhasse uma espada forjada de luz pura.

Ninguém naquela viagem sorria muito. Alguns tinham sorrido um pouco mais ali em Windermere. Mas, por muito mal que soasse, eu não queria saber do sorriso de mais ninguém. Só do dela. Porque o sorriso da Savannah iluminava o céu. Os seus sorrisos eram tímidos como ela, mas só aquela pequena curva no canto do lábio puxava pelo meu coração como um comboio de carga.

– Acho que as minhas pernas agradecem por ser a última subida. – Senti-me retribuir o sorriso e a Savannah também me olhou. Talvez da mesma forma que eu a olhei. Procurei qualquer desconforto no seu íntimo. Mas à sua volta... só havia paz. Por mais voltas que desse à cabeça, eu não compreendia.

A Savannah pressionou a cabeça nas costas do assento, parecendo satisfeita; depois, o Dylan e o Travis vieram e sentaram-se nos lugares à nossa frente.

Debruçaram-se sobre o encosto das cadeiras.

– Ei, vocês os dois – disse o Dylan, e apanhei a Savannah a abanar a cabeça, com humor, para o rapaz de quem parecia chegada. – De que é que estão a falar?

Eu agora não dava nem sinal de sorriso e, quando olhei para a Savannah, o dela também tinha desaparecido. Não era preciso ser-se um génio para saber que ainda estávamos os dois abatidos e desconcertados da nossa conversa da véspera, por isso eu disse:

– De quão irritantes vocês são. – Surpreendi-me a mim próprio por ter feito uma piada. Parecia estranho, sair dos meus lábios.

O Dylan ficou de queixo caído, fingindo-se ofendido.

– Cael! Tu falas! E tens sentido de humor!

O Travis riu-se. Eu costumava ser bem-humorado. *Antes*. Achava que era a primeira vez naquela viagem que eu realmente deixava alguém, além da Savannah, ver um eco do meu verdadeiro «eu». Os ombros da Savannah estremeceram das gargalhadas silenciosas e, quando olhei brevemente para ela, vi alívio no seu rosto. E talvez uma pitada de orgulho.

A nossa conversa secreta no molhe ainda estava segura. E seria sempre só nossa.

– Então, estamos entusiasmados com a Noruega? – perguntou o Travis.

Encolhi os ombros. Eu não estava verdadeiramente animado com nenhum dos países daquela viagem. Mas gostava daquele lugar. Estava um bocado triste por me ir embora. Havia alguma coisa no facto de estar ali nos lagos, longe do resto do mundo, que me acalmou.

– Mal posso esperar – disse o Dylan. – Só espero que não haja mais caminhadas.

O Travis acenou com a cabeça, concordando.

Não pensei que a Savannah fosse falar, mas ela disse:

– Conheço gente da Noruega. Estou animada para ver a sua terra.

O Dylan e o Travis ficaram à escuta, esperando mais informações. Mas a Savannah ficou por ali, e reparei numa ligeira tensão na sua boca. Perguntei-me quem conheceria que fosse de lá e o que lhe seriam.

A Savannah não falou durante o resto da viagem. Nem eu. Mas tudo bem, já que o Dylan e o Travis falaram por todos. Por uma vez na vida, a sua conversa ininterrupta era meio fixe. Quando o autocarro parou e demos por nós no sopé de Skiddaw, olhei para a montanha e para o gelo que cobria os picos altos.

Mais uma subida.

Estava a apertar as abas da mochila na cintura, quando alguém se veio pôr ao meu lado. Olhei para baixo e vi um gorro cor-de-rosa cobrindo cabelos louro-escuros. A Savannah olhou para mim e caminhou ao meu lado. Subimos colina após colina, percorremos caminhos rochosos e a Savannah nunca saiu do meu lado. Quando chegámos ao cume, olhámos para a vista: uma colcha verde e branca formada pelos campos e água cintilando como se fosse feita de puro brilho.

Estar ali tão alto fez-me sentir muito pequena. Fez o mundo e mais além parecer tão infinito. Tão vasto. Era inquietante e reconfortante em igual medida.

Descemos e chegámos ao sopé, cansados e sem fôlego. Mas conseguimos. O Dylan e o Travis vieram para junto de nós, a Jade e a Lili também nos ladearam. E todos nós olhámos para o pico que tínhamos acabado de escalar e uma dose surpresa de emoção subiu-me pela garganta. Tossi, tentando mandá-la embora, mas ela afundou-se e voltou ao meu peito e ao meu estômago, apertando os músculos com força.

– Devem estar a perguntar-se porque os trouxemos aqui, à região dos lagos – disse o Leo, cortando o silêncio. Foi pôr-se diante de nós os seis e a Mia juntou-se a ele. O seu rosto fez-se sombrio. – Vocês já passaram por tanto. Eu sei que mal arranhámos a superfície, mas esta viagem a cinco países foi concebida para vos ajudar a lidar com o luto.

A Mia avançou.

– Resiliência – disse ela, e deixou a palavra pairar à nossa volta. – Para lidar com o luto, é preciso resiliência.

– Nós trouxemo-los aqui para fugirem da azáfama da vida – disse o Leo. – O que poderia ser mais perfeito do que este pequeno paraíso na Terra. – Gesticulou para o Lake District, em redor. – Que lugar melhor para se perderem do que uma região repleta de picos para escalar e vistas de cortar a respiração. Mas um lugar que também os levaria aos limites.

– E vocês fizeram-no – disse a Mia, com a voz cheia de orgulho. – Com *jet-lag* e frio e de corpo estafado, conseguiram. Tomaram em mãos o que parecia ser uma tarefa impossível e enfrentaram-na. Com um pé à frente do outro, um passo de cada vez, subiram estas montanhas, ofegantes e usando as mãos e os pés, exaustos e esgotados. Vocês *conseguiram*. Chegaram ao outro lado. Vocês conseguiram.

– Aposto que se lhes tivéssemos dito quando aqui chegámos, nunca teriam acreditado que seriam capazes... – A voz do Leo fez-se um fio e senti farpas de gelo cortaram-me a espinha. A Savannah aproximou-se de mim, com a mão a roçar a minha, de lado. Perguntei-me se as palavras da Mia e do Leo a atingiriam com o mesmo impacto. – Mas foram. – O Leo olhou-nos, a cada um, nos olhos. – Assim como nós vamos ajudar-vos a superar a dor.

Senti os joelhos bambos, porque não via como iria ser capaz de passar por aquele inferno em que estava. Entendi a metáfora. Os picos representavam o nosso luto, eram obstáculos no nosso caminho para a felicidade. Mas eu acreditava em mim para escalar aqueles picos. Estava em boa forma física. Tinha a determinação de um desportista. Lidar com o meu luto? Não acreditava em mim, de maneira nenhuma. Acima de tudo, temia nunca vir a ser capaz de derrotá-lo.

Sentindo-me começar a entrar numa espiral, balucei o corpo sobre os pés, e senti a mão da Savannah roçar a minha de novo. E não soube porque foi que o fiz. Não tentei pensar demais, mas estiquei o mindinho e prendi-o no dela.

Ela tinha a mão a tremer, o que me fez focar-me imediatamente em si e sacudir o pânico que se instalara dentro de mim. A Savannah também estava no inferno comigo. *Toda a gente* que ali se encontrava também estava no fogo comigo.

Não estávamos sozinhos.

Respirei fundo. Resiliência. Não sabia se tinha alguma, no que tocava a aceitar o que o Cillian fez. Também não sabia se a Savannah teria, em relação à Poppy. Mas se esta viagem não nos ajudasse, como seria, então?

– Resiliência – repetiu a Mia. – Vocês *são* resilientes. Cada um de vocês. E são todos mais fortes do que pensam. – Sorriu. – *Nós* vemos isso em vocês, a brilhar com a força do sol. Vemos esperança. Vemos bravura. Vemos força.

– Estamos orgulhosos de vocês – acrescentou o Leo.

E depois deixaram-nos ali mesmo, para que as suas palavras pairassem sobre a nossa cabeça. As mangas compridas dos nossos casacos escondiam os meus dedos e os da Savannah entrelaçados; continuavam assim, encontrando força um no outro. Era o nosso segredo: até que ponto nos mantínhamos um ao outro em pé. Fiquei distraidamente a observar outras pessoas no pico, a subir e a esforçar-se para completar o difícil percurso.

O som crepitante de botas no chão gelado chamou-me a atenção. Quando olhei para trás, o Dylan, o Travis, a Jade e a Lili estavam a voltar para junto da Mia e do Leo, que esperavam no autocarro.

Mas a Savannah continuou ao meu lado, suspensa no momento.

– Conseguimos – disse ela, dando um toque de esperança ao ecoar o que a Mia e o Leo tinham dito.

Perguntei-me se ela acreditaria que também seria capaz de ultrapassar a sua dor, que aquela viagem iria curá-la, ajudá-la a seguir em frente.

– Pois conseguimos – disse eu, e vi um casal mais velho chegar ao sopé do pico. A mulher atirou-se aos braços do marido, celebrando. Apertei mais o dedo enroscado no da Savannah. Viver novamente aquele nível de felicidade parecia tão inacessível.

Parecia *impossível*.

A Savannah rasgou o meu desespero interior ao sussurrar baixinho:

– Eu... acho que a Poppy estaria orgulhosa de mim.

Um ligeiro tremor voltou à sua mão quando disse estas palavras e um rasgo pesaroso atacou-lhe a voz. Desta vez, tive de olhar para ela. A Savannah estava de olhos postos no pico, por isso levantei a mão livre e levei o dedo ao queixo dela. Tinha a pele congelada ao toque. Orientei lentamente o seu rosto para mim. Tinha os olhos baixos. Esperei até ela erguer o olhar azul para encontrar o meu. Havia lágrimas nos seus olhos, mas quando uma lhe caiu na bochecha, foi recebida com um sorriso.

O meu coração disparou. A Savannah apertou-me o dedo com mais força e eu permiti um único e fugaz momento para pensar no meu irmão não como o vi da última vez. Como ele tinha sido *antes*. Os meus olhos fecharam-se e eu estava a vê-lo, a torcer por mim como fazia quando eu estava no gelo, um enorme sorriso estampado no rosto e os punhos no ar. Também conseguia imaginá-lo ali, à espera no sopé do pico, aos gritos:

– *É o meu irmão!*

Um som sufocado arrancou-se da minha garganta perante essa imagem e a minha mente torturada tentou bater rapidamente com a porta ao pensamento, tentou evitar o dano que ele poderia causar. Mas agarrei-me, na mesma, a essa imagem; era melhor do que a outra, que me assombrava todos os dias, todos os minutos.

Quando abri os olhos, a vista estava turva, até que uma lágrima me caiu pelo rosto, desanuviando a minha visão. Foquei-me na Savannah, refugiando-me e fortalecendo no seu toque, e consegui encontrar a coragem para dizer:

– Ele também ficaria orgulhoso de mim.

A Savannah apertou-me suavemente o dedo duas vezes. Reparei que ela fazia isso quando me queria consolar, mas claramente lhe faltavam as palavras. E por mais simples que fosse o gesto, era um bálsamo curativo

sobre uma ferida aberta. Parou a dor o tempo suficiente para me ajudar a recobrar o fôlego.

Depois de nos mantermos juntos durante mais alguns minutos com o nosso olhar compreensivo, voltámos para o autocarro, mas sem nunca nos largarmos. Nem sequer quando nos sentámos no autocarro.

Enquanto seguíamos pela estrada, perguntei-me se algures, de alguma forma, o Cillian estaria realmente a torcer por mim. Se me estaria a ajudar a ultrapassar o luto. Eu raramente me permitia pensar se ele continuaria a viver, de algum modo. Se teria chegado a uma vida depois da morte onde não houvesse mais dor e apenas a paz e a liberdade o cercassem. Nós não éramos religiosos. Nunca falámos sobre o que pensávamos que acontecia a seguir. Eu não tinha, de facto, nenhuma crença forte. Mas perguntava-me se ele alguma vez me teria visto ali, deixado para trás, a desfazer-me sem ele, e se teria querido estender a mão para me dizer que ia ficar tudo bem. Que um dia o voltaria a ver. E que, embora a vida nesta Terra não pudesse segurá-lo como ele precisava, agora estava livre.

A tristeza subiu-me pela garganta, tentando roubar-me a necessidade de que isso fosse verdade, mas dois apertos suaves da mão da Savannah ajudaram-me a lutar contra aquelas garras e a agarrar-me àquele nico de esperança.

Rodei a cabeça para a Savannah. Ela apertou-me novamente a mão e fez disparar o meu pulso. *Resiliência*, pensei, enquanto seguíamos pelas estradas sinuosas de volta a casa.

Rezei como tudo para que me pudesse fazer ultrapassar.

* * *

A fogueira estava acesa, as nuvens de Inglaterra continuavam a dar-nos uma pausa e a presentear-nos com um céu cheio de estrelas para a nossa última noite, como se também estivesse a despedir-se. À volta do lago estava escuro como breu, com exceção de Bowness, a zona turística, ainda cheia de pessoas. Imaginei que fosse assim durante todo o ano, independentemente do clima. Viveria ali, se pudesse.

Tínhamos jantado e agora estávamos todos reunidos à volta da fogueira, ao ar livre, em cadeiras desdobráveis de campismo. Eu tinha-me obrigado a estar ali naquela noite. Sem fugir para o meu quarto ou

para o assento da janela que se tornara o meu santuário. As minhas emoções eram uma barafunda. Isso fazia-me sentir trémulo e, por uma vez na vida, não queria enfrentar isso sozinho.

A Mia e o Leo tinham ido para dentro, deixando-nos aos seis por nossa conta. Por mais que eu gostasse dos dois, sabia bem estar fora do escrutínio deles. O Leo observara-me como um falcão. Eu sabia que ele tinha visto uma mudança em mim. Ainda não tinha abordado o assunto comigo, claramente deixando-me instalar naquele novo estado por um tempo.

Mas eu sabia que ele me chamaria à parte em algum momento.

O Dylan, a Jade e a Lili usavam espetos compridos para assar *marshmallows* nas labaredas. A Savannah estava exatamente onde eu a queria: ao meu lado. Tinha uma expressão divertida no rosto enquanto observava o Dylan e os outros rirem e brincarem.

– Arranjei mercadoria! – gritou o Travis, vindo de dentro do albergue, com latas de refrigerantes nas mãos.

Dei uma gargalhada enquanto ele distribuía as latas como se fossem cerveja. Peguei numa *Coca-Cola* e bebi o refrigerante açucarado.

Não tardou a que o Dylan, a Jade e a Lili se sentassem à volta do fogo, e mergulhámos todos no silêncio, até que o Dylan disse:

– Então, achamos que isto está a funcionar?

O humor do grupo passou imediatamente de como que feliz para melancólico e, à semelhança de tantas vezes naquela viagem, não pudemos fugir da verdade do porquê de estarmos ali. O luto era assim, sempre a lembrar a pessoa de que estava por perto.

A Jade mexeu-se no seu lugar e disse:

– Acho que ajudou um bocado. – Passou os olhos grandes e castanhos à volta do grupo e disse nervosamente: – Foi um acidente de carro. – Fiquei petrificado no meu lugar quando aquelas palavras caíram da sua boca. Ela olhou para o fogo e disse: – A minha mãe e o meu irmão pequeno. Uma terça-feira qualquer de manhã. – O meu coração afundou-se. A Savannah estava imóvel ao meu lado. – Foi instantâneo; não sentiram nada. Pelo menos, sei que não sofreram. – A Jade começou a quebrar. A Lili e o Travis sentaram-se dos dois lados dela e colocaram

uma mão de apoio nas suas costas. – Agora somos só eu e o meu pai. E os meus avós. – Limpou os olhos. – É... tem sido difícil seguir em frente. Impossível viver sem eles, na maior parte dos dias.

Brinquei com as mãos, pus-me a limpar as unhas só para expelir aquela energia nervosa que se espalhava à minha volta. Quando o Cillian morreu, eu desliguei completamente, guardei tudo cá dentro. Não estava acostumado a falar tão livremente sobre a morte. Não sabia ao certo se já era capaz. As poucas vezes que quis gritar dos telhados como me estava a sentir, para deixar finalmente a barragem do luto ruir, o meu muro de proteção fechava tudo.

Senti um puxão na manga do casaco. Olhei para a esquerda. A Savannah estava a oferecer a mão. O ritmo demasiado rápido do meu coração abrandou logo que a agarrei. Ela deu-me dois apertos que eu já conhecia bem e ficámos ligados no espaço entre as nossas cadeiras. Estava hipnotizado com o seu perfil perfeito. Como é que ela sabia sempre quando eu estava a quebrar?

Talvez fosse por também ela estar a quebrar. Retribuí apertando-lhe duas vezes a mão. Um rubor floresceu nas suas bochechas pálidas.

– Estar aqui. Longe do Texas, que é de onde sou – disse a Jade. – Deu-me tempo para respirar. – Fez um sorriso débil. – Acho que está a ajudar. Está a ajudar-me a pôr algumas coisas em ordem na minha cabeça.

A Lili pousou a cabeça no ombro da Jade. Tornaram-se chegadas desde que aterrámos em Inglaterra. Tão chegadas que a Lili lhe ofereceu apoio, dizendo:

– Perdi os meus dois pais.

A Savannah estremeceu, puxando ao de leve a minha mão, como se aquele pensamento fosse um punhal no seu coração. Segurei-a com mais força, dando-lhe uma âncora, e dei por mim a pensar na minha mãe e no meu pai. Fiquei de estômago revirado ao pensar em como eu estava quando se foram despedir de mim no JFK. Eu nem me tinha despedido. E continuava sem comunicar com eles. Nem sabia como haveria de começar...

– Eram marinheiros amadores. Adoravam a água. – Sorriu, e eu vi o brilho do amor que ela lhes tinha atravessar a tristeza, mesmo no escuro.
– Um dia saíram para o mar e uma tempestade rebentou

inesperadamente. – O seu lábio inferior tremia. A Jade pôs o braço à volta dela. – O barco foi encontrado, naufragado. Mas eles não.

– Lamento – disse o Dylan, e eu queria dizer o mesmo.

Mas não conseguia falar. Não sabia como eles eram capazes.

A Lili sorriu para o Dylan e enxugou as lágrimas das faces.

– Acho que esta viagem também me está a ajudar. – Olhou para a Jade. – Ter outras pessoas que estão a passar pela mesma coisa... ajuda. Faz-me sentir menos sozinha. – Sentou-se mais direita. – Sou filha única. Agora moro com os meus avós, que são ótimos, mas sinto que passei por isto sozinha... e... pois...– perdeu o fio e fez um suspiro cansado. *Não é a mesma coisa*, concluí, por ela, na minha cabeça.

Não era. Eu adorava a minha mãe e o meu pai. Tinham perdido o filho mais velho. Eu tinha perdido o meu irmão e melhor amigo. Não conseguíamos entender o sofrimento uns dos outros, porque era diferente. Instalou-se uma dor no meu peito quando me ocorreu: eu agora também era filho único. E isso foi a pior coisa... ele ter-me deixado sozinho. Até ao resto dos meus dias.

Apanhei os olhos curiosos da Jade e da Lili a pousarem em mim, na Savannah, no Travis e no Dylan, obviamente a pensarem se também iríamos partilhar as nossas histórias. Mas eu não ia falar do Cill. Não conseguia. Mal tinha contado à Savannah e, quando lho confidenciei, parecia que estava a arrancar o coração. Pela rigidez do corpo dela e pela forma como tinha os lindos olhos baixos, acho que ela sentia o mesmo.

O Travis pigarreou e sentou-se na beirinha da cadeira. Os seus olhos disparavam nervosamente à volta do grupo.

– Não precisas de partilhar, se não estiveres pronto – disse o Dylan, com a voz solidária. Ele e o Travis também se tinham aproximado, ultimamente. Parecia que estávamos todos a emparelhar. Olhei para a minha mão na da Savannah.

Eu estava contente por tê-la comigo... mais do que contente.

– Não... Eu posso falar – disse o Travis, mas fechou os olhos, como se fosse mais fácil dizer aquilo em voz alta se não conseguisse ver todos à sua frente. – Fui o único sobrevivente da minha turma num tiroteio na escola. – Fiquei sem pinga de sangue na cara quando ele revelou isto. Não podia imaginar... Nem sabia como reagir a isso.

– Travis... – disse o Dylan, e atravessou imediatamente o espaço até onde ele estava sentado. Ajoelhou-se ao seu lado. O Travis abriu os olhos e sorriu, mas estava tenso e os seus lábios tremiam. Expôs o seu trauma para todos nós ver-mos.

– O pior é a culpa, sabem? – disse o Travis, e entrelaçou as mãos. – Tipo, porquê eu? Porque é que fui o único que ele não atingiu? Numa turma de doze, fui o único a esquivar-me de uma bala. – O Travis abanou a cabeça e o seu queixo tremeu enquanto se esforçava para conter as lágrimas. – É isso que eu não consigo ultrapassar. Às vezes, vejo os pais dos meus amigos a olharem para mim e sei que se estão a perguntar porque é que fui eu e não o seu filho a ser poupado. – Soltou uma gargalhada destituída de humor. – Também me pergunto o mesmo. Mas principalmente... – Respirou fundo. – Eles eram meus *amigos*. Sou de uma cidade pequena na zona rural de Vermont. Conhecia aqueles miúdos desde o jardim de infância, alguns até antes disso. Eram os meus únicos amigos, e agora desapareceram todos. E eu presenciei eles a...

O Dylan envolveu o Travis num abraço antes que ele pudesse terminar aquela frase. Algumas coisas não precisavam de ser ditas em voz alta para serem entendidas. A Savannah fungava ao meu lado e, quando me virei para ela, escorriam-lhe lágrimas pela cara. Pareciam cor de laranja à luz do fogo. Eu não suportava vê-la assim, aquilo rasgava-me ao meio. Portanto, mudei a minha cadeira de posição até estar mesmo ao lado dela.

– Eu quero que isto funcione – disse o Travis, apontando para todos nós. – Quero tanto que esta viagem funcione, porque não posso continuar a viver com esta escuridão que trago cá dentro, com este peso no peito. Há dias em que não me consigo levantar da cama porque a dor é muita. Tenho dificuldade em respirar.

– Sentes falta de ser feliz, de *sentir* felicidade – disse o Dylan, compreendendo, e o Travis assentiu. – Eu também – confessou o Dylan.

– Eu também – disse a Jade, seguida pela Lili.

– Eu também – disse a Savannah, quase inaudível.

O meu coração batia tão rápido por estarmos a partilhar tanto que pensei que ia explodir e saltar-me do peito. Mas permiti-me pensar na minha vida de antes. Porque havia um antes e um depois quando se tratava do luto.

Permiti-me recordar os invernos na lagoa a jogar hóquei, as manhãs de Natal e os dias de jogo... memórias simples de quando éramos verdadeiramente felizes.

Eu *conhecia* a felicidade então. E tinha-a tomado como garantida. Mas isso fez-me pensar que, se a tinha sentido em tempos, talvez, mas só talvez, pudesse senti-la de novo.

– Eu também – sussurrei por fim, enquanto a lenha da fogueira crepitava alto, abafando aquele desejo que me exigia tanta energia para expulsar.

Mas a Savannah tinha-me ouvido. Encostou-se a mim e colocou a cabeça no meu ombro, apertando duas vezes a minha mão.

Eu começava a almejar este sentimento. Porque a Savannah, de Blossom Grove, Georgia, me fazia *sentir*. Depois de um ano a afogar-me na escuridão, a Savannah fez-me sentir algo que eu pensava estar perdido para sempre para mim: a esperança.

Ela deu-me esperança de que houvesse mais na minha vida do que *isto*. Não sabia o que estava a acontecer entre nós. Recusei-me a pensar demasiado em tudo o que nos unia. Por uma vez na vida, queria deixar que o universo tomasse as rédeas e me guiasse.

Lancei o olhar sobre o lago e os picos uma última vez antes de ir para a cama. Haveria de me lembrar para sempre do Lake District britânico como sendo o lugar onde a Savannah entrou na minha vida. Não fazia ideia do que aconteceria durante o resto da viagem, o que me aconteceria. Não fazia ideia daquilo em que eu e a Savannah nos tornaríamos. Eu não sabia se o que a Mia e o Leo tinham planeado para nós me arrastaria realmente para fora dessa escuridão infinita a que eu estava preso por dentro. Mas um dos muitos tijolos que tinham erigido um muro em torno do meu coração caiu por causa dessa rapariga. Um mero tijolo solitário, mas era um começo.

Era um *começo*.

E tinha de contar para alguma coisa.

Sonhos Ressurgidos e Sorrisos Congelados

Savannah,

Enquanto estou aqui sentada a escrever este diário, observo-te lá fora, no nosso quintal. Estás sentada debaixo da macieira a ler. A Ida está a praticar a sua dança ao teu lado. E eu tenho um sorriso tão rasgado só de ver as minhas duas melhores amigas. Uma barulhenta, a outra calada, mas ambas perfeitas aos meus olhos.

Quando eu partir, vou manter essa memória em modo de repetição dentro da minha cabeça. E quando olhar para baixo e as vir, continuarei a acarinhar o vínculo que nos une.

Quero que se apreciem uma à outra para o resto da vida. Nunca percam esse vínculo que mantivemos tão estreito em vida. E quando se abraçarem, saibam que o meu espírito também estará a abraçá-las. Estarei sempre ao vosso lado. Seja qual for o caminho por onde te leve a vida, tem coragem e confiança, pois eu estarei sempre ao teu lado. Nunca mais estarás sozinha. Tal como eu nunca estive sozinha nesta vida. Como poderia estar tendo-te na minha vida e no meu coração?

Aceita as novas aventuras, Savannah. Pode ser que te conduzam à felicidade.

Sempre para a Eternidade, Poppy

* * *

Savannah
Oslo, Noruega

Eu: Consegues adivinhar onde eu estou?

Tirei uma fotografia à paisagem diante de mim e premi «enviar». Segundos depois, chegou uma mensagem.

Rune: Eu reconheço esse lugar.

E depois acrescentou:

Rune: Como está a correr?

Observei as pessoas de um lado para o outro na praça, uma grande pista de gelo que ocupava a maior parte da minha vista. Já havia gente a patinar. Era lindo, ali. Só tínhamos aterrado em Oslo ontem à noite, mas eu já estava apaixonada por aquele lugar. Consequia imaginar os Kristiansen a viver ali. Com esse pensamento, uma onda de tristeza caiu sobre mim.

Eu: Ela teria adorado ver isto. A tua terra natal. É tão linda.

A Poppy falava muitas vezes de visitar Oslo com o Rune..., mas a vida teve outros planos para ela antes que pudesse fazê-lo.

O Rune demorou alguns minutos a responder. Perguntava-me se estaria ocupado ou se as minhas palavras o tinham deixado triste.

Rune: Pois teria.

Surgiram três pontinhos por baixo, e acrescentou:

Rune: Eu acredito que ela está contigo agora.

Pestanejei para afastar o brilho das lágrimas que se acumularam nos meus olhos.

Eu: Também gostava de acreditar nisso.

Aqueles três pontinhos apareceram de novo, e depois:

Rune: A tua irmã nunca te vai deixar. E estaria tão orgulhosa de ti.

Senti um aperto no peito e tornei a olhar para a praça movimentada, com o cheiro das carrinhas de comida a elevar-se até à janela do hotel, onde eu estava sentada. O Rune tinha razão. A Poppy ficaria orgulhosa de mim. Ficava sempre. Qualquer pequena conquista que eu fizesse na escola, agia como se eu tivesse acabado de mudar o mundo. No sexto ano, quando ganhei a feira de ciências, a Poppy comemorou como se eu tivesse arrecadado o Prémio Nobel da Paz.

Eu: Eu sei

Não tinha outras palavras para dizer.

Rune: Tu és capaz, Sav. Eu também acredito em ti.

Sorri quando o Rune enviou aquela mensagem final. Desde que a Poppy morreu, o Rune aproximou-se ainda mais da minha família. Tornou-se para mim e para a Ida o irmão mais velho que sempre esteve destinado a ser. Seria sempre injusto que ele tivesse perdido a sua alma gémea. Ela era tão jovem... nem sequer lhes tinha sido dada uma verdadeira oportunidade de conseguirem.

Senti o ressoar do desespero agitar-se dentro de mim. Só diminuiu quando ouvi alguém bater à porta. Abri e deparei com a Jade e a Lili do outro lado.

– Anda – disse a Lili, e pegou-me na mão. A Jade tirou o meu casaco do gancho que havia no meu quarto. – Vens patinar connosco.

– Ah, eu não sei andar de patins... – tentei dizer, mas quando elas me puxaram pelo corredor e desceram os três lanços de escadas até à praça gelada, entendi que não me estavam a dar escolha.

Pareceu-me uma coisa familiar, três raparigas a correr pela cidade para se divertirem. Eu tinha falado com a minha mãe, o meu pai e a Ida nessa manhã. Sentia mais falta deles do que de respirar. Mas eu estava bem. Estava a aguentar-me.

A Jade conduziu-nos até à cabine de aluguer de patins. Quando a Jade e a Lili entregaram os sapatos em troca dos patins, eu disse:

– Nunca andei de patins.

Olharam para mim como se me tivesse nascido mais uma cabeça. A minha cara ardia sob o escrutínio incrédulo.

– Nós ajudamos-te – disse a Lili e gesticulou para as minhas botas. – Entrega-as e pega nuns patins.

Fiz o que ela disse, sentindo os nervos acossarem-me. Sentei-me no banco e preendi os patins nos pés. Tentei pôr-me em pé e quase caí no chão.

– Uoooou! – disse a Jade, e deu-me o braço. – Vamos com calma.

A Lili deu-me o outro braço e dirigimo-nos para o gelo. A brisa fria do gelo beijou-me o rosto, causando calafrios pelo corpo abaixo. Cheirava a fresco e limpo... cheirava ao Cael.

Percorri o rink com o olhar, imaginando onde estaria ele. Ainda não o tinha visto nesse dia. Também não tinha visto o Dylan nem o Travis. Talvez estivessem todos juntos. Ultimamente, ele era um pouco melhor a misturar-se com o resto de nós. E não parecia tão desligado. Esperava que assim continuasse. Eu... a maneira como me sentia em relação ao Cael era... abrangente. Ele fazia-me sentir um nervoso miudinho e o meu coração trovejava no meu peito quando ele estava por perto, quando me dava a mão ou quando enganchava o dedo no meu. Mas era difícil estar perto de alguém tão consumido pela raiva, era difícil deixá-lo realmente entrar.

Mas desde a noite no molhe, ele parecia um pouco mais mole. Eu achava que era por ele ter falado da morte do irmão, por ter contado em voz alta o que aconteceu.

Ele tinha libertado as palavras que lhe tinham sido tão difíceis de dizer, que apodreceram dentro dele até transformarem o sangue em fogo.

Eu esperava, mais do que tudo, que falar comigo o tivesse posto no caminho certo.

– Um passo em frente – disse a Lili, tirando-me dos meus pensamentos, e coloquei a lâmina no gelo.

Escorreguei imediatamente e larguei a Jade e a Lili para segurar as tábuas na lateral da pista. Soltei uma gargalhada nervosa. A Lili e a Jade estavam diante de mim. – Vão andando. Acho que tenho de ficar aqui um bocado – disse eu. A Lili abriu a boca para protestar, mas eu assenti. – Sinceramente. Só preciso de me orientar.

– Tens a certeza? – perguntou a Jade.

– Tenho – disse eu, e fiquei a vê-las afastarem-se a patinar.

Estavam um pouco vacilantes no início, mas em poucos minutos já circulavam pela pista, acenando para mim ao passar. Inalei o ar gelado, aquele cheiro fresco envolvendo-me novamente. Uma mão pousou no meu ombro, e depois o Dylan e o Travis avançaram no gelo à minha frente.

O Dylan estendeu a mão.

– Vamos, Sav.

O Travis escorregou e agarrou o Dylan, levando os dois ao chão. O som das suas gargalhadas fortes, tão livres e descomplicadas, fez-me sorrir. Depois do que o Dylan me contou sobre o melhor amigo, depois do horror que o Travis nos revelou na véspera à noite... o riso despreocupado dos dois era como ouvir os sinos do céu.

– Acho que vou deixá-los – disse eu, e arrastei-me até terra firme, para longe da oportunidade de cair também.

– Sav! – disse o Dylan, num queixume. – Está bem! – acrescentou, apontando para mim enquanto se punha em pé. – Mas depois disto vais beber um cacau quente comigo.

– Combinado – disse eu, e fui para o banco, onde rapidamente desapertei os patins e, em menos de um minuto, estava com as botas nos pés e muito menos medo no coração.

Fiquei em pé junto às tábuas do rinkue, a ver os meus novos amigos circularem pela pista, de mãos dadas e com uma diversão de que tanto precisavam. Era um espetáculo lindo de se ver. Se fossem como eu, provavelmente já há algum tempo que não se permitiam viver assim uma verdadeira alegria.

Dei uma gargalhada muda quando o Travis, empurrado pelo Dylan, quase o atirou de novo ao chão, mas depois algo me chamou a olhar para a esquerda. A praça estava movimentada, a pista quase cheia, mas através da multidão de pessoas, avistei um gorro e um casaco pretos que eu conhecia. O Cael olhava para o rinkue, com uma expressão arrasada no seu belo rosto.

Qualquer felicidade que eu tivesse encontrado ao ver os meus amigos desapareceu perante o olhar de absoluta tristeza estampado no rosto do Cael. Afastou-se das tábuas, com as mãos nos bolsos.

Soprei para as mãos, para afastar o frio, e dirigi-me até onde ele estava. Aproximei-me devagar, para que ele pudesse ver-me chegar. Quando viu, endireitou a coluna.

– Olá – disse eu, e pus-me ao lado dele.

Tinha os olhos fixados na pista de gelo. Queria estar lá.

Lembrei-me do que o Dylan me tinha dito. O Cael era jogador de hóquei. Tinha um talento imenso, segundo divulgou. Mas já não jogava. Pela maneira como observava os patinadores, achei que, no seu coração, ainda desejava jogar.

– Não queres patinar? – perguntei, testando as águas.

O olhar do Cael endureceu e ele abanou a cabeça. Um não firme e inflexível.

Dei uma gargalhada quando a Lili e a Jade começaram a fazer uma corrida com o Travis e o Dylan. Perguntei-me se aqueles que se abriram junto à fogueira ontem à noite se sentiriam mais leves. A sua razão para ali estarem tinha sido partilhada. Foram tão corajosos. Pensei se seria libertador colocar a dor nas mãos das pessoas que nos apoiavam. Passá-la para os outros em pedacinhos para aliviar o próprio fardo, e a vida pareceria um bocadinho menos madrastra.

– Não sei como é que as pessoas fazem – impeli-me a dizer. Não queria que o Cael se sentisse tão em baixo. Queria tentar melhorar as coisas. – Eu nem conseguia mexer os pés sem escorregar.

Não esperava uma resposta, portanto a surpresa fez-me virar a cabeça para o Cael quando ele disse:

– É só preciso prática. – O seu olhar encontrou o meu. – Eu... eu... – interrompeu-se, debatendo-se com o que fosse que tentava impedi-lo de falar, e disse: – Eu vi-te. – Inspirou demoradamente, para ganhar força. – Queria ir ajudar-te, mas... – As suas palavras ficaram presas na garganta e a sua palidez fez-se cinza.

O que lhe estaria a custar emocionalmente aquele momento? Parecia custar-lhe tudo estar a olhar para aquele rinque, a dizer aquelas palavras.

Coloquei a mão no braço dele.

– Não faz mal – disse eu, e fui para a frente dele, bloqueando a visão que tanto conflito lhe causava. – Queres ir buscar alguma coisa para comer? – Apontei para um grupo de quiosques de comida nas proximidades. Ele assentiu e afastou os olhos do gelo. Parecia que a pista era um íman para ele, atraindo-o. Mas ele resistia ao apelo. E estava a custar-lhe.

A vontade de fazê-lo sentir-se melhor era tão forte dentro de mim que enfiei o braço no dele. Nunca fui pessoa de dar assim o primeiro passo. Nunca na vida tive um namorado. Eu era socialmente inepta e não fazia ideia de como fazer alguém, além da minha família, sentir-se melhor quando estava a sofrer. Mas senti dentro de mim a mesma necessidade de cuidar do Cael que sentia de cuidar da Ida. Como tinha feito também pela Poppy.

Não sabia bem porquê. Mas era um desejo que não podia ignorar.

Decidimo-nos pelo quiosque de doces. Pedimos um monte de coisas: bolachas de manteiga, bolachas de amêndoa e rolinhos de canela, tudo coisas típicas da Noruega. Dei uma bolacha ao Cael. Os seus olhos perturbados suavizaram quando deu uma dentada. A cor infiltrou-se de novo nas suas bochechas e depois pegou num rolinho de canela com uma pitada de humor no rosto. Saber que o tinha feito sentir-se um nadinha melhor era tão inebriante como se tivesse alcançado de facto algo notável.

Mal tínhamos comido um par de guloseimas, quando a Jade, a Lili, o Travis e o Dylan vieram a correr. O Dylan pousou o braço por cima do meu ombro.

– Cacau quente? – perguntou.

Levantei uma sobrancelha para o Cael, num gesto interrogativo.

– Vamos lá – disse ele, e caminhou connosco até ao quiosque seguinte. Parecia outra vez Natal ali, naquela praça norueguesa. Como uma cena roubada de um filme, um pedaço de magia num dia frio de inverno.

Foi perfeito.

Voltámos todos para os respetivos quartos depois de duas ou três horas a explorar a praça, de barriga cheia e sonolentos. Só ficávamos em Oslo uma noite. A Noruega ia ser diferente do Lake District. Não íamos ficar num único lugar. Antes, iríamos para norte. Não sabíamos o que íamos fazer ou ver, mas eu já estava a gostar de ali estar. Era diferente daquilo a que eu estava acostumada. Atualmente, só podia ser uma coisa boa.

Uma vez no meu quarto, para passar a noite, sentei-me no banco da janela e vi a praça começar a aquietar-se. Abri o caderno no colo, o da Poppy, e decidi que era hora de ler outra página. Parecia-me bem saber da minha irmã no país de origem do amor da sua vida.

* * *

Savannah,

Só de ver o meu nome na sua letra fez-me inchar tanto o coração que julguei que poderia explodir no meu peito.

Tenho pensado em como te ajudar.

Sorri, imaginando-a com a ponta da caneta na boca, perdida em pensamentos.

E isso fez-me refletir sobre o que me ajudou nestes últimos dois anos até agora, que me restam meras semanas de vida.

Esta frase foi um murro no estômago para mim. Eu odiava pensar na Poppy naquelas últimas semanas. Quando ela estava fraca e não conseguia andar sem ajuda. Mas tinha arranjado forças para me escrever. Era o quanto ela me amava. A minha respiração estremeceu quando fiz uma longa inspiração.

Amigos. Pessoas. Família. Sem ti e a Ida. Sem a mãe e o pai, os Kristiansens, a tia DeeDee e a Jorie, eu não teria conseguido manter-me forte. Sem o amor do meu Rune, eu não seria capaz de enfrentar o meu destino com dignidade e graciosidade.

Com o entendimento de que é a minha hora de ir para casa.

Então, é essa a minha tarefa para ti, Savannah. Permitir a entrada de pessoas. Permitir que o teu coração maravilhosamente puro seja visto por outras pessoas fora da nossa família. Eu sei que é difícil abrires-te. Sei que achas desconfortável estar em grandes multidões. Mas precisamos de amor, Savannah. Quando estamos a sofrer e parece que o mundo nos faz ceder à sua vontade, precisamos que as pessoas à nossa volta que nos amparem.

Amor, Savannah. Percebi que o meu maior desejo para ti é o amor. Seja qual for a forma em que possa surgir. Mas tê-los a todos à minha volta agora, que tenho os dias contados e o meu último suspiro se aproxima, o vosso amor dá-me força para enfrentar. Deixa-me saber que não estou sozinha.

A morte é mais fácil de enfrentar com companhia.

Quando eu partir, também não quero que te sintas sozinha. Vais precisar de pessoas que te ajudem a seguir em frente. E se eu tivesse um sonho para ti, Savannah, seria que encontrasses o teu Rune.

* * *

Eu tinha o estômago aos saltos, de medo. Encontrar um amor como o da Poppy e do Rune apavorava-me. Não porque não fosse bem-vindo. Mas o que seria de mim se eu amasse tanto, encontrasse a minha outra metade, a minha chama gêmea, e depois ela desaparecesse, da mesma

maneira que o Rune perdeu a Poppy? Ver a pessoa definhar, dia após dia, sabendo que, em breve, a sua luz se apagaria no seu coração, para nunca mais se acender.

Eu não conseguiria sobreviver.

Engasguei-me com um soluço fraco quando li *Eu sei que esta ideia te vai petrificar. Quando leres isto, saberás o que a minha morte fez ao Rune*. Uma lágrima caiu dos meus olhos quando vi que a tinta que escrevia o nome do Rune estava borrada. E isso dilacerou-me. Porque por mais forte que a Poppy fosse, aquele pensamento de deixar o Rune deve tê-la feito chorar. O Rune foi a sua razão para aguentar tanto tempo. Ela lutara com mais garra para ter mais dias para passar nos braços da sua alma gêmea.

Rezo para que ele consiga encontrar paz. Para que consiga encontrar a felicidade depois de eu partir. Para que possa encontrar sentido em perder-me. E é isso que espero também para ti, Savannah. Que não deixes que a minha morte te consuma. Mantém o coração aberto e deixa que o amor entre quando ele aparecer. Porque é tão fácil amar-te, minha linda irmã. Eu sei bem, porque te amo com uma intensidade surreal.

Não somos nada sem amor. Então, por favor... deixa-o entrar.

Adoro-te

Poppy

Caíram sobre o meu peito lágrimas silenciosas enquanto eu fechava o caderno. Fechei os olhos e pensei no Rune. Depois da morte da Poppy, ele ficou completamente desfeito. Mas, aos poucos, dia após dia, começou a encontrar o caminho de volta à vida. A achar um significado no facto de ter sido deixado para trás.

A Poppy tinha-lhe ensinado isso. A ver o mundo como uma grande aventura. Era destemida e abraçava a vida de braços abertos. O Rune honrou isso tirando fotografia atrás de fotografia do mundo, em homenagem à rapariga que o deixou cedo demais.

Os meus braços ficaram presos em torno da cintura. Percebi então que isso não me servia, de todo. Eu nem tinha tentado viver. Tinha-me deixado levar para um vazio de tristeza, despojado de toda a esperança. O que aconteceria se eu tentasse abraçar a vida? Só por um tempo?

E se eu deixasse entrar o amor?

Abri os olhos e vi os fios de luzes coloridas, a piscar, que adornavam o brilho quadrado na minha periferia. Inclinei a testa para a vidraça, depois olhei para baixo... De repente, sentei-me mais direita e sustive a respiração quando vi uma figura solitária caminhando até a pista de gelo agora vazia, tendo como única fonte de luz uns quantos postes de iluminação pública.

Mas foi o suficiente para eu ver *tudo*.

Para ver o Cael parar à entrada da pista, com as botas a um centímetro da orla do gelo. Tinha cada centímetro do corpo tenso e as mãos em punho, ao longo do corpo. Sem respirar, fiquei a observá-lo, extasiada, ajoelhar-se e descalçar as luvas. Enfiou-as no bolso e debateu-se por longos minutos, antes de colocar as palmas das mãos no gelo.

E depois ficou assim. E ficou assim tanto tempo que a minha mente divagou e ouvi a voz da Poppy na minha cabeça sussurrar: *Mantém o coração aberto e deixa que o amor entre quando ele aparecer*.

Este rapaz... este rapaz que cativou algo dentro de mim. E vê-lo agora, sozinho na pista que em tempos foi o seu refúgio, deu cabo de mim.

Deixei-me guiar pelo meu coração e saltei do banco da janela. Ignorei o recolher obrigatório estabelecido pela Mia e pelo Leo, peguei no casaco e saí disparada do quarto. Deixei que a minha coragem me guiasse para fora das portas do hotel, sem ser vista pelo Leo e pela Mia, até à praça sonolenta. Só umas quantas pessoas circulavam àquela hora tardia. Mas eu não lhes prestei atenção. Em vez disso, dirigi-me ao rapaz ajoelhado, destroçado e sozinho, e juntei-me a ele no chão.

Guinou bruscamente a cabeça para o lado quando me ajoelhei junto dele. Tinha a cara lavada em lágrimas de dor reprimida e, sem pensar, precisando de abraçar a pessoa a quem abri o coração, envolvi-o nos meus braços. No início, ele ficou petrificado e eu tive medo de que estivesse zangado comigo por me aproximar dele. De ter, talvez, sido presunçosa e ele não quisesse companhia naquele momento doloroso.

Mas suspirei de alívio quando o Cael depressa cedeu e também me abraçou... segurando-me como se nunca mais me fosse largar.

Os seus soluços frementes eram como balas para a minha alma, cada uma penetrando mais fundo, até ele me ter estilhaçado ali mesmo. As suas lágrimas escorriam pela pele da minha clavícula e por baixo do meu casaco. Lágrimas que eu sabia que ele tinha contido demasiados meses para se contar, que o consumiam, dia após dia.

Tinha as mãos geladas por ter estado a tocar no gelo. Mas eu abracei o frio. Se isso ajudasse o Cael naquele momento, se o ajudasse a libertar-se das pesadas amarras do luto, eu mergulharia no mar ártico só para o ajudar a superar.

Passei as mãos pelo seu cabelo, tirando o gorro e colocando-o no chão ao nosso lado. Eu não disse nada. Não havia palavras de consolo que ajudassem naquele momento. O silêncio era tranquilizador. E eu sabia como era aquele exorcismo emocional. Era uma torrente, uma enxurrada de dor tão forte que destruía qualquer coisa no seu caminho.

Os dedos do Cael percorreram as minhas costas, como se ele estivesse a tentar arranjar uma maneira de se aproximar mais. Ele estava vulnerável e abatido, aberto e emocionalmente exposto. O Cael nunca mencionou amigos ou familiares. Pelo menos eu tinha a Ida e os meus pais. Tinha a tia DeeDee e o Rune.

Quem teria ele para o amparar em momentos de necessidade? Será que os tinha afastado, tal como tentou manter-nos a todos à distância?

Passei as mãos suavemente pelas ondas despenteadas do seu cabelo; ele continuou a desintegrar-se. Desfazia-se em infinitas lágrimas salgadas. Parecia que estávamos completamente sozinhos, ali ajoelhados no chão frio, com a Noruega continuando a existir à nossa volta.

Passaram-se vários minutos e o corpo do Cael começou a acalmar. Eu tinha a *sweater* e o casaco encharcados das suas lágrimas, mas também elas pareciam estar a diminuir. Ainda assim, abracei-o. Segurei-o até aquelas lágrimas secarem e a sua respiração errática passar a inspirações pesadas e árduas.

O rescaldo de uma purga emocional.

– Sav... – sussurrou, com a voz rouca e profunda do esforço.

– Estou aqui – disse eu, e arranjei coragem para acrescentar: – por ti.

– Engoli em seco e obriguei-me a repetir: – Estou aqui por ti.

As mãos do Cael apertaram o meu casaco com mais força, depois ele levantou lentamente a cabeça para trás. Tinha a cara vermelha e com manchas; os olhos estavam assombrados. Mas, para mim, ele nunca foi tão bonito. O Cael retirou uma mão do meu casaco e olhou para a palma. Ainda estava queimada, por ter sido pressionada contra o gelo.

Olhou para o gelo que se estendia diante de nós. Os fios de luz acima faziam brilhar a pista como se fosse feita de um milhão de opalas. Perguntei-me o que veria o Cael quando olhava para ela. Se lhe parecia o céu ou o inferno, ou qualquer coisa de intermédio.

Uma lágrima perdida escapou-se-lhe do canto do olho. Instintivamente, estendi a mão e limpei-lha da face. Imobilizei-me quando ele virou a cabeça, com medo de ter ido longe demais. Mas depois o Cael fechou a mão na minha e levou-a aos lábios. Deu um beijo casto nas costas da minha mão e o meu coração parou de repente.

Moveu a minha mão para cima e pressionou-a na sua face, na sua pele fria e húmida. E deixou-a lá, como se a minha mão lhe transferisse o calor tão necessário para os seus ossos congelados.

– Sou jogador de hóquei – disse ele, as palavras sussurradas sonoras como um grito na praça tranquila e adormecida.

Apertei a sua mão na minha. Um pequeno sorriso irrompeu na sua expressão desolada. Virou-se para mim, os olhos como minério de ferro fundido tingido de azul, ao dizer:

– Fazes isso quando me estou a ir abaixo. – Sustive a respiração, sem saber se aquilo era bom ou não. Ele expirou pelo nariz e apertou-me a mão em resposta. Dois apertos firmes. – Mantém-me ancorado – admitiu e, apesar de ser noite, o meu peito encheu-se de sol. – Como é que sabes quando eu preciso? – Perscrutou o meu rosto, à procura de uma resposta.

– Porque reconheço os sinais. – O pulso no meu pescoço estremeceu quando eu disse: – Porque eu muitas vezes também me vou abaixo.

O Cael apertou a mão com mais força na minha e olhou para o rinque; eu limitei-me a olhar para ele. Aquele rapaz deixou-me completamente apaixonada.

– Sou jogador de hóquei – voltou a dizer, mas desta vez com mais convicção. A voz falhou-lhe quando disse: – Mas já não consigo jogar.

– Porquê?

Os ombros dele descaíram.

– Porque era uma coisa *nossa*. – Claro que eu sabia que ele se referia ao Cillian. Parecia pensar tanto no Cillian como eu pensava na Poppy. Mas havia nítidas diferenças. A dor dele era muito diferente da minha.

Ele não teve uma situação de encerramento quando o Cillian morreu.

– Eu era bom, Pêssego – disse ele, e eu derreti perante aquela alcunha que saía tão carinhosamente dos seus lábios, sobretudo num momento tão conturbado. Estendeu a mão e passou a ponta do dedo pela borda da pista de gelo. – Eu era *mesmo* bom.

Passou de ajoelhado a sentado no chão. Eu segui-lhe o exemplo.

– O hóquei não é só uma coisa que eu joguei. É quem eu sou... *fui* – corrigiu e abanou a cabeça. Estou tão confuso. – Tinha a garganta espessa ao empurrar aquelas palavras para fora. Apertei-lhe a mão duas vezes e ele deu-me o eco de um sorriso grato. Depois, apertou duas vezes a minha e o meu coração disparou. – A princípio, jogava porque o Cill... – Mexeu-se no lugar, era evidente que o tema o deixava pouco à vontade. – O Cill jogava e eu só queria fazer tudo o que ele fizesse.

– Mas adoraste – disse eu, e não era uma pergunta. Eu conseguia ouvir a inflexão alegre que o hóquei inspirava na sua voz.

– Adoro. – O uso do tempo presente não me passou despercebido.

– Perdi os dois naquela noite – disse o Cael, e partiu-me outra vez o coração com a agonia visceral que lhe envolvia a voz. – Perdi o Cill e também nunca mais consegui enfrentar o gelo. – Fez uma pausa e uma expressão melancólica instalou-se no seu rosto. – Estávamos tão amarrados um ao outro que eu não sei como existir sozinho. Irmãos, jogadores de hóquei, o maior apoio um do outro. Eu assistia aos jogos dele, ele assistia aos meus. Treinávamos no mesmo sítio. Praticávamos no lago congelado, na nossa casa, durante todo o inverno e ficávamos com pena quando vinha o verão. Vivíamos para o frio. O hóquei era o Cill e eu sou o hóquei. O Cill era eu e eu era ele e agora foi tudo para o diabo.

– Cael...

– Fomos feitos para jogar juntos na faculdade. – Olhou-me pelo canto do olho. – Em Harvard. – Uns arrepios sussurrando palavras como «destino» dançavam pela minha espinha. Eu sabia isto, claro. Mas estava orgulhosa dele por se abrir e me contar. Apertei-lhe a mão. – Ele estava

no seu primeiro ano quando... – O Cael não conseguiu terminar a frase. Baixou a cabeça. – Eu entrei. Era para ir no outono passado. Mas não fui capaz, sem ele lá. Nunca chegámos a jogar juntos pelo Crimson. E agora nunca o faremos. – Deitei a cabeça no ombro dele, num gesto de apoio. – Estou tão perdido, porra. – Abracei-lhe o braço, quando ele perguntou: – E tu, Sav? Porque é que não consegues seguir em frente?

Fiquei sem pinga de sangue na cara. Eu não queria falar da Poppy, de mim. Mas o Cael tinha sido tão aberto comigo e eu queria retribuir-lhe alguma coisa. Era claro que ele precisava.

– Eu também não sei viver sem ela – disse eu. – A Poppy morreu e eu fiquei presa naquele momento, suspensa num quadro paralisado do qual não me consigo libertar. – A cabeça do Cael baixou para pousar na minha. – Ela morreu pacificamente – disse eu, tentando expulsar aquele dia da minha cabeça, mas depois de falar com o Cael, percebi que a Poppy tinha morrido da maneira mais bonita. – Morreu como queria ir. Mas... sinceramente não sei, Cael. Tive dificuldade em seguir em frente, só isso. – Soltei uma gargalhada autodepreciativa. – Caso não tenhas reparado, sou um bocado... reservada. – O Cael também soltou uma única gargalhada e, por um minuto, achei que talvez fosse fazer uma piada. Perguntei-me se seria engraçado *antes*...

O som da sua gargalhada fez o meu coração inchar.

– Acho que interiorizo muito. O meu terapeuta tentou de tudo para me ajudar. Esta é a minha última tentativa para ter uma espécie de vida depois da perda. – Ri-me de novo, mas esta gargalhada era cheia de tristeza; era fraca e fazia-me sentir tola.

– Ela morreu há quase quatro anos, mas aqui estou eu, suspensa no tempo e mal vivendo a vida. – Olhei para uma pedra no chão, só para me concentrar em qualquer coisa enquanto dizia: – Eu já devia ter sido capaz de lidar com isso. Sei que as pessoas acham que eu já devia ser capaz de seguir em frente.

– Acho que o luto não funciona assim. – Virei-me para enfrentar o Cael, sem saber o que ele queria dizer. – Não creio que siga uma cronologia, Sav. – Perscrutou os meus olhos e eu perdi-me nas suas profundezas. – Se alguém te julgar pelo tempo que levas a superar a morte de um ente querido, fica feliz por essa pessoa, porque quer dizer que nunca passou por isso.

Senti a garganta embargada de emoção.

– Obrigada – disse eu, sentindo-me tão completamente compreendida. Só com essa frase.

O Cael abanou a cabeça.

– Às vezes gostava de poder arrancar o coração e a parte do meu cérebro que guarda as memórias e deitar tudo fora. Nem que fosse só por um bocado. Só para me lembrar de como era divertir-me, de como era a vida quando eu não tinha preocupações. Só não quero acordar todas as manhãs com este buraco no estômago, com tanta raiva a ferver-me no sangue que me queima por dentro. – O Cael suspirou, profunda e exaustivamente. – Não é assim que eu sou, Sav. Mas esqueci-me de ser outra coisa. Gostava de poder ser algo mais do que alguém destruído pelo luto. Só por um tempo. – Tirou o sentimento diretamente do meu coração. Porque eu também desejava o mesmo. Muitas vezes. Não para esquecer a Poppy, mas apenas para acabar com a dor da sua ausência. Um breve alívio.

Percorri com o olhar o rosto bonito do Cael e a sua estrutura alta. Queria isso para nós *os dois*. Uma amostra de liberdade do luto. Um alívio para simplesmente *ser*. Sentei-me mais direita e disse:

– Então porque não o fazemos?

O Cael olhou para mim como se eu estivesse louca. Fez-me rir. Os seus olhos suavizaram quando aquele som estranho se espalhou no ar acima de nós.

– Adoro quando te ris. – Surgiu um enxame de borboletas no meu corpo, uma verdadeira invasão.

– Estou a falar a sério – disse eu e agarrei a mão do Cael com mais força. – E se, durante o tempo que aqui estamos, na Noruega, deixarmos de lado a nossa dor e tentarmos encontrar alegria?

– Não creio que seja assim tão simples – disse ele, mas senti a nota de curiosidade na sua voz. A esperança silenciosa de que isso fosse possível.

– Vamos tentar, de qualquer maneira. Juntos – disse eu, e senti-me tomada pela emoção. A pista ficou esborratada à minha frente. – Só por um bocado, vamos só fingir.

– Fingir o quê? – perguntou o Cael baixinho.

– Que somos apenas dois adolescentes normais numa viagem para longe de casa. A explorar a Noruega pela única razão de *podermos* fazê-lo.

O Cael fitou-me durante tanto tempo que me senti constrangida. Eu estava a ser estúpida. Senti-me estúpida. O meu rosto ardia de vergonha. O que eu sugeri era impossível.

– Não importa – disse eu. – Não sei onde é que tinha a cabeça...

– Alinho – disse ele, interrompendo-me. Arregalei os olhos. – Quero tentar – acrescentou, apertando-me a mão e fazendo-me dar um sorriso tão grande que me ficaram a doer as bochechas. O Cael passou um dedo pela minha face. – Tens covinhas, Pêssego.

– Todas as irmãs Litchfield têm – disse, referindo-me à Ida, à Poppy e a mim. Fiquei petrificada ao dar-me conta de que tinha mencionado a Poppy no tempo presente. Mas se o Cael o ouviu, não me corrigiu.

Baixei a cabeça, com as faces a aquecer, mas o Cael pôs o dedo da mão livre debaixo do meu queixo, como tinha feito naquele dia no lago e eu inclinei a cabeça para cima para lhe dar toda a minha atenção. Por um segundo, imaginei como seria se ele me beijasse. Se simplesmente se inclinasse e colasse os lábios aos meus.

– É um pacto – disse ele e apertou a minha mão duas vezes, arrancando-me ao meu devaneio. – E se sentirmos a outra pessoa cair no luto, usamos o nosso sinal secreto para a puxar de lá. – Apertou a minha mão duas vezes para o demonstrar. – Combinado? – disse ele, e eu acenei com a cabeça, concordando.

– Combinado.

Eu tinha a certeza de que o que tínhamos planeado não era saudável, que a Mia e o Leo não aprovariam. Tinha a certeza de que pôr de lado a nossa dor era como viver num mundo de fantasia, com a realidade sempre a pairar suficientemente perto para nos arrastar de volta. Mas fazia-o com prazer.

Só para nos ajudar a *respirar*.

– Cael? Savannah? – Virámo-nos para olhar para trás ao ouvirmos o som dos nossos nomes. A Mia estava a poucos metros de distância, de braços cruzados num gesto de reprimenda, mas também com um olhar de preocupação no rosto. – Vocês estão bem? Já passou a hora do recolher. Deviam estar nos quartos.

Entrei em pânico por ter sido apanhada. Nunca fiz nada contra as regras. Sempre andei na linha. A culpa acalmou-me instantaneamente. Mas depois o Cael apertou-me a mão duas vezes e eu lembrei-me porque o fiz. O Cael precisava de mim. Eu não podia sentir-me culpada por ajudá-lo no seu momento de necessidade.

– Pedimos desculpa – disse eu.

E fui sincera. Mas não me arrependi. A Mia passou os olhos por nós, verificando novamente se estávamos bem e não me passou despercebido que reparou que tínhamos as mãos dadas.

Nenhum de nós fez um movimento para se libertar. Eu não sabia bem o que ela ou o Leo pensariam disso.

– Então vamos voltar para dentro. Saímos de manhã cedo.

Dirigimo-nos à Mia, de mãos dadas, e só as largámos quando fomos para os respetivos quartos. O Cael olhou-me por cima do ombro quando abriu a porta, ao fundo do corredor, e sorriu.

Quando me enfiei na cama e desliguei o candeeiro, pela primeira vez em muito tempo, ansiei pelo dia seguinte. Foi a primeira vez em quatro anos que senti algo próximo disso.

E dois simples apertos de mão fizeram com que fosse assim.

Neve Deslizante e Gargalhadas Ligeiras

Cael

Tromsø, Noruega

A VISTA QUE VEIO AO NOSSO ENCONTRO NÃO PARECIA REAL. VIREI-ME EM círculo, olhando para as montanhas cobertas de neve, para as casas de madeira espalhadas à nossa volta: vermelhas e castanhas, as cores das folhas de outono, ao lado de rosas e azuis e verdes: tons de verão.

Tromsø.

No início da manhã, tínhamos apanhado um voo breve na direção norte, para esta cidade. Para um jogador de hóquei, era o paraíso. Gelo e neve e o frio intenso fustigavam à nossa volta. Mas o céu era cristalino. Nem uma única nuvem, o sol brilhante e ofuscante.

– Incrível – sussurrou a Savannah ao meu lado.

Olhei para ela. Tinha os olhos azuis arregalados e cheios de admiração enquanto interiorizava aquelas paisagens. – É como um sonho – disse ela e agarrou-me a mão com mais força. O meu lábio espetou-se num pequeno sorriso enquanto eu me concentrava nas nossas mãos dadas. Desde o minuto em que nos reunimos, no início da manhã, para ir para o aeroporto, dei a mão à Savannah e mal a larguei.

Tínhamos feito um pacto. Uma sensação elétrica e vibrante percorria-me as veias. Eu tinha acordado nessa manhã com a mesma sensação de pavor de sempre. Mas trouxera o rosto da Savannah à minha mente e

consegui afastá-la. Nós tínhamos um acordo. E eu queria mais aquela pausa na dor que ela sugeriu do que a minha próxima respiração.

Eu lutara e lutara contra a escuridão que tentava instalar-se nos meus ossos, até que a vi no corredor e me concentrei no sorriso tímido no seu belo rosto. Tinha imediatamente estendido a mão para a dela, ignorando o silêncio chocado do resto do grupo ao ver-nos daquela forma.

No instante em que os nossos dedos se agarraram, a escuridão foi empurrada para trás por um golpe de luz pura. Sem palavras, eu e a Savannah dissemos um ao outro que, por enquanto, a nossa dor não venceria.

Que nos premiaríamos com a libertação da tristeza, pelo tempo que conseguíssemos mantê-la afastada. Não éramos ingênuos. Afastar a dor de termos perdido os nossos irmãos mais velhos era uma medida temporária, um rechaço para as forças invasoras que eram fortes demais para serem superadas completamente. Mas usaríamos a nossa armadura e lutaríamos contra elas pelo tempo que conseguíssemos.

Roubaríamos de volta alguma alegria temporária.

A luz do dia já estava a desvanecer; as horas de sol de Tromsø eram limitadas no inverno. Mas, pelo que todos disseram, a cidade prosperou na escuridão.

– Agora vamos para o nosso alojamento – disse o Leo, e apontou para trás de si.

Um grande hotel de madeira estava revestido, do chão até cima, em neve de há dias. Na verdade, todas as partes da cidade estavam cobertas com restos de neve. Os telhados dos edifícios e as montanhas. As únicas coisas que não estavam eram os fiordes, que dominavam a vista. Sendo eu do Massachusetts, estava habituado à neve. Mas ver a reação da Savannah àquele lugar, os olhos arregalados e atónitos, fez com que os músculos do meu peito se apertassem.

Ela nunca tinha visto neve a cair.

Eu esperava que víssemos antes de partirmos. Não conseguia imaginar o que seria não saber o que era sentir os flocos de neve na cara, sentir as mordidas geladas dos flocos na pele.

Levamos as nossas malas para o hotel, onde uma grande lareira rugia na receção. A Savannah parou, a olhar para um quadro na parede. Era uma fotografia aumentada, que ocupava uma grande percentagem da

decoração.

– Aurora boreal – murmurou ela, e a sua mão apertou na minha. Balançou a cabeça para mim. – Sempre foi um sonho meu vê-la.

– A visibilidade é fraca esta noite – disse o homem que estava na receção, ao apanhar o olhar arregalado da Savannah sobre a imagem. – Mas vai poder vê-la dentro de alguns dias.

O sorriso que agraciava o rosto dela quase me derrubou. A Savannah era a pessoa mais bonita que eu já vi. O seu sorriso e as malditas covinhas davam cabo de mim. Ela tinha entrado no inferno da minha vida e atirado uma tábua de salvação inesperada. Eu receara a viagem, lutei com tudo o que tinha contra ela.

Isso foi antes de eu saber que a Savannah Litchfield estava à espera do outro lado.

Toquei no ombro da Savannah.

– Olha só para ti, com esse conhecimento todo.

Ela corou. Eu queria passar os dedos pelas suas faces vermelhas. Portanto, foi o que fiz. Senti-a prender a respiração sob o meu toque e o seu rubor intensificou-se e apareceu no pescoço, de lado.

– Eu gosto de ciência – disse ela, como se fosse um comentário casual, não muito importante.

Eu tinha reparado nisso nela. Diminuía qualquer coisa que fosse única e especial em si. Era evidente que ela era uma espécie de génio, mas evitava e fugia de qualquer forma de elogio.

Já me tinha dito que ia para Harvard. Eu não sabia o que ela ia estudar, mas o simples facto de ser aceite disse-me como era inteligente. Estava sempre a ler, a absorver silenciosamente o mundo ao seu redor, como se ele fosse um projeto pessoal de ciência. Eu queria perguntar-lhe o que ia estudar, mas senti uma dor no peito quando tentei. Foi uma coisa que sempre me afastou. Harvard fazia-me pensar no Cill. Agora, a juntar a isso, estava o facto de que eu também não iria.

Uma dor aguda e visceral revirou-me as entranhas quando percebi que, se o Cill não tivesse morrido, eu teria ido para lá como planeado e a Savannah acabaria por estar lá também. Poderíamos ter-nos encontrado quando não estivéssemos tão desfeitos. Como teria sido? Teríamos tido aquela ligação na mesma? Ou será que era o luto que nos unia?

Dois apertos fortes afastaram-me dos meus pensamentos. A Savannah mexeu-se à minha frente, guiando-me para encontrar os seus olhos.

– Tudo bem? – perguntou ela, ao compreender que eu tinha voltado para as sombras.

Afastei-as e respirei fundo e demoradamente.

– Sim – disse eu, e pressionei a testa na dela. – Estou aqui. – *Voltei. Continuo a querer manter o nosso acordo.*

– Então – disse o Dylan, que se veio pôr entre nós. Havia humor na sua cara. – Vocês os dois querem partilhar alguma coisa com o grupo?

Abanei a cabeça. Fosse o que fosse aquilo, era só nosso. A verdade era que eu não fazia ideia do que eu e a Savannah éramos um para o outro. Pensava nela constantemente, adormecia a pensar no seu sorriso tímido. Dávamos as mãos e amparávamo-nos.

Queria que fôssemos mais. Mas não sabia se ela estava em posição de aceitar isso. Não sabia se ainda havia alguma coisa dentro de mim para lhe dar. Não sabia se a minha escuridão estava a desaparecer de vez ou se viria ao de cima para acabar por destruir o que eu tinha com ela, como tinha feito com os meus pais e o meu melhor amigo. Naquele momento, era esse o meu maior medo. Mas com a Savannah, ao falar-lhe do Cillian, do hóquei, ao abrir-me... parecia ter-lhe retirado o poder.

A Mia apareceu para nos dar as chaves dos quartos. Reuniu-nos à volta da lareira.

– Esta noite é por vossa conta. Mas amanhã... – Fez um sorriso amplo. – Não quero estragar a surpresa, mas o que vão ver enquanto estamos aqui é... – Encolheu os ombros presunçosamente, deixando-nos em suspenso. – Vocês vão ver.

– Querem ir dar uma volta à cidade? – perguntou o Travis ao grupo. Todos acenámos com a cabeça. – Encontramo-nos aqui dentro de vinte minutos?

Larguei relutantemente a mão da Savannah e deixei a mala no meu quarto. Voltei a descer passados alguns minutos. Estar no quarto sozinho só me levaria de volta a um lugar escuro. O Dylan já estava sentado ao lado da lareira. Via fotografias no telemóvel. Sentei-me no lugar ao lado dele e apanhei uma fotografia dele com um sujeito de cabelo escuro. Guardou rapidamente o telefone no bolso.

– Oi – disse ele, e apontou para o relógio na parede. – Também não querias ficar no quarto?

Abanei a cabeça. Olhei para as escadas, à espera da Savannah. Batia a perna, com o passar dos minutos. Aquele lugar... estar no meio de tanto gelo e neve. Havia tanta coisa a desencadear reações em mim. E isso era o pior de tudo: desde o Cill, as minhas coisas preferidas transformaram-se em minas terrestres pessoais.

– Então, tu e a Savannah? – disse o Dylan, tirando-me de dentro da minha cabeça.

Estreitei os olhos para ele.

– É um problema para ti? – perguntei, e ouvi ciúmes no meu tom de voz.

O Dylan ergueu as palmas das mãos e claramente achou graça à minha pergunta.

– Não de mim – disse ele, e deu-me uma palmadinha no ombro. – Acho que vocês ficam bem juntos.

Eu sabia que ele e a Savannah se tinham aproximado. Parecia que ela conseguia falar à vontade com ele. Eu sabia que isso era raro nela.

– Não gostas mais dela do que como amiga?

O Dylan pôs-se rapidamente sóbrio, e algo que eu não sabia nomear assombrou os seus olhos âmbar.

– Confia em mim – disse ele baixinho. – Não sou nenhuma ameaça.

Deixou que as palavras pairassem no ar entre nós, pesadas e cheias de significado. Os seus olhos imploravam que eu entendesse algo sobre ele, algo que ele não dizia, ou não *podia* dizer, em voz alta. Não insisti. Fosse o que fosse que estivesse a insinuar, era a sua verdade para partilhar, se e quando sentisse necessidade.

– Fixe – disse eu, e vi os seus ombros relaxarem e sair-lhe dos lábios um suspiro de alívio.

Nesse momento, ouvi o som de passos nas escadas, e a Jade, a Lili e o Travis vieram na nossa direção. A Savannah estava apenas alguns segundos atrás deles. Pus-me em pé de um salto e estendi logo a mão para a dela. Ela não hesitou em tomá-la e eu pude imediatamente respirar com maior facilidade.

Não sabia como é que ela fazia aquilo, mas a sua presença, o seu toque, a sua natureza tranquila eram um raio de um tônico para a minha alma. O Travis foi à frente quando saíamos do hotel e parámos todos surpreendidos, mesmo à porta. A escuridão tinha caído desde que entrámos. Tromsø, sem o sol, parecia tirado de um conto de fadas.

– As estrelas... – disse a Savannah e olhou para o céu, que parecia uma pintura. Eu nunca tinha visto tantas estrelas. Nem sequer sabia que existiam tantas.

A Savannah ficou tensa e eu senti a mudança repentina no seu humor. Olhei para ela, que afundou a cabeça, com os olhos ao encontro do chão. Tal como tinha feito antes, coloquei um dedo da mão livre debaixo do queixo dela e orientei-lhe a cabeça para cima. Os seus olhos azuis brilhavam com lágrimas por derramar. Eu não sabia o que desencadeara aquilo, mas obviamente não era bom. Para me assegurar de que os seus olhos encontravam os meus, apertei-lhe a mão duas vezes.

A Savannah fechou os olhos e rapidamente se recompôs. Quando os abriu de novo, forçou um sorriso tranquilizador e eu soube que ela estava a tentar ao máximo afastar a súbita onda de tristeza.

– Tudo bem? – sussurrei, para confirmar.

Os outros afastaram-se para caminhar pela rua, alheios à nossa tentativa de luta contra as sombras.

– Sim – disse com voz rouca, aninhando timidamente a cabeça no meu peito.

Dei um beijo na parte de cima do seu gorro rosa, desejando mais do que tudo que fossem os seus lábios de encontro aos meus. A Savannah afastou-se para trás e lançou-me um olhar tímido sob as pestanas.

Ela era perfeita.

– Cael! Sav! – chamou o Travis, mais à frente na rua. – Vêm?

Enquanto eu e a Savannah caminhávamos de mãos dadas, a neve era esmagada sob os nossos pés. Quando nos encontrámos com o grupo ao fundo da rua, chegámos a um pedaço de terra. A Savannah agachou-se e descalçou a luva. Solto a mão da minha e eu senti a perda instantânea. Com as mãos agora nuas, pegou na neve que deve ter caído antes de chegarmos.

Uma pérola de riso saiu-lhe da garganta quando afundou as mãos até aos cotovelos. Nunca tinha ouvido nada tão perfeito. Não pude deixar de sorrir também quando ela olhou para mim, com as covinhas bem marcadas, e se riu de novo. O meu pêssago da Georgia, tão acostumado ao sol e ao calor do Sul ficou completamente cativado por uns centímetros de neve.

Ela estava a ensinar-me mais naquela viagem do que alguma vez me ensinaram. Ensinava-me que a felicidade não precisa de ser grandes gestos e momentos que mudam a vida. Pode ser apenas *aquilo*. Testemunhar alguém a ver neve pela primeira vez. Ouvir o riso de alguém, verdadeiro e honesto. Eu não sabia que algo tão simples poderia atingir-me com tanta força. Desde o Cillian, nada, nem uma única coisa, me trouxe felicidade.

Até ela chegar.

Era quase doloroso senti-lo. E tão triste, porra, que me rasgou ao meio. Passar tanto tempo, como eu passei, sem sentir o mínimo lampejo de alegria, felicidade ou contentamento.

Olhar para a Savannah a fazer pressão com as palmas das mãos na neve, outra gargalhada leve a sair-lhe dos lábios, fez-me querer guardar o som num frasco para os dias em que eu não conseguia sair da cama. Esta rapariga... fazia-me querer ser mais do que a casca de gente que fui no ano anterior.

– Au! – gritou o Dylan algures atrás de nós. Virei-me, a tempo de ver o Travis arremessar uma bola de neve para as costas do Dylan.

O Dylan virou a cabeça para o Travis.

– Tu não sabes aquilo que começaste, Trav.

O Dylan pegou num punhado de neve e disparou contra o Travis. Juntando-se a ele, a Jade e a Lili começaram a reunir neve, que lançaram a qualquer coisa ou pessoa à vista.

Baixei-me e puxei a Savannah para que se levantasse, atirando-a para trás de mim a tempo de uma bola de neve me aterrar em cheio no peito. Ela agarrou-se à parte de trás do meu casaco, usando-me como escudo. Mas eu apanhei o tilintar da sua leve gargalhada.

O Dylan começou a correr quando vi que foi ele quem atirou a bola de neve. Baixei-me e peguei em neve, e formei uma bola apertada. Atirei-a ao Dylan, que corria para o Travis, e atingi-o nas costas.

– Cael! – gritou ele, e o Travis fez-me também seu alvo, com um vislumbre de proteção ao Dylan patente atrás dos óculos de armação grossa.

Sacudindo quaisquer sentimentos negativos, quaisquer lembranças e pensamentos difíceis trazidos pela neve, lancei-me àquele momento, com a Savannah sempre atrás de mim. A Jade e a Lili gritaram quando o Travis as empurrou às duas para a neve espessa. O Dylan e o Travis riram-se, o som unido de todos nós a esquecer tudo por momentos, só para nos divertirmos um pouco.

O pedaço de erva coberta de neve onde estávamos era comprido e largo, com uma colina inclinada. O Dylan e o Travis começaram a correr um atrás do outro, tentando atirar-se mutuamente ao chão, com a Lili e a Jade logo atrás. Estávamos todos cobertos de branco, da cabeça aos pés. Virei-me para procurar a Savannah, mas quando o fiz, uma bola de neve bateu-me novamente no peito. Olhei para cima, em choque, mas vi as luvas da Savannah cheias de neve e um ar de brincadeira na sua postura.

– Pêssego... – avisei, sentindo um novo tipo de calor entrar no meu peito.

Ela parecia tão despreocupada naquele momento, tão aliviada. Estava deslumbrante. Com um brilho brincalhão no olhar, atirou a segunda bola de neve e começou a fugir de mim.

Mexeu-se depressa, mas eu era mais rápido.

Os demais corriam uns atrás dos outros, por cima de uma colina e para fora de vista, deixando-me e à Savannah sozinhos. Ela escorregou e esforçou-se para correr na neve funda. Eu ganhei terreno, centímetro a centímetro. Ela olhou para trás, vendo-me aproximar-se, e gritou nervosa na expectativa de ser apanhada. Não lhe dei oportunidade de correr para mais longe. Envolvendo-lhe a cintura com os meus braços, fiz com que nos estatelássemos na neve, o nosso ímpeto partilhado fazendo-nos rolar três vezes até pararmos. Ela estava deitada por baixo de mim, o meu corpo apoiado acima do dela. Inclinei-me para o lado, só para não a esmagar. Mas deixei as mãos na cintura dela, ficando o mais perto possível.

A Savannah ria-se tanto que teve de abraçar a barriga. Eu também me estava a rir, mas parei, completamente hipnotizado por vê-la assim. Abriram-se vincos em leque nos cantos dos seus olhos. Lágrimas de

alegria escorreram-lhe pelas faces e as suas covinhas ficaram fundas enquanto ela tremia de histeria.

O meu rosto pairava sobre o dela, captando a névoa branca que o ar gelado criava quando ela exalava a sua respiração quente. A única coisa que eu via nesse momento era a felicidade que irradiava do largo sorriso da Savannah. Tudo o que eu sentia era ela nos meus braços, a pressão do seu corpo contra o meu.

A Savannah olhou para mim e a sua gargalhada diminuiu quando a tensão entre nós aumentou. Passei os olhos por todas as partes do rosto dela. A sua pele cor de pêssego, o salpico de sardas que lhe polvilhava o nariz. As covinhas que agora me obcecavam, as bolinhas de ouro nas suas orelhas e a maneira como as pestanas compridas batiam nas maçãs do rosto quando pestanejava. Mas, acima de tudo, eu não conseguia desviar a atenção dos seus lábios.

Estendi a mão e afastei do seu rosto uma madeixa comprida de cabelo caído. A Savannah inclinou-se para a palma da minha mão e foi como se o mundo inteiro se desmoronasse. A neve e as luzes à nossa volta faziam parecer que estávamos no nosso próprio globo de neve, onde a dor, a tristeza e a perda não conseguiam penetrar.

A Savannah engoliu em seco e eu senti o tremor que lhe perpassou o corpo enquanto a ponta do meu dedo percorria a cana do seu nariz e o coração do lábio.

– És tão linda – disse, rouco, e os olhos da Savannah arregalaram-se com a minha confissão. Eu não dizia coisas dessas de ânimo leve.

– Cael... – murmurou ela, e fez uma inspiração trémula.

Eu via que ela estava nervosa. Não sabia se alguma vez tinha sido beijada. Se não tivesse, eu queria ser o primeiro. Nunca na vida quis tanto uma coisa. Ela não sabia, mas o hóquei consumiu toda a minha vida. Eu nunca tinha tido tempo para namoradas; entre o Junior Hockey e o Team USA, só restava tempo para a escola e para dormir. Aquele momento era tão monumental para mim como para ela.

– Tu também és lindo – disse ela, com o famoso rubor aflorando-lhe as faces.

As suas palavras suaves e trémulas destruíram-me. Eu sabia o que devia ter custado à sua natureza tímida admitir aquilo.

Peguei na mão dela e tirei-lhe a luva. Beije-lhe as pontas dos dedos; beije-lhe os dedos e depositei beijo atrás de beijo na palma, nas costas da mão. Quando me inclinei, os olhos da Savannah fecharam-se enquanto eu colava os lábios à sua testa. Fui engolido pelo aroma a amêndoas e cerejas. Agarrei-a com mais força, o meu braço em torno da sua cintura puxando-a para mais perto de mim. Tinha o peito encostado ao dela e sentia o seu coração disparar.

Percorri com os lábios o caminho até à têmpora; as mãos da Savannah agarraram a minha com tanta força que julguei que podiam deixar uma marca. Movi os lábios até à sua bochecha e beije uma das covinhas que eu tanto adorava. A Savannah arquejou. Recuei e encontrei os seus olhos. Eu precisava de saber que ela queria aquilo. Eu precisava de saber que ela sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela.

Queríamos que aquele tempo passado na Noruega fosse para aproveitar o momento e abraçar a felicidade que perdemos durante tanto tempo. Eu não conseguia pensar em nada mais eufórico do que ter os beijos dela.

A Savannah colocou a mão na minha face e começou a conduzir os seus lábios para os meus, um convite claro. Aproximei-me cada vez mais, o meu pulso acelerando tanto como o dela. Então, assim que o meu lábio superior roçou o dela, um milhão de arrepios percorrendo a minha pele, o som dos nossos amigos regressando a correr pela colina abaixo na nossa direção embateu no casulo onde nos tínhamos escondido.

Parei, a minha boca tão perto da dela. Os olhos da Savannah fecharam-se, depois abriram-se e uma gargalhada irrompeu entre nós. As vozes do Travis e do Dylan navegaram à nossa volta e eu deixei cair a testa na dela, num gesto de derrota.

– Mau sentido de oportunidade – disse eu à Savannah, que se riu de novo.

Levantei a cabeça e interiorizei as suas pupilas dilatadas e as faces quentes. Beije-lhe a face rosada, segurando-a o máximo de tempo que consegui antes que os nossos amigos se aproximassem demais. Eu sabia que a Savannah iria odiar ser apanhada assim, demasiado exposta a

olhares curiosos. Afastando-me de onde estávamos deitados, estendi a mão e ela fez deslizar a sua na minha. Eu estava convencido de que duas mãos nunca tinham encaixado com tanta perfeição.

Ajudei-a a levantar-se da neve e sacudi a camada que se lhe tinha colado à roupa. Ela tremia, a humidade da neve começava a congelar na sua pele. Incapaz de resistir, segurei o rosto da Savannah com as mãos em concha e beijei-lhe a testa, sussurrando:

– És a melhor coisa que me aconteceu em tanto tempo, Pêssego.

– Cael – disse ela, agarrando-se aos meus pulsos.

Provavelmente sentia o meu pulso tropejar sob a pele. Recuei e ia afastar-me quando ela me puxou os pulsos, fazendo-me parar a meio do passo. Mordendo o lábio com os nervos, aproximou-se de mim devagar e pôs-se em bicos dos pés. Eu baixei-me um bocadinho para que também ela pudesse colocar a mão na minha face. Então a Savannah inclinou-se e deu-me um beijo na pele com a barba por fazer.

O meu coração parou.

O Travis e o Dylan dirigiram-se a nós em debandada, cobertos de neve da cabeça aos pés. A Savannah virou-se para eles, a rir quando a Jade e a Lili também vieram, e parecia haver mais neve em cima de todos eles do que no chão.

Mas eu não conseguia tirar os olhos da Savannah.

– Está um gelo! – disse a Lili, tremendo de frio quando todos pararam.

– Jantar junto à lareira no hotel? – sugeriu o Travis, recebendo acenos firmes de concordância.

Deixei-me ficar para trás um segundo quando todos começaram a percorrer a rua de regresso ao hotel. As estrelas eram um cobertor cheio de brilho ao alto, a neve branca vibrava na noite escura, e depois havia a Savannah, que brilhava mais do que as estrelas e a neve juntas.

Sentindo a minha ausência, ela virou-se e estendeu a mão.

– Vens?

Endireitei o casaco e fui ter com ela, segurando a mão que me oferecia. E segui-a pela rua, de volta ao hotel. A cada passo que eu dava ao seu lado, ganhava rapidamente consciência de que seguiria aquela rapariga para qualquer lugar.

Ela era o milagre que eu nunca esperei.

Quando entrámos no hotel, a Mia e o Leo estavam na receção.

– Cael? Savannah? – disse o Leo, chamando-nos do grupo.

Olhei para a Savannah e vi o nervosismo tomar conta do seu rosto. A Mia disse aos outros onde era o jantar, depois veio ter connosco.

– Só queremos ter uma conversa com os dois – disse o Leo, gesticulando para que o seguissemos até uma sala privada, logo a seguir ao átrio.

Seguimo-lo e a mão da Savannah apertou na minha. Ela estava nervosa. Havia uma mesa na sala, com quatro cadeiras à volta.

– Por favor, sentem-se – disse o Leo, e eu e a Savannah sentámo-nos de um lado. A Mia e o Leo ocuparam os lugares do outro.

Cerrei o maxilar, agitado. Era evidente por que razão nos tinham chamado à parte. Mas não era a raiva que me atravessava. Eram os nervos. Estava cheio de uma emoção nova: medo. Medo de que eles não aprovassem que estivéssemos juntos.

Esperei que o Leo e a Mia falassem. A Savannah, claramente sentindo o meu mal-estar, apertou a minha mão duas vezes.

– Pedimos-lhes que viessem aqui – disse a Mia, com voz suave –, porque reparámos em alguns desenvolvimentos entre vocês.

Olhei para a Savannah. Tinha as faces ruborizadas de vergonha, mas mantinha a cabeça erguida, o que me fez perder um pouco do desconforto que eu sentia.

O Leo debruçou-se na mesa.

– Não é a primeira viagem que fazemos, longe disso. E não é a primeira vez que temos pessoas que se apaixonam umas pelas outras enquanto estão fora – disse ele.

O pânico, forte e verdadeiro, inundou o meu corpo e dei por mim a falar sem pensar:

– Não me vou afastar dela.

O meu coração batia com força enquanto me preparava para uma discussão.

Os olhos do Leo foram ao encontro dos meus. Não parecia chateado com a minha interrupção. Eu sabia que provavelmente parecia insolente, mas a Savannah tinha sido a única coisa boa que me aconteceu em tanto

tempo. Eu não ia deixar que eles nos separassem; não *podia*. Agora que a raiva tinha finalmente caído e eu podia respirar. Agora que tinha encontrado alguém que me fazia sentir compreendido.

– Não te estamos a pedir isso, Cael – disse ele calmamente. – Mas precisamos de falar com vocês sobre o que esperamos dos dois.

– Tudo bem – respondeu a Savannah, e pousou a mão livre sobre as nossas mãos unidas. Suporte adicional. – Nós entendemos. – Acenou com a cabeça para mim, instando-me a ouvi-los também.

Respirei fundo, libertando o pânico que me atravessava.

– Não podemos impedir que as pessoas desenvolvam sentimentos umas pelas outras – disse o Leo. – Vocês têm dezassete e dezoito anos, não são crianças pequenas. Mas estamos aqui para ajudá-los com a dor que sentem e o que nos preocupa é que o progresso de cada um seja prejudicado se contarem muito um com outro e não com os vossos percursos pessoais.

– Pedimos-lhes que adiram às lições e aos ensinamentos que exigimos de vocês, como indivíduos – disse a Mia. – E também – disse ela, e endireitou-se, mais autoritária no seu assento – *insistimos* para que sigam as regras e os limites do programa. Nada de escaparem juntos. Nem de partilhar quarto. É terapia primeiro, relacionamento depois. Está bem?

Os meus olhos baixaram para a mesa. Não gostei do som daquelas palavras, mas nunca iria expressá-lo em voz alta, por medo de que eles interferissem comigo e com a Savannah.

– Se quebrarem estas regras, entraremos em contacto com os vossos pais e isso pode comprometer o vosso lugar nesta viagem – acrescentou o Leo.

Cerrei o maxilar. Não me importava com a terapia. Naquele momento, só queria a Savannah. A terapia não me ajudou. Ela sim, numa questão de semanas.

– Não vamos quebrar as regras – disse a Savannah.

Eu não disse nada.

E isso chamou claramente a atenção do Leo, porque disse:

– Compreendes, Cael?

– A Savannah faz-me bem – disse eu, encontrando o seu olhar. O Leo ouviu atentamente, calmamente. Eu não sabia bem o que ele estava a pensar. Mas queria que ele *entendesse*. Engoli em seco, olhei para os olhos arregalados da Savannah e disse: – Eu... Eu contei-lhe do Cill. – A minha voz ficou rouca da energia que me custou dizer aquilo em voz alta. – E eu... – interrompi-me. – *Eu estou* a sentir-me melhor. A minha raiva deixou de ser tão... controladora.

– Isso é ótimo, Cael. Notámos uma mudança positiva em ti – disse a Mia, parecendo sincera nas suas palavras. – E queremos que se abram com os vossos companheiros de viagem. Eles são a vossa maior forma de apoio nesta viagem. Mas queremos que também confidenciem connosco. Nós não somos inimigos. Queremos, mais do que tudo, ajudá-los. Aos dois. Preocupa-nos que se usem como muleta. Não é saudável, e nenhum relacionamento pode sustentar ou sobreviver a isso. Vocês os dois precisam de sarar primeiro e não podem esquecer isso à medida que vão ficando mais chegados.

– Não vamos esquecer – disse a Savannah, falando por nós os dois. – Seremos respeitosos com vocês os dois e com o programa. Nós prometemos.

Senti o seu olhar duro e fui ao encontro dos seus olhos azuis, acenando relutantemente em sinal de assentimento.

– É só o que pedimos – disse o Leo, após uma pausa. Eu sabia que ele me observava como um falcão. Sabia que ele tinha captado a minha apreensão. Mas pareceu pôr de parte o assunto quando bateu na mesa e disse: – Agora que está assente, vamos lá jantar.

* * *

– Ó meu Deus! – disse a Savannah enquanto víamos uma baleia romper a superfície da água e, em seguida, voltar a cair.

O barco em que nos encontrávamos balançava de um lado para o outro, o ar ártico e fresco à nossa volta. Estávamos todos embrulhados em roupas térmicas, com cafés quentes nas mãos. A nossa atenção estava colada na água, que as baleias encimavam ao longe.

Eu nunca tinha visto nada assim. Parecia tudo tão surreal. Continuei a pestanejar, sentindo que tudo se iria desvanecer, que não estávamos realmente ali, naquele lugar que parecia ser um faz de conta.

A Savannah encostou-se mais ao meu peito. Eu continuei a ouvi-la sustar a respiração quando outra baleia veio à superfície, cada vez mais perto do nosso barco. As montanhas cercavam-nos, cobertas de neve e imóveis, sendo a queda das baleias na água o único som; isso e os arquejos do nosso grupo quando ficávamos siderados perante a incrível visão diante de nós.

– Há outra – disse a Lili baixinho e apontou para o lado do barco.

A Savannah apertou-me a mão, mas eu sabia que não era por ter tido um pensamento mau sobre a irmã. Era por estar impressionada com as vistas. A Savannah não tinha dito uma palavra naquela viagem de barco. Tinha os olhos arregalados, os lábios entreabertos de espanto.

Era quase demais, ver aquilo. Circundados por montanhas altas, com a pitoresca cidade de Tromsø atrás de nós. Na nossa dor, os nossos mundos foram reduzidos apenas à perda do nosso ente querido e aos sentimentos viscerais que cada dia sem eles nos trazia. Estar num lugar assim, ver coisas na vida real que eu só tinha visto na televisão, recordou-me a enormidade e vastidão do mundo. E como a minha vida era minúscula no grande esquema de tudo. Um único grão de areia na praia do universo.

O aroma fresco dos fiordes deslumbrantes e das iguarias locais estava muito longe do cheiro a carvalhos e fumo da fogueira da minha cidade natal. E o aroma a cerejas e amêndoas da Savannah trazia uma sensação de paz à minha alma que eu não tinha certeza de *alguma vez* ter tido – mesmo quando o Cillian estava vivo.

Duas baleias vieram à superfície da água, uma a uma, e a Savannah virou a cabeça, olhando para mim com um brilho de pura alegria no sorriso. Senti o estômago revirar, beijei-lhe a cabeça e apertei-a com mais força nos meus braços.

– Não consigo acreditar que estou a ver isto – murmurou ela, só para eu ouvir.

Inspirou a vista, e foi como se um arrepio lhe percorresse a espinha.

Quando afastei a minha atenção da Savannah e olhei para todos os outros no barco, eles estavam igualmente siderados. Isso fez-me pensar naquela manhã e na sessão de grupo em que a Mia e o Leo nos fizeram participar. Só que essa sessão tinha sido diferente das outras. Não se falava de perda, luto ou dos sentimentos que nos afogavam. Em vez

disso, viraram o interruptor e perguntaram-nos o que nos trazia alegria. Eu tinha ficado perplexo com a mudança repentina de tom. Eles queriam saber que vistas, sons ou tradições adorávamos e traziam felicidade à nossa vida.

Outono, respondeu a Jade. *Hannukah*, disse a Lili com um sorriso nostálgico. *Estar perto de pessoas*, disse o Travis, e senti um abismo no estômago. Depois do que lhe aconteceu, não sei se ainda teria muitas pessoas à sua volta.

Liberdade, respondeu o Dylan, e dirigiu um olhar rápido na minha direção. Eu começava a pensar que o Dylan se estava a esconder, e talvez ele estivesse farto de o fazer. Quando a Mia se virou para a Savannah, ela brincou com as mãos, mas disse: *Família*. Senti um aperto na garganta com a sua resposta calma. *E o mundo*, acrescentou, surpreendendo-me. Ficou a olhar para as mãos ocupadas quando disse: *Gosto de ciência. Das estrelas. Gosto de ver coisas que me tiram o fôlego. Que nem sempre entendo*.

Eu queria dizer-lhe que olhar para ela fazia-me isso.

Quando a Mia me perguntou, eu não tinha uma resposta. Pelo menos nenhuma que pudesse dizer em voz alta. Porque quando a Savannah me segurou a mão e apertou duas vezes, vendo-me ficar em silêncio, eu queria dizer a todos que era ela. A Savannah. Naquele momento, ela era a única coisa a trazer alguma forma de felicidade à minha vida.

E isso era tão aterrorizante como consolador.

– Estás bem? – perguntou então a Savannah, inclinando a cabeça para cima para encontrar os meus olhos.

– Estou – disse eu, e apoiei o queixo no cimo da sua cabeça.

A Savannah era pequena, mas encaixava perfeitamente em mim, qual peça de quebra-cabeças feita para encaixar na minha.

O barco continuou a abrir caminho pela água, mesmo quando as baleias pareceram desaparecer. Navegámos pelos fiordes, a ver pequenas aldeias e litorais arrebatadores cobertos de gelo e neve. Lembrava-me um pouco o Lake District, onde tínhamos acabado de estar. Como eram isolados e afastados. O lugar perfeito para fugir de tudo. Como os poetas de que a Savannah me falou. Ela não sabia, mas eu tinha lido o livro dela

de uma ponta à outra, só para saber o que a tinha deixado tão siderada. Eu queria compreendê-la mais, mesmo quando estava a tentar mantê-la a uma certa distância.

– Olha para aquilo – disse a Savannah, apontando para uma praia coberta de neve. Havia admiração estampada no seu rosto. Era uma visão estranha – ver o que normalmente seria uma vista soalheira e dourada – coberta com o branco da neve. – Que incrível – murmurou ela, mais para si do que para mim.

Tomei uma nota mental de me certificar de que ela via aquilo de perto antes de partirmos da Noruega para o nosso próximo destino.

* * *

O dia passou depressa e, em todas as horas em que estivemos lá fora, nunca larguei a Savannah. Isso fez com que a minha mente regressasse à pista de gelo em Oslo. E eu pensasse como fiquei paralisado só de vê-la. Não podia negar que os meus pés estavam em pulgas para calçar um par de patins. Isso surpreendeu-me mais do que tudo. Permiti-me alguns momentos para recordar aquela sensação. A adrenalina que eu sentia quando pisava no gelo e deslizava à volta da pista, empurrando-me a uma velocidade tão rápida que parecia estar a atravessar um furacão.

E fiel ao nosso acordo, esforcei-me para separar a memória do Cillian. Focado apenas no gelo e em como me fazia sentir. Como eu me alinhava ao lado dos meus companheiros para o hino nacional, como afundava o disco na rede. A euforia que sentia ao enfiar o fato e esperar no túnel, pronto para que o meu nome e o meu número fossem anunciados.

Era o meu coração.

Era a minha casa.

A paz impregnou os meus músculos, ossos e mente. Apenas a imaginar que voava à volta do gelo, de taco na mão. Estar naquele lugar, cercado pelas montanhas, pela água e pelas baleias, autorizou-me a sonhar. A sonhar e a recordar que já tive algo que adorei tanto que quis dedicar toda a minha vida a isso. Eu *adorei* o hóquei. Também tinha adorado jogar hóquei com o Cillian, mas, naquele momento, consegui fazer uma distinção entre os dois.

O hóquei também tinha sido só *meu*.

A Savannah virou-se nos meus braços e perscrutou o meu rosto.

– Em que estás a pensar? – perguntou ela, enroscada no meu peito.

Conseguia ler-me como eu conseguia ler um jogo.

– No hóquei – disse eu, e vi a preocupação brilhar no seu rosto. Abanei a cabeça. Os outros estavam muito ocupados a contemplar as vistas para repararem em nós, portanto coleí a minha testa à dela. Estava rapidamente a tornar-se o meu lugar preferido para estar. – Como o adorei, talvez *ainda* adore. Como me faz... feliz – disse e sacudi a cabeça com uma gargalhada autodepreciativa. – Não sei. – Apontei para o surreal que nos rodeia. – Este lugar... está a fazer-me pensar em coisas em que não me tinha deixado pensar. Coisas maiores. Coisas que eu achava que estavam fora de alcance.

– Isso deixa-me feliz – disse ela, e eu podia ouvir que ela o dizia com sinceridade.

Senti uma súbita onda de emoção disparar pela garganta, roubando-me a voz. Senti os olhos a picar e as mãos a tremer. A Savannah reparou. Inclinou-se e disse:

– Estou orgulhosa de ti. – Senti comichão no nariz. Funguei para a descartar, com a imensidão do fiorde a ficar esborratada diante de mim. Ela fez-me um sorriso e eu quase me desfiz. – Adorava ver-te jogar um dia – disse ela e apagou-me ali mesmo.

– Sim? – perguntei, com a voz esperançosa.

Ela assentiu. Puxei-a para mim, enterrando o rosto no seu cabelo comprido. O barco balançou e eu tentei pôr de lado o pensamento do hóquei, mas simplesmente não conseguia parar de imaginar a Savannah a ver-me jogar. Ela, nas bancadas, a torcer por mim. Durante meses, quis livrar a minha mente de qualquer coisa que pudesse recordar-me o passado. Mas tinha acabado de ser novamente colocada uma faísca na minha alma. Não era grande coisa. Não era um plano para pegar nos patins nem sequer para pensar que eu poderia, de alguma forma, ser o Cael de antes. Mas havia uma pequena chama acesa...

E eu optei por não lutar contra isso.

Céus Coloridos e Beijos Congelados

Savannah,

Perguntas-me muitas vezes pela minha fé. Como é que eu sei, na minha alma, que há algo maior do que nós. Maior do que este mundo. E que há um lugar cheio de amor e paz para além desta vida. Estou em paz com a morte. Porque acordarei no céu e estarei livre da dor.

Eu sei que o teu coração está com as estrelas. Com o espaço e a ciência e as maravilhas inexplicáveis que te deixam fascinada. Embora vejamos as coisas de forma diferente, são ambas tão especiais quanto significativas. Por favor, nunca percas isso. Não te percas na tristeza e na amargura.

Desafio-te a encontrares magia no mundo. Encontra a maravilha e a esperança e a beleza que nos foi concedida nesta Terra. Inclina-te para as alegrias diárias e aprecia cada momento com um coração aberto e puro. Vai ajudar-te a atravessar os tempos difíceis.

Sorri para as estrelas,

Poppy

* * *

Savannah

– Amor! – saudou a minha mãe quando a chamada foi feita.

– Olá, mãe – disse eu, e senti-me logo envolvida pelo conforto do lar.
– Como estão vocês?

– Estamos bem, minha querida – disse ela. – O teu pai também está aqui. Vou pôr-te em alta voz. – Foi o que fez, e a voz do meu pai fez-se ouvir imediatamente.

– Olá, querida.

– Olá, pai! Adivinha o que estamos prestes a ver – disse eu, olhando pela janela da receção, enquanto esperávamos que o autocarro chegasse. O céu noturno e eu estávamos cheios de expectativa inebriante.

– O quê? – respondeu ele.

– A aurora boreal.

– Savannah... – murmurou a minha mãe, suave e gentil. – Sempre sonhaste vê-la. Que especial para ti que esse sonho se vá realizar – disse ela, e eu sorri.

– Nem consigo acreditar – disse eu, sem saber como expressar o nível de excitação que explodia dentro de mim. Depois vi os faróis do autocarro aproximarem-se do hotel. – O autocarro vem aí para nos levar a um ponto de observação, mas eu só queria dar notícias e avisar que estou bem.

– Obrigada, querida. Pareces tão forte. – O meu coração palpitou com estas palavras. – E temos tantas saudades tuas – disse a minha mãe, e eu derreti. – Ah, tenta ligar à tua irmã. Tu sabes que ela não pode passar um dia sem saber de ti e vai ficar doida por ter perdido outra vez a tua chamada.

O meu coração desabrochou ao ouvir isto. Era verdade. Eu tinha mandado mensagens sem parar à Ida desde que ali estava. E também liguei aos meus pais na maior parte dos dias, mas apanhar a Ida entre as nossas atividades, a escola dela e os treinos de *cheerleader* para falar ao telefone era um bocado complicado.

– Vou ligar – disse eu. Olhei para os outros no átrio. O Cael estendeu a mão, fazendo-me sinal de que era hora de ir. – Falo-vos amanhã. Adoro-vos!

– Também te adoramos! – gritaram em uníssono, e eu desliguei, sentindo-me mais leve.

Quando me aproximei do Cael, ele pôs o braço sobre os meus ombros e puxou-me para o seu lado. Cada vez nos importávamos menos que os outros nos vissem assim.

Eu também tinha notado que o Cael nunca ligava para casa. O Leo disse-lhe nessa manhã que tinha falado novamente com os pais dele para lhes dizer que ele estava bem. Parecia ser assim na maior parte dos dias. O Cael respondeu ao Leo com um movimento tenso do queixo. Eu não tinha abordado o assunto dos pais com ele. Estava a fazer alguns progressos, mas era claro que continuava nas trincheiras emocionais e eu não queria alongar-me muito sobre o porquê disso. Estava menos zangado. Brincava e sorria mais naqueles dias. Foi incrível presenciar isso. Eu tinha medo que pressioná-lo demais sobre os pais o fizesse recuar. E como a Mia e o Leo disseram, eu precisava de deixá-lo explorar o seu percurso através do luto. Muito embora eu só quisesse que ele ficasse melhor.

Subimos para o autocarro. Sentia arrepios pela espinha, de excitação. Aquilo estava na minha lista de coisas a fazer antes de morrer. Veio-me à cabeça a Poppy quando pensei nisso, mas em vez de deixar que a imagem me incapacitasse, imaginei a animação no seu rosto e como estaria contente por mim. Muitas vezes sonhávamos em ver aquilo juntas: eu, ela e a Ida. O texto do Rune veio-me à memória como um cobertor quente lançado à volta do meu corpo.

Ela está contigo...

Eu queria acreditar.

Embora a aurora boreal pudesse ser vista de Tromsø, para conseguirmos o efeito total, estávamos a apanhar um autocarro para fora da cidade, longe das suas luzes num lugar isolado, onde podíamos ver a maior atividade.

O Cael sorriu para mim quando olhei pela janela, a cidade a desaparecer em pano de fundo e a nossa única vista sendo a neve densa à nossa volta. Pôs a mão no meu joelho. O meu peito encheu-se de um nervoso miudinho que depois me desceu ao estômago. Era uma sensação com que começava a estar mais do que familiarizada. Todos os dias, quando Cael estava perto, o nervoso miudinho saltava.

Deixei-me olhar para os seus lábios. Lábios que quase beijaram os meus. Ainda sentia o calor de sua respiração quente e mentolada na minha pele fria. Ainda sinto a suavidade dos seus lábios quando roçaram ao de leve nos meus.

Eu tinha a sensação de que estava tudo a ir em hipervelocidade, como se estivéssemos num vácuo onde sentíamos e experimentávamos mais do que seria possível em casa. As nossas emoções estavam ao rubro e agarrávamo-nos a momentos que nos punham para cima e nos faziam sentir vistos.

Sentia-me mais vista pelo Cael do que por qualquer pessoa antes dele. Por ser tão introvertida, era-me quase impossível deixar as pessoas entrarem. Mas ele bateu suavemente à porta do meu coração e entrou cuidadosamente. Não tinha entrado de rompante, não escancarou a porta. Suavemente, com cuidado, pediu para entrar.

E eu gostei que ele estivesse lá. Mas isso também me apavorava.

O Cael deu-me a mão e recostou-se no encosto de cabeça do banco do autocarro, alheio aos meus pensamentos afetuosos sobre ele. Fechou os olhos, e isso deu-me licença para estudá-lo realmente, sem ser observada. Ele era muito mais do que eu julguei no início da viagem. Tinha visto as suas tatuagens e os buracos nas orelhas, os olhos tempestuosos e o maxilar cerrado, as explosões cortantes, e presumi que fosse frio e descarado. Alguém que não queria a companhia dos outros.

Mas isso não podia estar mais longe da verdade. Ele era gentil, puro e sensível. Eu queria que ele se curasse da morte do irmão como eu da da Poppy. Ainda só tinha recebido migalhas de pormenores sobre a morte do seu irmão. E tudo bem. Devido à natureza da morte de Cillian, eu estava à espera de que fosse quase impossível falar sobre isso sem quebrar.

Desde que estávamos na Noruega, senti mais uma mudança no Cael. Eu não tinha a certeza se conseguiríamos fazer o que nos propusemos: esquecer a nossa dor por um tempo. Mas estávamos a tentar e eu sentia-me mais leve. Sem o peso do luto sobre o meu pescoço, eu era capaz de olhar para cima e ver o céu. Ver as estrelas, o Sol e a Lua.

Estava prestes a ver a aurora boreal.

Tinha tido uma sessão individual com o Leo na véspera. Já tínhamos falado sobre TCC (terapia cognitivo-comportamental). Não foi a primeira vez que a experimentei. Era uma forma de reenquadrar os meus pensamentos. De lhes dar a volta, para encontrar neles um significado mais profundo. Na Georgia, o Rob também tinha tentado isso comigo. A diferença agora era que *eu* estava disposta a tentar. Em casa, eu tinha sido uma verdadeira estátua, com a alma presa no meu corpo congelado, incapaz de me libertar dos punhos gelados do luto.

Ali... o meu corpo tinha começado a descongelar, permitindo-me *tentar*. E eu estava a tentar. Ali, na Noruega, estava a tentar mais do que nunca. O Rune também tinha tentado essa abordagem comigo. Que, em vez de eu ficar triste por a Poppy não estar ali comigo, vivesse aquela experiência por ela – por nós as duas.

Não era simples e não era fácil. E bastava eu baixar a guarda por uns meros minutos para a tristeza tentar bater-me com a força de um maremoto. Mas eu estava a lutar, pelo menos por enquanto. Estava a abraçar o breve indulto da paz.

Enquanto olhava para o Cael, a quem o sono transportava para um lugar seguro por um tempo, esperava que isso fosse verdade também para ele. Olhei de novo pela janela. Tudo o que me cumprimentou foi neve. Quilómetros e quilómetros de neve, nada mais à vista. O autocarro esmagava o gelo sob os pneus e eu pousei a cabeça no Cael e deixei o cheiro de sal marinho e ar fresco dançar à minha volta.

Se alguém me tivesse dito há umas semanas que eu agora ia estar ali, com um rapaz de quem gostava, na Noruega, prestes a ver a aurora boreal, eu teria pensado que estavam a mentir.

Mas se há coisa que a vida me ensinou é que ela pode mudar num piscar de olhos.

Foi bom que o universo me mostrasse que nem sempre é para pior.

O sol começou a baixar ao longe, e eu já conseguia ver as estrelas a acordar e a projetar o seu brilho no céu, que ainda não estava escuro. Era como se quisessem lugares na fila da frente para o espetáculo a que estávamos prestes a assistir.

As estrelas... lembravam-me sempre da Poppy. Quando ela morreu e eu andava à procura de um sentido para a minha perda ou, quando a vontade de voltar a vê-la se tornou tão avassaladora, procurei qualquer

coisa que me desse um sinal. As estrelas tornaram-se isso para mim. O espaço era vasto e praticamente desconhecido. Fazia sentido para mim que a Poppy se pudesse ter tornado uma estrela depois da morte. Brilhara o suficiente em vida para fulgir nos céus. Durante meses após a sua morte, quando a ferida estava em chaga e era incapacitante, ver as estrelas sempre me trouxe um pequeno consolo. À noite, iludia-me a crer que a estava a ver de novo no céu. Havia noites em que não me deixava dormir até o amanhecer e as estrelas terem desaparecido.

Só para ela não estar lá em cima, sozinha.

Nessa altura, eu era mais nova. Talvez tivesse sido uma fantasia parva, uma forma de lidar com a situação. Mas mesmo agora, aos dezassete anos e quase quatro da sua ausência, continuava a olhar para as estrelas e a sentir falta dela.

Uma vez li um livro sobre a aurora boreal. Por que razão acontecia e os muitos mitos e crenças que diferentes culturas tinham para a sua existência. Agora, que se destacava para mim, eram os antepassados a transporem o véu celestial, mostrando aos seus entes queridos que estavam bem. Almas falecidas que apareciam aos nossos olhos para nos assegurarem que continuavam vivas, de alguma forma.

Com este pensamento, um dardo de tristeza bateu contra a bolha protetora que eu tinha criado em torno de mim, tentando penetrá-la. Mas aguentei firme e afastei-o.

Senti então dois apertos na mão.

Inclinei o queixo para cima e vi os olhos sonolentos do Cael perscrutando o meu rosto. Fiz-lhe um sorriso débil e ele beijou-me a cabeça. Voltei a enfiar-me no seu casaco acolchoado e refugiei-me no silêncio do autocarro.

Passado algum tempo, o autocarro parou e os nossos guias ocuparam-se a criar um ponto de observação com cadeiras, câmaras e bebidas quentes. Quando saí do autocarro, o frio amargo tirou-me o fôlego. A brisa navegou para os meus pulmões e cada inspiração minha parecia fogo de gelo escaldante.

Puxei o cachecol para a boca e peguei no chocolate quente que nos tinha sido dado. Enquanto segurava a mão do Cael, sentámo-nos, lado a lado, e o crepúsculo caía rapidamente sobre a terra. Consequia ver as

luzes fracas de Tromsø cintilarem ao longe, mas ali fora estávamos isolados e testemunhávamos a vastidão reveladora do céu que as cidades e vilas muitas vezes disfarçam.

As estrelas pareciam surgir no céu, uma a uma, em sucessão acelerada. Eu estava siderada com o aparecimento de constelação após constelação, parecendo mais nítidas e profundas do que nunca.

Todo o grupo estava em silêncio, a aguardar a explosão de cor que se esperava. Segurei a mão do Cael com tanta força que tive medo de o magoar. Mas ele também segurava a minha com força. As respirações unificadas foram sustidas quando um lampejo de verde começou a descer do céu. Fiquei imóvel de choque, como se qualquer movimento perturbasse o tímido fio de luz e o assustasse.

Mas depois voltou a brilhar, só que desta vez tinha aumentado de força, como se esticasse os braços e as pernas depois de um longo sono. O verde néon começou a brilhar e cair sobre o céu negro como uma cortina cintilante.

Não tardou a que todo o céu se enchesse de luz verde, as labaredas refletindo o branco da neve, aumentando o seu efeito impressionante. As estrelas brotavam aos milhares de milhões, cintilando como o mais caro dos diamantes. Foi o maior espetáculo que a Terra já viu.

Uma sensação de paz tão profunda percorreu todas as células do meu corpo e senti as lágrimas começarem a cair pelo meu rosto. Ali sentada, debaixo do céu sem fim, percebi como é que as pessoas acreditavam tratar-se dos espíritos visitantes dos nossos entes queridos. Porque ver aquilo era como ver a Poppy de novo. O meu coração inchou, a minha alma cantava com a beleza e a graça que as luzes davam, dançando ao som de uma música que só o céu conseguia ouvir.

Escapou-se-me da garganta um soluço, que eu não consegui conter. Mas não era um grito de tristeza ou perda; era de falta de ar e espanto e uma admiração tão forte que parecia irradiar de mim com a mesma força do brilho das luzes que estavam à frente dos meus olhos. *Era* a Poppy. Isto era tudo a Poppy. Ela tinha sido vibrante, brilhante, de tirar o fôlego. Tinha vivido apenas por um tempo efêmero, mas viveu-o com audácia. Abraçara todos os momentos que a vida lhe dera...

Ofuscara todo o céu noturno.

O Cael puxou-me mais para si, mas não houve apertos de mão ou olhares de preocupação. O meu coração inclinou-se ainda mais para si, porque ele tinha reconhecido aquele momento como crucial e sereno, não triste ou desolador.

Era um momento de *afirmação* de sentimentos.

Sentados sob as luzes, vimos azuis e vermelhos entrarem na competição. Era uma tapeçaria de luz. Ali sentados, o universo mostrava-nos que era infinito e interminável. Ali sentados, víamos os entes queridos que perdemos a dançarem ao alto entre as estrelas, livres de dor e inteiros. Sem medo, sem mais sofrimento.

E eu chorei. À medida que as luzes cresciam em força, mais lágrimas caíam. Rezei para que os mitos estivessem certos e a Poppy se encontrasse lá em cima, a olhar para mim com o seu sorriso de covinhas e gosto pela vida.

A minha vida tinha sido tão contida, tão pequena nos últimos quatro anos. Tinha sido reduzida a uma única emoção visceral. Ali sentados, o universo gritava-me que a vida era mais do que aquela que vivíamos. Que quando o nosso coração deixava de bater, a nossa alma voava para o norte, qual poeira das estrelas achando o seu caminho para casa.

– Cael – sussurrei e afastei os olhos das luzes para olhar brevemente para o seu rosto.

Também tinha as faces molhadas e os seus olhos prateados pareciam duas estrelas arrancadas e colocadas dentro deles. Olhei para trás e permiti-me senti-lo. Sentir tudo. Admiração, espanto, esplendor, maravilha. Deixar que o vasto mundo invadissem a minha alma.

Até abracei o fiozinho de medo que se soltou do tecido do meu coração, o pensamento aterrorizante de ser tão pequeno e insignificante sob uma visão tão poderosa.

Eu senti *tudo*.

Não me mexi durante o que poderia ter sido horas ou anos. Fiquei quieta na cadeira, com a cabeça inclinada para trás e hipnotizada pela aurora boreal e toda a beleza que ela trouxe ao mundo, aos meus olhos e ao meu coração. Então, quando uma fita de rosa cortou o céu quase todo verde, coloquei a mão sobre a boca para calar o grito que tentava escapar. A sua dança era ainda mais bela do que as outras, o tom rosa-pálido deslumbrava nos verdes e azuis néon.

– Poppy... – sussurrei baixinho, mas alto o suficiente para que, se fosse ela a vir ver-me, me ouvisse e soubesse que eu estava ali.

Nunca deixei de observar aquele feixe de luz rosa, da cor da flor de cerejeira, flutuando com graça por entre as estrelas até desaparecer. Mas tinha estado lá. Tinha-se enraizado na minha mente para sempre. Foi temporário, foi a personificação da beleza e gravou com fogo a sua imagem na minha alma.

Então, lentamente, a vibração das luzes começou a escurecer, cada fio esmorecendo pouco a pouco, até elas desaparecerem, deixando apenas um céu banhado por diamantes.

Um dedo passou ao de leve pela minha face e pestanejei. Parecia que tinha a garganta em carne viva de chorar e os membros rígidos de não me mexer.

– Pêssgo – soou a voz áspera do Cael, penetrando o silêncio.

Virei a cara para ele.

– Senti que ela estava aqui – disse eu, por uma vez na minha vida sem pensar demais nas palavras e desabafando o que me ia no coração.

Os olhos do Cael fecharam-se, como se aquele pensamento o tivesse atingido profundamente, e pousou a bebida; envolveu-me nos seus braços fortes e puxou-me para o seu peito. A sua face repousava na minha cabeça, de lado, e eu senti-me tão contente que não queria sair dali, nunca mais. Tinha encontrado um paraíso na terra naquele lugar, com aquele rapaz, e não queria voltar ao que tinha sido antes.

Senti a pressão de uma mão nas minhas costas.

– Está na hora de irmos – anunciou uma voz cuidadosa e gentil.

A Mia. Abracei o Cael mais alguns instantes, depois deixei que ele nos conduzisse de volta ao autocarro. Cada rosto por que eu passava no caminho para o meu lugar tinha um ar estarecido.

Todos nós parecíamos *transformados*.

A viagem de volta no autocarro foi uma coisa indistinta. Quando chegámos ao hotel, já era tarde. Mas quando entrei no meu quarto estava elétrica, vibrava por dentro. Achava que não ia dormir nessa noite. Sentada na cama, dei por mim a olhar para a parede, perdida nos meus pensamentos.

Estendi o braço para o diário que a Mia e o Leo nos deram, abri a página e desabafei nela a minha alma.

Poppy, escrevi.

Acho que te senti esta noite. Pela primeira vez desde que morreste, senti-te ao meu lado. Por favor, diz-me que eras tu.

Um nó embargou-me a garganta.

Por favor, diz-me que a fita rosa, da cor da flor de cerejeira que rasgou o verde eras tu. Por favor, diz-me que estás comigo nesta viagem.

Suguei o ar e caíram lágrimas desesperadas quando expirei.

Por favor, diz-me que estás feliz e viva, de alguma forma milagrosa. Porque Poppy... eu preciso disso. Preciso que estejas em algum lugar a viver. TU eras grande e brilhante demais para não estares a viver. Por favor, diz-me que foste uma das estrelas que eu vi a brilhar no céu esta noite, para que eu possa olhar para ti quando precisar de ti. Quando quiser que a minha irmã mais velha fique comigo, o máximo de tempo que puderes. Eu posso viver na escuridão se fores uma das estrelas.

As minhas palavras eram dispersas e suplicantes. Mas depois olhei para a janela e um grito de alegria saiu dos meus lábios quando vi outro lampejo da aurora boreal a tentar aparecer sobre Tromsø. E aquele cor-de-rosa... aquela fita rosada estava lá, sinuosa entre as estrelas como a mais bela das dançarinas. Segurei o diário ao peito como se segurasse a própria Poppy.

– Poppy. Estou a ver-te – sussurrei e vi aquele rosa desaparecer lentamente, mas deixou uma mudança no meu coração. As lágrimas escorriam-me pela cara, mas estavam cheias de felicidade. – Poppy... tenho saudades tuas... – sussurrei novamente, por uma vez na vida acreditando que ela me conseguia realmente ouvir.

* * *

Tinha acabado de me deitar, ainda totalmente vestida, quando bateram baixinho à minha porta. Eu estava bem acordada. Eram quatro da manhã. Tinha observado o céu como um falcão, à procura de outro sinal das luzes, mas elas tinham desaparecido. As nuvens deslizavam sobre Tromsø, jogando às escondidas com as estrelas.

A batida soou de novo e eu saí da cama e abri uma nesga da porta. O Cael estava do outro lado, os olhos cheios de vida e tão bem acordado como eu.

– Anda – disse ele e estendeu a mão, com uma expressão suave, mas animada, no rosto.

A rapariga que segue as regras que existe dentro de mim disse-me para ficar, que o nosso recolher obrigatório já tinha passado e teríamos problemas se fôssemos apanhados a sair sorrateiramente. A Mia e o Leo insistiram para que não quebrássemos as regras. Mas depois a energia que ainda corria dentro de mim disse-me para esquecer as regras e aproveitar o momento. Fez-me voltar para o meu quarto para pegar no casaco, nas botas, nas luvas e no gorro. Fechei a porta de mansinho e dei a mão ao Cael, seguindo-o em silêncio pelas escadas até à rua.

Uma explosão de riso baixinho saiu do meu peito quando ele começou a correr pela rua, puxando-me atrás. Eu não fazia ideia para onde estávamos a ir, o vento fustigando-me o cabelo. A brisa batia-me no rosto; sentia-me tão viva.

As pernas compridas do Cael devoraram a distância que cobríamos, esmagando a neve sob os nossos pés. A minha respiração acelerava quanto mais rápido corríamos, o meu peito ardia com o frio. Fui aquecendo mais e mais, com gargalhadas esporádicas ainda a navegar livremente do meu coração.

Depois, dobrámos uma esquina e eu parei redonda. Agarrei-me ao braço do Cael, enquanto olhava para o que estava diante de nós.

– A praia – disse eu, contemplando a vista.

A neve cobria o que deveria ter sido uma margem relvada à chegada, mas a areia estava intocada e a água fluía tão facilmente como nas praias da Georgia.

Era um sonho tornado realidade.

– Cael – disse eu, virando-me para ele.

– Eu tinha de te mostrar – disse ele, simplesmente, como se não fosse o presente mais perfeito que podia ter-me dado.

O brilho da neve fazia com que tudo fosse visível no escuro, as estrelas lá em cima eram como uma decoração de fios de luz para a terra.

Em poucas horas, tinha aberto os olhos para as cenas mais gloriosas que eu já encontrara. As nuvens eram pesadas acima de nós e a brisa fria fustigou-me o cabelo, causando-me arrepios atrás no pescoço. Mas eu estava ali, naquele lugar.

Estava perdida no paraíso.

– Anda – disse o Cael, e levou-me pela orla da neve até à areia dourada. Parámos à beira da água. Mesmo no inverno, parecia cristalina e convidativa.

– Alguma vez viste uma coisa tão bonita? – perguntei, mais uma vez atónita.

– Só uma vez – disse ele, a voz rouca de emoção.

Virei a cabeça para ele para perguntar o que tinha sido. Mas, pela maneira como me olhava, os olhos focados no meu rosto e adoração no seu olhar, rapidamente percebi o que estava a insinuar.

Engoli os nervos, e a minha cara aqueceu tanto que eu soube que ele seria capaz de ver o meu rubor, mesmo no escuro. O Cael aproximou-se, e depois mais ainda. Eu estava paralisada no lugar, a observar cada movimento minúsculo dele. A minha respiração fez-se mais rápida e aquele nervoso miudinho estava de volta, aproximando-se de todo o meu corpo. O Cael não disse uma palavra quando parou diante de mim, tão perto que eu sentia o seu cheiro viciante e a sua respiração quente no meu rosto.

Libertando a minha mão da dele (aquela que ele, sem dúvida, sentia tremer), descalçou as luvas e, em seguida, com as mãos nuas em concha, segurou-me delicadamente o rosto. Ele era tão alto e espadaúdo, atlético e forte, mas lidava comigo como se eu fosse um tesouro que não queria partir.

Os seus olhos azul-prateados mergulharam nos meus e colocou a testa à minha. Esse toque íntimo trouxe-me uma calma instantânea. Era o Cael Woods. O rapaz que me tinha cativado, cujo coração de alguma forma se

ligara inexplicavelmente ao meu. O rapaz que rapidamente se tornava a minha segurança.

Não falei, não pronunciei o nome dele. Deixei apenas o calor dos nossos corpos passar entre nós, partilhando esse espaço íntimo. O Cael recuou, roçando a ponta do nariz na minha face. A minha respiração acelerou e fechei os olhos. As pontas dos seus dedos pairavam sobre as minhas faces, num movimento suave. O seu nariz encontrou então o meu e recuou um centímetro. Senti a intensidade do seu olhar pesado. Abri os olhos e vi a pergunta pairando no ar estático e espesso que crepitava entre nós.

Sorri, e era todo o convite de que o Cael precisava. Fechando a distância entre nós, depositou um beijo nos meus lábios – à experiência, um toque diáfano. As luzes de néon que tínhamos acabado de ver dançar diante dos nossos olhos pareciam enraizar-se dentro de mim. Cada clarão movia-se ao ritmo do bater do meu coração, enquanto os lábios de Cael tocavam de novo nos meus, desta vez com mais força. Segurei os seus braços, agarrando-me firmemente àquele rapaz, que me dava o meu primeiro beijo.

Os seus lábios eram macios e quentes e cheios de tanta confiança e carinho. As auroras boreais e as estrelas tinham-me deixado sem palavras – aquela sensação era como voar num nascer do sol. Era vida e morte e tudo o que havia entre as duas. Ele transcendeu qualquer sentimento que eu já tivesse tido e envolveu-me tanto em beleza que foi eufórico.

Retribuí o beijo ao Cael, timidamente, no início. Mas enquanto ele emoldurava o meu rosto e passava a língua pelo contorno dos meus lábios, mergulhei no estado onírico que o seu sabor mentolado e o toque cuidadoso traziam para aquele momento. Entreabri os lábios, dando permissão à sua língua para se juntar à minha, numa dança intrincada. Uma das suas mãos abandonou o meu rosto para passar pelo meu pescoço e mergulhar no meu cabelo. O nosso beijo aprofundou-se, o meu coração bateu mais rápido e sentimentos que eu estava tão apavorada de libertar explodiram dentro de mim, trazendo uma luz brilhante aos meus nervos, mostrando-lhes que não havia nada a temer.

Não havia *nada* a temer...

O Cael beijou-me. Beijou-me mais e mais e juntou-nos tanto que era como se fôssemos duas estrelas a colidir. Quando recuou, pensei que não havia nada que me pudesse fazer sentir tão adorada, até que ele sussurrou:

– Estou a apaixonar-me por ti, Pêssego.

Fiz uma inspiração trémula e chocada. Mas quando a sua voz rouca e aquela admissão suave caíram sobre mim, havia apenas uma sensação de *certeza* dentro de mim. O Cael queria-me e eu queria-o tão ferozmente que isso ocupava todos os meus pensamentos.

Os olhos do Cael traíam os nervos em franja ao fazer aquela confissão vulnerável. Não tinha motivos para se assustar.

– Eu também me estou a apaixonar por ti – sussurrei, não querendo perturbar a paz que tínhamos criado naquele lugar mágico: unidos naquela praia nevada.

O sorriso que iluminava o rosto do Cael era ofuscante.

Envolveu o meu cabelo com as duas mãos e eu beijei-o. Beijá-lo era tão natural como respirar. O meu peito pressionou o dele e eu sorri contra os seus lábios quando o seu coração bateu em sintonia com o meu. Senti um formigueiro nos lábios sob o seu toque e achei que podia ter ficado ali para sempre, a beijar aquele rapaz com tudo o que eu tinha, dando-lhe todo o meu coração e toda a minha alma. Depois...

Arqueei contra os lábios do Cael e recuei a cabeça, inclinando-a para o céu. Uma gargalhada arrancou-se da minha garganta quando um floco de neve pousou na ponta das minhas pestanas.

– Está a nevar.

O Cael também olhou para o céu, os flocos de neve transformando-se, em meros segundos, de pedacinhos de branco em gotas grossas. Beijaram-nos o rosto tão completamente como os nossos lábios tinham acabado de se beijar.

O Cael segurou-me nos seus braços enquanto eu sentia a neve no rosto e, enquanto eu olhava para a água, os flocos de neve desapareciam ao encontrar a sua superfície. Fechei os olhos e deixei a neve cair sobre mim. Aceitei o frio mordaz que se espalhou dentro de mim.

– Que lugar é este? – murmurei, incrédula e olhei para o Cael.

Ele já me observava com um sorriso gentil no rosto. O seu dedo sem luvas traçou o coração do meu lábio superior e o lábio inferior. Ele era tão lindo. O rapaz mais perfeito que eu já tinha visto. Ri-me mais quando um grupo de flocos de neve começou a colar-se ao seu cabelo despenteado, que escapava da proteção do gorro.

– Eu poderia ficar a ouvir isso para sempre – disse o Cael.

Ocorreu-me naquele momento que eu ainda não o tinha ouvido rir. Não a sério. Não uma verdadeira gargalhada solta.

Deixei cair a minha testa para a dele e apertei-o contra mim, suspensos sob a neve a cair numa praia vestida de inverno.

O Cael beijou-me de novo. Um beijo mais breve, desta vez, mas não menos doce. Sentou-se na areia, depois orientou-me a sentar-me de encontro a ele, situando-me entre as suas pernas abertas, as minhas costas contra a parte da frente do seu tronco.

E assistimos em silêncio à queda de neve. Tive de pestanejar várias vezes para me fazer acreditar que estava realmente ali. Nada daquilo parecia real. Nem sequer o Cael a beijar-me. Levei o dedo aos lábios, quentes dos muitos beijos que partilhámos.

Eu tinha dado o meu primeiro beijo.

O meu primeiro beijo foi-me dado por um rapaz que depressa se estava a tornar o centro do meu mundo.

Procura o teu Rune...

Quando a carta que a Poppy me escreveu me veio à cabeça, reparei numa visão familiar acima de mim.

– O cinturão de Orion – disse eu, apontando para as três estrelas no céu. Uma memória imiscuiu-se e eu expliquei: – Quando éramos miúdas, eu, a Poppy e a Ida, costumávamos dizer que aquelas estrelas eram feitas só para nós.

Abanei a cabeça, agarrando-me à felicidade que a memória inspirava e não à tristeza que tentava segui-la. O Cael afastou-me o cabelo comprido do pescoço e beijou a pele logo abaixo da minha orelha. Senti arrepios pela espinha abaixo ao toque leve como uma pena.

– És boa pessoa – disse ele, e fez-me ficar quieta.

– Tu também – disse eu, depois de me virar para encontrar os seus olhos.

Parecia torturado. Percebendo claramente que eu tinha reparado, ele anunciou:

– Ele não me disse... – E partiu-me o coração quando soube que se referia ao Cillian. Os flocos de neve beijavam-lhe as faces e os olhos, agarrando-se como pequenos anjos aos seus cabelos escuros e ondulados. – Ele não me disse que tinha caído na escuridão. E eu não vi os sinais. – Apertei-lhe a mão, mas desta vez não foi para o lembrar de afastar esses sentimentos. Eu queria que ele soubesse que eu estava ali por ele.

Há coisas que nunca devem ser afastadas, quando estão prontas para serem partilhadas.

Ajoelhei-me entre as pernas dele e pousei a mão na sua face. Perscrutei o seu olhar desolado.

– Não posso falar em nome do teu irmão. Mas às vezes guardamos as coisas para nós, tão destruidoras da alma que podem dilacerar-nos por dentro. – Beije-lhe a bochecha, o canto da boca e, finalmente, os lábios. – Às vezes, as pessoas não deixam os seus entes queridos saberem como estão a sofrer porque não lhes querem trazer dor também.

Os olhos do Cael brilharam e eu apanhei uma lágrima perdida com o dedo antes que ela pudesse cair. Aninhei-a na minha mão. Era uma lágrima de crescimento do Cael.

– Ele amava-te, Cael – disse eu entre dentes, a precisar de ser a sua força naquele momento. – Disso não tenho dúvidas.

A respiração do Cael estava pesada, e ele disse:

– Senti-me tão sozinho durante tanto tempo, Pêssego.

O meu coração despedaçou-se. Porque eu também me tinha sentido só.

– Já não estás sozinho – disse eu, a voz forte e inabalável.

O Cael beijou-me outra vez, depois apertou-me contra o peito. Sentei-me de novo entre as suas pernas, com os braços dele à minha volta como se nunca me fosse largar.

A neve caiu silenciosamente ao nosso redor, uma justaposição inebriante na praia dourada onde pousou. As estrelas estavam cheias acima de nós e eram abundantes entre as nuvens. Entrelacei os dedos nos do Cael e disse:

– O que achaste das auroras boreais?

O Cael ficou tenso debaixo de mim. Eu segurei-lhe simplesmente a mão com mais força.

– Foram incríveis – disse ele. – Mas... acho que parte de mim, que devia sentir alegria, está entorpecida. – Encostei-me nele. – Às vezes pergunto-me se algum dia voltarei a sentir alguma coisa. A raiva foi a única coisa que me fez sentir algo. Talvez seja por isso que me apeguei a ela por tanto tempo. Talvez, mesmo sendo tóxica, fosse melhor do que nada.

Deixei que isso ficasse no ar entre nós por alguns minutos.

– A Poppy acreditava no céu – disse eu e dei por mim a olhar de novo para o Cinturão de Orion. – Ela nunca ficou triste por estar a morrer – disse eu, tentando afastar a dor da minha voz. – Nunca consegui compreender que não tivesse medo do que estava a enfrentar. Mas a sua fé era tão forte que não deixava espaço no seu coração para dúvidas.

– Em que acreditas? – perguntou o Cael, abraçando-me com mais força.

– Sinceramente, não sei – admiti. – Sempre adorei a ciência. Como as respostas definitivas que pode dar. – Encolhi os ombros. – Mas não há certezas no que toca à morte, exceto que todos nós a enfrentaremos um dia. – Levantei as nossas mãos unidas e passei a mão livre sobre os dedos do Cael; estavam ásperos, mas pareciam tão perfeitos nos meus. – Depois da morte da Poppy, li tudo o que pude sobre investigação científica em torno da morte. Mas a verdade é que nunca saberemos o que acontece até chegarmos lá. – Apontei as mãos unidas para o céu. – As estrelas são energia e as pessoas também são energia. Todo o universo é feito de energia. Alguns veem isso como ciência e há quem se refira a essa energia como Deus. – Abanei a cabeça. – Eu inclino-me para a ciência. Parece-me mais correto. – Suspirei com o peso que aquelas perguntas colocavam. – Eu só sei que há algo maior do que posso compreender.

Sorri quando uma estrela cadente voou pelo céu.

– Gosto de pensar na Poppy como uma estrela. – O sacrifício que me custou admitir era devorador. Eu não tinha contado aquilo a ninguém. Nem mesmo ao meu terapeuta. Nem os meus pais, nem sequer à Ida. – Provavelmente, soa ridículo.

– Não – disse o Cael, e o seu tom de voz compreensivo deixou-me logo à vontade. – É lindo – disse e, naquele momento, apaixonei-me por ele um pouco mais.

Olhei para a neve e para as estrelas que nos fitavam.

– O céu está mais bonito agora que sei que ela está lá em cima – disse eu, e senti uma parte murada de mim desmoronar. – As estrelas são mais brilhantes, sabendo que ela vive entre elas. – Sorri para mim mesma. – Há noites em que passo horas a tentar encontrá-la. Mas é impossível. Depois sou confrontada com quantas estrelas existem no céu. E lembro-me de quantos milhões de pessoas perderam alguém que amam também. O luto faz com que uma pessoa se sinta isolada e sozinha. Mas a verdade é que é o estado menos solitário em que se pode estar.

Virei-me nos braços do Cael e envolvi-lhe o pescoço com os meus braços.

– Tudo bem? – sussurrei.

– Claro – disse ele, e perscrutou cada centímetro do meu rosto. – Tornaste esta viagem muito melhor para mim – disse ele e beijou-me os lábios. – Estás a tornar a minha *vida* melhor. – Abracei-o naquela praia nevada, sob um céu cheio de estrelas sem fim.

Estávamos a melhorar-nos mutuamente. E enquanto o Cael me fez recuar a cabeça e me reclamou os lábios para outro beijo, deixei-me cair totalmente. Sem contenção, sem medo no meu coração. Deixar-me-ia envolver pelo Cael e ele por mim.

Porque quando se perde algo tão precioso, quando algo inestimável aparece, abraçamo-lo com as duas mãos.

E nunca se abre mão dele.

Almas Derretidas e Corações Abertos

Cael

Oslo

Vários dias depois

A PISTA QUE BEM CONHECIAM EM OSLO ESTAVA VAZIA, A HORA TARDIA mantinha todos afastados. Não era bem recolher obrigatório, mas as ruas estavam praticamente vazias. Sentei-me no banco, a olhar para o gelo enquanto apertava os patins. Era memória muscular, atar os atacadores. A sensação da lâmina na sola era tão reconfortante para mim como sentar-me diante de uma lareira a rugir. Uma névoa branca soprava em nuvens da minha boca, e pus-me em pé. Um raio de excitação correu nas minhas veias, a sensação tão inesperada que quase me fez perder o pé.

Foram necessários sete passos para eu encontrar a borda do rink. Coloquei o patim no gelo. Fechei os olhos e, aos cinco, avancei. No instante em que a brisa fria me atravessou o cabelo, tudo pareceu encaixar.

Abri os olhos e parei no centro da pista. Curvando-me, coloquei a palma da mão no gelo, como tinha feito vários dias antes. Só que, desta vez, não deixei que esse sentimento me esmagasse. Eu não pensei no Cill. Fiquei simplesmente no momento, na euforia de estar de volta a um rink, com o frio infiltrando-se nos meus ossos.

Patinei até à beira da pista, vendo todo o gelo à minha frente. E tal como tinha feito tantos milhares de vezes antes, dei um impulso e corri pelo gelo a uma velocidade tão rápida, com a brisa amarga a morder-me as pontas das orelhas. Começaram a doer-me as faces enquanto eu voava, volta após volta, circulando pela pista com à-vontade. Doeram-me de novo as faces e o meu pé quase vacilava quando percebi que era porque estava a sorrir.

Fechei as mãos em punho e ansiei por segurar um taco de hóquei, bater num disco e fazer pontaria a uma rede. Mas isto... só isto era o suficiente, por enquanto. Isso e a felicidade que me enchia o coração enquanto eu ganhava velocidade, tão rápido que parecia que voava.

Ouvi então uma gargalhada, um riso orgulhoso e cheio de emoção. Parei bruscamente, pulverizando o gelo nas tábuas, e encontrei a Savannah do outro lado, embrulhada no seu casaco, de gorro e luvas, os olhos a brilharem de... orgulho.

– Cael, tu... tu... – disse ela, mas ficou sem palavras. Não tinha de dizer nada. Eu sentia o orgulho dela por mim, mesmo à distância.

Foi uma sensação incomum quando percebi que também estava orgulhoso de mim mesmo. E que aquele momento não estava preso a mim e ao Cillian. A alegria de patinar, do hóquei, pertencia exclusivamente a mim. *Adorava* aquela sensação.

Adorava aquele jogo.

Apontando para a cabana dos patins ao lado da pista, disse:

– Prepara-te, Pêssego.

Julguei que a Savannah ia dizer que não. Julguei que insistiria para ficar em terra firme. Mas ela não fez nada disso. Pelo contrário, pegou nos patins com confiança e, em minutos, tinha-os nos pés.

Estava a cambalear quando se levantou e se aproximou do gelo. Encontrei-a à entrada e estendi a mão. A Savannah não duvidou de si. Não duvidou de mim. Pegou na minha mão, cem por cento confiante, e deixou-me levá-la nos meus braços. Certifiquei-me de que ela se mantinha direita e conduzi-a lentamente à volta da pista. O olhar de felicidade no seu rosto fez-me derreter.

Estávamos sozinhos na pista. Os outros estavam a ver um filme no hotel, a descansar antes da partida da Noruega, no dia seguinte. Estávamos de volta a Oslo apenas por uma noite, para apanharmos um

voo de manhã cedo. Estávamos no mesmo hotel de antes. O Leo e a Mia deram-me autorização para ir até ali. Não me surpreenderia se estivessem a observar-nos naquele momento. Mas não me importei. Eu *precisava* de estar ali. Eles também entenderam isso.

Não me surpreendeu que a Savannah me tivesse encontrado. Ela tinha estado a conversar com os pais e a irmã no quarto quando vi que a pista estava vazia e decidi sair.

Não podia acreditar que ela agora estava no gelo comigo.

Parei-nos no centro da pista, respirei fundo e levei os lábios aos dela. Beije-a. Beije a Savannah com toda a alegria recém-descoberta que tinha encontrado no gelo. Beije-a como agradecimento por me ajudar a voltar ali, por nunca insistir comigo, mas apoiar-me a encontrar de novo essa parte perdida de mim.

– Estavas incrível, aqui – disse ela e praticamente deu cabo de mim.

– Pronta? – perguntei e comecei a puxá-la devagar, as suas duas mãos segurando a minha como se de um vício se tratasse.

– Conduz – disse ela, e eu deixei que assim fosse.

Deixei-me ter aquele momento de pura liberdade, de uma vida sem luto. Deixei a minha alma reivindicar a sua paixão de volta. E deixei tudo acontecer com a rapariga do Sul que tinha nos meus braços e estava a mudar a minha vida para melhor, dia a dia, hora a hora, país a país.

E patinámos. Patinámos sob as estrelas onde a Savannah acreditava que a sua irmã agora vivia. Um lampejo de paz instalou-se dentro do meu coração quando me deixei imaginar que o Cillian estava lá em cima, a brilhar intensamente também.

Finalmente livre.

Areias Douradas e Tristezas Profundas

Cael
Goa, Índia

O CONTRASTE ENTRE A NORUEGA E A ÍNDIA ERA ALUCINANTE. A PARTIR DO segundo em que descemos do avião, fomos engolidos pela humidade pegajosa e pelo calor galopante. O suor escorria das minhas têmporas quando descemos do autocarro e fomos para onde estávamos hospedados em Goa.

Era um paraíso.

As palmeiras balançavam à brisa morna, a praia estendia-se diante de nós, areia branca e águas azuis cristalinas brilhavam como algo que eu só tinha visto em postais. Quando eu viajava com a equipa de hóquei, era principalmente para cidades frias e arenas ainda mais frias.

A Savannah tinha descido do autocarro antes de mim. Encontrei-a na calçada, com a cabeça inclinada para trás a apanhar o sol que lhe beijava o rosto. Tinha as faces coradas da temperatura alta de Goa. Os cabelos compridos colavam-se-lhe ao pescoço, mas havia felicidade no seu rosto, com os olhos fechados e ela a venerar o calor.

– Parece o inferno, aqui – disse eu, e a Savannah abriu uma fenda do olho e fez-me uma careta brincalhona.

– Eu adoro o calor – disse ela e despiu o casaco de malha, revelando os braços nus cor de pêssego.

Havia sardas a cada poucos centímetros. Ela era perfeita. Deve ter-me visto olhar, porque a cor das suas faces intensificou-se, até o que eu agora reconhecia ser um rubor.

– Lembra-me de casa – disse ela e levantou o cabelo da parte de trás do pescoço.

Vi uma gota de suor escorrer-lhe do couro cabeludo e desaparecer sob o *top* de alças.

– Bem-vindos a Goa – disse a Mia. – A vossa casa durante os próximos dias.

Eu ainda não tinha conseguido processar que há apenas um dia estávamos embrulhados em roupa térmica e debaixo de neve interminável a cair. Agora, o sol ardia intensamente e o cheiro a protetor solar permeava o ar.

Deslizei o braço à volta da Savannah, sem me importar que o calor corporal partilhado aumentasse o meu estado já superaquecido. A Savannah pousou a mão sobre a minha, que repousava no seu ombro. Fiquei logo à vontade.

– Venham por aqui – disse o Leo e levou-nos para a estância que seria a nossa casa durante um tempo.

Fomos levados para uma sala que poderia ser usada para ioga. Uma música calmante e meditativa fluía dos altifalantes escondidos. A sala estava pintada de vermelho profundo e rico e havia grandes almofadas fofas dispostas em círculo.

– Por favor – disse o Leo e gesticulou para que nos sentássemos.

Despi a *sweater* de capuz, deixando apenas um *top* de manga cava. Senti os olhos da Savannah ardendo em mim. Tirei o gorro e passei as mãos pelo cabelo despenteado. Sorri para ela, que seguia com o olhar os meus braços, o peito e o pescoço tatuados.

Ao perceber que eu a tinha apanhado em flagrante, ela disse:

– São tão bonitas.

Passou a ponta do dedo pela âncora, que era a peça central no meu antebraço. Depois, pelo trevo, que mostrava a minha herança irlandesa. Não resisti, não aguentava tê-la a olhar-me daquela maneira, portanto, baixei-me e apanhei-lhe os lábios com os meus. Eu agora era mais livre com os meus carinhos. Toda a gente sabia de nós, por isso não sentíamos necessidade de escondê-lo. Colei os lábios aos dela e senti

logo afastar qualquer nervosismo que eu tivesse tido. Eu era sempre cauteloso com qualquer atividade ou país novos em que embarcássemos. Precisamente quando me acostumava ao lugar mais recente em que estávamos, a Mia e o Leo desassossegavam-nos, levando-nos para algo completamente diferente. Era a pior parte da viagem. Eu costumava adorar ver novos lugares. Desde que o meu irmão morreu, isso só me trazia desconforto.

Acho que isso mostrava que eu ainda estava muito longe da superação.

Alguém pigarreou e eu afastei-me da Savannah. O Leo estava de pé, exasperado. Eu ainda não tinha a certeza se ele aprovava a nossa relação. Não deixava transparecer grande coisa.

– Quando estiverem prontos – disse ele, e ouviram-se risos percorrer o resto do grupo.

Estavam à espera de que nos sentássemos para podermos começar.

A Savannah tinha a cara escarlate quando foi a correr para a almofada sentar-se. Continuava a ser muito tímida e reservada. Mas não comigo, o que me fez sentir o tipo mais sortudo do mundo.

– Então – disse o Leo –, alguém adivinhou o que estávamos a tentar mostrar-lhes na Noruega?

– Natureza? – perguntou a Lili, depois de alguns minutos de reflexão.

– Uma nova cultura? – introduziu a Jade.

O Leo sorriu perante os palpites, depois disse:

– Queríamos levá-los a um lugar de admiração e espanto. A ver coisas espetaculares, únicas e, muitas vezes, avassaladores para o olhar humano.

– Na maior parte das vezes, quando somos consumidos pelo luto, sentimo-nos sozinhos, e o nosso mundo reduz-se apenas a nós mesmos e ao trauma que vivemos. O nosso mundo torna-se míope – disse a Mia. – Ao ver vistas tão deslumbrantes no mundo que muitas vezes nos podem deixar impressionados e sensorialmente avassalados, isso também pode mudar a nossa perspetiva. Pode dar-nos acesso às maravilhas da vida e do universo que talvez nos ajudem a abrir a mente e nos permitam entrar numa nova maneira de pensar. Pode lembrar-nos de que estamos vivos e, embora ainda a lutar contra o luto, temos muita vida para viver.

O grupo acenava com a cabeça, como que se identificando com estas palavras. Até a Savannah parecia concordar, que se sentia assim. As estrelas, as auroras boreais fizeram-na sentir-se mais ligada à Poppy do que há anos se sentia. Eu tinha visto a mudança sutil nela. E não sucumbiu à sua ansiedade uma única vez.

Parecia ligeiramente mais resolvida quando saímos. Não curada, ainda lutava com o aperto pesado do luto. Mas mais leve, de alguma forma. Eu podia ver isso em tudo o que ela era.

Eu não me tinha bem sentido como toda a gente. O pânico surgiu dentro de mim. Tinha voltado ao gelo. Foi um progresso. Pelo menos, quanto ao que eu sentia em relação ao hóquei. Mas no que tocava a como eu pensava no meu irmão, pouca coisa tinha mudado. Tinha tentado imaginá-lo nas estrelas, mas não muito depois, a dúvida e os pensamentos sombrios imiscuíram-se. Porque é que eu não podia olhar para a aurora boreal e ver o meu irmão dançar entre as luzes? Porque é que não conseguia imaginá-lo livre e em paz?

Mantive o rosto neutro. Não queria que a Savannah visse como eu estava perturbado.

– Esta etapa da viagem – disse o Leo – é sobre enfrentar a mortalidade.

Nas nossas sessões individuais, o Leo impeliu-me delicadamente a abrir-me sobre o Cillian. Mas eu não lhe dei nada. Gostei de como me senti na Noruega, quando pus tudo de lado. Tinha-se tornado viciante. E a Savannah tornara-se a minha salvação. Quando eu estava com ela, quando a tinha nos meus braços, o buraco no meu estômago não doía; estava confortavelmente entorpecido. A minha raiva tinha diminuído. Foi estranho. A maneira como eu costumava agarrar-me à raiva mudou para a maneira como me agarrei à Savannah. Ela era a corda vital que me amarrava a ela, impedindo-me de me afastar. Recusava-me a perder isso.

– O que significa isso? – perguntou o Dylan, nervoso.

– Vamos explorar o percurso natural que todos nós fazemos: vida e morte e tudo que existe entre uma coisa e outra.

Olhei para a Savannah; ela contorcia as mãos. Era claro que aquela ideia também a deixava nervosa. Verifiquei a sua respiração. Até agora, mantinha a compostura.

– Vamos visitar três lugares nesta etapa da viagem. Goa é o primeiro. Aqui, vamos mergulhar em sessões em grupo e individuais, bem como em aulas de terapia que nos podem ajudar a lidar com alguns de nossos traumas internos.

– Mas também é uma oportunidade para recuperar – acrescentou o Leo. – Tivemos duas experiências muito completas, em Inglaterra e na Noruega. – Gesticulou ao nosso redor. – Este lugar é um refúgio. Encorajamo-vos a relaxar um pouco, a nadar, a apanhar banhos de sol. Comam juntos, saiam, *conversem* – disse ele, referindo-se ao grupo. – Descansem um pouco, desfaçam as malas, fiquem pela piscina. Amanhã vamos começar as sessões – disse o Leo, e entregou as chaves do quarto.

Quando pegámos na nossa bagagem, o Travis disse:

– Encontramo-nos todos na piscina?

Dei a mão à Savannah.

– Queres nadar?

Voltei a beijá-la. Não queria parar nunca. A vida não parecia tão desoladora quando ela estava nos meus braços.

Ela sorriu de encontro aos meus lábios.

– Está bem.

O meu quarto ficava entre o do Dylan e o de Travis. Quando nos aproximámos das respetivas portas, eles caminhavam juntos, a partilhar sussurros baixinho. Eu não tinha reparado em como se aproximaram na Noruega. Mas também, tirando a Savannah, eu não tinha reparado em muito mais.

Enfiei os calções de banho, fui até à porta de Savannah e bati. Como ela não respondeu, fui procurá-la na piscina e parei redondo quando a avistei. Ela estava à beira da piscina com o seu fato de banho azul-pálido, a brisa quente chutando-lhe o cabelo louro-escuro em torno da cabeça, como uma auréola. A sua mão repousava num tronco de palmeira, enquanto ela contemplava a praia e o mar.

Naquele momento, eu não conseguia acreditar na sorte que tinha por alguém como a Savannah ter arriscado comigo. Eu estava desfeito, sabia que estava. Quanto mais eu me sentava em sessões de grupo, e quanto mais tempo passávamos todos juntos, mais eu via os outros fazerem

melhorias graduais. Riam-se mais, sorriam mais e alguns até falavam mais sobre os seus familiares falecidos. Recordavam-nos de maneiras boas, partilhavam memórias felizes.

Eu não tinha mencionado o Cillian a ninguém, além da Savannah.

À noite, a Savannah lia o caderno que a irmã lhe deixara. Depois, escrevia-lhe em resposta no diário que a Mia e o Leo nos deram. Como se estivesse novamente a ter uma conversa com ela.

Não me tinham dado outro diário. Eu e o Leo decidimos que isso não fazia parte do meu percurso naquele momento. Desencadeava uma reação forte em mim, e concentrávamo-nos antes em terapias de conversa nas nossas sessões. Também não estavam propriamente a funcionar, mas eu não ia escrever nada num diário e ele entendeu isso.

Aquele bilhete de sete palavras continuava na minha carteira, intocado, e um albatroz para a minha vida.

Apesar do calor abrasador, tudo o que senti foram arrepios gelados, ali perdido dentro da minha cabeça. Só fui arrancado da minha própria escuridão quando a Savannah se virou e me encontrou do outro lado da piscina. Ela era como uma miragem, quando os seus olhos azuis (que o fato de banho tornava ainda mais vibrantes) irromperam num sorriso tímido na minha presença.

Eu não tinha a certeza se alguma vez mereceria aquele sorriso. Mas aceitava o que ela me quisesse dar. Contornei a piscina até onde ela estava. Espetei o dedo médio quando o Dylan e o Travis, que já estavam na piscina, me salpicaram com água, encharcando-me as pernas.

Quando cheguei ao lado da Savannah, o cheiro do seu protetor solar atingiu-me primeiro, assim como a sua beleza. Os seus cabelos compridos e lisos tinham-se enrolado em argolas com a humidade. Decidi que era assim que mais gostava dela, ao sol, onde ela pertencia.

– Olá – disse ela quando lhe dei a mão.

– Oi, Pêssego – respondi, e envolvi-a nos meus braços. A sensação da sua pele nua contra a minha era perfeita e, enquanto eu me levantava, beijei-a, devagar e suavemente, saboreando o bálsamo *ChapStick* de cereja nos seus lábios.

– Estás bem? – perguntei-lhe.

Ela assentiu quando interrompi o beijo, e eu já podia ver o seu nariz e as faces ficarem rosados ao sol.

– E tu? – perguntou ela, com um leve sulco de preocupação na testa.

– Agora estou – disse eu, e senti outro respingo de água nas pernas.

Olhei para o Dylan e o Travis.

– Parem de curtir e venham para aqui – disse o Dylan.

Sem aviso, saltei para a piscina, certificando-me de ensopar o Travis, no seu colchão de água. O riso leve da Savannah irrompeu no ar atrás de mim.

– Entra, Pêssego – disse eu quando rasguei a superfície e fiquei a vê-la deslizar para a piscina.

Peguei nela quando bateu na água, e ela pôs os braços à volta do meu pescoço, segurando-se assim enquanto eu a arrastava pela água. Reunimo-nos no meio da piscina, tendo o Dylan e o Travis saltado dos colchões de água para os dar à Jade e à Lili, que chegaram alguns minutos depois.

– Prefiro isto a chuva e neve – disse a Jade, fechando os olhos enquanto se deitava no colchão.

O Dylan mergulhou, depois subiu por baixo dela e virou o colchão. A Jade gritou quando caiu na água, mergulhando de cabeça.

– Dylan! – gritou quando se levantou e foi atrás dele.

– Nem penses – disse a Lili ao Travis, que também mergulhou.

Numa questão de poucos segundos, ela debatia-se na água depois de o Travis a ter derrubado.

A Savannah apertou com mais força os braços à volta do meu pescoço e riu-se, o peito erguendo-se enquanto os quatro corriam uns atrás dos outros por toda a piscina.

Que bom, pensei. Ouvir risos tão despreocupados. Quando se perdia alguém, o riso não era fácil. Para mim, não era e pronto. Quando eu me sentia também a rir baixinho, parecia-me tão estranho, como se o meu corpo não conseguisse lembrar-se de *como* rir.

– Cael – disse a Savannah, passando ao de leve a mão pelo meu pescoço, bem por cima da minha maçã-de-adão. Eu não sabia o que provocara nos seus olhos um brilho de lágrimas felizes.

– O que foi? – perguntei, perplexo.

– Tu riste-te – disse ela. – Desde que estamos na viagem, nunca te ouvi rir.

As suas palavras atingiram-me como balas. Eu costumava estar sempre a rir. Adorava diversão. Pensei no Stephan, o meu melhor amigo. Pensei na minha equipa do Massachusetts. Estávamos sempre na galhofada, a borrifar gelo uns aos outros, a pregar rasteiras com os tacos.

Sempre a rir.

Tinha saudades desse som. Mas... tinha acabado de me *rir*.

Talvez não estivesse tão desfeito como pensava.

* * *

– Temos de começar a falar em breve, Cael – disse o Leo, mas o meu corpo estava rígido e eu simplesmente não conseguia fazê-lo.

Eu *queria* melhorar. Queria que o Leo e a Mia me ajudassem, mas não sabia como começar.

O Leo recostou-se na cadeira. Estávamos na sala vermelha do primeiro dia, quando chegámos. Todas as nossas sessões de grupo tinham sido realizadas ali. Eu não tinha participado. Mas escutei, o que foi um progresso em relação à maior parte das sessões anteriores.

– Quando se trata de suicídio – disse o Leo cuidadosamente –, é especialmente notável nos homens a incapacidade de falar. – Com estas palavras, o meu corpo ficou imóvel. Todos os meus músculos se fecharam e os meus ossos fizeram-se pedra. O Leo sentou-se para a frente na cadeira. Os meus olhos desceram para o chão. – Falar salva vidas. – O Leo pousou o caderno no chão, ao seu lado. – Cerca de oitenta por cento de todos os suicídios nos Estados Unidos são de homens. É um dos nossos maiores assassinos. – Senti a raiva agitar-se dentro de mim. Ele não precisava de me dizer isso. Eu *sabia*. Tinha pesquisado o assunto. – Estou preocupado contigo, Cael – disse ele, e desta vez fui ao encontro dos seus olhos. – Tu não falas connosco. Nem sequer te referes ao teu irmão. Não só pelo nome, mas *nada*. Eu sei que te abriste um pouco com a Savannah, mas eu e a Mia estamos aqui para te ajudar a ultrapassar isto. Estamos aqui para te ajudar profissionalmente. Para te dar ferramentas para seguires em frente.

O Leo entrelaçou as mãos.

– Eu preciso que saibas que não há nada que pudesses ter feito – disse ele.

Senti um lampejo familiar de raiva explodir dentro de mim. Só que, quando dantes irrompia de mim através de gritos e pontapés nas paredes, desde que estava com a Savannah, esmorecia e transformava-se em culpa, vergonha e tristeza. Era tão intenso que *doeu* de facto quando se instalou dentro de mim. Porque eu não acreditava no Leo. Ele não me conhecia nem ao Cillian. Ele não sabia como éramos chegados. Como as nossas vidas estavam intimamente interligadas. Eu devia saber que se passava algo de mal com ele. Como é que me passou despercebido? Como é que o deixei morrer?

A minha perna começou a tremer, em sinal de agitação. Abri a boca, para tentar falar, mas não saiu nada. Era como se houvesse um bloqueio mental sempre que eu queria tentar falar sobre o assunto, dar voz à minha dor, à vergonha e aos medos.

O Leo verificou o relógio na parede.

– Chegou ao fim o nosso tempo por hoje, Cael. – Saltei do meu lugar, precisava de sair da sala. Antes de chegar à porta, o Leo disse: – Eu sei que é difícil. Acredita, filho, eu *sei*. – Senti arrepios na espinha com a forma como ele disse aquilo. Alguém próximo dele tinha feito o mesmo que o Cillian? Em caso afirmativo, como é que ele seguiu em frente? – Mas para te ajudar a recuperar a tua vida, temos de começar a conversar. – A expressão no rosto do Leo era séria, suplicante. Como eu não reagi, ele disse: – Também falei com os teus pais hoje. – Senti um vazio no estômago. – Disse-lhes que estavas bem. Eles disseram que continuas a ignorar as chamadas e mensagens deles. – Mais uma vez, deixou pairar entre nós palavras não ditas.

Ele tinha razão. Eu ainda não lhes tinha telefonado uma única vez desde que estava fora. Eles tentavam ligar-me todos os dias à mesma hora, estivesse eu onde estivesse. Também mandavam mensagens todos os dias. Especialmente o meu pai. Lia-as, mas deixava-as todas sem resposta.

Não tinha nada para lhes dizer.

Saí da sala e deixei o ar pegajoso da Índia cobrir-me a pele. Andei sem rumo, perdido nos meus pensamentos. Pura e simplesmente, não sabia como me abrir. Não sentia que um dia seria capaz de o fazer. O

rosto da Savannah veio-me à mente. Eu tinha-lhe contado do Cillian. Tinha-lhe dito que ele tirou a própria vida. Mas não lhe disse mais nada. Não lhe falei daquela noite, do que eu tinha visto...

Não sabia se algum dia seria capaz.

Dobrei a esquina da estância e vi a Savannah e o Dylan sentados juntos à mesa de um café a beber café. Ela ouvia-o falar. Ouvia tão atentamente, tão bem. Nunca fazia juízos de valor, nunca me fazia sentir estúpido. Só de olhar para ela os meus músculos relaxavam e os meus ombros descaíam. Ainda me surpreendia como outra pessoa podia exercer tal efeito sobre mim.

Talvez um dia eu pudesse contar à Savannah tudo sobre o Cillian. Como ele me punha para cima quando eu estava em baixo, ou como me ensinou a dar uma tacada especial no hóquei. Ou como o tinha encontrado... como a última imagem do meu irmão mais velho era ele já não entre nós, por sua própria ação, um peso morto nos meus braços.

Uma onda de emoção sufocou-me e baixei-me para voltar ao corredor. Ganhei velocidade até estar a correr. Saí a correr para uma pista de *jogging* e continuei. Eu não podia falar com a Savannah sobre isto. Ela estava de luto pela própria irmã, debatia-se diariamente para não sucumbir à ansiedade. Não precisava de ter os meus problemas a pesar-lhe também.

Portanto, corri. Corri e corri até ficar exausto. Até a tristeza visceral que a minha sessão com o Leo trouxe à tona tivesse desaparecido. Corri até não conseguir pensar em mais nada. Até estar tão cansado que só me apetecia dormir.

Mais uma vez, eu tinha sido bem-sucedido a fugir da morte do meu irmão, o mais rápido que os meus pés me levavam. E eu não sabia bem como isso poderia mudar.

* * *

A aula desse dia foi ao ar livre, num terraço isolado com vista para o mar azul-turquesa. A Miriam era a nossa terapeuta. Tivemos dias de aulas em grupo e individuais. Tivemos dias de ioga e caminhadas em trilhos ali perto, de meditação e musicoterapia.

Nesse dia, era arte. Pintura, para ser mais preciso.

– Todos vocês têm uma tela em branco à frente – disse a Miriam, e eu olhei para as tintas, os pincéis e o recipiente cheio de água para limpar a tinta entre pinceladas.

Eu não era lá grande artista, de modo que não estava com esperança do que iria conseguir com a sessão. As atividades dos últimos dias tinham sido boas e, no que diz respeito a enfrentar a nossa própria mortalidade, tinham sido suaves e graduais. Nada ainda nos tinha levado ao limite. Nem por um segundo pensei que esses dias não estavam para vir.

A Savannah estava ao meu lado, mas nenhum de nós conseguia ver a tela uns dos outros. Olhei para aquele pedaço branco de tela e perguntei-me o que diabos nos pediria ela para desenhar.

– Para a sessão de hoje, gostava que se lembrassem da pessoa ou pessoas que perderam – disse a Miriam, e o meu mundo parou em absoluto.

Mãos invisíveis tomaram conta dos meus pulmões e coração e começaram a apertar. Ouvi o meu coração bater lentamente nos meus ouvidos enquanto o ruído branco preenchia o resto do espaço estéril.

– Têm uma variedade de tintas à frente. Quero que pensem em quem perderam e simplesmente pintem. Pode ser um retrato ou uma mera representação conceptual de quem eles foram para vocês, de quem foram em vida. Talvez como vocês se sentem desde que eles partiram. Eu quero que ponham realmente o coração nas memórias que têm com essa pessoa e o purguem na tela.

A Miriam caminhou lentamente à volta de todos nós, circulando pela sala silenciosa. A tensão entre nós subiu tanto que podia cortar-se com uma faca.

– Quero que mergulhem mesmo fundo. – A sua voz mudou, empática. – Isso pode ser emocionalmente desgastante. Mas temos de encarar estas emoções. Devemos pensar na pessoa que perdemos e não fugir da sua memória ou da dor que o seu falecimento pode inspirar. – A Miriam estava no centro do círculo. Colocou a mão no peito. – *Sintam* esta pintura. *Sintam* os seus entes queridos. Deixem que a alma os guie nesta viagem e permitam que toda a tristeza reprimida, felicidade e injustiça que sentem saia do corpo. – A Miriam sorriu para cada um de nós. – Quando estiverem prontos, por favor, comecem.

Olhei para a tela durante tanto tempo que perdi completamente a noção do tempo. Eu não sabia o que pintar. Nada apareceu. Na minha visão periférica, vi pessoas começarem a levar o pincel à tela. Não olhei para as cores que estavam a usar nem para o que podiam estar a pintar. A tela diante de mim parecia uma montanha impossível de escalar.

Um calor familiar espalhou-se pelo meu corpo. E nesse dia deixei. *Precisava* de o sentir naquele momento. Eu estava com tanta *raiva* do Cillian. Ele pegou nos nossos sonhos e esmagou-os em pedaços, tantos que nunca mais poderiam ser reunidos. Tinha destruído a nossa família. Tinha destruído os seus amigos, a sua equipa; tinha destruído tanto no seu caminho que era como o mais mortal dos tornados.

E não tinha contado a ninguém. Escondia a dor com sorrisos fáceis e gargalhadas altas. Jogou todos os jogos de hóquei como se estivesse na final da Stanley Cup. Falava animadamente, era a alma da festa nas reuniões de família, nos nossos jantares de família. E eu, eu era o idiota que não tinha visto as fendas – as suas fraturas. Não tinha visto a tristeza nos seus olhos. Não tinha reparado no cansaço da voz, não o tinha notado a desistir, dia após dia, fingindo ao mundo que estava bem.

Mas, pior que tudo, ele não tinha contado a ninguém o *porquê*. Não havia nenhuma razão óbvia para ele ter feito aquilo. Nenhum desentendimento com amigos, nenhuma namorada que o tivesse deixado de coração partido. Ele não estava metido em sarilhos. Estava na primeira linha em Harvard, a caminho do Frozen Four, NHL a brilhar intensamente no seu futuro. Tinha mãe, pai e irmão que o adoravam.

Mas tinha partido de qualquer maneira, porra.

Só quando o pincel encaixou na minha mão e a tela se borrou diante de mim é que percebi que estava a pintar. Que tinha atirado cor para a tela branca e despejado tudo o que estava a pensar numa espécie de obra de arte.

Pestanejei e limpei as lágrimas que se tinham formado. E olhei, simplesmente... olhei para o que estava à minha frente.

Negrume. Remoinhos pretos decorados a vermelho. Vermelho de sangue e raiva. Preto de perda e do estado em que fiquei. O gelo escorria pela minha coluna, ganhando velocidade até que um pensamento me

veio à cabeça – seria aquela pintura como o Cillian se estava a sentir naquela noite para fazer o que fez? Não havia nada dentro do seu coração por que viver?

Morte, a sua única opção.

Morte, para parar a dor.

Morte, para fugir de qualquer inferno em que a vida se tivesse tornado para ele. Sofreu e morreu em silêncio.

Uma mão pousou no meu ombro. O toque era gentil e solidário.

– Lindo – disse a Miriam, com voz trémula. Não levantei os olhos, mas julguei ter ouvido lágrimas no seu tom de voz. – É tão verdadeiramente lindo, Cael.

Olhei para a pintura e não vi beleza nela. Era como um vazio, sugando todo o brilho e toda a luz para a sua boca. Quanto mais tempo eu olhava para ela, para os lampejos de vermelho, as pinceladas giratórias e o breu opaco do centro, uma profunda frieza instalava-se sobre o resto de mim.

Fiquei com pele de galinha quando estudei realmente a imagem. Era quase como se o Cillian estivesse ao meu lado, a conduzir o pincel. Era como se ele quisesse que eu soubesse como se sentia dentro da sua alma, dando-me um vislumbre do porquê ele sentir que não havia outra opção. Mexi-me no meu lugar.

Eu não fazia ideia do que acontecia depois de morremos. Mas teria sido possível ele mostrar-me aquilo? Teria ele de alguma forma estado nesse momento comigo, incentivando-me a *ver*? Para *entender*. Parvamente, procurei à minha volta algum sinal de que ele estava ali. Depois, abanei a cabeça com a minha estupidez.

Onde é que eu tinha a *cabeça*?

No entanto, a imagem olhava de volta para mim, como se tivesse uma força sinistra, uma agenda malévola, tentando engolir-me também na escuridão. A suposta depressão do Cillian era tão entorpecedora que toda a sua luz foi sugada para um vazio de desespero? Seria demais viver com esse tipo de desolação e teria o seu raciocínio para tirar a própria vida simplesmente o intuito de parar esse nível de angústia e escuridão?

Se assim fosse, como poderia eu odiá-lo? Como podia questionar porque não queria ficar neste mundo, se era com aquilo que ele vivia a cada minuto do seu dia?

Essa escuridão também lhe roubou a voz? Foi por isso que não me disse que estava a sofrer? Acaso lhe teria roubado o seu pedido de ajuda? Não lhe dera outra escolha senão sucumbir à sua atração?

Senti sal nos lábios e percebi que era das lágrimas que me caíam dos olhos. Eu não queria sentir aquilo. Não queria que aquela fotografia fosse também eu. Se aquela escuridão estivesse no Cillian, se podia derrubar um herói tão forte, poderia estar em mim também? O pânico envolveu-me e quase me deixou de joelhos.

O Leo apareceu ao meu lado.

– Vamos dar um passeio, filho.

Pus-me em pé, sem querer pensar e querendo apenas ser levado para longe dali, daquela escuridão que eu sentia chamar o meu nome.

Senti os olhares do grupo nas minhas costas e soube que haveria um conjunto de olhos azuis hiperfocados em mim. Mas deixei que o Leo me levasse para a areia branca da praia. Nem senti o calor do sol escaldante que se abateu sobre mim. Os calafrios mantiveram-me congelado, como se estivesse num congelador, incapaz de fugir.

A princípio, o Leo não disse nada. Sentou-se apenas ao meu lado. Até que se abriu:

– Foi o meu pai. – Parei de respirar, só recomeçando quando ele disse: – Eu tinha quinze anos. – O Leo fez uma pausa e eu ouvi-o respirar fundo. – Encontrei-o.

Fechei os olhos, ouvindo o suave fluxo da água, tentando como o raio usá-lo para me acalmar antes que o meu coração tentasse saltar-me do peito.

– Durante anos, isso consumiu-me – disse o Leo. – Tanto que também me perdi na escuridão. – Abraçou as pernas. – Eu era autodestrutivo. Saí da escola. Deitei fora qualquer futuro que pudesse ter.

Deixou aquela confissão pairar no ar entre nós, até que eu a agarrei, a segurei e perguntei:

– O que mudou?

– Fartei-me, Cael – disse ele, e ouvi a honestidade na sua voz profunda. – Perdi o meu pai, mas nesse dia também me perdi. O rapaz que eu fui morreu e aquele em que me tornei depois nasceu. – Sorriu e eu franzi a testa. – Depois conheci a minha mulher. – O rosto bonito da Savannah veio automaticamente à minha mente, e eu senti uma centelha de graça crescer dentro de mim, e uma chama de vela solitária começou a subir, sugando mais oxigénio do poço de tristeza dentro de mim para lhe dar mais força.

– Eu queria melhorar por ela. – O Leo deu uma palmadinha no peito, sobre o coração. – Mas *precisava* de melhorar por *mim*. – Encarou-me por fim. – Então voltei a estudar e decidi que, em vez de fugir da morte do meu pai, eu iria encará-la de frente, honrar o homem que era todo o meu mundo, ajudando aqueles como ele... e aqueles como eu, os enlutados.

– Porque é que ele fez isso? – perguntei, e o meu peito abriu-se e era como se eu estivesse a sangrar, maculando a areia dourada de vermelho.

– Eu nunca soube – disse o Leo e passou um punhado de areia pelos dedos. Um a um, os grãos voltaram para a praia: a ampulheta da natureza. Olhei para aqueles grãos de areia. Um bilião de partes minúsculas que compõem um todo. – Sabendo o que sei sobre a depressão, imagino que tenha sido isso. Mas nunca soube. – Encarou-me outra vez. – E Cael, eu tive de me apaziguar com isso. – A emoção irradiava da estrutura do Leo, mas eu podia ver que ele a abraçava, usava-a como uma capa em vez de uma mortalha.

O Leo pousou a mão no meu ombro.

– Estou sempre pronto para conversar, quando tu estiveres e quiseres.

Levantou-se e deixou-me na praia. Fiquei lá fora até o sol começar a desaparecer no horizonte, um semicírculo laranja-queimado projetando na praia um brilho dourado. Só me mexi quando a escuridão caiu e as estrelas apareceram. Olhei para cada uma e lembrei-me do que a Savannah tinha dito na Noruega.

Procurei em cada estrela uma que pudesse ser o Cillian. Mas havia tantas, assim como os milhares de milhões de grãos de areia em que me sentei. Levantando-me da areia, fiz o caminho de volta para o hotel. As luzes ainda estavam acesas no terraço onde tínhamos estado a pintar.

Puxar um fio dentro da minha barriga guiou-me de volta lá, à peça que eu nem me lembrava de pintar. Quando cheguei ao terraço, as pinturas de todos ainda estavam a secar. Contornei-as, olhando para o que os meus amigos tinham pensado quando abriram o coração. A do Dylan estava cheia de cores pastel e azuis. Era carinhosa, de alguma forma. Pacífica. Como a sensação de voltar para casa.

A do Travis deu-me uma dor no peito. Onze cruzeiros brancos num campo verde vivo. O sol era brilhante e amarelo sobre eles. E havia um clarão de laranja e vermelho de pé ao lado, com a mão sobre uma das cruzeiros. Entendi que era o Travis, a chorar seus amigos.

A da Lili era três mãos segurando-se com força, sem nunca se soltarem. Duas delas eram mais leves, quase transparentes, angelicais. A da Jade era um tumulto de cores, todas as que podiam ser nomeadas. Falava de pessoas vibrantes, brilhantes e divertidas e cheias de vida. A mãe e o irmão.

Depois parei na da Savannah. Rosas-pálidos faziam flores da sua tela. Havia, de lado, um frasco de conserva e também uma árvore em flor ao fundo. Pairavam estrelas no céu, olhando para a cena. Era calmo e pacífico. Parecia um lugar que eu queria ver.

– O arvoredo em flor – disse uma voz suave na escuridão.

Virei-me e vi a Savannah subir as escadas de pedra do hotel até ao terraço. Usava um vestido verde-sálvia de alças finas e que fluía à volta dos joelhos. Trazia o cabelo louro solto e encaracolado com o calor. Era mais bonita do que qualquer uma daquelas pinturas.

– É um pomar de cerejeiras, na Georgia, que dá o nome à nossa pequena cidade, Blossom Grove. – Um sorriso nostálgico cintilava nos lábios da Savannah. – Era o lugar preferido da Poppy. – Chegou ao meu lado e passou a mão pela base da árvore. – É onde está enterrada.

– Savannah – disse eu, e quis estender a mão e puxá-la para os meus braços.

Mas sentia-me exausto e nem parecia eu. Não queria abraçá-la, assim como me sentia. Não queria maculá-la com o meu toque. Aquele dia tinha-me abalado. Completamente. Sentia-me como que a rastejar para fora da minha pele.

– Foi onde ela foi mais feliz. É justo que seja o seu descanso para a eternidade.

Eu estava tão orgulhoso da Savannah naquele momento – e sempre. A rapariga que conheci no aeroporto JFK nunca teria falado assim da irmã. Ela estava ao meu lado, agora, com força na postura e amor sincero pela irmã que embalava no seu coração. E a Savannah Litchfield, descobri eu, tinha o maior dos corações.

– O que é isso? – perguntei, a voz rouca enquanto apontava para o frasco de conserva.

Tinha a garganta dorida, como se a minha alma estivesse tão cansada que não queria que eu falasse. Mas tive de o fazer. Todos aqueles sentimentos borbulhavam dentro de mim, subindo à superfície, implorando para escapar.

A Savannah rasgou mais o sorriso.

– A nossa avozinha deu à Poppy um frasco de corações de papel antes de morrer, mil. De cada vez que Poppy recebia um beijo, daqueles que faz tremer a terra, tinha de escrever e registá-lo. Era para recolher mil em vida. – A mão da Savannah tremeu ligeiramente enquanto ela passava o dedo pelo contorno do frasco. – Quando lhe diagnosticaram cancro, achou que não ia conseguir. Mas conseguiu. Com a sua alma gémea, o Rune. – A Savannah olhou para mim. – O beijo mil foi dado no último suspiro dela.

O meu coração disparou num ritmo acelerado. Nunca tinha ouvido nada assim.

– Quando eu pensava na Poppy, pensava em perda e dor e sentia a sua ausência pesada e insubstituível ao meu lado todos os dias, sinistra e visceral. Mas quando a Miriam nos pediu para pintarmos o nosso ente querido perdido e quem a pessoa era para nós, e como nos fazia sentir, eu não podia pintar outra coisa que não fosse algo bonito. – Savannah inalou uma respiração trémula. – Embora a sua vida fosse curta, viveu em grande, claramente, e nunca desperdiçou um único momento, nem sequer quando estava a morrer. Viveu a vida até ao último suspiro. Foi a personificação da graça até ao fim... e até além dele.

Pensei na minha pintura, colocada ao nosso lado no terraço. Os pretos e vermelhos, o vazio que triunfantemente bebia a felicidade. Havia um muro atrás de mim e eu afundei-me encostado a ele, exausto. A Savannah também, mas não antes de passar a mão pelo meu cabelo despenteado.

Entrelacei as mãos no colo e olhei para o bosque de cerejeiras em flor, para a sua beleza e as cores animadoras e disse:

– Não sei como falar daquela noite.

A Savannah estendeu a mão e enfiou o braço no meu.

– Estou aqui, para quando estiveres pronto para isso.

– Já tens quanto baste com que lidar, Pêssego. Não precisas do peso adicional do meu trauma também.

– Não é pesado – disse ela e apertou-me o braço. – Se te alivia, então é o peso mais leve do mundo. – Beijou o meu bíceps exposto e os fragmentos de gelo que tinham criado uma armadura impenetrável à minha volta derreteram precisamente no lugar que os seus lábios tocaram.

Sentia-me culpado por pensar sequer em depositar todo o meu trauma aos pés dela. Mas ali estava eu, em Goa, à noite, à beira de uma costa onírica, com uma pintura que assombrava todos os meus movimentos, e só precisava de expurgar tudo da minha alma.

Eu queria fazer isto por ela. Mas preciso de fazê-lo por mim. As palavras do Leo encorajaram-me.

– Não houve nada de diferente naquele dia – disse eu, e a minha visão ficou turva, obrigando-me a reviver tudo na minha cabeça. – Fui treinar. Depois, o Cillian teve um jogo nessa noite. – Dei uma gargalhada destituída de humor. – Ganhou a distinção de melhor jogador do jogo. Ganham, sem pontos para os vencidos. O Cillian marcou todos os golos, um *hat trick*. – Abanei a cabeça. – Jogou com o coração. Agora pergunto-me se terá jogado com tanta garra por saber que nunca mais jogaria. Foi o seu último adeus à equipa que tanto adorava e aos adeptos que o apoiaram desde que começou em Harvard?

A minha perna começou a tremer, com os nervos. Nunca tinha falado tanto na minha vida. Foi como cortar o meu coração ao meio e deixá-lo sangrar, por minha vontade.

– No jogo, eu estava com os meus pais. Mas depois, fui encontrar-me com os meus colegas de equipa. O Stephan, o meu melhor amigo, tinha sido convidado para a festa de um tipo de Harvard, ao lado da casa onde o meu irmão morava, fora do *campus*. – Lembrei-me de chegar à festa, toda a gente a celebrar. – Já tínhamos estado numa centena dessas festas.

O meu irmão estava lá, claro, mas quando me viu entrar, em vez de fazer o sorriso feliz que me fazia sempre, tinha os olhos tempestuosos e disse-me para ir para casa.

Abanei a cabeça, como se estivesse lá de volta, a viver aquela noite.

– Ele nunca tinha sido assim comigo. Chocou-me muito. *Nunca* me mandou para casa. Ficava sempre comigo. Eu só pensei que ele devia estar cansado...

A minha voz calou-se e eu engasguei-me com um soluço.

– *Houve* um sinal, Sav. E eu deixei passar. Ele nunca tinha sido assim comigo, nunca. Não era o típico irmão mais velho quando estávamos a crescer. Sempre foi tão bom comigo. – Veio-me à mente o seu rosto. Parecia-se mais com o nosso pai do que eu; eu tinha as feições da minha mãe. Mas qualquer pessoa via que éramos irmãos. – Ele era boa pessoa e muito dado à família. Nunca me tratou como se eu fosse menos do que ele. Que raio, nunca me mandou sequer sair do quarto dele. Não me mandava embora da lagoa congelada, na nossa propriedade, quando os amigos vinham jogar hóquei. Ele incluía-me. Sempre. – Virei-me para a Savannah e vi que as lágrimas lhe escorriam pela cara. Tinha o lábio inferior a tremer. – Mas nunca me disse que estava em sofrimento, Sav. Ele nunca me disse isso. Nunca me disse *o* mais importante.

Funguei as lágrimas para as reter e cedi à tristeza que mantivera presa dentro de mim por tanto tempo.

– Ele nunca me tinha mandado embora antes. Mas *mandou* naquela noite. Eu devia ter dado luta, perguntado porque é que ele estava a agir daquela maneira. Acho que fiquei muito atordoado. Meteu-me uma nota de vinte na mão e mandou-me ir a correr à loja buscar uns aperitivos para a casa.

Olhei para a minha mão e para a palma que tinha segurado aquele dinheiro.

– Na altura não vi isso, mas ele fechou a mão na minha quando colocou aquele dinheiro na minha palma. Com firmeza. Foi só uns segundos a mais do que o normal, mas ainda a sinto. Como uma marca. – A Savannah segurou aquela mão e levou-a aos lábios, beijando-me a palma. Um choro engasgado escapou-se-me da boca ao seu toque, aos seus lábios macios que me beijavam a pele calejada e manchada.

– Estás a ir tão bem – disse ela, e pousou a cabeça no meu ombro.

O calor do seu corpo imiscuiu-se no meu, descongelando um pouco do gelo.

– Olhei nos olhos do meu irmão mais velho e ele disse: «Fica bem, sim, miúdo?» Em retrospectiva, a sua voz era grave e cheia de emoção. Julguei que ele estivesse só a chocar uma gripe, ou algo do género. Eu disse que sim. Pensei que ele estivesse a falar da condução do Stephan. Mas agora sei que estava a falar da minha vida. *Credo*, Savannah, foi ele a despedir-se de mim, e eu nem percebi. Foi a última vez que ouvi a sua voz ou o senti tocar na minha mão. Foi *isso*.

A Savannah pôs o braço à volta dos meus ombros e abraçou-me enquanto eu me desfazia na curva do seu pescoço, as minhas lágrimas encharcando os seus cabelos encaracolados.

– Estou sempre a reviver esse momento na minha cabeça, várias vezes ao dia. Agora vejo as dicas subtis. Ouça o ligeiro tremor na sua voz. Mas na altura não vi. A sua janela não era transparente; tinha uma condensação espessa e eu, simplesmente, não consegui ver através dela.

Olhei para as flores de cerejeira que a Savannah tinha pintado, depois para as estrelas suspensas, como pedras preciosas no céu.

– O Stephan estava comigo. Íamos a caminho da loja, quando ele se deu conta de que se tinha esquecido da carteira na casa. Queria ir buscar qualquer coisa para comer, estava com fome, e não tínhamos dinheiro suficiente para passar por um *drive-through*. Demos a volta para trás e vimos o carro do meu irmão a abrir na estrada em que estávamos, mas na direção contrária. Fiquei tão confuso relativamente a onde se dirigia. Ele devia estar na festa. Mas o que mais me preocupou foi a velocidade a que ele seguia. Era imprudente. Ele nunca foi imprudente. Sempre calmo e comedido. Eu disse ao Stephan que o seguisse. Tinha uma coisa cá dentro que me dizia que algo não estava bem. – Rangi os dentes. Não tinha a certeza se conseguia fazer esta última parte. Não sabia se arranjava forças para dizer em voz alta o que aconteceu a seguir.

– Se só conseguires dizer isso, tudo bem – disse a Savannah, claramente interpretando-me bem. Depositei um beijo no seu cabelo, depois encontrei os seus olhos lacrimejantes. Queria contar a esta rapariga. Queria partilhar aquilo com ela. – Ninguém te está a pressionar a contar mais.

Perscrutei o rosto dela, depois pensei novamente na minha pintura. Eu *tinha* de lhe contar. Não queria que aquela escuridão fosse o meu futuro. A verdade é que acho que já tinha começado a tomar conta de mim. Eu tinha chegado a acreditar que aquele tipo de escuridão agia em ataque furtivo. Invadindo devagar uma alma, pouco a pouco, até a consumir sem que ela se desse sequer conta. Depois, ela ficava demasiado fraca para a combater.

Sentei-me mais direito, determinado a dar luta àquela maldita coisa. Eu não queria que ela me consumisse.

– Vimos os faróis traseiros do Cillian mais à frente e seguimo-los. Eu estava tão preocupado com ele. Estava a ganhar cada vez mais velocidade, aos ziguezagues na estrada enquanto se esforçava por se manter nela. – Fiz uma pausa, lutando com o nó na garganta. Respirei e sussurrei: – E depois vi-o propositadamente atirar-se de frente contra uma árvore enorme e sólida, logo a seguir à curva fechada da estrada.

A Savannah sorveu uma inspiração rápida. Eu estava a tremer, tremia tanto que fui atirado de volta àquele momento, quer quisesse quer não.

– Saltei do carro do Stephan antes sequer de ele parar. E fui a correr ter com o Cill. Corri mais rápido do que nunca. E quando lá cheguei, abri a porta do condutor e vi-o... – Abanei a cabeça, tentando livrar-me daquela imagem. – Era tarde demais, Sav. Já tinha partido. – Os braços da Savannah envolveram-me com mais força, e ela esmagou-me contra o peito. Eu desfiz-me. Afoguei-me nas minhas lágrimas até ter o peito magoado e os pulmões queimarem tanto que até inspirar me custava.

– Não tinha drogas nem álcool no organismo. Descobrimos depois que ele tinha desativado o *airbag*, Sav. Antes de ter pegado no carro. O cinto de segurança também. Certificou-se de que não haveria volta do que pretendia fazer. – Tentei aclarar a garganta, mas a minha voz estava tão granulosa que era quase inexistente. – Puxei-o do carro... e segurei-o. Segurei o seu corpo destroçado até os paramédicos chegarem e me obrigarem a largá-lo.

Os soluços atormentados continuavam a aparecer, revigorados e carregando tanto peso como os anteriores.

– Às vezes ainda o sinto nos meus braços, ainda sinto o seu corpo sem vida puxado para o meu peito. Tentei trazê-lo de volta, fazer reanimação implorando a Deus para o salvar, mas ele partiu, Savannah.

Partiu. Tão rápido quanto isso... e eu vi-o fazê-lo.

– Estou aqui – disse a Savannah, enquanto eu caía da parede para o chão, e ela também me seguiu.

Abraçou-me no terraço, sob as estrelas, cercada por memórias pintadas dos mortos, e a única coisa que eu vi foi o Cillian. Por isso, apertei-a com mais força. Virei as costas à pintura que me tinha reduzido *àquilo* e combati-a com tudo o que tinha.

Recusei deixá-la consumir-me também.

Corações Partidos e Memórias Fraturadas

Savannah

O CORPO GRANDE E FORTE DO CAEL TREMIA NOS MEUS BRAÇOS. REZEI PARA que o conseguisse o consolar, que bastasse abraçá-lo naquele momento. Também chorei. Chorei ao revisitar mentalmente o que ele me contou. Chorei pelo Cillian, e chorei pelo Cael.

Ele tinha visto.

Ele encontrou-o.

Tinha embalado o irmão mais velho nos braços... Eu só podia imaginar o trauma que aquilo tinha deixado dentro dele. As cicatrizes que devem ter ficado gravadas no seu coração partido. Embalei-o e não pude deixar de ser empurrada de volta para o quarto da Poppy, a minha mão na dela depois da sua morte. A ingenuidade com que eu tinha pensado que, se eu simplesmente não a largasse, nada daquilo seria real. Que se eu ficasse ao lado dela, os seus olhos se abririam e um milagre teria acontecido. Ela acreditava em Deus com tanta devoção que seguramente Ele lhe concederia um milagre e a manteria com todos nós. O cancro deixaria o seu corpo e ela ficaria outra vez saudável. Teria oportunidade de viver os seus dias com as pessoas que mais amava. Veria os nossos aniversários, casamentos e o nascimento dos nossos futuros filhos. E nós os dela. Iríamos vê-la casar-se com o Rune no arvoredor florido que se tornou sinónimo deles como casal.

Mas esse milagre nunca veio. Eu sabia agora que, quando se tratava da morte, eles raramente acontecem.

Enrolei-me sobre o Cael e deixei que as comportas se abrissem. Doía-me o esterno por o meu peito se convulsionar de tristeza. Eu achava que nunca tinha chorado tanto na vida. Sempre me contive, sempre me controlei. Mas ver o Cael quebrar, ouvir a história do Cillian e do Cael a encontrá-lo, a *vê-lo*, deu cabo de mim.

As lágrimas intermináveis do Cael encharcaram-me o vestido. Mas eu vi cada uma dessas lágrimas caídas como sendo uma bênção. Ele tinha vivido com aquilo durante tanto tempo. Tentou escondê-lo com tatuagens e *piercings*. Ouvia as nossas sessões de grupo com distanciamento e silêncio forçados. Até *eu* tinha participado, o que há várias semanas teria parecido impossível.

O Cael precisava daquilo.

Eu também precisava de o ver enfrentar aquilo.

Passei a mão pelo seu cabelo escuro. Algures ao longo daquele percurso, o meu coração procurou-o e fundiu-se no dele. Desde a Poppy que eu tinha tanto medo de me apaixonar por alguém. Assustava-me a ideia de perder também essa pessoa. Mas minuto a minuto naquela viagem, tinha sentido um íman que me atraía e ao Cael para ficarmos juntos, tão poderoso que era impossível resistir-lhe. Tínhamos partilhado uma dor que as pessoas fora desta experiência nunca compreenderiam.

E agora, com ele tão perturbado e vulnerável nos meus braços e o meu coração a partir-se com a sua dor partilhada, cheguei à inebriante conclusão de que estava apaixonada por ele. Completamente caída, apaixonada por aquele rapaz desfeito dos arredores de Boston. Eu salpicava beijos ao longo da sua face e do seu cabelo. Das mãos e dos dedos, entrelaçados nos meus.

– Estou tão cansado, Savannah – disse o Cael, com as suas palavras esgotadas e ditas suavemente a rasgar-me o peito.

– Então, vamos dormir – disse eu e ajudei o Cael a pôr-se em pé.

Ele era tão alto e espadaúdo, tão fisicamente forte. Mas tudo na sua marcha gritava que estava fraturado. Com o braço sobre os meus ombros e o meu braço à volta da sua cintura, voltámos para o piso onde se encontravam os nossos quartos. Quando passei pelo meu, só de pensar em deixá-lo sozinho fiquei nauseada. Também não queria estar sozinha.

Quando entrámos no corredor, o Leo estava à espera. Parámos quando o vimos.

– Como estás, Cael? – perguntou ele.

Eu tinha a sensação de que ele estivera de olho nele aquele tempo todo. Na verdade, tinha a certeza.

– Cansado – disse o Cael, descaído, ao meu lado.

Olhei para Leo e vi a tristeza no seu rosto.

– Por favor – disse eu baixinho. – Por favor... deixe-me ficar com ele.

– Savannah... – disse o Leo, abanando a cabeça.

– Não vai acontecer nada, eu prometo. Dormimos por cima da colcha. Por favor... Eu só quero ficar ao lado dele – disse eu, implorando ao Leo com os olhos.

Eu não podia deixá-lo sozinho. O meu coração não me deixava. *Ele está tão destruído*, tentei transmitir ao Leo em silêncio. *Acabou de se abrir comigo e contou-me tudo. Está demasiado vulnerável e abatido para estar sozinho esta noite.*

O Leo dirigiu-se ao seu quarto e depois voltou a sair com uma cadeira. Colocou-a à porta do quarto do Cael.

– A porta fica aberta e eu vou com frequência ver como estão – disse ele. – Não traiam a minha confiança.

– Não trairemos – sussurrei.

O alívio que a permissão do Leo trouxe foi intenso. Segurei a mão do Cael com mais força e levei-o para o seu quarto, deixando a porta aberta. A gratidão, tão forte e evidente, estava estampada no olhar desolado do Cael. Eu sabia que tinha feito a coisa certa. O luto doía mais quando se estava sozinho.

Levei-o para a sua cama e deitámo-nos, completamente vestidos. O Cael envolveu-me nos seus braços e esmagou-me no seu peito como se fosse a única coisa que o ancorava à esperança. Eu retribuí o gesto, inspirando simplesmente o seu cheiro a sal. Ele deu-me um beijo no cimo da cabeça e exalou um suspiro longo e derrotado.

– Obrigado – disse ele, e as suas palavras encheram o quarto de hotel.

– Não há nada a agradecer – disse eu e aproximei-me.

Era verdade. Era o que fazíamos por aqueles que amávamos. Abraçamo-los através da escuridão.

– Ele não era uma pessoa má – disse por fim o Cael, e isso quase partiu o meu coração.

– Claro que não – disse eu, austera, e levantei-me até ficar apoiada no cotovelo.

Passei as pontas dos dedos pela face do Cael. Ele tinha os olhos raiados de sangue, de chorar, e a pele pálida, mas manchada de tantas lágrimas.

– Ele estava só triste – disse ele, quase mais para si do que para mim. – Estava demasiado triste para continuar. – Pestanejou, afastando novas lágrimas. – E não era um cobarde. – O meu coração entrou em colapso. – Ele era forte e corajoso, era a melhor pessoa que conheci.

– Ele não poderia estar mais longe de ser cobarde – disse, fazendo eco das suas palavras. – Foi forte até ao fim. Nunca acredites no contrário.

O Cael acenou com a cabeça, como se precisasse desesperadamente de ouvir aquilo. Segurou a minha mão.

– Como era ela? A Poppy?

Começaram a crescer dentro de mim galhos de amor, que bloquearam a tristeza. Eu sorri, embora os meus lábios tremessem. Era só que tinha tantas saudades dela.

– Era boa – disse eu baixinho. Apertei a mão do Cael com mais força. – Era linda. E era tão encorajadora.

Engoli as emoções viscerais que ameaçavam roubar-me as palavras. Pela primeira vez em tanto tempo, eu *queria* falar sobre a Poppy e como ela tinha sido maravilhosa.

– Ninguém, na minha vida, me incentivou tanto como ela. Era a minha âncora. Foi a pessoa que me ajudou a sair da concha onde eu tão naturalmente me escondia. – Ri-me quando me veio à cabeça o rosto da Ida. – A minha irmã mais nova, a Ida, também é assim. – Senti um vazio no estômago. – Mas desde que a Poppy morreu que eu realmente não a deixo entrar. – Os meus olhos encheram-se de lágrimas. – Não fui para ela a irmã mais velha que a Poppy foi para nós as duas.

– Tens estado a sofrer – disse o Cael, passando o dedo para cima e para baixo na minha face.

– Ela também – disse eu, e a verdade desse facto encheu-me de culpa até abarrotar. – Foi a Ida quem me convenceu a vir para cá. – Encontrei os olhos do Cael. – A verdade é que eu não sou a mesma desde que a Poppy morreu.

Um pensamento que eu sempre mantive secreto gritava para ser libertado. O Cael perscrutava o meu rosto, como se soubesse que eu também queria dizer alguma coisa. Beije-i-lhe a mão e depois passei os dedos pelos nós dos seus dedos tatuados e disse:

– Às vezes... – Fiz uma inspiração superficial e trémula. – Às vezes acho que eu é que devia ter morrido. – O meu coração disparou quando estas palavras privadas se tornaram partilhadas. – A Poppy tinha tanta vida. Tinha o Rune. Ter-se-iam casado. Teriam tido a vida mais bonita juntos. Verdadeiras almas gémeas.

Varri, com os olhos, o escuro do quarto. Eu sabia que o Leo estava a ouvir cada palavra nossa, mas não me importei. Talvez estivesse na hora de eu partilhar também com ele.

– A Ida é como a Poppy. São tão vibrantes. Estar perto delas é ser sufocado de felicidade e esperança. Eu... – A minha voz fez-se um fio. – Sou calada, reservada. – O meu fôlego soluçava. – O mundo teria continuado sem mim. Nenhuma grande onda de tristeza ou injustiça teria ocorrido se eu me tivesse esgueirado, tão serenamente como vivi. Ninguém teria sido verdadeiramente afetado se eu tivesse sido vítima da doença.

– Eu teria – disse o Cael. A sua voz já não era fraca, mas sim ousada e cheia de tanta convicção que não pude deixar de olhar para ele. Estava sério de morte; eu bem via na profundidade azul-prateada dos seus olhos. – O meu mundo teria sido afetado, Savannah. Eu teria errado pela vida a perguntar-me porque haveria uma dor repentina no meu coração. A minha vida teria ficado por realizar por não teres entrado nela, como foi destinado.

– Cael...– disse eu, engasgada de emoção, e ele inclinou-se e beijou-me.

A sua mão encontrou a minha face e enfiou os dedos no meu cabelo. Eu retribuí o beijo e tentei absorver tudo o que ele tinha dito. O coração inchou no meu peito com as suas palavras. E eu retribuí o sentimento. O

Cael tinha entrado na minha vida e encaixado a alma na minha, dois corações partilhando uma válvula. Era inebriante e avassalador, mas alegre e quase uma sensação forte demais para suportar.

Ele recuou e juntou a testa à minha.

– Eu teria sentido para sempre a tua falta, Pêssego. E teria perscrutado o mundo inteiro, centímetro a centímetro, e mais além, para tentar encontrar-te. – O Cael recuou um centímetro. Tinha o rosto sério e, olhando-me nos olhos, sussurrou: – Eu amo-te, Savannah Litchfield. Estou tão apaixonado por ti, raios.

O meu coração disparou como um canhão. O nervoso miudinho rebentou de tal forma perante a voz do Cael que o senti nas ponta dos dedos.

– Eu também te amo – disse eu, sem qualquer dúvida no meu coração.

Estava a abarrotar até às paredes com o Cael. Tinha-o no meu sangue e até à medula, em todas as células do meu corpo. O sorriso que se abria no seu rosto era ofuscante. E ele beijou-me outra vez. Beijou-me tão suave e completamente que me perguntei como haveríamos de subir à superfície para respirar.

Envolveu-me nos seus braços. Eu encaixava perfeitamente ao seu lado, como se o universo nos tivesse feito para ficarmos juntos. O Cael colocou as nossas mãos dadas entre nós, brincando com os meus dedos. Uma caverna funda enterrou-se dentro de mim. Foi isto que a Poppy sentiu com o Rune? Foi assim que o Rune se sentiu em relação a ela, por sua vez? Em caso afirmativo, como é que sobreviveram? Como é que o Rune conseguiu continuar depois de lhe ter sido tirada a sua alma gémea?

– Tentei convencer-me de que tudo não passou de um grande erro – disse o Cael, sem nunca tirar os olhos dos nossos dedos em movimento. – Tentei convencer-me de que foi um acidente e o Cillian não escolheu deixar-nos. – Engoliu em seco e eu esperei pacientemente que ele continuasse. – Mas quando fui para casa, naquela noite, entrei no meu quarto e vi um bilhete antigo, de um jogo dos Bruins, na minha mesa. Foi o primeiro jogo a que fomos juntos, quando éramos pequenos. Eu tinha-o fixado na parede, depois de voltarmos. Uma memória que queria guardar para sempre.

O meu pulso acelerou sempre mais rápido.

– Ele tinha escrito sete palavras no verso. – A voz do Cael foi roubada por breves instantes pelo luto, antes de pigarrear e dizer: – «Eu não aguentava mais isto. Peço desculpa.»

Enquanto essas palavras deslizavam no ar entre nós, quis estender a mão para elas e segurá-las na minha palma. Eles *irradiavam* dor. Irradiavam tanta tristeza que as lágrimas me escorriam pela cara.

Puxei o Cael para mais perto e coloquei as nossas mãos dadas no meu peito, sobre o coração, e embalei-as aí.

– Ainda tenho esse bilhete, Sav. Na minha carteira. Anda sempre comigo. Mas não olho para ele desde aquela noite. – O Cael parecia exausto. – Quando o li, soube que aquilo de que a polícia e os paramédicos desconfiavam era verdade. O que eu tinha visto com os meus olhos era verdade. Ele tinha tirado a própria vida.

– Sinto muito – disse eu, e estas palavras soaram mais do que inadequadas.

– Não consigo olhar de novo para ele, Sav.

O Cael parecia tão torturado.

– Disseste-me uma vez que o luto não tem cronologia. Precisas de dar a ti próprio essa mesma tolerância – disse eu, e beijei-lhe a face, roçando depois o meu nariz no dele.

– Amo-te – disse ele, e as suas pálpebras começaram a ficar carregadas de exaustão.

– Eu também te amo – sussurrei, convidando o silêncio da noite.

O Cael beijou-me a testa e um suspiro profundo e cansado abandonou os seus lábios. Olhou para a porta aberta e os seus ombros perderam qualquer tensão que ainda tivessem. Ele também tinha contado aquilo tudo ao Leo. Obviamente queria que ele ouvisse.

Era um progresso.

O Cael encarou-me de novo, com as pálpebras pesadas. Em poucos minutos, estava a dormir. Mas eu só conseguia pensar no Cillian e no Cael a encontrá-lo – a vê-lo morrer. Pensei então na Poppy e em como tinha morrido pacificamente. Ocorreu-me então como aquele momento foi especial. Como a sua morte tinha sido verdadeiramente especial.

Olhei para o Cael, na cama, a dormir. Era tão bonito. Tão bom e bonito. E amava-me. O Cael Woods *amava-me*. E eu também o amava.

Aninhei-me no peito do Cael. E adormeci nos braços do rapaz que adorava.

Savannah
Distrito de Agra
Índia

– UAU – MURMUROU A LILI, AO MEU LADO.

A simples palavra fazia eco de como eu me sentia por dentro, impressionado com a magnitude daquela construção deslumbrante, que eu tinha visto milhares de vezes na televisão e em livros. Que tinha agora diante de mim. Parecia um sonho.

O sol da manhã projetou o mármore branco sob um brilho laranja-queimado. A mão do Cael apertou-se na minha quando a vasta maravilha se estendia diante de nós.

– O Taj Mahal – disse a nossa guia, Fatima – foi construído para honrar um grande amor perdido. – Fiquei com pele de galinha ao longo do corpo. – O xá Jahan construiu-o em homenagem à esposa, que ele adorava. Mumtaz Mahal morreu durante o parto, em 1631. O xá Jahan ficou angustiado. Ela tinha sido o mundo dele, e depois partiu. Ele queria imortalizar a mulher que tinha sido uma constante ao seu lado, por isso construiu este túmulo para mostrar ao mundo como ela era acarinhada.

A Fatima virou-se para nos olhar a todos.

– O Taj Mahal tornou-se uma das sete maravilhas do mundo. Sim, por causa da sua arquitetura deslumbrante, mas também porque todos nós viveremos perdas. E todos honraremos os nossos entes queridos de alguma forma pessoal. – A Fatima sorriu. – O Taj Mahal é um lugar

onde a beleza e a morte se encontram. Onde a perda encontra a eternidade. Onde o luto encontra a honra. É realmente uma maravilha de se ver.

Enquanto visitávamos o famoso monumento, a Fatima falou-nos das cúpulas, da história de como foi construído.

– O mármore branco foi usado especificamente para que a luz mude a tonalidade do túmulo ao longo do dia. O amanhecer traz uma sinfonia visual de laranjas e vermelhos; a noite cria uma obra-prima do azul e prateado da lua. Toda a beleza natural do mundo encapsulada num único dia. Sigam-me, por favor – disse a Fatima, e guiou-nos até ao interior do túmulo.

A decoração, o pormenor, a riqueza que tinham sido colocados naquele monumento eram impressionantes. Em seguida, vimos os jardins. Pontos de água e vegetação macia transformavam a paisagem num jardim do Éden. Tudo o que eu pensava ao passar por cada centímetro daquele vasto memorial era como o xá Jahan devia amar a sua esposa. Tal como as nossas pinturas em Goa, era uma representação tangível do que ela tinha significado para ele. Deu a conhecer ao mundo inteiro a mulher que adorava.

O poder do seu amor tinha feito isso. Era quase demais para compreender.

Andámos à volta daquele testamento vivo de almas gémeas com espanto, os pescoços doridos de tanto que havia para ver. E, durante todo o tempo, o Cael ia de mão dada comigo. O rapaz que eu amava tinha-me junto a si quando visitámos um monumento onde cada pedaço de mármore e cada pedra pulsava de amor. Um sentimento de contentamento instalou-se em mim.

Depois de termos andado durante horas, vimos o dia desaparecer na noite e o Taj Mahal absorver o tom azul-prateado da Lua.

Não me passou despercebido que era a cor exata dos olhos do Cael.

De volta ao hotel, no jantar daquela noite, a Mia disse:

– Trouxemo-los aqui (uma paragem rápida na nossa viagem ao próximo destino) para falar de homenagear aqueles que morreram. – Fez um sorriso encorajador. – Uma grande parte de lidar com a perda é tentar encontrar pontos positivos, embora pareçam ser poucos e distantes entre si. Mas pôr a nossa energia em recordar com carinho a

pessoa ou as pessoas que perdemos é saudável; é um progresso. Muitas religiões e culturas têm cerimônias e festivais onde fazem isso. Mas é importante honrar os entes queridos pessoalmente também. À vossa maneira.

– Alguém quer falar de como homenageia, ou talvez planeie homenagear, os entes queridos? – perguntou o Leo.

Estávamos a jantar pratos de caril da região, *naan* e arroz, confeccionados com especiarias que eu nunca tinha provado. Não era como as nossas sessões típicas. Esta era descontraída e reconfortante, um grupo de amigos a partilhar uma refeição e sentimentos.

– Sentamo-nos em *shiva* – disse a Lili. Pousou a comida. – É uma tradição judaica em que os familiares próximos do falecido se sentam durante sete dias depois de a pessoa ou pessoas que perderam terem sido enterradas. É um momento para tentar enfrentar a perda inicial, depois lembrá-los com carinho e aceitar a morte. – A Lili sorriu. – Ajudou-me. Sentei-me com os meus avós e tios. Eles seguraram-me quando eu estava a cair.

– Isso é lindo – disse a Mia.

– Nós temos o *Día de los Muertos*, ou o Dia dos Mortos – disse a Jade. – Sou mexicana e esta é uma das nossas principais tradições. É uma celebração alegre daqueles que perdemos. Recordamo-los com carinho e celebramos a vida que viveram. É para ser edificante. E é. Ajuda a tirar a dor do luto e a transformá-la numa celebração da vida das pessoas que mais amamos. É um dos meus feriados favoritos.

– Eu adorava ver isso um dia – disse a Lili e abraçou a Jade.

Estavam rapidamente a tornar-se melhores amigas e eu esperava que se apoiassem uma na outra mesmo depois da viagem. Eu estava rapidamente a dar-me conta de que ter pessoas com quem conversar, pessoas que tinham percorrido o mesmo caminho de pedras da tristeza que eu, era imensurável. Simplesmente compreendiam. Não era preciso explicar que nos faltava uma parte da alma, porque o mesmo se passava com eles.

– Eu encabecei uma campanha de angariação de fundos para colocar uma placa memorial na nossa cidade – disse o Travis. – Um lugar onde os meus amigos e colegas de turma serão sempre lembrados. Um lugar

onde nós, que os perdemos, podemos ir e simplesmente senti-los de novo à nossa volta.

– Isso foi lindo – disse o Leo.

Senti o meu coração bater mais rápido. Eu ainda não era muito boa a partilhar, mas disse:

– Eu vou para Harvard. Medicina. – O Cael olhou para mim e deu para ver o interesse no seu rosto. – A minha irmã, a Poppy, morreu de linfoma de Hodgkin. Tinha dezassete anos. O meu sonho é ser oncologista pediátrica. – Encontrei os olhos do Cael quando disse: – Quero ajudar crianças como ela. Quero honrar a sua memória ajudando a vencer ou tratar essa doença conforme eu puder. – Engoli um nó na garganta. – Ou até mesmo ajudar aqueles que não podem ser salvos a morrer sem dor e da maneira mais digna possível.

– Amor – disse o Cael e beijou-me nos lábios.

Desde a noite em que o Cael me contou sobre o irmão, ficámos ainda mais inseparáveis, como se aquela noite nos tivesse fundido permanentemente, duas metades de almas gémeas feitas uma inteira. Levámo-nos um ao outro através da nossa dor. Conversámos sobre o que nos passa pela cabeça. Às vezes era os nossos irmãos, mas outras era várias coisas. Ele até tinha falado mais sobre a sua paixão pelo hóquei, que eu sabia que era um grande passo para ele. Não me tinha ocorrido partilhar o que queria fazer na faculdade.

– Essa é uma maneira tão nobre de homenagear a Poppy, Savannah – disse a Mia e eu senti as bochechas a arder com o elogio.

– Cael? – disse o Leo.

A mão do Cael ficou rígida na minha. Ele nunca participava naquelas sessões. Estava melhor, falava mais com o Leo em sessões individuais, mas ainda havia uma nuvem escura a pairar sobre a sua cabeça. Eu preocupava-me muito com ele. Todos os nossos percursos de luto eram montanhas-russas. Mas eu sentia que o dele era mais acidentado do que a maioria.

O Cael ficou em silêncio, como sempre. O Leo ia passar para o Dylan, quando o Cael disse, com uma voz rouca:

– Eu queria continuar a jogar hóquei. Como pretendíamos fazer juntos. Em sua honra, mas... – A sua voz fez-se um fio e ele abanou a cabeça, um sinal claro de que tinha terminado.

Mas *falara*. Tinha contribuído para o grupo e falado aos outros do seu irmão.

Eu estava tão orgulhosa dele que era capaz de rebentar.

– Um dia de cada vez, filho – disse o Leo, e eu apanhei a emoção que também se imiscuía na sua voz.

Inclinei-me mais para o Cael e disse:

– Estou tão orgulhosa de ti. Amo-te.

O Cael pousou o braço à volta do meu ombro e puxou-me mais para si. Senti-o tremer ligeiramente, mas não ia mencionar isso. Aquela admissão custou-lhe caro. Mas tinha-o *feito*.

– Dylan? – disse a Mia, e houve silêncio ao meu lado.

O Dylan abanou a cabeça. Eu franzi o sobrolho para o meu amigo. Ele geralmente era franco sobre a perda do Jose. Embora eu tenha pensado no que o Cael disse sobre o seu irmão. Esconder a dor com gargalhadas e sorrisos largos. Perguntei-me se o Dylan também seria assim.

Um surto de pânico espoletou no meu peito pelo meu amigo. Não muito tempo depois, a mesa dividiu-se para ir para a cama. O Cael estava a acompanhar-me até o meu quarto quando vi o Dylan no pátio do nosso hotel, a olhar para uma estátua conceptual de mármore ao centro de um enorme espaço de água. Estava sozinho. Estava virado para dentro. E parecia carregar o peso do mundo inteiro nos ombros.

Virei-me para o Cael.

– Vou dizer-lhe boa noite.

O Cael olhou por cima da minha cabeça. Também deve ter visto o Dylan com ar desfeito.

– Está bem – disse ele e beijou-me. – Boa noite, Pêssego.

Afastou-se e eu segui o caminho de pedra até onde o Dylan estava sentado. Ele olhou para cima quando me sentei. O som da água da fonte era calmante, os pássaros noturnos cantavam das árvores em volta uma banda sonora celestial para a brisa amena.

– Sentes-te bem? – perguntei e o Dylan sentou-se contra o banco.

Tinha o olhar focado na água, mas dava para ver, pelo olhar vítreo, que estava perdido nos seus pensamentos. Coloquei a mão sobre a dele. A cabeça do Dylan inclinou-se nessa direção. Alguns minutos depois, ele disse:

– O Jose não era só o meu melhor amigo.

A sua voz era quase inaudível. Mas eu ouvi-o, e ouvi a dor que estava gravada em cada palavra sua.

Fiquei em silêncio, deixando-o falar ininterruptamente. O Dylan suspirou, e a sua expiração foi trémula. Inclinou a cabeça para trás e uma lágrima escorreu-lhe do canto do olho.

– Tive de o ver ser enterrado, com todas as pessoas no funeral a acreditarem que ele era apenas o meu melhor amigo. – O Dylan olhou finalmente para mim, com os seus olhos âmbar assombrados. – A verdade, Sav, é que ele era o meu tudo. – O lábio do Dylan tremeu e eu peguei na sua mão com a minha, mostrando-lhe sem palavras que ele me podia dizer qualquer coisa. Eu sempre manteria a confiança dele.

– Conhecemo-nos na escola primária – disse ele, e o canto do seu lábio ergueu-se com carinho. – Ficámos logo melhores amigos. Inseparáveis. Morávamos na mesma rua. As nossas famílias também se tornaram amigas próximas. Era perfeito. – Fez uma pausa e a sua mão apertou a minha.

– Quando chegámos ao secundário, eu odiava-me. Porque algures pelo caminho, ou talvez desde o início, apaixonei-me irremediavelmente por ele. – Eu queria abraçar o Dylan, mas também precisava de lhe dar tempo para libertar aquele segredo que ele tinha enterrado profundamente.

– Tinha medo de o deixar ver a verdade. Verifiquei todos os meus movimentos à volta dele, para o caso de lhe tocar durante tempo demais. Para o caso de ele ver como eu o achava bonito. – O Dylan soltou uma gargalhada. – Desafiou-me, claro. Perguntou-me porque é que eu andava tão estranho. Era o Jose. Honesto ao ponto da brutalidade. – O Dylan encolheu os ombros. – Tentei evitar as suas perguntas incessantes, até que não aguentei mais e deixei escapar que o amava.

Sorri quando o Dylan o fez.

– Acontece que ele também me amava. Sabíamos que as nossas famílias não aprovariam, portanto guardámos segredo. E amámo-nos em segredo. Fiz planos para deixarmos a nossa cidade natal quando fôssemos mais velhos, para podermos estar juntos sem vergonha. – O Dylan encontrou meus olhos. – Nunca tive vergonha do nosso amor, Sav. Ele era a melhor pessoa do mundo e, quando morreu, eu amaldiçoei o

universo por tirá-lo de mim antes de termos oportunidade de nos amarmos livremente, abertamente. Tive de estar no velório dele a ouvir toda a gente dizer-me que bom amigo que eu era para ele. – O Dylan cerrou o maxilar. – Eu queria calar toda a gente e dizer que ele era a minha alma gémea e que nos amávamos tanto que às vezes doía-me o coração quando estávamos separados por apenas alguns minutos.

O Dylan ficou ainda mais sombrio. Eu sabia que tudo o que ele estava prestes a dizer iria abri-lo ao meio.

– Numa manhã totalmente normal, ele foi atropelado por um carro quando atravessava uma estrada. Condutor bêbedo. Morreu mais tarde no hospital, nesse mesmo dia, devido aos ferimentos. Não me deixaram entrar no quarto porque não era da família. – A sua voz quebrou. – Mas ele era a minha família. Ele era todo o meu mundo, e eu o dele.

Ficou com a respiração embargada ao engasgar-se com as lágrimas.

– Quando me disseram que ele morreu, tive de fingir que não tinha levado todo o meu coração com ele. Tive de dizer às pessoas que sentia falta do meu melhor amigo, não do meu namorado. Embora «namorado» nunca parecesse suficiente para descrever o que ele era para mim. Ele era a minha razão para respirar. E eu tive de chorá-lo em silêncio desde então. Em privado. É excruciante.

As suas lágrimas caíram então, exorcizando a dor secreta que o consumia. O Dylan virou-se para mim.

– És a primeira pessoa a quem conto isto.

– Sinto-me honrada – disse eu e, desta vez, abracei-o.

Ele caiu de bom grado, apenas à espera de que alguém o apanhasse. Eu não podia imaginar ter de esconder assim o luto. Como a vida às vezes era injusta, que o Dylan e o Jose tivessem de esconder o seu amor por medo de desaprovação ou pior. Que ele tivesse de esconder quem o Jose realmente era para si, quando queria gritá-lo em voz alta.

– Sinto muito, Dylan – disse eu, e ele acenou com a cabeça no meu ombro.

O som da água envolveu-nos.

O Dylan reagiu. Enxugou os olhos.

– Quando estávamos a falar, esta noite, de homenagear os nossos entes queridos perdidos, eu não pude participar. Como poderia? Ninguém sequer sabia de nós. E tenho medo de dizer isto em voz alta.

– Agora já disseste – disse eu, e a testa do Dylan franziu-se, em sinal de confusão. – Partilhaste a tua verdade comigo. Disseste a alguém que o amavas romanticamente. Desabafaste o teu segredo. Por sua vez, também tiraste o fardo de cima do Jose.

Um brilho de alívio perpassou o belo rosto do Dylan.

– Ainda não estou pronto para assumir – disse ele, com a tristeza entrelaçando cada palavra. – A minha família... eles não vão aceitar. Não vão aceitar-me. E agora, são tudo o que eu tenho. Não posso perdê-los também.

Pensei no que o Cael me tinha dito sobre o luto não ter uma cronologia. Eu não me podia pôr no lugar do Dylan e nunca poderia compreender o nível da sua luta, mas pensei que o conselho talvez fosse aplicável.

– Eu não tenho nenhuma experiência nisso, Dylan, e não sei se tenho alguma coisa que valha a pena dizer. Mas tenho a certeza de que, quando saíres, se optares por sair, será nos teus próprios termos. Quando estiveres pronto. – O Dylan apertou-me a mão, e eu esperava por tudo estar a dizer a coisa acertada. – Acredito que se nunca contares a ninguém além de mim quem o Jose foi para ti, também está tudo bem. Este é o teu caminho, Dylan. A tua vida. Como a vives é algo que só deves a ti próprio.

– Obrigado – disse ele e olhou para o espelho d'água. O seu rosto desfez-se como se ele sentisse uma dor física. – Sinto a falta dele, Sav. Sinto tanto a falta dele que há dias em que não sei se vou conseguir sobreviver.

Apertei o seu braço, segurando-o bem perto.

– A minha irmã Poppy – disse eu, e acalmei os nervos. – Ela tinha um namorado de infância quando morreu. Chama-se Rune. Eles eram como tu e o Jose, melhores amigos que se tornaram namorados. – Engoli o nó que tinha na garganta. – Quando a Poppy morreu, o Rune ficou completamente destruído.

– Como está ele agora? – perguntou o Dylan.

Pensei no Rune a visitar a campa dela, as lágrimas que chorou. Em como falava com a minha irmã como se ela estivesse sentada ali ao lado dele. Pensei em todas as fotografias que colocou na campa dela, de lugares que ele tinha visto, aventuras que deveriam ter feito juntos, mas

agora ele viajaria sozinho. *Em sua homenagem*, percebi. Ele estava a viver para os dois. A partilhar as suas experiências com a rapariga que mais amava, através das suas preciosas fotografias. Fotografias que ela também adorava.

– Sav? – disse o Dylan, arrancando-me aos meus pensamentos.

– Desculpa – disse eu, a voz espessa. – Ele está bem, Dylan. Tem saudades dela. Todos os dias. Mas está na faculdade e a fazer o que gosta. – O Dylan estava focado em cada palavra que eu disse. – Acho que não encontrou outra pessoa. Eu... – Parei de falar.

– O quê? – insistiu o Dylan.

Suspirei.

– Não sei se alguma vez irá encontrar. – O Dylan acenou com a cabeça, como se compreendesse. – Acho que, tal como tu, ele sente que lhe falta metade do coração e da alma. – Abanei a cabeça. – Não falei com ele em profundidade sobre isso. – Senti o estômago às voltas. – *Devia* ter falado. Ele é como um irmão para mim. Eu devia ter visto mais vezes como ele estava. Devia ter conversado com ele sobre o que ele estava a sentir, se estava bem. – Olhei para o Dylan. – Vou estar a apoiar-te, Dylan. Sempre que precisares de mim, nem que seja só para conversar. Ou para relembrares o Jose, como o conhecias. Estou aqui.

– Obrigado – disse ele, com voz rouca, e eu fiquei sentada com ele duas horas no pátio, a olhar para a água, enquanto o Dylan se endireitava devagar, parecendo um pouco mais leve por dizer a sua verdade em voz alta.

Eu estava tão orgulhosa dele. E rezei para que ele também estivesse orgulhoso de si mesmo.

Sabia que o Jose teria estado e esperava que, fosse qual fosse o além que existisse, também estivesse a sorrir para a sua alma gémea.

Orgulhoso.

Escuro como Breu e Luz Ofuscante

Cael

Varanasi, Índia

HAVIA PESSOAS POR TODO O LADO. CADA BECO ESTREITO E SINUOSO QUE descemos enchia-se gradualmente de multidões. O cheiro a especiarias e chá permeava o ar, vindo dos vendedores ambulantes, que vendiam comida e bebida nas calçadas enquanto passávamos.

Tudo era ao ar livre, ali em Varanasi. Era quase avassalador para os sentidos e a cidade estava repleta de tantas coisas diferentes para ver, para absorver, que eu tinha a cabeça a andar à roda. Havia barbeiros a cortar o cabelo das pessoas para fins religiosos. Imagens de deuses hindus, com cores brilhantes, decoravam a cidade. Era movimentada e barulhenta e cheia daquilo que só pode ser descrito como *vida*.

A Savannah agarrou-se com firmeza a mim enquanto seguíamos pelos becos sinuosos, seguindo a Mia e o Leo enquanto ao aproximarmo-nos do rio pelo qual Varanasi era famoso. O rio Ganges. O nosso guia, Kabir, já nos tinha falado desse rio. Na cultura hindu, acreditava-se que tinha propriedades curativas. Os peregrinos que faziam a viagem de uma vida ao Ganges mergulhavam no rio e deixavam a água sagrada lavar as suas impurezas e os seus pecados.

A água que corria pelas mãos de uma pessoa era também uma forma de recordar os seus antepassados, os mortos. Senti um aperto forte no peito quando o Kabir mencionou isso.

Era de manhã bem cedo, mal havia luz no céu, e chegámos ao Assi Ghat – um amplo trecho de degraus na margem do rio Ganges. Assim que chegamos ao topo do *ghat*, parei perante a cena diante de mim. O riso elevava-se da massa de pessoas reunidas no rio. Pessoas de todas as idades, desde idosos até bebês. Pegavam na água com as mãos em concha, derramavam-na sobre eles e deixavam-na cair de novo no rio.

Fui impregnado por um sentimento de admiração. Só de ouvir o riso deles, eles que viviam nesse momento, acreditando que aquela água os redimia dos seus pecados, era uma memória que eu sabia que nunca iria desaparecer.

– Este momento, para muitos deles, será um dos mais importantes da sua vida – disse Kabir.

Ele sorriu para as crianças que chapinhavam na água e eu puxei a Savannah para perto de mim.

Havia algo naquele lugar que parecia acalmar-me. O Kabir tinha explicado, quando chegámos, que aquela cidade era conhecida como o lugar onde a vida e a morte se encontravam. Um lugar altamente espiritual, sagrado para a religião hindu. E dava para sentir isso. Sentia-se a felicidade de peregrinos e turistas, mas também se sentia o pesado manto da morte a pairar. A maneira como cada fase da vida girava num enorme caldeirão, borbulhando à nossa volta.

Levantei os olhos e virei-me para ver os *ghats* no fundo da fileira de oitenta e tal que havia à beira do rio. Eram *ghats* de cremação. Vinte e quatro horas por dia, eram ali queimados corpos de mortos. As suas cinzas eram colocadas no Ganges para purificá-los na morte. O Kabir explicou-nos que era uma crença hindu que se uma pessoa morresse ali, em Varanasi, ou se o seu corpo fosse trazido para ser ali cremado, libertar-se-ia do ciclo de reencarnação e alcançaria o nirvana.

Por causa disso, a cidade estava sempre ocupada, com os entes queridos a querer dar aos seus familiares falecidos o maior presente de todos: o presente eterno do paraíso.

Eu tinha olhado para aqueles *ghats* de longe e sentira uma dor no peito. Adorava ter dado ao Cillian algo assim. Adorava ter-lhe dado um pedaço do céu, depois do inferno em que ele viveu tão secretamente.

Os *ghats* da cremação nunca paravam. As cinzas que saíam das suas chaminés fluíam para o ar. O Kabir tinha-nos dito que Varanasi era uma cidade onde a morte e a vida eram fases interligadas do ser. Não eram escondidas atrás de portas e mantidas em privado, mas vividas em público, para todos verem.

A Savannah estava calada desde que chegámos. Assim como a maior parte do grupo. Era um lugar inebriante de ver. Podia ser confuso para aqueles de nós que não eram daquela fé e cultura. Mas estávamos determinados a aprender. O Leo e a Mia disseram que aquela parte da viagem era sobre enfrentar a mortalidade. Goa e o distrito de Agra tinham-nos introduzido lentamente a essa ideia: dessensibilização sistemática, chamaram-lhe a Mia e o Leo. Varanasi fazia-nos mergulhar de cabeça. E sentimo-lo. Sentimos o desconforto da morte a sombrear cada movimento nosso.

Sentámo-nos nos degraus a contemplar as pessoas dentro do rio. Estavam extasiadas.

– É tão lindo – disse a Savannah, vestida com calças cor-de-rosa largas e uma camisa branca esvoaçante. – Ver pessoas de uma fé tão forte a viver este momento.

Sorriu. Era o sorriso a que eu agora chamava o seu sorriso Poppy. De quando pensava na irmã com carinho. Surgia com mais frequência desde que estávamos no distrito de Agra. Também tinha um ar desolado que eu agora conhecia bem, quando os seus pensamentos sobre a irmã não eram tão fáceis. Fiquei feliz por ver esse tornar-se menos frequente.

– A Poppy acreditava muito num ser superior. – Apontou para uma mulher que tinha mergulhado no rio por inteiro, delicadamente, mostrando o maior respeito à água. – É como um batismo.

A Savannah olhou então para mim.

– Mesmo quando não se partilha dessa crença, como é que se pode assistir a uma cena destas sem sentir uma sensação de calma e paz? Como é possível não se deixar levar pela alegria e serenidade que este ritual dá a estas pessoas? Um momento monumental no seu percurso espiritual. É incrível – disse a Savannah.

Havia um homem mais velho à direita, sozinho, a rezar. Um jovem casal de mãos dadas mergulhava na água. O meu coração saltou uma batida quando emergiram e se olharam com tanto amor que era quase

demais testemunhá-lo.

– Nunca vi nada assim – disse eu, e continuei a assistir.

Ficámos a observar até o sol se erguer mais no céu e o *ghat* onde estávamos sentados se tornar movimentado de mais para lá ficarmos.

Quando fazíamos o caminho de volta para o nosso hotel, parámos quando uma procissão de pessoas chegou a pé. Senti um vazio no coração quando percebi o que estava a testemunhar. O Kabir disse-nos para estarmos preparados.

Uma família carregava o seu familiar falecido numa espécie de cama. O morto estava envolto em linho branco e era transportado em direção ao *ghat* de cremação. Fiquei tão chocada ao ver isso de perto que o meu corpo ficou paralisado.

Fui dominado por uma memória do passado, o Cillian nos meus braços, que se recusou a largar-me. Senti o peito cada vez mais apertado e o coração a bater descompassado. Piorou ainda mais quando a mão da Savannah tremeu na minha e, quando olhei para ela, entrou logo em pânico. Tinha o rosto pálido e a respiração instável.

– Sav – disse eu, com voz rouca.

Eu estava a tentar estar ao lado dela para o que precisasse, mas não conseguia tirar o Cill da cabeça. Senti que, se olhasse para baixo, o veria nos meus braços... morto.

A Savannah tropeçou, a sua ansiedade tomando o controlo total. O seu rosto assustado foi o suficiente para me fazer mexer. Pus-me à frente dela, bloqueando-lhe a visão. A procissão desapareceu de vista e eu segurei o rosto da Savannah com as mãos em concha e disse:

– Concentra-te em mim, Pêssego. Olha para mim. – Ela assim fez. E no meio do beco, com as pessoas a passar, eu disse: – Inspira e conta até oito. – Tinha a voz enfraquecida pelos meus próprios pensamentos, mas precisava de fazê-la ultrapassar aquilo. Ela estava a ir tão bem. Mas o luto era assim. Bastava um gatilho, e tudo por que tínhamos lutado parecia dissipar-se como que em pó e éramos empurrados vários passos para trás.

– Aguenta quatro. Sente e escuta o bater do coração a abrandar.

A Savannah fez o que eu disse, e desviou de novo a atenção para o beco. Arregalou os olhos e a sua respiração tornou-se irregular. Virei-me para ver para onde estava a olhar e vi outra procissão familiar

carregando o seu ente querido para a cremação.

Um grito tenso deslizou dos seus lábios. A Mia veio rapidamente para junto de nós. Deu uma vista de olhos à Savannah e disse:

– Vamos. Precisamos de a levar de volta ao hotel.

A Savannah aninhou-se em mim com tanta força que era quase eu que a levava. Parecia tão pequena nos meus braços. Manteve a cabeça escondida no meu peito e eu a protegi de mais gatilhos. Passámos por mais quatro procissões antes chegar ao nosso hotel.

Quando nos reunimos no átrio, a Mia e o Leo levaram-nos rapidamente para a sala de conferências, que usávamos para as nossas sessões em grupo. Tínhamos uma em cada hotel onde ficávamos.

O Leo fechou a porta atrás de nós e foi a primeira vez que eu olhei para os outros. Estavam todos abalados e chocados.

– Eu nunca tinha visto um cadáver – disse o Dylan, trémulo.

O Travis estava branco como um fantasma. Ele tinha. Tinha visto vários. O Dylan pôs o braço à volta dele. A Jade e a Lili seguiram o Leo e atravessaram a sala para ir buscar chá, que o hotel tinha deixado para nós.

O Kabir também tinha voltado connosco. Foi com Leo e as raparigas. Apoiei a Savannah firmemente nos meus braços. Tinha os olhos raiados de sangue e as lágrimas molhavam-lhe as faces. Enxuguei-lhas e perguntei:

– Sentes-te melhor, querida?

Ela acenou com a cabeça, mas depois abanou-a negativamente.

– Fez-me lembrar a Poppy – disse ela, com as mãos a tremer nas minhas. Soltou uma gargalhada autodepreciativa. – Quero ser médica de crianças com cancro e nem consigo lidar com a visão de uma pessoa morta. – Abanou outra vez a cabeça. – Talvez eu não seja capaz, afinal.

A Mia apareceu ao nosso lado.

– Foi a primeira vez desde a tua irmã. – A Mia olhou para o Leo, do outro lado da sala, a regressar para nós com uma bandeja de chá.

– Vamos sentar – disse a Mia. – Devemos discutir o que vimos e como isso nos fez sentir. – Dirigiu-se então ao Kabir. – E seria útil se pudesse falar mais ao grupo de Varanasi e da sua relação com a morte. Pode ajudar-nos a todos a processar isto.

O Kabir assentiu.

– Seria uma honra.

Sentámo-nos e o Leo distribuiu a todos chá quente. Eu bebi-o imediatamente, tentando deixar o calor aquecer o gelo dos meus ossos.

– Como é que vos faz sentir ver aquelas procissões? – perguntou a Mia e olhou em redor do grupo.

– Triste – disse a Lili. – Ver os familiares a andar atrás deles. Deixou-me muito triste. Fez-me voltar ao momento em que soube da minha mãe e do meu pai.

– Fez-me lembrar aquele dia... – disse o Travis. Tinha a cabeça inclinada. – Não as partes boas, as memórias que tinha dos meus amigos, mas a parte má. Vê-los todos depois de...

O Travis fungou para reter as lágrimas. O Dylan colocou a mão no seu ombro. Olhei para a Sav; tinha a cabeça baixa e a respiração mais calma, mas ainda superficial. Também me senti preso no meu inferno pessoal. O inferno de ver o Cill no carro, de senti-lo, imóvel, nos meus braços.

Quando ninguém mais se ofereceu para falar, o Leo disse:

– Saber da morte, o luto por um ente querido e até mesmo vê-lo depois da morte pode ser traumático. – A verdade destas palavras era evidente em todos os nossos vultos descaídos. – Lembramo-nos desse tempo, acima de tudo, ficou gravado na nossa memória. Quando pensamos na pessoa que amámos, a maior parte de nós evoca essa imagem primeiro. – O Leo suspirou. – Mas a verdade é que a morte está à nossa volta. Vemo-la todos os dias, embora não nos apercebamos disso. Passeamos por entre as árvores no outono, as folhas morrem quando ficam vermelhas, amarelas e castanhas e caem ao chão. Vemos animais morrerem, exibimos flores na nossa casa e deitamo-las fora quando morrem.

» Sentimos mais profundamente quando é um ente querido, claro. Mas a morte não será uma experiência única para nenhum de nós. Iremos experimentar o luto várias vezes na nossa vida. Vê-lo na natureza durante todo o tempo, ano após ano. Nunca vai desaparecer.

A Mia acenou com a cabeça para o Kabir. Ele sentou-se para a frente no seu lugar.

– É-me dado entender que, no mundo ocidental, a morte é algo que acontece a portas fechadas. É mais um assunto privado. – Ele não estava a tecer juízos de valor; dava para perceber pelo seu tom. – Aqui, especialmente em Varanasi, celebramos *todas* as partes da vida. Até a morte. Para nós, é apenas mais uma parte da nossa viagem, que fazemos como pessoas. Vivemos a vida ao ar livre, e isso significa que vemos a morte ao ar livre também.

Senti pele de galinha no corpo todo. A Savannah tinha levantado a cabeça e estava presa a cada palavra que o Kabir dizia.

Ele apontou para a Mia e o Leo.

– O propósito de os trazer a todos aqui, a esta cidade onde a vida e a morte se encontram, é mostrar que a morte não tem de ser temida, mas pode ser vista como a celebração de um rito de passagem. E também pode ser apreciada e sagrada.

» No intervalo de poucas horas, vimos peregrinos banhando-se alegremente no Ganges, a lavar os seus pecados. Depois vimos entes queridos levar os seus familiares para serem cremados e enviados para o céu. Acreditamos que morrer aqui quebra o ciclo da reencarnação e envia as almas dos nossos entes queridos diretamente para o nirvana. Para nós, isso é algo a ser celebrado, não lamentado.

– Todos nós acreditamos em coisas diferentes sobre a vida após a morte – disse a Mia. – Varanasi ensina-nos a abraçar a morte da mesma forma que abraçamos a vida. Sei que pode parecer um conceito difícil de aceitar. Mas esta parte da viagem tem que ver com enfrentar a nossa mortalidade. Não há lugar melhor para ver isso do que esta cidade vibrante e mágica.

– Se eu pudesse, gostava de mostrar uma coisa – disse o Kabir e verificou com todos nós em silêncio se podia ser. – Implica voltar lá para fora.

A Savannah endireitou-se, preparando-se contra o seu ataque de dor, mas depois inspirou fundo e assentiu. Eu estava tão orgulhoso da força que crescia dentro dela. Eu podia ver a Savannah subir a montanha que a afastava da tristeza, cada vez mais alto, dia após dia. Estava a chegar ao topo. Ela era uma revelação, raio. Era pequena em estatura, mas tinha a força de um titã.

Uma coisa estava a ficar clara: ela era mais forte do que eu.

– Tudo bem? – perguntei eu, quando nos pusemos em pé.
– Tudo bem – respondeu, e apertou-me a mão. Só uma vez. – E tu?
– Bem – disse baixinho. Não estava nada. A Mia e o Leo ainda não nos tinham falhado. Portanto, ia confiar neles. Levei muitas semanas a ter confiança neles, mas dava para ver o que eles estavam a fazer. E tinha ajudado.

Seguimos o Kabir de volta ao labirinto de becos. Em apenas dez minutos vimos mais duas procissões. Sustive a respiração quando as vi; e segurei a Savannah.

Ela tremia, mas mantinha o queixo levantado. E quando a família passou, baixou a cabeça em sinal de respeito e brotaram-me lágrimas dos olhos. Senti que tinha aprendido mais sobre a vida com a Savannah num punhado de semanas do que em qualquer escola na minha vida.

Também baixei a cabeça. Esperava que tivessem falecido bem. Que tivesse sido sereno e que o nirvana realmente os esperasse. Que imagem, chegar a um lugar isento de dor e julgamento, cheio de amor em todas as suas formas. Sem tristezas ou problemas. Apenas paz e felicidade. Esse pensamento fez-me aquecer de esperança. Esperava que fosse verdade.

O som do riso vinha do dobrar da esquina, arrancando-me aos meus pensamentos. O Kabir levou-nos nessa direção. Quando chegámos, era uma espécie de padaria ou pastelaria. Havia pessoas vestidas de branco, a rir e a comer, *a celebrar*.

O Kabir gesticulou com a mão para as pessoas.

– Acabaram de ver o seu ente querido ser cremado.

Franzi a testa, incapaz de compreender aquilo. Pensei no funeral do Cillian, depois do velório. Mal me lembrava. Houve muito choro por parte da minha mãe e do meu pai. Do resto da minha família. Houve muitos silêncios tensos, entorpecimento, pavor.

Não houve risos nem celebração.

– Regozijam-se porque o seu ente querido agora está no céu. Livre dos constrangimentos terrenos. Curado e num estado de eterna felicidade. O maior desejo para quem amamos é que alcance isso.

Formou-se-me logo um nó na garganta quando o Kabir proferiu aquelas palavras. Quando olhei para os membros da família, os seus sorrisos eram rasgados e eram puros.

Perguntava-me quem tinham perdido. Perguntava-me o que lhes seriam. Imaginava como as suas vidas seriam mudadas sem eles.

– Aqui – disse o Kabir, gesticulando à nossa volta – celebramos a morte. – Sorriu. – A morte é a melhor lição da vida. A morte ensina-nos a *viver*, pelo pouco tempo que aqui estamos. A morte ensina-nos a viver com toda a alma e coração, dia a dia, minuto a minuto.

Um homem que eu deduzi ser o dono da loja saiu e ofereceu-nos um doce estranho. A Savannah estendeu a mão.

– Obrigada – disse ela, e olhou para aquele pedaço de doce cor de laranja como se fosse um ponto de viragem na sua vida. Ela agarrou-se às palavras que o Kabir nos disse, de olhos arregalados e fascinados com a explicação.

O dono da loja entregou-me também uma guloseima. Olhei para o doce alaranjado e algo dentro de mim quis agarrá-lo e levá-lo. Mas continuava a haver uma voz dentro de mim que não queria que eu estendesse a mão. Era irracional, eu sabia. Mas era como se, caso o fizesse, eu tivesse de admitir que havia algo de bom na morte do Cillian. Cerrei a mão em punho, mas obriguei-me a aceitá-lo. Acenei com a cabeça para o dono da loja, em sinal de agradecimento, e ele retribuiu com um sorriso rasgado.

Ele estava a celebrar com aquela família, connosco, a morte. Dava para ver, pela sua expressão luminosa, que o que o Kabir nos tinha explicado estava firmemente presente no coração daquele homem. Ele proporcionava uma parte integral da celebração a uma família que tinha acabado de enviar o seu ente querido para o nirvana.

Imaginei que não houvesse sentimento maior.

Olhei para o céu. Estava limpo, sem nuvens. O sol ia alto e o calor aumentava. O cheiro a açúcar e especiarias flutuava na brisa. Eu queria que o Cillian também estivesse lá em cima, feliz.

– Varanasi ensina-nos a deixar partir os nossos entes queridos – disse o Kabir, e o barulho à minha volta esmoreceu. Como que em câmara lenta, observei o Kabir, a agitação em redor transformando-se em ruído de fundo. Senti que me olhava diretamente, como se soubesse que era eu quem mais precisava desta lição. – Aqui, em Varanasi, devemos libertar

a alma dos nossos entes queridos das amarras do nosso coração, para que possam voar. Para que possam ir livremente para o nirvana sem estarem amarrados a nós, aqui na Terra.

A Savannah arquejou bruscamente. Quando olhei para ela, tinha os olhos fixos em mim. Refletiam o mesmo medo que eu sentia no meu coração. Eu não podia deixar o Cillian ir. Se eu o fizesse... isso significaria que ele desaparecia de facto.

– Por mais difícil que seja, há uma grande liberdade em deixar ir – disse o Kabir, concluindo gentilmente, depois virou-se para falar com o dono da loja e os membros da família que celebravam.

Eu e a Savannah permanecemos lado a lado, presos no brilho das palavras que o Kabir acabara de proferir.

– Vamos voltar para o hotel – disse a Mia, reunindo-nos a todos. – Acho que o resto do dia de hoje deve ser de reflexão.

– Estamos orgulhosos de todos vocês – disse o Leo e, entorpecidos, seguimos a pé atrás deles, de regresso ao hotel.

Eu e a Savannah demos as mãos, como se fosse a única âncora que nos impedia de ir à deriva. Quando chegámos ao hotel, a Lili e a Jade dirigiram-se à sala de estar privada do nosso grupo. O Travis e o Dylan voltaram a sair, em direção do rio.

Virei a Savannah nos meus braços e puxei-a para o peito. Não tinha a certeza de quem precisava mais de contacto naquele momento, se eu ou ela. Senti o seu coração bater em sincronia com o meu, um ritmo unido de confusão. Senti o peito dela subir e descer. Era estranho, depois de segurar o Cillian, imóvel e sem respirar, nos meus braços, sentir o peito da Savannah subir e descer com *vida*. Deu-me um nível de conforto crucial.

Para mim, não havia nada mais assombroso do que um peito parado.

– O que queres fazer? – perguntei.

A Savannah descansou a cabeça no meu peito. Quando se levantou, com os olhos assombrados e cansados, não pude deixar de me curvar e captar-lhe os lábios. Cada vez que eu a beijava, apaixonava-me ainda mais por ela.

– Vamos dar uma volta – disse ela. Aprendi com o tempo que, quando a ansiedade da Savannah estava em níveis mais elevados, ela gostava de andar. Teve de se debater para ficar sentada e quieta por um

tempo. Peguei-lhe de novo na mão e fomos a pé, de mãos dadas, para as ruas de Varanasi. Caminhámos em silêncio, sem seguir nenhuma direção firme até chegarmos a um *ghat* desconhecido. – Já estás à vontade para te sentares, querida?

A Savannah sorriu para mim, roubando-me o fôlego dos pulmões. Assentiu, e sentámo-nos no *ghat* pitoresco a olhar para o rio, diante de nós. Para os muitos barcos que levavam turistas em passeios. Ainda não o tínhamos feito. A Mia e o Leo disseram-nos que ficava para o fim da viagem.

– É tão diferente – disse eu, enquanto a Savannah descansava a cabeça no meu bíceps. Não queria que ela saísse do meu lado, nunca. – O que o Kabir nos estava a dizer sobre como a morte é vista aqui.

Os pássaros pousaram nos degraus, à procura de restos de comida. A Savannah levantou a cabeça do meu braço para que eu pudesse vê-la. Tinha as faces rosadas do sol, um bronzeado claro na pele cor de pêssago, do nosso tempo sob o sol da Índia.

– É importante – disse ela, depois de alguns momentos de reflexão. Era assim a Savannah. Nunca falava até ter algo significativo a dizer. Isso tornava as suas palavras muito mais impactantes. – Ver como outros países, religiões e culturas encaram a morte. – Olhou para o rio Ganges, para as pessoas que passavam a mão pela água, inclinadas dentro dos barcos, a aproveitar um breve momento de purificação da alma.

A Savannah abanou a cabeça.

– Faz com que uma pessoa se sinta menos sozinha, acho. Ver tantos enlutados num lugar isolado.

Cruzei os braços e apoiei-os sobre os joelhos dobrados. Coloquei a face nos braços e olhei para a Savannah, com palavras escondidas no fundo da minha alma a desejarem ser libertadas. Ela virou-se quando sentiu o meu olhar pesado sobre ela, claramente sentindo que eu precisava dela naquele momento.

– *Não consigo* deixá-lo ir – sussurrei, e senti os ossos a doer com o quanto me custou admitir isto.

O rosto da Savannah ficou mais suave e ela inclinou-se e beijou-me. O seu beijo era leve e gentil, tal como ela. Enfiou o braço no meu e disse:

– Quando diagnosticaram o cancro à Poppy, fiquei cheia de pavor e nada mais. Acordava todos os dias com um buraco no estômago, porque sabia que estávamos um dia mais perto de a perder. Eu chorava cada mês que passava, porque era mais um mês que eu não voltaria a ter com a irmã que eu via definhando diante dos meus olhos.

A Savannah soltou uma gargalhada leve e engasgada, que foi uma faca para o meu coração.

– Li todos os livros que encontrei na biblioteca sobre tratamentos para o cancro. Eu era ainda uma miúda, mas acreditava realmente que, se pudesse encontrar algo que ainda não tivéssemos tentado, isso a salvaria. – O sotaque da Savannah era ligeiramente mais cerrado ao dizer estas palavras. Sem barreiras e cheio de paixão. Eu conseguia imaginá-la, sem pregar olho a noite inteira, à procura de uma solução. – Foi assim que eu lidei com a situação, creio. Eu tinha uma inteligência livresca. Era boa em ciências. Senti que podia ajudá-la. Mesmo até ao fim dos seus dias, muito depois de a Poppy ter aceitado o seu destino, eu continuava a tentar desesperadamente encontrar uma cura.

A Savannah observou uma mulher jovem descer os degraus do *ghat* e sentar-se num nível mais baixo. Tinha na mão a fotografia de alguém, que levou ao peito. Fiquei com a impressão de que também tinha perdido essa pessoa.

Era alguém como nós.

A Savannah encarou-me de novo. Encontrando os meus olhos disse, roucamente:

– Eu costumava ter medo de a perder. Agora aterroriza-me a ideia de a esquecer.

Fiquei sem pinga de sangue na cara. A Savannah pôs em palavras os sentimentos que me roíam diariamente. Há muito que eu me perguntava se me agarrava assim àquele luto e àquela raiva para não ter realmente de me despedir do Cillian. Como eu me agarrava a ele, ele nunca sairia verdadeiramente da minha vida.

Concentrei-me no rio ondulante que tínhamos diante de nós e disse:

– Sempre que tento imaginar um mundo onde o meu irmão já não existe e eu segui em frente, não me parece bem. – Abanei a cabeça. – Depois da morte do Cillian, os amigos e a família estavam mais presentes, envolvendo-nos numa maré de apoio: deixavam comida,

sentavam-se connosco enquanto nos desfazíamos em pranto. Depois, os meses foram passando e essas pessoas voltaram para as suas vidas, para os seus próprios problemas e para as suas famílias, como deve ser. Mas nós continuávamos ali, petrificados na tristeza, incapazes de sair da garra asfáltica do luto, que nos tinha cimentado no chão. – Engoli o nó que tinha na garganta. – Vimos a vida ser retomada à nossa volta, mas, ainda assim, não conseguimos mexer-nos.

A Savannah aproximou-se de mim, apoiou a cabeça no meu bíceps e eu consegui respirar um pouco mais à vontade.

– Sinto que ainda não me mexi. Ainda estou naquele asfalto, a ver o mundo existir à minha volta, mas sem viver nada dele.

– E os teus pais?

A voz da Savannah era cuidadosa. Era evidente que eu os tinha afastado. Um lampejo de vergonha atravessou-me. O Leo falava com eles. Não eu, e fui atingido pela culpa. Tinham perdido um filho. Eu sabia que eles estavam só a tentar ajudar, mas eu sentia-me tão zangado. Há tanto tempo que eu descarregava neles.

– Eles tentaram seguir em frente – disse eu. Deixei cair a cabeça, para repousar na da Savannah. – Voltaram ao trabalho. Credo, Savannah, eles estão a *tentar*. – A minha voz gaguejou quando eu disse: – Tenho sido um filho terrível.

A cabeça da Savannah guinou bruscamente, o olhar cheio de determinação.

– Não tens nada! – disse ela com firmeza. – Estás a sofrer, Cael. Estás de luto. Estás numa luta. Isso não faz de ti uma *má* pessoa.

Não pude deixar de sorrir, apesar da dor, com aquela meia-leca a vir em minha defesa. E fê-lo com a força de um furacão.

– O que foi? – perguntou ela, questionando o meu sorriso.

Segurei-lhe a face com a mão em concha, e o meu coração inchava enquanto ela se aninhava nela, fechando os olhos ao toque. Sentia-a tão suave, mas tinha a tenacidade de um tubarão. Acho que não via isso em si. Julgava-se fraca. Eu nunca tinha conhecido ninguém tão forte.

– Estás a ajudar-me a passar por isto – disse eu baixinho, quase sem voz.

A Savannah inclinou a cabeça para mim e o amor que vi nos seus olhos ficaria comigo para toda a vida. Eu não sabia se alguém alguma vez me viu como a Savannah me via. Eu nunca tinha amado ninguém como era consumido por ela e por tudo o que ela era e representava.

A Savannah passou meses a fio à procura de um milagre para salvar a irmã. A mim, foi-me concedido um quando eu menos esperava. Foi-me concedida *ela*. Talvez o universo soubesse que precisávamos um do outro para sobreviver. Talvez soubesse que ambos tínhamos perdido e estávamos a sofrer, e por isso enviou a cada um a outra metade da sua alma, para nos tornar de alguma forma mais inteiros.

Eu tinha a certeza de que a Savannah me diria que era o Cillian e a Poppy a conspirarem, do seu lugar entre as estrelas.

– Amo-te – disse eu, e voltei a beijá-la. Como poderia não o fazer?

A Savannah retribuiu o beijo.

– Eu também te amo, Cael Woods.

Sentou-se ainda mais perto. Não era o suficiente. Estendi o braço e levantei-a até ela se sentar no meu colo. Ela riu-se e foi como ouvir a felicidade. Depois beijei-a. Beijei-a até sentir os lábios doridos e ficarmos os dois sem ar.

Quando finalmente nos separámos, um rubor revestira as faces macias da Savannah; era a minha nova cor favorita. O sorriso dela esmoreceu e passou o dedo pelo meu maxilar.

– A tua dor não faz de ti uma má pessoa. A forma como a processas não faz de ti fraco. Preciso que saibas isso.

– Está bem – disse eu e agarrei-me com firmeza à sua cintura.

A sua sinceridade fez-me querer acreditar nisso, tanto.

A Savannah olhou fixamente para a mulher que continuava ao fundo dos degraus, segurando com firmeza a fotografia do seu ente querido ao peito. Estava perdida em oração. Um lugar como Varanasi tinha uma espiritualidade que era quase tangível. Mágica, até.

– Há medo no luto – disse a Savannah de repente. Voltei a focar-me na minha rapariga. – Para mim, é um medo de que a Poppy não tenha ido para um lugar melhor, como ela acreditava. Medo de que o mundo seja muito estranho sem ela. E o meu maior medo... – A voz de

Savannah vacilou. – O meu maior medo é que eu, de alguma forma, me torne feliz sem ela aqui. – Virou-se ao encontro dos meus olhos. – Porque como é que eu poderia ser feliz de novo sem ela?

A Savannah engoliu em seco, depois pressionou a testa na minha.

– Mas conheci-te e tu fazes-me tão imensamente feliz. – Uma lágrima caiu-lhe pela cara, passando para a minha como se partilhasse a mesma pista. – Encontrei a felicidade contigo. Sem a Poppy estar na minha vida. O que antes eu pensava ser impossível. Está a fazer-me questionar tudo aquilo em que me deixei acreditar. – Recuou e pestanejou. – E o pior é que ela ter-te-ia adorado e nunca te vai conhecer.

Eu odiava ver a Savannah chorar. Dava cabo de mim. Mas senti um pouco mais de dor sair-me do coração quando pensei no Cillian.

– O Cill também te teria adorado – sussurrei, e essa dor era como um punhal no meu coração.

Mas o sorriso que o comentário inspirou na Savannah foi como finalmente ver o sol depois de uma eternidade de escuridão.

A Savannah envolveu-me nos seus braços e pousou a face no meu peito. Apertei-a logo contra mim, ainda mais quando percebi que ela tinha adormecido. Pensei em quando a conheci no aeroporto. Já naquela altura, tinha sentido alguma coisa por ela, mesmo com o meu pesado escudo de raiva. Alguma centelha de reconhecimento; a minha alma a acordar de um longo sono.

Beije o topo da cabeça da Savannah enquanto passava em revista todas as partes de nossa viagem até ao momento. O Lake District, a escalada sem fim, as sessões de grupo, as sessões individuais desastrosas, mas com a Savannah sempre lá do meu lado, um completo desconhecido. A Noruega, a aurora boreal, a praia, o nosso primeiro beijo. E a Savannah, dia após dia, a fundir o seu coração no meu. As almas a derreterem até sermos uma única forma borrada. Cada um a amparar o outro quando estava a cair.

O aroma a cerejas e amêndoas atravessa os cheiros a açúcar e especiarias. Os cabelos macios da Savannah pressionam a minha face quando deito a cabeça na dela. Ela mexeu-se nos meus braços e pestanejou ao absorver o sol poente.

– Adormeci? – perguntou ela, cansada.

– Só um bocadinho – disse eu, e ela virou o rosto para mim. – É melhor voltarmos?

A verdade é que eu podia ter ficado assim com ela para sempre. A salvo nos meus braços. Onde nada de mal lhe podia acontecer.

A Savannah sorriu e assentiu.

Regressámos ao hotel. A noite caiu e eu fui para a cama. Quando estava prestes a ir dormir, o meu telemóvel iluminou-se com uma mensagem.

PAI: Espero que estejas a gostar da Índia, filho. O Leo disse que estás bem. Adoramos-te.

O meu coração disparou. Lembrei-me do *ghat* nessa tarde e de ter confessado à Savannah que era um mau filho. Tremeram-me as mãos enquanto lia aquela mensagem repetidamente até ficar com os olhos desfocados. Ao pensar nas muitas mensagens sem resposta que me tinham enviado nas várias semanas em que estive ausente. Nunca pararam de tentar. Na realidade, os meus pais nunca tinham desistido de mim. Eu afastei-os, despejei a minha raiva neles e fiz da vida deles um inferno. No entanto, continuavam ali, a tentar. A tentar tanto *por* mim.

Desbloqueei o telemóvel e respondi com uma mensagem de texto:

EU: Também vos adoro aos dois. Saudades.

A resposta do meu pai foi imediata.

Pai: Cael. Filho. Obrigado por responderes à mensagem. Queremos falar contigo, mais do que tudo. Ouvir a tua voz. Mas vamos esperar até estares pronto. Estamos tão felizes por teres respondido. Temos tantas saudades e estamos tão orgulhosos de ti. Continua, Cael. Adoramos-te. Por favor, continua a falar connosco.

EU: Sim. Prometo. Estou a tentar, pai. Adoro-vos.

Mesmo que quisesse não lhes podia ter telefonado. Tinha a garganta espessa de emoção e a mensagem do meu pai ficou desfocada quando a li repetidas vezes, os olhos rasos de lágrimas.

Eles não me odiavam. O impacto que isso teve em mim foi total.

Pousei o telemóvel, e a corrida do meu coração desacelerou para um ritmo normal. Limpei os olhos, depois esperei pela dor habitual que vinha com a tentativa de dormir. As noites eram sempre o pior para mim. Talvez porque foi quando o Cillian morreu. No escuro. Talvez porque a noite me dava tempo para pensar demais. Mas, nessa noite, a dor estava reduzida.

E, com o coração um pouco mais leve, dormi melhor do que há muito tempo.

Cores Fortes e Gargalhadas Mais Fortes

Savannah,

A minha parte preferida de ser tua irmã e da Ida foi o quanto nos rimos. Como crescemos na companhia umas das outras. Apesar de termos amigos, nunca precisámos de mais ninguém. Fomos o mais chegadas que é possível.

Acho que é uma das coisas de que mais sentirei falta quando partir: rir com vocês as duas. Mesmo agora, estou a pensar na noite em que o Rune apareceu à porta, depois de ter ficado a saber da minha doença. Veio para me levar a sair e nós desatámos a rir da reação horrorizada do pai, à porta, quando viu o Rune lá especado, com ar de quem vai dar problemas, com a roupa e as botas escuras. Lembro-me do soco que aquela imagem me deu no peito. Vou ter saudades de cada minuto que não estiver a rir com minhas irmãzinhas.

O riso é o remédio que cura a alma. Tu sempre foste a mais séria de nós todas, Savannah. Por isso, eu esfalfava-me para te fazer rir. E quando rias... Ah, a minha alegria ficava à solta! Tens a gargalhada mais doce e o sorriso mais luminoso. Têm de ser mais partilhados. Na qualidade de tua irmã mais velha, eu insisto.

Portanto, procura novamente alegria no mundo, Savannah. Procura motivos para rir, por mais triviais ou insignificantes que sejam. Ri-te tanto, a ponto de teres as lágrimas a escorrer pela cara. E fica a saber que estarei a rir contigo, enquanto te vejo linda e livre.

*Vou adorar-te sempre,
Poppy*

* * *

Savannah

Estávamos todos vestidos de branco. Era madrugada e já se ouvia pessoas a prepararem-se lá fora. Sentia-se o cheiro das fogueiras extintas, que tinham sido acesas na noite anterior, e a excitação das ruas pulsava como um maremoto de felicidade através das paredes do hotel.

Hoje é o festival hindu de Holi. Um dia em que os seguidores da fé celebraram a chegada da primavera, o amor eterno e o triunfo do bem que se sobrepõe ao mal. O festival é um motim de cor. Água e pó de cores vivas são arremessados com alegre abandono. Está repleto de risos e felicidade e, por um dia, tudo é bom e cheio de positividade e luz.

O povo de Varanasi esteve dias a preparar-se. Eu era geralmente avessa a participar em ambientes sociais de massas. Muitas vezes sentia-me demasiado intimidada. Mas até *eu* senti uma fissura de excitação. Sorri ao ver também o Cael todo vestido de branco.

– Estou a ver-te olhares outra vez para mim, Pêssego – disse ele, a brincar.

Decidi que adorava esta versão dele. O lado atrevido, brincalhão. Olhou-me demoradamente, de esguelha.

Uma gargalhada surpresa saiu dos meus lábios e irrompeu no ar acima de nós.

– É só que não estou habituada a ver-te usar outra cor que não preto.
– O meu coração batia mais rápido. – Estás tão bonito.

Os olhos do Cael derreteram. Era verdade. Quando usava branco, o seu cabelo escuro destacava-se orgulhosamente, os olhos azul-prateados eram ainda mais brilhantes e sedutores do que o normal. A roupa branca transformava o seu olhar turbulento num mar calmo e sereno.

O Cael enfiou os dedos no meu cabelo, que estava preso num rabo-de-cavalo alto.

– Vais cair, Pêssego – disse ele, segurando com firmeza os sacos de pó colorido que o Kabir nos tinha dado a todos.

Podíamos arranjar mais se acabassem, tanto aqui no hotel como nos vendedores na rua.

Ri-me de novo. Sabia *bem*. A leveza. Este breve afastamento do luto. Celebrar a viragem da primavera e da luminosidade, do mal que não prevalece. Posso não partilhar da fé hindu, mas fiquei feliz por abraçar esta cerimónia e lançar-me a um dia de pura diversão e felicidade dentro desta bela cultura.

Parecia que o Cael também estava com essa mentalidade.

– Oh, conversa de luta – disse o Dylan, movendo-se ao nosso lado e esfregando as mãos. Deu-me uma cotovelada no braço. – O que é que achas, Sav? Tu e eu contra o Cael e o Trav?

Ri-me quando o Travis se foi pôr ao lado do Cael e descansou o braço no ombro de dele. O Travis era muito mais baixo do que o Cael e vê-lo a tentar descansar encostado ao Cael era cómico. O cabelo ruivo brilhante do Travis também se destacava na roupa branca.

– Equipas? – perguntou a Lili, sorrindo de emoção quando ela e a Jade entraram na luta.

Estávamos todos à espera na porta do hotel, como cavalos de corrida a bater com as patas, dentro das *boxes*, para serem libertados e correr.

– Três equipas – disse o Travis.

O Dylan pôs o braço à volta dos meus ombros, avultando-se sobre mim. Desde a nossa conversa, parecia um pouco mais leve. Fez-me mais confidências. Contou-me história atrás de história dele e do Jose e da sua vida juntos. Sempre que terminava uma história, havia um brilhozinho nos seus olhos âmbar. Tornou-se um objetivo meu vê-los cheios de vida mais uma vez.

Há pessoas com quem, simplesmente, fazemos clique. Foi assim com o Dylan. Olhei para o Cael. Também foi assim com ele.

Ele viu-me a olhar e apontou para mim a brincar, fazendo-me depois um polegar para baixo. Não pude deixar de rir novamente. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Estava a sorrir. A última vez que sorriu tanto foi na pista de gelo na Noruega. O Cael era um desportista nato. Era evidente que prosperava na competição. Precisava de voltar a jogar hóquei. Era mais do que aquilo que ele jogava; era *quem* ele *era*. Eu não sabia como fazer isso acontecer. Mas era verdade. O desporto e a emoção da competição eram o seu lugar feliz.

Ele tinha-se tornado o meu.

O som de gritos e risos aproximou-se quando as ruas do lado de fora do hotel começaram a encher e as pessoas correram para os *ghats*. Pó colorido respingou nas janelas e o Dylan esfregou as mãos.

– Eu protejo-te, Sav – disse ele e beijou-me o topo da cabeça.

– É melhor tirares as mãos da minha miúda, Dyl – avisou o Cael, com o sotaque cerrado do Massachusetts, mas o humor à volta de cada palavra.

O Dylan sacudiu as sobrancelhas. O Cael riu-se, mas depois apontou para o Dylan da mesma maneira que tinha apontado para mim. Fiquei estupefacta por um instante. Eu sabia que devia estar testemunhando um vislumbre do Cael de antes da morte do Cillian. Aquele que brincava com os colegas de equipa. O Cael livre, não algemado pelo luto.

Eu não conseguia tirar os olhos dele. As tatuagens escuras e os buracos nas orelhas em contraste com o branco da roupa. Era alto e espadaúdo, os músculos dos braços definidos por anos de treinos de hóquei. Nunca tinha conhecido ninguém tão bonito.

O Dylan sussurrou ao meu ouvido:

– Estás-te a babar, Sav.

A vergonha ardeu logo nas minhas faces e dei uma cotovelada ao Dylan, de lado. O riso dele era leve e bonito. Dei-lhe outra vez uma cotovelada no estômago e ele fez um som muito mais dramático do que o meu toque exigia. Aparentemente, também foi muito divertido para ele.

– Pronta? – perguntou o Dylan, quando o Kabir se dirigiu à porta.

Até a Mia e o Leo estavam connosco, também com sacos de pó colorido.

– Pronta – disse eu, segurando melhor os meus sacos.

Tinha o pulso acelerado demais. Não sabia o que esperar. Mas o Kabir disse-me que era um momento de que me lembraria para o resto da vida.

Dirigindo-se a mim e ao Dylan, o Cael depositou um beijo na minha cabeça e sussurrou ao meu ouvido:

– Amo-te, Pêssego.

Em seguida, a porta abriu-se para o que parecia ser o interior de um arco-íris. Pouco antes de sairmos, acrescentou:

– Mas vou atrás de ti.

Ri-me quando o Dylan me deu mão e me arrastou para a rua movimentada. Eu mal consegui fazer dois metros quando uma bola de azul me atingiu o peito. Tossi quando o pó explodiu no ar diante de mim. Virei-me para ver quem tinha atirado o pó, mas fui rapidamente atingida por outra bola. Desta vez, rosa. Eu mal conseguia ver a rua com as cores – azuis, verdes, rosas e roxos. As pessoas não tinham um alvo específico; era como estar dentro de uma pintura de Jackson Pollock.

Uma bola de amarelo bateu-me de lado, e eu vi o Cael avultar-se sobre o resto das pessoas na rua. Já estava coberto por um arco-íris de cores, os olhos prateados tão brilhantes como o pó que usava. Mas percebi que tinha sido *ele* a atirar-me a bola amarela.

– Apanha-o, Sav! – gritou o Dylan, ao meu lado. Agi por instinto e, pegando em pó verde da minha mala, atirei-lho.

O rosto do Cael estava iluminado de felicidade e roubou-me o fôlego. A minha distração momentânea foi uma vantagem que o Cael aproveitou, e atirou roxo para o meu braço. Depois, baixou-se e depositou rapidamente um beijo empoado nos meus lábios, como se quisesse suavizar o golpe.

Pus a mão no meu saco, enquanto o Cael recuava com os dentes a brilhar ao sol, e as horas seguintes tornaram-se um corpo a corpo de cor, risos e diversão. De celebrar e vivenciar uma cultura que só tinha sido gentil connosco.

Corremos pelas ruas, o nosso grupo mantendo-se sempre unido. Crianças e adultos atiravam-nos pó e água colorida, seguidos de abraços graciosos. O chão tornou-se uma enorme peça de arte de rua, as paredes dos edifícios um tumulto da vida. E, apesar de tudo, o Cael ficou por perto. Doíam-me as bochechas de tanto sorrir, sentia o peito dorido de tanta gargalhada e o meu coração estava cheio. A dor constante do luto havia desaparecido momentaneamente, e eu saboreei a sensação. Era liberdade. Era hedonista.

Era tão incrivelmente *necessário*.

Como precisava de um intervalo, abri caminho até uma pequena secção curva da parede, apenas para recuperar o fôlego. Levei a mão ao coração acelerado e ri-me quando o Dylan atirou o resto do pó azul sobre a Lili. O seu grito era ensurdecedor. A Jade foi atrás do Travis por

um beco e o Cael deu um salto e cobriu-a, da cabeça aos pés, de cor-de-rosa. Eu vi tudo desenrolar-se diante de mim como um filme. Vi o cabelo do Cael transformar-se, a cada hora que passava, de preto em sonho de néon multicolorido.

Eu estava tão apaixonada por aquele rapaz que era quase demais para o meu coração conter.

Isto era viver. *Isto*, riso e felicidade, ligação e brincadeira. A simplicidade desse dia fez-me sentir mais viva do que me sentia há anos. E o amor. Amar o Cael tinha sido a maior bênção da minha vida. Permitir que outra pessoa entrasse no meu coração era uma felicidade que eu tinha afastado por muito tempo.

Já não. Eu queria agarrar aquilo que tínhamos com toda a minha força. Agora que o tinha, não podia imaginar perdê-lo.

Um homem mais velho borrifou água cor de laranja no Cael. Ele retaliou atirando uma bola azul de pó às costas do homem. Partilharam-se risos e abraços e eu não pude evitar o sorriso que se rasgava no meu rosto. Como se este fosse um farol para o Cael, ele levantou a cabeça e vasculhou a área por mim. Só de ver a minúcia com que ele me procurava, o meu coração começou a bater mais depressa.

Foi atingido por água e pó quando parou para me procurar, apenas relaxando quando os nossos olhos se encontraram entre a multidão. A expressão de alívio, e depois de amor que brilhou nas suas feições bonitas quase fez o meu coração explodir.

O Cael caminhou entre as multidões, com o pó colorido e a água ainda a atingir todas as partes do seu corpo. Quando se baixou no recanto que me dava abrigo e esconderijo, riu-se.

– Combinas com todas essas cores, Pêssego. Como é possível?

Eu também me ri. Foi incrível.

– Tu também combines com elas. – Borrei uma confusão de rosa e vermelho e azul na bochecha dele com as costas da minha mão.

– Tudo bem? – perguntou ele.

Tinham-se passado várias horas e as ruas iam esvaziando lentamente, a cidade preparando-se para as celebrações mais calmas da noite.

– Estou bem – disse eu, e segurei a mão do Cael.

Eu não sabia o que tinha acontecido nessa manhã, mas o fio que eu sentia que nos amarrava um ao outro apertou-se ainda mais, ficou mais forte. As mãos dele subiram e desceram pelos meus braços nus, misturando a tinta. Fiquei com pele de galinha no rasto do seu toque. O nervoso miudinho invadiu o meu estômago e eu senti falta de ar. Houve uma mudança entre nós, de alguma forma.

– Estás linda – disse ele, e eu senti essas palavras até aos ossos.

Eu não conseguia parar de lhe tocar. Senti a leveza que emanava dele com a força do sol do meio-dia na Georgia. Era um vislumbre do que poderíamos ter. De como poderia ser o nosso futuro. *Nós*, sarados e aliviados da nossa pesada dor. Um vislumbre de um futuro onde poderíamos rir muitas vezes e não acordar com dor. Onde poderíamos lembrar-nos da Poppy e do Cillian sem sentir que nos estávamos a afogar, mas sim a flutuar: almas gémeas à deriva em mares calmos.

– Amo-te – disse o Cael, e passou a ponta do nariz pela minha face.

Eu sabia que ele também sentia essa estranha viragem recente no nosso relacionamento. Como se estivéssemos soldados juntos, incapazes de nos separarmos. O meu coração batia um ritmo com o nome dele, querendo marcá-lo na minha alma. Eu queria-o mais perto, de alguma forma. Não, eu precisava. Ansiava por isso. Queria que ele conhecesse cada pedaço de mim. Que as nossas almas colidissem. Tentei identificar quando tínhamos chegado a essa nova viragem na nossa relação. Ela vinha surgindo tão gradualmente que se aconchegou em nós os dois silenciosamente. Mas poderia ter sido a maneira como ambos nos abrimos um ao outro, carregando as nossas cicatrizes e os nossos medos mais profundos. Poderia ter sido como aprendemos a confiar um no outro, amparando-nos mutuamente nos nossos momentos de necessidade. Ou podia ser o riso que partilhámos quando nos permitimos ser livres e aliviarmo-nos temporariamente do fardo do luto.

Ou podia ser simplesmente que acabámos por compreender que éramos almas gémeas e só partilhar uma vida nos poderia aproximar ainda mais.

O Cael beijou-me então. Foi um beijo profundo e devorador, mas que continha também um toque afirmativo. Foi um beijo que senti que nos mudou. Um beijo que prometia um futuro, um companheiro, uma alma

brilhante para nos ajudar a percorrer qualquer caminho de escuridão que pudéssemos encontrar.

O Cael apertou frouxamente a mão à volta do meu rabo-de-cavalo.

– Eu nem acredito que te conheci – sussurrou ele contra os meus lábios. O meu corpo foi perpassado por vibrações familiares. Um nervoso miudinho que só respondia ao comando dos beijos e do toque do Cael. – Todos os dias acordo e agradeço ao universo que te trouxe até mim. – Abanou a cabeça, como que incrédulo. – Como é que eu tive tanta sorte? – Expirou. – Eu não te mereço, Sav. E nunca te vou tomar como certa.

As suas palavras sinceras deixaram-me sem fôlego.

O Cael beijou-me sem fim. Beijou-me até a multidão dispersar e a primeira parte do dia estar concluída, sendo o arco-íris derramado no chão a única prova da celebração ocorrida. Quando o Cael levantou a cabeça, olhei-o nos olhos e vi o meu amor e carinho ser-me retribuído.

Ele era o meu espelho, em todos os sentidos.

Ficamos ali, suspensos no momento, o ar crepitando à nossa volta. Naquele momento, um impulso incrível tomou conta de mim. O riso, a cor, o amor que se lançara no ar à nossa volta aumentavam *tudo*. Eu queria *aproveitar* a vida. Queria estender-lhe a mão e nunca a largar, queria vivê-la enquanto aqui estava, feliz e saudável e envolta em gratidão. Grata pela minha saúde e por aquele rapaz, que segurou tão cuidadosamente o meu coração nas palmas embaladoras das suas mãos.

Os olhos brilhantes do Cael falavam da mesma necessidade. Voltei a rir quando interiorizei o quadro que formávamos. O sorriso largo do Cael enfeitava-lhe o rosto mais uma vez. Tinha uma covinha que apareceu. Não a tinha visto antes. Nunca lhe tinha visto um sorriso tão rasgado. Era a perfeição, a sua covinha...

Parecia que também ela combinava com as minhas.

– Estamos num lindo estado – disse eu, e tentei sacudir um pouco de pó da nossa roupa e da nossa pele. Não adiantou. Estávamos enfiados numa miscelânea de cores.

O Cael inclinou a cabeça de lado.

– Pareces a aurora boreal – disse ele, e fiquei com o fôlego preso no peito.

Pois parecíamos. Os dois. Outra memória que eu haveria de guardar para toda a vida. Especialmente porque o Cael também tinha ali estado comigo.

Fez deslizar a sua mão na minha.

– Vamos voltar para o hotel, Pêssego.

Levou-me, em silêncio, daquele recanto isolado para as ruas enquanto aquela nova aura bailava à nossa volta. Ainda se ouvia risos residuais ao longe, vindos dos *ghats*. Esta cidade, onde a vida e a morte se encontravam, era uma maravilha. Fez com que a vida não parecesse um lugar tão assustador. Porque era isso que eu tinha sido: uma pessoa com medo de viver depois da morte da Poppy. Aterrorizada com a mudança na minha minha pequena e confortável vida. Mas a vida mudou *mesmo*. Era isso que Varanasi ensinava, às claras e em voz alta.

A vida mudava. As pessoas mudavam. Era essa a viagem da humanidade. Uma viagem que não tínhamos como não abraçar.

Voltei para o meu quarto e tomei banho, ainda a sorrir para as cores que sufocavam a água clara que circulava o ralo. Quando estava limpa, vesti outra roupa branca. Deixei o cabelo húmido solto, em caracóis largos, e juntei-me ao resto do grupo na sala de estar. O Cael estava a conversar com o Travis. Continuava a sorrir, cheio de energia.

E eu continuava louca e irremediavelmente apaixonada por ele.

– Olhas para ele como eu olhava para o Jose – disse o Dylan baixinho, aparecendo de repente ao meu lado.

– Dylan... – disse eu, quando o meu coração se afundou. Eu não queria que a minha relação com o Cael causasse dor ou desconforto ao Dylan.

O Dylan abanou a cabeça.

– Não. É uma coisa *boa*, Sav. É... – Engoliu em seco. – É lindo de se ver. Dá-me esperança também, sabes? Que talvez um dia eu possa ter isso de novo.

Lancei os braços à volta da sua cintura e segurei-o.

– E vais ter. Eu sei que sim. És incrível demais para não teres isso de novo, quando estiveres pronto.

O Dylan beijou-me o topo da cabeça.

– O que é que eu disse em relação a beijares a minha miúda, Dylan? – disse o Cael, com humor na voz.

Afastei-me do Dylan quando o Cael, na brincadeira, me puxou para os seus braços. Envolveu-me imediatamente e beijou-me na face. Senti logo um calor e aquela estática que surgira entre nós continuava lá – mais forte, se é que isso era possível. O Dylan revirou os olhos, a brincar.

– Se todos estiverem prontos, vamos para o rio – disse a Mia.

Todo o grupo estava limpinho a brilhar, depois das celebrações anteriores, com apenas algumas manchas de cor desbotada a marcar a pele, que eu senti que precisariam de muitos mais banhos para sair. O Cael mantinha-me bem presa nos seus braços. Até o peso dessa demonstração de afeto lhe parecia mais fácil nesse dia. Eu queria agarrar-me a esse lado do Cael durante o máximo de tempo possível.

As luzes cintilavam nas ruas com o descer do crepúsculo. Tudo estava sereno, tranquilo, depois de uma manhã e tarde de caos. Quase dava para sentir a santidade do festival a engrossar o ar a cada passo que se dava, avolumando-se ainda mais quando chegámos a um *ghat* e nos sentávamos nos degraus para contemplar e beber o ambiente. Observar um mundo muito distante do nosso.

– As pessoas vão passar as noites a ir aos templos para *Pooja* – explicou baixinho o Kabir.

Fiquei admirada com a paz à nossa volta. O sossego. Encostei a cabeça ao ombro do Cael e deixei o meu corpo absorver a quietude, o significado religioso da cidade para as pessoas que viajavam até ela por uma série de razões. Perdi-me a ver as pessoas entrarem e saírem dos templos. O som da música religiosa encheu o ar e vi homens santos a realizarem rituais nos degraus de pedra em que nos sentámos. Vi o significado que aquele festival tinha para o coração e a alma das pessoas.

A noite aproximou-se e eu abracei o Cael com firmeza, hipnotizada. Eu não sabia se era a grande emoção do dia, a espiritualidade que eu sentia circular em cada centímetro de ar, mas sentia-me mudada, de alguma forma. *Foi assim que a Poppy se deve ter sentido*, pensei, não pela primeira vez. E experimentar a paz que ela vivia dentro da sua fé inabalável encheu outra parte do poço que existia no meu coração. *Era por isso que ela não estava assustada*. Eu não estar mais grata por ela ter tido essa fé, que a ajudou a enfrentar a morte com tanta bravura e graça.

O Cael depositou um beijo na minha cabeça e eu inclinei o queixo para o olhar. Desviou a atenção, dos homens santos que cantavam, para mim. Os nossos olhares prenderam-se e algo mais profundo se imiscui profundamente neles. Eu não consegui explicar aquilo. Era apenas... *mais*. Alguma bênção ao nível da alma que ele trouxe à minha vida e que agora ganhava vida entre nós. Senti pele de galinha no corpo inteiro. Mas não por medo. Por *estar certo*. Como se o universo que eu estudava e adorava tanto me gritasse que ele era meu, e eu dele.

Eu sabia que o Cael era meu para sempre. Talvez tenha sido a Poppy a enviar-me essa confirmação. Eu não queria viver mais um dia sem que ele soubesse como era verdadeiramente amado e acarinhado.

Queria dar-lhe tudo de mim. Se perder a Poppy me ensinou alguma coisa, foi que o tempo é efêmero. Eu não queria esperar nem mais um minuto para lhe mostrar como era amado. Portanto, aninhei-me ao lado dele e contei os segundos até pudermos ficar sozinhos.

* * *

Quando voltei ao meu quarto, esperei impacientemente que o Leo e a Mia fizessem as suas verificações finais. Quando nos deram as boas-noites e foram para os respetivos quartos, pus-me em pé. Eu sabia que estava a desobedecer às regras e a quebrar a sua confiança com o que eu tinha planeado fazer, mas eu *precisava* do Cael. Não tinha outra maneira de o explicar. Queria mostrar-lhe todo o meu amor e, no meu coração, senti que valia a pena correr o risco de ser apanhada.

Eu tinha acabado de chegar à porta quando se ouviu uma batida suave, quase nada, do outro lado. Confusa com quem poderia ser, abri a porta, e deparei com o Cael do outro lado. Estava atarefado a vasculhar o corredor, claramente a certificar-se de que não tinha sido visto, quando os seus olhos encontraram os meus. Engoliu em seco, com um ar nervoso e lindo. Abriu a boca para falar, mas eu peguei-lhe na mão e conduzi-o para dentro do meu quarto. Eu não precisava de uma explicação para o motivo pelo qual ele ali estava. Eu sentia o mesmo.

Fechei a porta sem fazer barulho e virei-me para o olhar. Quando os nossos olhos se encontraram, senti os nervos correrem nas minhas veias. Não eram nervos maus, mas nervosismo a pulsar de *vida*. Pela intensidade do olhar do Cael, dava para ver que ele também queria estar

comigo. Vi-o engolir em seco, a maçã-de-adão a subir e descer na garganta, sob as tatuagens que tentavam disfarçar a sua dor. Mas eu vi o menino que ele era por baixo daquilo tudo. Eu sempre vi quem ele era realmente por dentro.

Dei a mão ao Cael.

– Sav... – sussurrou, com a voz grave a encher a sala com uma pergunta tácita. Beijei-lhe a palma da mão, depois cada um dos seus dedos. Tremiam ligeiramente. – Sav – repetiu, as palavras escapando-lhe.

– Eu quero isto – disse eu, e fechei o espaço entre nós.

Levei os meus lábios aos dele. O beijo do Cael foi tímido, gentil e tão cuidadoso. Segurou-me como se eu fosse frágil, um bem precioso da qual ele não suportava separar-se. Eu também me sentia assim com ele.

Sem afastar os lábios, conduzi-nos lentamente para a minha cama. Quando nos deitámos, o Cael levantou-se acima de mim e encontrou os meus olhos. Afastou-me o cabelo da cara.

– Tens a certeza? – perguntou ele, certificando-se de que era o que eu queria.

– Tenho – disse eu, a voz forte de convicção. Mas engoli uma certa trepidação quando disse: – Eu... eu nunca fiz isto.

Ele colou a testa à minha.

– Nem eu.

Explodi de luz, exalando qualquer réstia de nervosismo que vivesse no meu coração.

– Amo-te – disse eu e levantei lentamente a camisa dele para lha tirar pela cabeça.

– Eu também te amo – disse ele e levou a mão ao bolso de trás das calças de ganga para tirar a carteira. Tirou de lá um preservativo e eu fiquei à espera de ser atingida por mais nervos. Mas não vieram. A minha convicção manteve-se forte.

Acabou-se o medo de tudo e mais alguma coisa, acabou-se o não abraçar os momentos da vida por medo. Em vez disso, eu queria abraçar o *amor* e tudo o que ele trazia: a alegria, a maravilha, a frontalidade. Eu queria o Cael, mais do que o ar que respirava, e queria estar com ele em todos os sentidos.

Eu queria *viver*.

Com adoração no olhar azul-prateado, o Cael beijou-me e derreteu-se no meu corpo, fazendo-me completamente sua. Segurou-me as mãos, que apertou duas vezes. O meu coração desabrochou quando o fez. E ele beijou-me, suave e docemente. Ele estimava-me, respeitava-me e gostava de mim mais do que eu julgava ser possível.

Fez-me sua até sermos uma alma existente. Nunca nada me foi tão especial.

Depois, apertou-me contra o peito e beijou-me a cabeça. Passei a mão pelo seu esterno até ao navio que tinha tatuado na pele pálida. Os dedos do Cael acariciavam-me o cabelo, brincando com os caracóis que a humidade evidenciava. Nunca me senti tão em paz. Tão satisfeita. Fechei os olhos quando percebi que a minha mente se tinha acalmado. Vieram-me as lágrimas aos olhos.

– Sav? – disse o Cael, e ficou paralisado quando a minha lágrima caiu no seu peito e lhe escorreu pelo estômago.

Levantou-me a cabeça para si, com um dedo debaixo do meu queixo. Tinha preocupação gravada nas feições quando encontrei o seu olhar.

– Os meus pensamentos estão calmos – sussurrei, um sorriso fraco a puxar os cantos dos meus lábios.

O Cael analisou-me atentamente, até que vi que percebeu o que eu queria dizer. E que era uma coisa boa.

– Sim? – disse ele num sussurro abafado, e passou a ponta do dedo pela minha face. O amor brilhava a cada movimento seu. Nunca mais queria separar-me deste rapaz.

– A minha ansiedade... – Fiz uma pausa, tentando explicar. – A minha cabeça está sempre cheia, com pensamentos a correr. Faz-me sentir fora de controlo. Assoberbada. – Sorri e estudei as tatuagens que ele tinha no tronco. – Agora... – A minha voz era um fio e entrelacei os dedos nos dele. Olhei-o de novo. – Contigo... assim – disse eu, corando. Os cantos dos lábios do Cael subiram, mostrando um esboço de sorriso. Tinha começado a perceber que ele adorava quando eu corava. – Quando estou contigo, fica mais calma.

O Cael embalou a minha face com a mão livre.

– Porque o teu coração sabe que te vou proteger. – Engoliu em seco, mostrando vulnerabilidade. – Que vou sempre manter-te segura. – A sua voz tornou-se grave. – Que nunca vou deixar de te amar. – O meu peito

desabrochou, de calor. – Porque é impossível eu amar-te mais do que amo.

O Cael baixou-se até ficarmos frente a frente. Beijou-me e eu soube que depois daquela noite nada seria o mesmo entre nós. Pus o meu coração nas suas mãos e ele pôs o seu nas minhas.

Mas confiava que o Cael o teria seguro, que me teria segura. Confiava-lhe tudo aquilo que eu era.

O Cael puxou-me de novo para o seu peito, e eu deitei-me nele. Este rapaz era-me precioso. Entendia-me, e eu a ele. O nosso trajeto para a superação ainda estava a decorrer e eu não sabia o que estava para vir, mas ali, naquele momento, estávamos, por uma vez na vida, em paz. Passaram-se muitos minutos, até que o Cael disse: – É melhor eu voltar para o meu quarto, Pêssego. Não quero que tenhamos problemas.

– Está bem – disse eu, mas segurei-o com firmeza apenas por mais alguns segundos.

A risadinha carinhosa do Cael fez-me sorrir. Vestiu-se e, inclinando-se, colocou a mão na minha face e beijou-me tão suavemente que o meu coração derreteu.

– Até amanhã, querida – disse ele, e dirigiu-se à porta, olhando para mim por cima do ombro antes de voltar para o corredor e para o seu próprio quarto.

Deitei-me na cama e senti-me tão feliz que pensei que ia rebentar. Eu sabia que não ia conseguir dormir e queria muito gritar o meu amor pelo Cael aos sete ventos. Queria que todos soubessem que estávamos apaixonados e que era incrível. Então, peguei no telemóvel e liguei para a pessoa que eu sabia que entenderia a gravidade do que acabara de acontecer. A Ida respondeu no segundo toque.

– Savannah! – disse ela, a sua felicidade irradiando através do meu telemóvel.

– Ida... – sussurrei. – Tenho tanto para te contar.

Corações Partidos e Deixar Partir

Savannah
Varanasi, Índia
Alguns dias depois

OS CÂNTICOS SINFÓNICOS DOS SACERDOTES FLUTUARAM ATÉ AO NOSSO BARCO no Ganges. Era a nossa última noite na Índia, e estávamos a participar na cerimónia de Ganga Aarti, uma festa religiosa diária ao crepúsculo, em que os sacerdotes agradeciam ao rio Ganges as suas qualidades purificadoras. Sopravam búzios, tangiam sinos e címbalos.

Era absolutamente majestoso.

Ver a cidade daquele ângulo era de cortar a respiração. Os *ghats* estavam cheios de gente, acendiam-se velas ao mesmo tempo que o sol descia pelo céu, trazendo a noite.

Ficámos todos em silêncio quando o Kabir nos entregou pratos feitos de folhas e flores e uma vela acesa. Segurei a vela na mão.

– Para agradecer ao rio – disse o Kabir, mas depois acrescentou: – E para honrar aqueles que perderam.

Senti um aperto forte no peito perante estas palavras. Arqueei ao ver tantos pratos de folhas serem levados para o rio, pessoas e sacerdotes libertando as suas oferendas. O Cael olhava a vela, de cabeça inclinada. À chama amarela, os seus olhos brilhavam com lágrimas por chorar.

Apanhou-me a olhar para ele e obrigou-se a fazer um leve sorriso. Estava a sofrer. Era-lhe tão difícil superar a raiva residual que nutria pelo irmão. Dava para ver que estava torturado, mesmo agora. Eu queria muito tirar-lhe aquele fardo. Mas era ele que tinha de percorrer aquele caminho e tomar uma atitude.

– Pelas boas memórias – disse eu baixinho, só para o Cael.

Ele pestanejou para conter as lágrimas, mas assentiu. Eu tinha o coração na garganta quando ele colocou a sua vela no prato, a lançou ao rio e ela começou a afastar-se – um símbolo do motivo pelo qual estávamos todos ali.

Para tentarmos deixar os nossos entes queridos partirem.

Segurei o meu prato um momento mais do que os outros, e ainda mais perto do peito. Foi a lição mais difícil até agora, tentar aprender a libertar a Poppy do meu coração. Eu queria mantê-la comigo para sempre. Mas segurá-la tão perto estava a impedir-me de seguir em frente. Pensei no que o Kabir tinha dito quando chegámos àquela cidade maravilhosa. Também temos de libertar a alma dos nossos entes queridos. Assim, eles libertam-se desta vida.

Eu queria que a Poppy voasse, livre. Ela merecia o seu lugar entre as estrelas, o céu noturno ansiava pelo brilho sobrenatural. Fechei os olhos e disse, em silêncio: *Obrigada por me amares como amaste. Obrigada por me ensinares a amar. Tenho saudades tuas. Tantas... Sê livre...*

Quando abri os olhos, caiu-me uma lágrima pela cara. Coloquei a vela no rio e vi-a partir. Inclinei-me de novo para os braços do Cael e ele segurou-me com tanta firmeza que quase não consegui respirar. Mantive-me composta. Eu só esperava estar a fazer o mesmo por ele. Às vezes eu achava que ele estava a fazer bons progressos. Outras vezes, perguntava-me o que estaria a pensar, naquela sua mente calada.

Ele só tinha de continuar a tentar.

Enquanto o nosso barco balançava no rio, agradei em silêncio àquela cidade por me fazer enfrentar a morte. Mas também por me deixar ver a sua beleza. Nunca acreditei poder vê-la daquela forma. Mas ali, em Varanasi, era impossível não o fazer.

Enquanto absorvia, uma última vez, as vistas de Varanasi, refleti sobre o tempo que ali passei. Eu mal podia esperar para escrever à Poppy, no meu diário, sobre todas as coisas que tinha visto e sentido.

Que tinha partilhado com o Cael. Aquele lugar haveria sempre de ser a cidade que me fez apaixonar profundamente pelo rapaz que depressa se estava a tornar o meu mundo. A Poppy queria isso para mim. Teria ficado tão feliz.

E esse pensamento também me deixou feliz.

Eu não estava curada. Ainda sentia dor, mas deixava aquela cidade, aquele país, mais leve e talvez um pouco mais esperançosa. Deitei a cabeça no peito largo do Cael, a contemplar os homens santos no seu culto. O Cael beijou-me a cabeça e eu sorri.

No mínimo, estava muito mais apaixonada.

Desgostos e Afinidades

Cael
Filipinas

– TOMA.

A Savannah entregou-me outro prego. Peguei nele e limpei o suor da testa. O som de martelos a bater na madeira ecoava à nossa volta. O tempo estava quente e húmido, enquanto o sol pesado batia sobre nós.

Estávamos a passar essa semana numa zona rural das Filipinas. Era um lugar deslumbrante. Tropical e verde, areia branca macia e um mar azul cristalino. Tinha uma aparência celestial. Se bem que o motivo para ali estarmos não era tão idílico.

Havia uma nota de tristeza no ar que nunca nos deixou, enquanto reconstruíamos casas. Pelo menos para mim e para a maior parte do nosso grupo. A Mia e o Leo organizavam retiros ali nas Filipinas, numa outra parte do país. Um lugar onde as pessoas podiam enfrentar o seu luto. Era isso que faríamos em breve.

Mas, primeiro, levaram-nos a uma aldeia que tinha sido destruída por um furacão há vários meses. Tínhamo-nos juntado a uma instituição de caridade que estava a reconstruir casas e a ajudar os moradores que tinham perdido tudo, incluindo familiares.

– Outro? – perguntou a Savannah, desviando-me a atenção da escola que ficava logo acima da colina.

Os voluntários já tinham reconstruído a escola há algum tempo. Grande parte estava cheia de crianças que tinham perdido os pais ou irmãos, pelo menos alguém, e sempre que eu olhava para lá, o meu peito quase rachava de tristeza. A maior parte era mais jovem do que nós. Mas, além de terem perdido entes queridos, também perderam as suas casas. Os meios de subsistência tinham-lhes sido arrancados. Os seus cultivos e a água corrente foram destruídos. Aquilo dava-me uma perspetiva de perda que eu ainda não tinha visto.

Sobre o quão verdadeiramente absoluta poderia ser.

– Exposição – disse a Savannah, seguindo a minha linha de visão até à escola.

Suspirei ao ouvir essa palavra. Tinha calafrios sempre que a diziam. Era esse o tema central desta etapa da viagem. Só tínhamos mais um país para ir depois deste. O meu sangue arrefeceu com esse pensamento. Eu não me queria ir embora. Não queria voltar para casa, para a minha vida de antes.

Baixei os olhos para a rapariga de cabelo louro-escuro que, nos dias que corriam, estava permanentemente fixada ao meu lado, aquela sem a qual eu sentia que não conseguia respirar. Eu não queria deixar a Savannah. Só de pensar nisso ficava maldisposto.

– Exposição – ecoei.

A Mia e o Leo disseram-nos que era hora de enfrentar o que tinha acontecido aos nossos entes queridos. Que os países anteriores nos tinham estado a preparar para isso: o mais difícil dos passos. Ali, iríamos enfrentar de cabeça o que aconteceu aos nossos entes queridos.

Fiquei com o sangue gelado só de pensar nisso. Eu não fazia ideia do que teriam planeado para nós no retiro. Esta parte era óbvia de ver. Estávamos a ajudar pessoas como nós, só que noutro país, longe. Na Índia, em Varanasi, estávamos rodeados de pessoas que tinham perdido alguém.

Estava em toda a parte.

Mas eu estava nervosa com o que nos esperava à frente no caminho.

– A Mia e o Leo querem que vamos lá acima à escola depois disto, para fazermos jogos – disse a Savannah, arrancando-me aos meus pensamentos.

Acenei com a cabeça distraidamente quando vi a Savannah à espera de uma resposta. Ela pôs-se à minha frente e colocou a mão nos meus ombros nus, com a cabeça inclinada para o lado.

– Sentes-te bem? Tens estado distraído desde que chegámos aqui.

Os olhos da Savannah estavam preocupados. Mordeu o lábio com ansiedade.

Varanasi mexeu comigo. Desde que saí da Índia, ainda não me senti bem acomodado. Não sabia bem porquê... não, eu sabia. Lá, sentia-me em paz. Como me sentira nos lagos, em Inglaterra. Mas colocar a vela no rio Ganges, aquele simples ato paralisara-me, em certo sentido. Eu tinha sentido a nuvem escura, que muitas vezes me acompanhava, recuar devagar, ao alto, enquanto aquela vela se afastava de mim. Tentei de tudo para a ignorar, mas estava lá, por perto.

– Estou bem – disse à Savannah, ao ver a luz esmorecer nos seus olhos.

Ela sabia que eu estava a mentir. Mas eu não sabia o que lhe dizer. Sentia-me em baixo. Sem energia. Ver aquela vela boiar... tinha fechado algo dentro de mim. Eu não sabia como explicá-lo.

A Savannah colocou a palma da mão na minha face.

– Estou do teu lado, para o que der e vier. Sempre. – Acenei com a cabeça, tentando afastar o nó que imediatamente me embargou a garganta. Acenei com a cabeça, porque *sabia* que era verdade. Eu amava-a tanto. E melhor ainda, sentia todos os dias o amor que ela tinha por mim. – Podes falar comigo de tudo – acrescentou.

Lançou-me um sorriso triste, depois pegou noutro pedaço de madeira. Entregou-mo.

– Próximo.

Peguei nele e limpei subtilmente uma lágrima do rosto. Se a Savannah viu, não mo fez saber.

* * *

O pátio estava cheio de miúdos a jogar. O Travis e o Dylan estavam no meio de um competitivo jogo de apanhada com o que parecia ser um bando de crianças de dez anos. A Savannah estava a ler com duas meninas que pareciam ter cerca de seis. A Lili desenhava com um

pequeno grupo de crianças de oito anos, debaixo de uma árvore, e a Jade cantava canções de embalar com o que pareciam ser crianças do jardim de infância.

Fiquei à parte, sem saber onde me encaixava. Do outro lado do pátio, o Leo viu-me e foi ter comigo. Eu estava encostado a uma árvore, com um buraco no estômago enquanto via aquelas crianças brincarem. Havia risos e felicidade. Tinham perdido tanto, mas pareciam ter encontrado uma maneira de seguir em frente.

Todos, exceto um. Um menino que teria uns nove ou dez anos sentou-se à parte, sozinho. Observava as outras crianças com uma expressão que parecia ser de inveja. Senti que olhava para um reflexo de mim mesmo. Era evidente que estava a sofrer e não sabia como interagir com os outros.

– O irmão mais velho morreu – disse o Leo, e todos os músculos do meu corpo ficaram tensos. A minha respiração acelerou. – Salvou-o. Quando o furacão chegou. Ele pôs o Jacob (é assim que o menino se chama) em segurança, mas não conseguiu salvar-se.

Senti náusea. O meu sangue era frio.

O Leo fez um sinal com a cabeça na direção do Jacob.

– Ele sabe falar inglês. Aprendem na escola. – Eu tinha os pés plantados no chão. Senti o enorme peso do olhar da Savannah quando ela levantava a cabeça do livro que estava a ler ao seu grupo de crianças. Não me virei para ela. Em vez disso, mantive a minha atenção no Jacob. O anseio nos seus olhos era claro como o dia: um anseio de estar com as outras crianças. Mas ele não o permitia.

Eu também sabia como era isso.

A minha mente arrastou-me de volta ao passado. Lembrou-me que o Cillian me levava com ele para todo o lado que ia quando eu tinha a idade do Jacob. Perguntava-me se o irmão do Jacob também teria sido assim. Salvou o Jacob. Senti uma reviravolta no estômago. Eu nem imaginava a culpa com que o Jacob provavelmente vivia por causa disso. Aquele nó estava de volta à minha garganta e as lágrimas apareceram-me atrás dos olhos. Porque eu sabia que, se estivesse em perigo, o Cillian também me teria salvado. Eu sabia, lá no fundo, que se estivéssemos naquele furacão, o Cillian me teria levado para um lugar seguro, mesmo que isso significasse sacrificar-se.

Antes ainda de me dar conta disso, os meus pés levaram-me pelo pátio até ao banco onde o Jacob estava sentado sozinho. Os seus ombros ficaram tensos quando me sentei ao seu lado. Olhei para o pátio. Sorri ao ver uma criança atrás do Travis, a tentar apanhá-lo. O Travis gritou, na brincadeira, quando o rapaz o apanhou – tinha jeito para os miúdos.

Inspirei fundo e disse ao Jacob:

– Não queres jogar à apanhada?

O Jacob abanou a cabeça e pôs-se a brincar com as mãos. Tinha um olhar abatido. Foi assim desligado que eu estive durante o ano inteiro? Era assim que eu olhava para o Stephan? Para os meus pais? Foi assim que olhei para a Savannah?

– Eu sou o Cael – disse eu. O Jacob olhou para mim, depois voltou a focar-se nas mãos. Estava nervoso. Percebi isso. – És o Jacob?

Ele assentiu, mas continuou a dar-me silêncio. Eu odiava aquilo. Não que ele não estivesse a falar. Mas que aquele miúdo tivesse claramente perdido o seu herói e não soubesse como seguir em frente.

O meu coração bateu no peito quando puxei uma imagem mental do Cillian. No seu sorriso, quando olhou para mim.

«Tu consegues, na boa, miúdo...» Ainda ouvia a sua voz, como se ele estivesse sentado naquele banco connosco, a conduzir-me. Fechei os olhos e senti a brisa quente passar pelo meu rosto. «Ajuda-o», disse a voz-fantasma do Cillian. Era assim, o meu irmão. Tão boa pessoa. E caramba, eu adorava-o tanto.

Imaginei-o a pôr o braço à volta dos meus ombros e a levar-me para assistir aos jogos de futebol do liceu. «É o meu irmão mais novo, o Cael», dizia ele a quem quisesse ouvir. «Vai ser o próximo Gretzky», dizia. O meu peito enchia-se de tanta luz que mais parecia que eu era feito de sol. Ele estava tão orgulhoso de mim. Mesmo poucas semanas antes de falecer, cantava-me louvores...

– Oi, Cael! – gritou do fundo das escadas. – Vamos!

– Vamos onde? – disse eu, enquanto enfiava o casaco e descia as escadas a correr.

– Vamos buscar comida – disse ele, e eu segui-o até o carro.

Pus o cinto e olhei para o Cill. Ele usava a camisola de hóquei dos Crimson e calças de fato de treino. Aquilo seria eu em breve, pensei. Quando jogássemos juntos.

– Tens treinado bem? – perguntou-me o Cillian.

Assenti.

– Sim – disse eu.

Era verdade. Eu estava ao rubro. Ultimamente, nada me tocava. Tudo aquilo por que eu trabalhara parecia estar a encaixar-se no sítio.

– E tu? – perguntei.

– Não quero falar de mim – disse o Cillian. – Quero saber tudo sobre o meu irmão mais novo e como ele vai conquistar o mundo do hóquei. – Eu ri-me, e ele também. – Sabes disso, não sabes? – disse ele. – Os meus colegas já estão a fazer contagem decrescente para a tua ida para o Crimson.

Entrámos no drive-through e o Cillian pediu hambúrgueres e batatas fritas para nós. Não devíamos estar a comer aquela porcaria durante a temporada, mas eu não ia discutir com ele.

O Cillian estacionou e foi como se estivesse perdido, simplesmente a olhar pelo para-brisa.

– Cill? – chamei eu, acenando com a mão à frente da cara dele.

Ele pestanejou, abanou a cabeça e voltou a pôr o seu habitual sorriso feliz no rosto.

– Desculpa, miúdo; estava a devanear.

Ri-me quando ele me entregou o hambúrguer e as batatas fritas.

– As tuas notas são boas, não são? – perguntou.

Eu assenti.

– Os treinadores estão contentes com a maneira como tens jogado?

– Sim – disse eu, e dei uma dentada no hambúrguer.

O Cillian vinha muitas vezes de visita a casa, uma vez que, no grande esquema das coisas, estava a uma curta distância de carro. Mas ultimamente vinha mais. Passava mais tempo comigo. Certificava-se de que eu estava encaminhado para a faculdade.

– Ótimo. – O Cillian parou de comer e pôs a mão no meu pescoço, virando-me para que eu o olhasse. Parecia outra vez perdido em pensamentos, mas depois disse: – Eu sei que vais ser alguém. – E eu senti que tinha três metros. – Alguém épico.

– E tu também – disse eu. Porque o plano era esse. Íamos fazer tudo juntos. O Cill sorriu, mas não parecia um sorriso verdadeiro. Depois, não disse mais nada. Comecei a franzir a testa, quando ele disse:

– Viste o último jogo dos Bruins? – Riu-se. – Nulidade total, mano!

E o Cillian ficou comigo nas horas seguintes, depois deixou-me em casa.

– Vejo-te no teu próximo jogo – disse eu, e o sorriso dele vacilou.

– Tu sabes – respondeu ele. Saí do carro e baixei-me para olhar pela janela aberta do lado do passageiro. – Adoro-te, miúdo – disse o Cillian. – Nunca te esqueças disso.

– Também te adoro – disse eu, e despedi-me.

Não gostava nada de quando ele tinha de voltar para a faculdade. Mas ia vê-lo outra vez dentro de poucas semanas. E não tardava nada, ia vê-lo todos os dias. Jogar ao lado dele em Harvard. Todos os nossos sonhos iam finalmente tornar-se realidade...

Pestanejei contra o sol brilhante que me cegava, arrancando-me daquela memória. Eu tinha pensado naquela noite várias vezes. Porque em retrospectiva, também então eu tinha visto sinais de que se passava alguma coisa com o Cill.

Expirei longamente, um fôlego irregular. Já mal sentia raiva quando pensava no Cillian. Agora, havia apenas uma dor profunda no meu peito que nunca desaparecia. Olhei para o Jacob, que continuava a brincar nervosamente com as mãos, ao meu lado. Não conseguia acreditar nos meus próprios ouvidos quando dei por mim a dizer:

– Eu também tinha um irmão mais velho. O Cillian. – A minha voz era áspera e tensa quando disse o seu nome em voz alta. Mas as palavras surgiam e só isso já era um raio dum milagre.

Vi as mãos do Jacob com a minha visão periférica.

– Ele era o meu melhor amigo – disse eu, e olhei para a Savannah, que estava a prender o cabelo de uma menina num rabo-de-cavalo que devia ter caído.

Sorri ao vê-la assim. Ela queria trabalhar com crianças e tinha medo de não ser boa o suficiente. Mas era. Era perfeita. Ao sentir o meu olhar, levantou os olhos. Corou com a atenção que eu lhe estava a dar, depois

premiou-me com um largo sorriso.

A dor que eu tinha no peito aliviou um pouco. Virei-me para o Jacob, que encontrou o meu olhar. E dessa vez não desviou o seu. Aclarei a garganta e disse:

– Ele... – Voltei a tossir. – Ele morreu, não há muito tempo.

Os olhos do Jacob suavizaram ligeiramente. Nesse momento, percebi que ele sabia que éramos iguais. Marcados pela perda de irmãos. Ele mexeu-se no seu lugar e disse:

– O teu irmão também te salvou?

As lágrimas picaram-me os olhos. Cerrei o maxilar e pestanejei depressa, para evitar que elas caíssem. A pergunta roubou-me o fôlego. Mas quando pensei no Cillian, uma bobina de memórias antigas passou pela minha cabeça. Mostrava todas as gargalhadas e a diversão que costumávamos partilhar, as horas e horas passadas na lagoa gelada, os aniversários e feriados. Férias no México, só a rir. E sempre que eu tinha um jogo mau, apertava-me com força contra o peito, beijava-me a cabeça e dizia-me que ia ficar tudo bem. Para esquecer aquilo e voltar a focar-me.

Para seguir em frente...

– Sim – disse eu, quase sem se ouvir. – Ele... também me salvou – disse eu, porque era verdade.

Salvou-me de todas as maneiras que contavam. Até ao fim, foi o melhor irmão mais velho que alguém podia desejar.

O Jacob virou a cabeça para o pátio movimentado quando alguém soltou uma gargalhada estridente.

– Também tens saudades dele? – perguntou o Jacob, depois virou-se para mim. Tinha os olhos castanhos arregalados e tristes, à espera da minha resposta.

– Todos os dias, todos os minutos – sussurrei.

– Ele estava a ensinar-me a jogar futebol – disse o Jacob. – O Daniel, o meu irmão. Tinha começado a ensinar-me, pouco antes de...

Vi o pavilhão desportivo ao lado do pátio.

– Queres jogar agora?

O Jacob seguiu a minha linha de visão.

– Jogas futebol? – perguntou.

Eu sorri.

– Não sou *mau* – disse eu. – O meu desporto é o hóquei.

O Jacob fez um sorriso minúsculo.

– No gelo?

– Sim. Esse mesmo.

– Aqui não temos muito gelo – disse ele.

Mas depois pôs-se de pé e foi para o barracão desportivo. Levantei-me e segui-o. Quando ele abriu a porta, fiquei petrificado. Porque diante de mim, havia uma pilha de tacos de hóquei de madeira sem marca e um balde de bolas de treino.

– Tivemos aqui uma pessoa que era do Canadá. Ele também gostava de hóquei no gelo e fez isto com um pouco de madeira que sobrou e não ia ser usada nas casas – disse o Jacob. Baixou a cabeça. – Ensinou algumas pessoas a jogar em terra. Eu queria participar, mas eu...

Ele não conseguia participar. Eu percebia.

Os tacos praticamente brilhavam, encostados à parede do pavilhão a acumular pó. Fleti as mãos, com a necessidade de agarrar um. Veio-me à cabeça memória após memória. Do Cillian a ensinar-me a jogar. A ensinar-me a segurar um taco...

– Uma mão em cima – disse ele. O taco parecia enorme nas minhas mãos, mas o Cill tinha começado recentemente a jogar hóquei e eu também queria jogar. – Agora põe aqui a mão – disse ele, colocando a minha outra mão mais abaixo no taco. – Que tal a sensação? – perguntou ele, e foi-se pôr à minha frente. Pôs a mão no meu ombro e apertou. Estava orgulhoso.

– Boa – disse eu, com um sorriso tão largo que me doíam as bochechas. – Bué da boa.

Cheguei ao pavilhão, peguei num taco e soprei as teias de aranha da madeira. Passei a mão pela superfície lisa e agarrei-o nas mãos. A sensação de *ser certo* foi imediata. Fechei os olhos e permiti-me captar um momento de paz. Há muito tempo que eu não segurava um taco sem o deitar fora ou despedaçar. Deixei-me ficar no momento, respirando o

ar quente, sentindo-me relaxado. Pensei no Cillian. Por um momento, quase acreditei sentir a sua mão apertar-me de novo o ombro. Orgulhoso de mim, mais uma vez.

Quando abri de novo os olhos, virei-me para o Jacob.

– Queres saber como se agarra no taco?

A emoção cintilou nos olhos do Jacob. Entreguei-lhe o taco e curvei-me à frente dele. Era um menino pequeno, mas naquele momento vi um brilho de vida voltar aos seus olhos tristes. – Põe uma mão em cima – disse eu, imitando a maneira como o Cillian me ensinou, todos aqueles anos antes. – E esta aqui – disse eu, ouvindo a emoção embargar-me a voz enquanto conduzia a mão dele. – Que tal a sensação? – perguntei, tentando apenas acomodar-me naquele momento surreal sem deixar que ele me quebrasse.

– Boa – disse o Jacob, e senti o ar à nossa volta brilhar. Parecia mesmo que o Cillian estava ali comigo. Eu queria tanto acreditar que estava.

– Ótimo – disse eu e despenteei o cabelo do Jacob.

Peguei no balde de bolas e nas redes improvisadas que também tinham sido atiradas para ali. Montei-as e ajudei o Jacob a aprender a manobrar o taco, a manter o controlo, a afundar a bola na rede. Não era hóquei no gelo, não se lhe assemelhava em nada, mas era alguma coisa.

Só quando o Jacob marcou e lançou as mãos ao ar é que percebi que todos tinham parado para nos observar. O Dylan foi para o pavilhão tirar o resto dos tacos de hóquei. Antes disso, cruzou o olhar com o meu, como se perguntasse em silêncio: «Tudo bem, eu fazer isto?» Assenti, sentindo que de facto estava tudo bem, e o Dylan distribuiu os tacos às outras crianças. Elas aguardavam, de respiração sustida, pelas minhas instruções. Olhei para o lado e vi a Savannah observar-me, com olhos lacrimejantes.

– Pêssimo – disse eu, e acenei. – Chega aqui.

Ela tinha as faces a arder ao dirigir-se a mim, odiando ser o foco de qualquer atenção. Peguei num taco do Dylan. Orientei a Savannah para a minha frente e fiquei atrás dela. Mostrei às crianças como segurar o taco, usando a Savannah como exemplo. Fiquei com o peito nas costas dela e movi-lhe as mãos, dando-lhe beijos furtivos nas bochechas quando as crianças não estavam a olhar.

Quando as crianças estavam a praticar, monitorizadas pelo resto dos nossos amigos, a Savannah descansou a mão no meu braço.

– Estás bem? – perguntou ela. – Deve ter sido difícil para ti.

– Sim – disse eu, e sabia que ela conseguia ouvir a minha voz abatida. – Mas também me soube bem. – Apertei o taco com mais força. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas depois parei.

– O que foi? – disse a Savannah, recusando-se a deixar-me fechar em mim mesmo.

– Parecia... – Respirei fundo. – Parecia que ele estava comigo. Agora mesmo.

Tinha os olhos baixos, sentia-me estúpido. A mão da Savannah pousou na minha face. Guiou o meu rosto para cima até que encontrei os seus olhos.

– Então estava mesmo – disse ela, com absoluta convicção. – Acredito do fundo do coração. Somos todos parte do mundo, as nossas próprias energias. Mesmo quando morremos, essa energia permanece. – Encolheu os ombros. – Acho que é por isso que, às vezes, os sentimos connosco. Talvez a energia deles fique por perto. Lembra-se de nós.

Puxei a Savannah para o peito e envolvi-a nos meus braços, mantendo-a o mais perto possível.

Alguém pigarreou ao nosso lado. Quando soltei a Savannah, o Leo estava lá, a segurar um taco de hóquei.

– Posso não ter feito parte da equipa de preparação da seleção dos Estados Unidos, como alguns, mas sei jogar um pouco... se quiseres arriscar.

A Savannah riu-se e eu não pude evitar um sorriso que me puxou os lábios para cima.

– Tem a certeza que não é muito velho para isso? – perguntei eu, sentindo um lampejo de leveza passar pelo meu corpo ao dizer aquela piada.

O Leo apontou a ponta do taco para mim.

– Só por isso, não te vou facilitar a vida.

– Esvaziar o pátio! – gritou o Travis, ao ouvir o desafio e posicionando as redes em ambos os extremos.

Colocou uma bola no centro. Dirigi-me a ela para o arranque do jogo. Olhei para a Savannah, nas linhas laterais, e ela tinha uma mão no peito e lágrimas nos olhos enquanto me observava.

Que rapariga perfeita.

O Leo sorriu para mim competitivamente, e depois o Travis soprou um apito que tinha encontrado no pavilhão. E lá fui eu. Durante os vinte minutos seguintes, com o suor a escorrer pelo rosto e pelas costas, varri o chão com o Leo, a correr pelo pátio, de taco na mão e a afundar a bola na rede tantas vezes que perdi a conta. Chorei a falta de gelo e patins nos pés, a mordida do frio na pele. Mas há mais de um ano que não me sentia tão eu.

O Leo dobrou-se, e uma onda de rendição pairava no ar. Mas eu não parei. Mesmo quando as crianças voltaram para a escola, para as aulas, fiquei no pátio, a praticar até ficar exausto e o sol me ameaçar com uma insolação.

A Savannah e os nossos amigos ficaram a ver-me. Acho que viram como aquele momento era importante para mim. Eu não queria saber do público. Estava tão metido na minha cabeça, parecia que era só eu e o taco de novo.

Tinha saudades disso.

Tinha saudades *disto*.

Depois, as crianças saíram a correr quando a escola acabou. O Jacob aproximou-se logo de mim. Ainda estava nervoso, mas disse:

– Vais voltar?

– Amanhã – disse eu, e o Jacob sorriu.

Foi a correr ter com uma mulher que deduzi ser a sua mãe. Ela fez-me um pequeno aceno. Fez-me pensar na minha mãe. Como viajava connosco para todo o lado por causa do hóquei. Era uma ótima mãe e eu sentia a falta dela. Do meu pai também. Eles só queriam o melhor para mim. Andava a mandar-lhes mensagens todos os dias. A abrir-me mais. A aproximar-se cada vez mais, dia após dia.

Uma mão pousou ao centro das minhas costas. A Savannah.

– Estás pronto para ir? – perguntou ela.

Assenti, um pouco entorpecido daquele dia. Ela ajudou-me a guardar o equipamento, depois deu-me a mão.

Não a levei para as cabanas onde estávamos hospedados. Em vez disso, levei-a à praia. O sol estava baixo e o dia perdera a ferroada dura do seu calor, deixara apenas uma brisa amena.

Larguei a mão da Savannah e fui diretamente para o mar, baixando o corpo e a cabeça debaixo das ondas calmas. Lavei o suor do corpo, do cabelo e, quando emergi da água, a Savannah estava com água pelo tornozelo na areia.

Tinha a cabeça inclinada para trás e deliciava-se com o poente, como fazia sempre. Sem que percebesse, aproximei-me de onde ela estava. Voltar a jogar hóquei trouxe-me uma leveza ao peito. Recordar o Cillian de uma maneira boa tinha enxotado um pouco a escuridão da minha alma.

Eu estava a meros centímetros da Savannah. Ela olhou para baixo assim que lhe cingi a cintura e a arrastei para a água mais funda. Segurei-a bem quando caímos de chapa. Depois, levantei-a das ondas, segurando com força a minha rapariga.

– Cael! – gritou ela, agarrando-me o pescoço.

Inspirou fundo e limpou a água do rosto. Não pude evitar rir. Ri, do fundo do meu coração. A Savannah também riu, parando apenas para colocar a mão na minha face, com um sorriso largo estampado no rosto. E aquelas malditas covinhas a aparecer...

– Eu adoro quando te ris – disse ela, quando mergulhávamos na água morna. – E adorei ver-te jogar hoje. – Afastou-me o cabelo da cara. Passou o dedo pela argola do meu nariz e pela do lábio. – És incrível, Cael. – Pôs-se sóbria e disse: – Espero poder ver-te um dia jogar no gelo.

A minha gargalhada esmoreceu, mas eu não estava chateado nem zangado. Só não sabia como responder.

– Será que fui longe demais? – perguntou ela, e a preocupação infundiu o seu sotaque doce, tornando-o mais forte. Eu podia ficar a ouvi-la falar o dia todo.

– Não foste – disse eu e beijei uma gota de água que lhe caía de lado do pescoço.

A Savannah corou novamente, as sardas aparecendo aos milhares por causa do sol. Passou de novo as mãos pelo meu cabelo. O seu toque fazia-me sempre sentir melhor.

– Eu acho... acho que se calhar quero – disse eu. Dei uma gargalhada destituída de humor. – Mas não sei se será tarde demais. Acabei de me afastar da minha equipa júnior e nem sequer contactei Harvard. Recusei, simplesmente, ir. – Encontrei os seus olhos azuis. Combinavam com a cor do mar. – Os meus pais explicaram ao treinador, claro. Mas... – Suspirei. – Não fui profissional.

– Tu estavas... *estás*... de luto. Quem não entende isso não vale o teu tempo. Harvard teria sorte de te ter na equipa de hóquei no próximo ano. Tu és incrível.

Sorri com a ferocidade da sua voz. Depois voltei a suspirar.

– Ainda estou a trabalhar na coisa do hóquei. Preciso de um pouco mais de tempo.

– Certo – disse ela, simplesmente, e eu beijei-a. Não consegui evitar, bonita como ela estava. Quando recuei, ela perguntou: – Qual era o número da tua camisola?

– Oitenta e sete – disse eu. Passei a mão para cima e para baixo nas costas dela. – O Cillian era o número trinta e três.

Ela sorriu, provavelmente porque eu lhe tinha dado outro pormenor sobre o meu irmão. Beijei-a de novo e disse:

– Foste ótima com as crianças, hoje.

A Savannah suspirou.

– Achas?

– Eu *sei* – disse eu, e depois perguntei: – Estás preocupada com esta etapa da viagem?

– Estou – disse ela honestamente. O pôr do Sol brilhava na água ao nosso redor, deixando reflexos nos seus olhos e cabelos molhados. Fazia-a parecer um anjo. – Eu sei que o que eles planearam para nós vai doer. E muito, imagino.

Senti um aperto de apreensão no estômago. Ela tinha razão. Sabíamos que as próximas semanas seriam difíceis. Mas tínhamos chegado ali. E eu queria continuar. Segurei a Savannah com mais força nos braços.

– Por enquanto, podemos simplesmente desfrutar de estar aqui.

A Savannah pressionou a testa na minha.

– Vou gostar de estar onde quer que estejas.

O sentimento era recíproco.

Histórias Angustiantes e Raiva Extinta

Cael

O Retiro, Filipinas

Algumas semanas depois

XI COM O SANGUE ENREGELADO AO VER O SINAL. TIVEMOS DIAS INTEIROS QUE conduziram a este ponto. Sessões individuais. Sessões de grupo. Tudo o que se possa imaginar, nós fizemos. Foi brutal e intenso. Eu já estava perturbado, cansado e no meu limite emocional.

Mas era aquele o dia em que eu tinha de enfrentar o que aconteceu ao Cillian. Era quando encarava o que o Cillian tinha feito.

Não tinha orgulho nenhum em dizer que estava absolutamente apavorado.

A mão do Leo pousou nas minhas costas.

– Eu não te traria aqui se não achasse que és capaz de fazer isto – disse ele. Levou a mão ao peito. – Passei pela mesma coisa. E embora custe, e muito, ajuda *mesmo*.

Confiei no Leo. Quanto mais tempo passei com ele e com a Mia, mais fé tinha neles. E o Leo tinha percorrido o mesmo caminho que eu. Isto era o trabalho da sua vida. Eu tinha de confiar nele, se quisesse melhorar.

O tempo que passámos a reconstruir casas foi comovente. Eu tinha concordado em manter contacto com o Jacob por *e-mail* e por cartas. Mas fazer algo físico, como construir casas e abrigos, tinha sido

gratificante. Era com o lado emocional que eu mais me debatia.

A Savannah ia fazer a sua experiência de exposição dentro de alguns dias. Tinha passado tempo com médicos no retiro. A aprender tudo sobre como tratavam as pessoas, especialmente aquelas que sofriam de cancro. Dava para ver que ela tinha absorvido tudo como a aluna perfeita que era. Mas também dava para ver o que lhe custava. O peso que aquilo representava no seu luto pela Poppy. Dentro de poucos dias, ia para a ala de oncologia pediátrica de um hospital. Uma verdadeira exposição. Eu estava tão preocupado com ela. Tinha feito grandes progressos. Eu estava com medo de que aquilo a fizesse andar para trás.

Também me preocupava com o mesmo a meu respeito.

– Pronto? – perguntou o Leo.

Não, queria eu dizer. *Acho que nunca vou estar pronto*. Mas assenti. Eu tinha de fazer aquilo. Tinha de lutar pelo meu futuro. Chegara até ali. A empresa do Leo e da Mia detinha vários retiros à volta do mundo. Todos eles eram lugares para as pessoas saírem dos Estados Unidos e obterem ajuda profissional para qualquer problema que estivessem a enfrentar. O Leo e a Mia centraram o seu tempo no luto, em particular, embora contratassem outros terapeutas e psicólogos para ajudar os doentes com uma série de questões diferentes.

Transpusemos a porta e vimos um pequeno círculo de cadeiras, com alguns homens sentados nelas. O Leo tinha-me explicado que as pessoas que participavam nessa parte do retiro tinham tentado tirar a própria vida. Por variadas razões, ainda aqui estavam. Alguns dos homens olharam para mim quando entrámos. Nesse segundo, tudo o que vi foi vários Cillian a olharem para mim. Isso abalou-me tanto que me estava a ser difícil respirar.

– Leo – disse um homem, e cumprimentou o Leo com um aperto de mão. Virou-se para mim. – E tu deves ser o Cael. – Apertou-me a mão. Eu fazia tudo maquinalmente. Estava paralisado de medo. – Eu sou o Simon. Eu sou o terapeuta deste grupo. – Acenou com a cabeça para o Leo. – Ele é tecnicamente o meu chefe. – Tentou brincar, sorrir, claramente para me deixar à vontade, mas eu não me conseguia mexer. Só via os homens a olharem para mim. Tinham tentado acabar com as suas vidas. Mas isso não aconteceu.

Porque é que o Cillian não podia também ter continuado vivo?

O Leo levou-me, em estado catatônico, para junto do grupo, e eu sentei-me. Aceitei uma garrafa de água, mas fiquei apenas com ela na mão. O Leo sentou-se ao meu lado, um apoio silencioso. Eu tinha a garganta seca e apertada, e o meu coração estava acelerado demais. Os meus olhos saltavam de homem para homem, perguntando-se o que tinham feito, mas mais do que isso, porquê. Teriam família? Será que algum deles era um irmão mais velho que quase deixou os mais novos para trás?

– Cael, falei com o grupo e disse-lhes que tu vinhas. – Eu tinha os olhos arregalados e o suor a brotar na testa. – Todos aqui estão dispostos a partilhar a sua história contigo. Para te ajudarem a compreender.

A minha respiração estava agitada. Tanto que o Leo se aproximou.

– Respira como te ensinámos, Cael. Tu consegues.

Pensei na Savannah. Pensei em como respirava com ela: inspirar por oito segundos, reter o ar por quatro, expirar por oito. Imaginei-a ali, também a contar comigo. Os homens começaram então as suas histórias. Uma a uma, excruciantes. E eu ouvi atentamente.

– ... e depois acordei – disse o Richard, um dos pacientes, a sala completamente silenciosa, com exceção da sua voz. Passou a mão pelo rosto, como se só de falar da sua experiência fosse empurrado para lá, para aquele lugar mau. – Percebi que não me tinha ido embora. Em vez disso, estava no hospital. Os meus pais sentaram-se de ambos os lados da cama, agarrando-me as mãos como se nunca me fossem largar. Eu tinha-os aterrorizado. – Senti um aperto nos pulmões perante essa imagem. O Richard olhou para mim diretamente. – Eles não faziam ideia do quanto eu estava a sofrer... Eu não lhes disse. Tornei-me mestre do disfarce. – Muitos dos outros homens acenaram, concordando. – Eu *queria* ir-me embora. Não foi um grito de socorro. No começo, estava furioso por não ter funcionado. Mas... – Suspirou e eu vi um pouco da perturbação e da dor perpassarem-lhe o rosto. – Mas depois consegui ajuda e agora estou muito grato por estar aqui. Falo sinceramente.

Eu estava feliz pelo Richard, estava mesmo. Tão feliz por ele ter tido uma segunda oportunidade na vida. Mas eu só conseguia pensar no Cillian. Que talvez se eu tivesse sido melhor na reanimação, o *pudesse* ter salvo. Podia tê-lo trazido de volta e podíamos tê-lo ajudado como o Richard e aqueles outros homens receberam ajuda.

À medida que o grupo partilhava os seus testemunhos, as suas histórias eram todas diferentes, mas um aspeto se distinguia que era sempre o mesmo. A depressão incapacitante com que todos sofriam. O transtorno opressivo que fazia muitos sentirem que a vida não valia a pena ser vivida e que a morte era a única saída.

Eu sabia que o Cillian tinha sentido isso. O bilhete que ainda estava na minha carteira dizia-me isso. E pelas histórias que me foram contadas, sabia que muitos tinham sofrido sozinhos, em silêncio. Mas, para minha vergonha, a raiva que eu sempre senti em relação ao Cill continuava lá. Consegui dominar as minhas explosões e a forma como a raiva controlava a minha vida. Mas no que tocava ao que eu sentia em relação ao meu irmão, não conseguia ver-me livre dela. Estava tão danado com ele. Fiquei para ouvir a história de todos, para não ser desrespeitoso com quem se abria comigo, mas, no minuto em que a última pessoa acabou de falar, levantei-me da cadeira e saí da sala.

Eu precisava de respirar. De me mexer. Porque o Cillian podia ter-me dito. *Devia* tê-lo feito. Nós éramos tão chegados

Porque é que não me contou e pronto?

– Cael? – Simon, o líder do grupo, veio para o meu lado enquanto eu andava de um lado para o outro no pedaço de relva verde, do lado de fora da sala de terapia do retiro. Vi o Leo na porta, a observar.

– Não consigo – disse, rangendo os dentes. – Não consigo falar sobre isso.

O Simon sentou-se no banco próximo e disse:

– Podes sentar-te?

Eu não queria. Sentia-me carregado de uma energia infinita. Precisava de correr, correr sem parar. Tinha recomeçado a correr todos os dias, e a minha forma física estava a voltar. Isso ajudava. Mas agora não sabia bem se correr um milhão de maratonas ajudaria a arrefecer aquele inferno em chamas dentro de mim. Eu não queria ficar com raiva de novo. Não podia voltar a ser aquela pessoa que tinha sido antes.

– Por favor – disse o Simon.

O Leo voltou a entrar, para junto do grupo. Achei que nem ele iria conseguir chegar a mim naquele momento. O Simon esperou mais alguns minutos por mim, até que me sentei ao seu lado. A minha perna

tremia, mas fiz o que ele pediu. Quando me sentei, olhei para as palmeiras e para o sol brilhante. Estava um dia escaldante, mas eu sentia um inverno dentro de mim.

– Não partilhei a minha história ali – disse ele. Imobilizei-me, mas continuei a olhar para frente. – Eu não tentei tirar a minha própria vida.

Concentrei-me na respiração. Eu respeitava tanto os homens lá dentro por me contarem a sua história, de como a depressão lhes roubou tudo até sentirem que não tinham outra saída a não ser a morte. Mas eu continuava sem conseguir compreender por que razão o Cillian não me tinha contado como se sentia. Não havia dois irmãos mais chegados do que nós. Contávamos tudo um ao outro.

– Quando eu tinha dezoito anos, o meu irmão suicidou-se – disse o Simon, e eu parei de me mexer.

Senti-me como se tivesse levado com um martelo no peito. Devagar, virei-me para o Simon. Ele estava a olhar para as nuvens, mas depois encontrou o meu olhar, quando me sentiu a observá-lo. Os seus olhos ainda guardavam alguma tristeza.

– Eu fiquei como tu. Zangado. Éramos chegados, eu e o meu irmão, o Thomas. – Sorriu. – Fazíamos tudo juntos. Eu era o mais novo, tal como tu. – O Simon sentou-se para a frente, com os cotovelos nas pernas. – E tal como contigo, ele não me disse como se sentia antes de nos deixar. Fiquei furioso. Fiquei tão zangado que isso me consumiu, como uma doença. Até que um terapeuta me fez uma pergunta que virou tudo do avesso.

– Qual foi? – perguntei, com a voz áspera, mas cheia de desespero.

Eu queria saber qualquer coisa que pudesse levar aquela raiva para sempre. Isso haveria de me ajudar a ver o Cillian de forma diferente. Eu amava-o. Só precisava de uma maneira de *compreender*.

O Simon recostou-se e enfrentou-me de novo.

– Todos sabemos que a depressão é um transtorno de humor desagradável e destrutivo. Mas o problema é que muitas pessoas ignoram até que ponto pode ser debilitante. – A culpa, veloz e forte, envolveu o meu coração.

O Simon suspirou.

– Deixa-me perguntar-te uma coisa, Cael. – Eu atentava em cada palavra sua. – Se o Cillian tivesse tido uma doença terminal, se ele tivesse tido uma longa batalha com, digamos, o cancro, estarias com raiva dele por ter morrido?

Só de imaginar o Cillian a morrer dessa forma fiquei com um buraco interminável no estômago.

– Claro que não – disse com veemência. – Quem pensaria uma coisa dessas?

– Repara, Cael – disse o Simon suave e cuidadosamente –, para algumas pessoas, pode ser tão difícil viver com a depressão que ela é uma doença terminal. – Algo estava a acontecer ao fogo dentro de mim, enquanto ele falava. Estava a enfraquecer. A perder o calor.

Segundo a segundo, enquanto eu repetia na minha cabeça as palavras do Simon, aquele escudo protetor no meu peito começou a cair, expondo o coração mutilado e cheio de tristeza que estava dentro dele. «Para algumas pessoas, pode ser tão difícil viver com a depressão que ela é uma doença terminal...»

– A depressão é uma doença que corrói toda a felicidade e luz, até não ficar mais nada a não ser impotência e desespero. Da mesma forma que o cancro devasta o corpo, a depressão devasta a mente, a alma, o espírito. É um assassino silencioso, que rouba a vida gradualmente, momento a momento, apagando toda a luz da alma. – O Simon pôs a mão nas minhas costas. – Entender isso pode ajudar a dissipar a raiva que sentes pelo Cillian por te ter deixado. E talvez colocar-te no caminho do perdão e dar-te uma oportunidade de o chorares sem fazeres juízos de valor. Ajudar-te a entender porque é que ele fez o que fez e que não podias ter feito nada para o impedir... e, no final, nem ele.

Cillian... Não...

Dobrei-me e deixei o fogo extinguir-se completamente, até eu ficar em magoado, exposto e torcido de culpa. E vieram as lágrimas. Chegaram tão ligeiras e livres que eu mal conseguia respirar, mal conseguia ver. O Cillian estava doente. Ele não queria deixar-nos, deixar-me, mas a sua doença levou-o. Da mesma forma que a Poppy foi tirada à Savannah. Ele não podia evitar... O meu irmão não conseguiu evitar fazer aquilo.

– Vamos levar-te de volta para o teu quarto, filho – disse a voz suave do Leo, atravessando o meu colapso emocional.

Quando olhei para cima, o Sol tinha saído do céu e a Lua estava a nascer, as estrelas irrompendo no céu negro às centenas. O Simon continuava ao meu lado. Tinha ficado comigo enquanto eu me desfazia.

Devemos ter ficado ali durante horas, suspensos no tempo, com aquela nova perspetiva.

O Leo enfiou o braço no meu e ajudou-me a pôr-me em pé. Sentia-me fraco, como se as minhas pernas fossem ceder a qualquer momento. Agora sem culpa, foi como se eu tivesse acabado de perder o Cillian de novo.

– Eu segurei-o nos meus braços – sussurrei ao Leo e apoiei-me nele, agarrando-o os seus braços com força.

– Eu sei, filho. Eu sei.

– Ele não vai voltar – disse eu, e os gritos arrancados do meu peito eram brutais e dolorosos. As minhas emoções cederam. A tristeza que se seguiu foi uma avalanche, acumulando-se mais e mais, até ser imparável.

– Cael?

Uma voz que eu reconheceria em qualquer vida rompeu a névoa da minha dor. Olhei para cima com os olhos inchados e vi a Savannah a correr, com a Mia atrás dela.

– Savannah... – disse eu, e ela envolveu-me nos seus braços.

Eu tinha chamado por ela? Talvez. Não me conseguia lembrar.

Pesado demais para ela me segurar, caímos no chão, batendo com os joelhos na relva, e rendemo-nos completamente à minha tristeza.

– A culpa não foi dele. – Baixei-me e segurei-a contra o peito. O seu cheiro a cerejas e amêndoas também me envolveu, mantendo-me seguro na nossa bolha. – A culpa não foi dele, Pêssego. Ele estava doente. Ele estava doente e não conseguia lutar... – Destrocei-me na curva do seu pescoço. Eu sabia que o Leo e a Mia estavam por perto, a vigiar. Pelo sim pelo não.

– Ele estava doente, querido – disse a Savannah, passando a mão para cima e para baixo nas minhas costas. – Era uma pessoa tão boa, que te amava tanto. Ele não te teria deixado se tivesse opção. Eu não o

conhecia, mas sei disso. – Agarrei a camisa da Savannah com mais força e fiquei apenas assim, enquanto o meu corpo descamava meses e meses de raiva, culpa, vergonha e tristeza no chão debaixo de nós.

O Leo e a Mia acabaram por ajudar-nos a voltar ao meu quarto. Deitei-me na cama, exausto e sentindo-me tão dilacerado, que era como a dor de uma ferida aberta. A Savannah sentou-se ao meu lado. O Leo sentou-se numa cadeira do meu outro lado.

Imaginei o Cillian nos meus braços, quebrado e falecido. A culpa não tinha sido dele... ele não tinha culpa. Mas *eu* culpei-o. Eu era o irmão mau.

Pestanejei no quarto, sentindo que estava a ver tudo de maneira diferente agora. A Savannah mexeu-se ao meu lado e eu enrosquei-me no seu colo, os braços cingindo-lhe bem a cintura. Eu queria ter a certeza de que ela não me podia deixar também. Ouvi o leve fungar da sua própria tristeza. Eu nunca tinha estado tão grato pelo amor e apoio de uma pessoa em toda a minha vida, como naquele momento.

– Vou dar-vos uns momentos a sós – disse o Leo, falando claramente com a Savannah. – Voltarei em breve. Liga, se precisares de mim.

– Obrigada – disse ela baixinho.

Ouvi-o sair do quarto e abracei a Savannah ainda com mais força.

Respirar magoava-me o peito e os meus membros pareciam feitos de chumbo. Olhei para a Savannah e encontrei os seus olhos azuis e tristes.

– Amo-te, Pêssego – disse, com voz áspera. – Eu... lamento... – disse eu, sentindo-me culpado por ter depositado aquilo tudo aos seus pés.

A Savannah desceu na cama até estar ao meu lado.

– Amo-te – disse ela e afastou-me o cabelo da cara. – Não há nada a lamentar. – Tinha a preocupação estampada por todo o seu belo rosto. Preocupação comigo.

– Ele partiu, Sav – disse eu e, pela primeira vez num ano, deixei que esse facto se instalasse realmente dentro de mim.

Era como ser fustigado por mil lâminas. Mas eu tinha deixado entrar. *Por fim*. Tudo. Por inteiro. Cada grama de dor.

– Eu sei – sussurrou a Savannah.

Senti a tristeza na sua voz e no seu toque.

– Nunca mais vou vê-lo nem falar com ele.

– Eu sei.

A Savannah deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

– Então e... e se ele não estiver num lugar melhor?

Senti um aperto no coração com esse pensamento. E se ele nunca tivesse chegado a onde quer que nós vamos?

– Ele está em paz – disse a Savannah com convicção.

Dava para ouvir na sua voz que ela acreditava nisso.

– Dói – disse eu e entrelacei os dedos nos dela.

Apertei-lhe a mão duas vezes. O nosso sinal de que eu estava a cair. Mas eu sabia que, desta vez, tinha de ser. Eu tinha de sentir aquilo. Tinha de permitir a entrada do verdadeiro luto para depois melhorar.

– Tu és forte – disse a Savannah. – E eu vou estar aqui por ti, quando não fores.

Deitei a cabeça na barriga dela e agarrei-a com força. Comecei a sentir as pálpebras pesadas, o sono puxando-me para baixo. Mas quando me afastei, imaginei o rosto do Cillian e disse, em silêncio: *Desculpa, Cill. Desculpa por não ter compreendido...*

Tenho saudades tuas.

Amo-te.

E oxalá pudesses ter ficado...

Céu Escuro e Estrelas Mais brilhantes

Savannah,

Acho que a parte mais difícil da minha doença é ver o impacto que ela teve em todos vocês. Lembro-me de um dia em particular, em que tu e a Ida me vieram ver ao hospital. Tinham-me dito que o meu plano de tratamento estava a falhar e que só me restavam meses de vida. E lembro-me de cruzar o olhar com o teu e de saber que tu tinhas noção disso. Que eu estava a morrer. Eu tinha-me conciliado com a ideia. Mas sentir-te destroçada no meu abraço foi um dos piores momentos da minha vida.

Não há nada pior do que ver aqueles que se ama desfeitos pela tristeza. Dói tanto porque está fora do nosso controlo. E eu rezo, de todo o coração, para que os meus últimos meses sejam lindos. Não quero deixar que a escuridão me consuma, mesmo nas circunstâncias mais terríveis.

Espero que, quando leres isto, a tua vida esteja cheia de amor e luz. Se não estiver, a minha tarefa para ti é trabalhar no sentido de deixar essa luz entrar. Banha-te em graça, e a luz e a esperança se espalharão para aqueles que te rodeiam. Contagia-os de alegria. Cobre-os de um amor tão inexorável que eles não tenham escolha, a não ser sentir esse amor até à medula.

Aqui sentada neste momento, rezo para ter feito isso por ti. Pela mamã e pelo papá, pela Ida. E pelo Rune, que ficou tão magoado com a minha ausência quando estava na Noruega que eu não sabia se ele poderia voltar a sentir alegria. Mas vejo-o sorrir cada vez mais todos os dias. Ele caminha ao meu lado, a alma gémea que eu sempre soube que ele era.

Procura a felicidade, Savannah. E depois, espalha essa felicidade e esperança por todos aqueles que encontrares. Especialmente aqueles que mais precisam. Tu és o meu raio de sol. E sempre serás. Eu sei que também podes sê-lo para aqueles que precisam.

Com amor,

Poppy

* * *

Savannah

Prendi o cabelo numa trança francesa e pus umas bolinhas simples de ouro nas orelhas. Alisei os vincos da camisa e das calças. Estava pronta. O bater do meu coração parecia tão forte que pensei que seria capaz de vê-lo por baixo da camisa. Mas fui bem fundo, trabalhei a respiração e mantive as costas direitas.

Eu consigo fazer isto, disse para com os meus botões. Fechei os olhos e, em silêncio, disse: *Poppy, por favor, põe a mão nas minhas costas e ampara-me neste momento.*

Abri os olhos e senti a picada das lágrimas nos olhos. Mas afastei-as e virei-me para o Cael, que estava sentado na cama do meu quarto. O Leo deixava-o ficar ali durante o dia, desde que a porta se mantivesse aberta. Ele tinha chegado à primeira luz da manhã. O Leo já tinha vindo ver como estávamos por diversas vezes. Como estava o Cael. O Leo mal tinha saído do seu lado desde aquele seu grande avanço.

O Cael observava-me, cheio de tristeza no olhar. Os últimos dias tinham sido difíceis para ele. E partiu-me o coração. Depois de ouvir o grupo de homens, alguns dias antes, e depois de falar com o Simon, que o ajudou a reformular os seus pensamentos, o Cael debateu-se imenso.

Virei-me e sentei-me ao lado dele. Estendeu a mão. Se possível, os últimos dias tinham-nos aproximado ainda mais. Vi-o chorar. Ficou preso nas garras da insónia. Estava atormentado de dor. Mas eu abracei-o ao longo de tudo isso. E naquelas horas em que ele estava mais perdido e o seu coração se sentia magoado, ocorreu-me que eu tinha ultrapassado essa fase. Desde que estive nessa jornada com Mia e Leo e meus novos amigos, com Cael, eu de alguma forma fiquei mais forte.

Eu tinha encontrado maneiras de seguir em frente.

As minhas veias eram atravessadas por uma sensação de calor e lembrei-me das palavras da Poppy no seu diário. *Procura a felicidade, Savannah. E depois, espalha essa felicidade e esperança por todos aqueles que encontrares. Especialmente aqueles que mais precisam. Tu és o meu raio de sol. E sempre serás. Eu sei que também podes sê-lo para aqueles que precisam.*

– Como te sentes? – perguntou o Cael, com voz rouca.

Senti o estômago às voltas.

– Nervosa – disse eu e passei os lábios pelas nossas mãos dadas.

O Cael estendeu a mão livre para a levar à parte de trás da minha cabeça e me puxar para si. Beijou-me, leve e compassivamente. Caí nos seus braços e meu coração inchou. Por mais partido que ele se sentisse naquele momento, estava lá do meu lado, sempre a ver se eu estava bem.

Olhei para o sol, do lado de fora da janela.

– Tenho medo de não conseguir lidar com o facto de ver. De ver os doentes. – Engoli o nó que tinha na garganta. – Especialmente aqueles que não vão conseguir.

O Cael segurou-me com mais força e depositou um rasto de beijos no meu cabelo. Eu conseguia ver a Poppy à minha mente. Quando ela estava mais doente e frágil, a pele amarelada. Vi-a nos primeiros dias do tratamento, quando o cabelo se foi e ela estava deitada na cama do hospital, com o que parecia ser um milhão de fios presos à sua pele. Imaginei-a perto do fim, quando ela estava em coma e pensámos que nunca mais conseguiríamos falar com ela, para lhe dar o nosso último adeus.

Mas, para me tornar a médica que eu queria ser, tinha de enfrentar aquilo. Tinha de tentar. Pela Poppy. Pelas crianças como ela. Pelas famílias que punham a vida dos filhos nas mãos dos médicos que

tentavam ao máximo salvá-los.

Este seria o meu primeiro passo para realizar esse sonho. O sonho que estava determinada a realizar, em homenagem à minha irmã. Em homenagem à minha mãe e ao meu pai, a mim e à Ida e a todas as famílias que foram vítimas de cancro.

– Eu sou capaz de fazer isto – disse eu. Enxuguei as lágrimas e sentei-me mais direita.

Tinha os olhos baixos, não tão confiantes como fazia transparecer, mas o Cael segurou-me o rosto com as mãos em concha e alinhou-o com os seus olhos.

– Não conheço ninguém que seja mais capaz de fazer isto.

– Amor... – disse eu, e ajustei a cabeça ao seu toque, beijando-lhe a palma da mão.

O Cael levou-me de novo aos seus lábios, beijando-me uma vez para me dar coragem, depois disse:

– Vou estar aqui quando voltares. – Ouvi a insinuação no seu tom de voz. Iria estar para o que desse e viesse, caso eu ficasse destroçada com a terapia de exposição. Destruída pelas crianças doentes que veria nesse dia.

Alguém bateu à porta e a Mia enfiou a cabeça no quarto.

– Pronto, Savannah? – Assenti. A Mia sorriu, depois olhou para o Cael. – O Leo está à tua espera, Cael.

Dei um último beijo ao Cael, levantei-me e saí pela porta, só olhando para ele mais uma vez, em busca de forças. Ele dirigiu-me um sorriso fantasma que eu sabia que sabia que lhe estava a custar. Caminhei então com a Mia até chegarmos a um carro que nos levaria ao hospital pediátrico.

– Como te sentes? – perguntou a Mia enquanto saíamos da segurança do retiro.

– Nervosa – disse eu. – Mas... – Fiz uma inspiração fortalecedora. – Mas pronta, creio eu.

– Percorreste um longo caminho, Savannah – disse ela, e eu ouvi o orgulho na sua voz. – Fizeste avanços incríveis.

– Obrigada – disse eu, e pensei no jantar da véspera.

O grupo estava taciturno, tendo todos, exceto eu, ido às respectivas sessões de exposição. O Dylan encontrou-se com pessoas que perderam parceiros ou melhores amigos. Tinha os olhos vermelhos quando voltou, mas havia também uma leveza neles. O Travis tinha-se encontrado com alguns sobreviventes de catástrofes que causaram a morte a colegas de turma. A Lili, com adolescentes que perderam os pais. E a Jade encontrou-se com pessoas que perderam familiares em acidentes de carro. E depois, claro, havia o Cael.

A Mia e o Leo apresentaram-me a alguns oncologistas que eles conheciam através dos seus programas. Passei dias a conversar com eles, a ouvi-los falar das suas vidas e carreiras. Isso deixou-me ainda mais determinada a tornar-me médica. Quando a Dr.^a Susan Dela Cruz, uma das oncologistas chefes do hospital pediátrico local, perguntou se eu gostaria de ir à ala oncológica e acompanhar os seus passos, eu não tinha a certeza se era capaz. Mas depois de conversar com a Mia e o Leo, decidimos que me faria bem.

Estava abalada pelo medo. Mas se houve coisa que aquela viagem me ensinou foi que o medo tinha de ser enfrentado para poder ser derrotado. *Eu* precisava de o derrotar. Estava farta de fugir.

Uma hora depois, chegámos à cidade e parámos em frente a um edifício alto e branco, o hospital pediátrico. As minhas memórias de hospitais estavam envoltas em escuridão. Mas tentei mudar os meus pensamentos e vê-lo antes como um lugar de segurança e esperança para os que são atingidos por doenças que põem a vida em risco.

Um lugar de cura e não de perda.

Enquanto transpúnhamos as portas de vidro, o cheiro a desinfetante acumulava-se à minha volta. Fui imediatamente empurrada de volta para a Poppy, deitada na sua cama, em coma, perfurada por fios e oxigénio. Mas respirei enquanto sentia a dor dessas memórias e foquei-me na saída dela do hospital. Em quando chegou a casa para passar os últimos dias com aqueles que mais amava. Em paz.

A Susan perscrutou o meu rosto.

– Como nos sentimos?

– Eu quero fazer isto – disse eu, e esperei ter a mão da Poppy nas minhas costas, como eu lhe tinha pedido.

Precisava que ela me ajudasse a atravessar aquilo. Segui a Susan até chegarmos à enfermaria de oncologia.

– Temos a enfermaria cheia – disse a Susan, e o meu coração caiu num abismo. Tantas crianças. Ela deve ter visto a tristeza nos meus olhos, pois estendeu a mão e colocou-a no meu ombro. – Estamos confiantes de que podemos salvar muitas delas.

Mas nem todas...

Acenei com a cabeça, incapaz de encontrar a minha voz. Eu escolhia agir com graça. A minha força e convicção para o fazer tinham diminuído momentaneamente, mas eu continuava ali. Continuava a tentar.

A Susan introduziu um código de segurança na porta e entrámos na enfermaria. As enfermeiras vieram falar com ela. Como eu não falava a língua, não era capaz de acompanhar o que diziam, por isso deixei que o meu olhar se desviasse para as janelas à volta dos quartos. A tristeza apertou-me o coração ao ponto da dor quando vi um menino sem cabelo deitado na cama, a ler um livro. Estava pálido e magro, e ao seu lado encontrava-se uma mulher que supus ser sua mãe, a segurar-lhe a mão como se nunca fosse largá-la. Ao seu lado estava outro paciente – uma menina, com não mais de dez anos, a dormir na sua cama, com tufo de cabelo a crescer no seu couro cabeludo liso.

Choveu sobre mim um ataque de memórias; recordar a Poppy nesses estágios variados era como ter balas a perfurar a minha força. A mão da Mia pousou nas minhas costas e, por um segundo, eu honestamente pensei que tinha sentido a Poppy.

– Se for demais, podemos sair por alguns minutos – disse a Mia, e eu abanei a cabeça.

Ia ficar. Eu queria ficar para enfrentar aquilo.

Estava na hora.

A Mia assentiu, justamente quando a Susan voltava para mim com um gráfico.

– Vou agora começar as rondas – disse ela, ao ver o meu estado abalado. – Eu sei que não vais compreender a língua durante a maior parte do tempo, mas temos uma menina, de catorze anos, cujo pai é inglês. Achei que, se quisesses, podias falar com ela.

Senti o pulso bater no pescoço. A Susan sorriu.

– Ela sabe que tu vens. Está empolgada para te conhecer
– Está bem – disse, com voz rouca. Catorze anos. Não muito mais nova do que a Poppy era quando lhe diagnosticaram a doença. Olhei para a Susan. – Ela está a melhorar?

Percebi imediatamente, pela expressão dorida da Susan, que não estava. – Tem linfoma de Hodgkin, estágio quatro. Só tem alguns meses de vida. Deixou de responder ao tratamento.

Senti o brilho das lágrimas na minha visão. Tinha a mesma doença da Poppy.

E estava a morrer.

– Queremos que enfrentes as coisas, Savannah, mas apenas o máximo que conseguires – disse a Mia, e a Susan assentiu.

Imaginei o rosto sorridente da Poppy. Como ela foi forte e vibrante até o final.

– Eu quero fazer isto – disse, com voz rouca. – Quero falar com ela.

O sorriso de resposta da Susan era rasgado.

– Vamos fazer a ronda primeiro; depois, levo-te à Tala.

Tala. O nome dela era tão bonito.

Segui a Susan até à primeira sala, recuando o suficiente para lhe dar espaço para fazer o seu trabalho. Ouvi o tom suave que usava para falar com as crianças, vi o seu sorriso rasgar-se e ela tratá-las com tanta bondade e respeito me inspirou reverência.

A Susan disse-me, antes de entrarmos em cada quarto, em que ponto da doença a pessoa se encontrava. Se estava a começar a quimioterapia, se estava quase a acabar. Mas os mais dolorosos foram os que estavam em cuidados paliativos. Eu ia ao encontro dos seus olhos cansados e sorria. Quando algum tentava retribuir o sorriso, quando os pais me apertavam a mão, eu era atingida por um momento de pura raiva. Não era justo que estivessem a perder a batalha. Não era justo que as famílias os estivessem a perder, lentamente, dia após dia.

Mesmo aqueles que estavam tristes, a chorar e exaustos, para mim brilhavam com a força interior de guerreiros.

Como sucedera com a Poppy.

Parámos no último quarto. A Susan virou-se para mim.

– Este é o quarto da Tala. – O meu coração mergulhou num abismo e eu controlei a respiração. Não queria que ela me visse perturbada. Já lhe chegava aquilo por que estava a passar.

– Estou pronta – disse, e endireitei as costas.

A Susan entrou num quarto privado e eu segui-a até ao interior. A Tala estava deitada na cama. Era frágil, de cabelos curtos. Tinha a mala ao lado da cama e estava vestida com roupas do dia a dia. Quando me viu, o seu sorriso era ofuscante.

– Tala – disse a Susan. – Como te sentes? – Desta vez, falou em inglês.

– Bem – disse ela, e voltou a olhar para mim. O meu coração parou quando vi que ela tinha olhos verdes. Senti o lábio inferior tremer, mas respirei fundo e contive-me. – És a Savannah? – perguntou ela, com um leve sotaque na voz. Era tão lindo.

– Sou – disse, e emocionei-me ao apertar-lhe a mão. A Tala agarrou-me com firmeza.

– A doutora Dela Cruz disse-me que eu ia ter uma visita hoje. Da América. – Um sorriso empolgado espalhou-se nos seus lábios.

– É uma honra conhecer-te, Tala – disse eu, certificando-me de que a minha voz estava firme.

– Queres ser médica? – perguntou a Tala.

– Isso mesmo.

– Porquê? – perguntou ela, e eu senti o sangue enregelar.

Olhei para a Susan, a Dr.^a Dela Cruz, que acenou com a cabeça, encorajadora. Disse então à Mia:

– Vamos deixar as meninas conversarem um bocadinho?

A Mia olhou para mim e eu assenti. A Mia e a Susan saíram do quarto e a Tala deu uma palmadinha na borda da cama.

– Por favor, senta-te – disse ela. – A minha família chega não tarda. – Sorriu. – Vou para casa hoje... – Interrompeu-se e eu sentei-me ao seu lado. Eu sabia por que razão ela ia para casa. Pela mesma razão que a Poppy foi, perto do fim.

A Tala nunca me largou a mão. Estava fraca, no entanto tinha tanta força.

– Porque é que queres ser médica? – perguntou novamente. – Para doentes com cancro? – acrescentou.

– Sim – disse eu. – Oncologia pediátrica, especificamente. – Ela estudou-me e esperou que a outra parte da sua pergunta fosse respondida. – Tive uma irmã mais velha... – disse eu e esforcei-me mesmo para manter a voz firme e afastar as lágrimas dos olhos. – Teve cancro, linfoma de Hodgkin. Como tu.

O rosto da Tala ficou sério.

– Onde está ela agora? – perguntou, e a minha alma chorou.

Olhei para os seus olhos verde-floresta.

– No Céu – disse eu, e deixei-me acreditar nisso, com todo o coração.

Os dedos da Tala apertaram os meus. Ela olhou para as nossas mãos unidas. E depois disse:

– Eu também estou a morrer. – Estas poucas palavras causaram um rasgo poderosíssimo na minha alma.

– Eu sei – sussurrei, e agarrei-lhe a mão com mais força.

Um mar de lágrimas fez brilhar os seus olhos verdes.

– Tento não ter medo. Mas às vezes... – Engoliu em seco, e derramou uma única lágrima, que deslizou pela sua face. – Às vezes não consigo evitar.

– É compreensível – disse eu, e aproximei-me dela. – Aquilo que estás a passar é a coisa mais difícil que uma pessoa pode enfrentar.

– A tua irmã estava com medo? – perguntou ela, e depois disse: – Como é que ela se chamava?

– Poppy – respondi. – O nome dela era Poppy.

– Poppy – disse a Tala, experimentando o som do nome. Sorriu. – Gosto do nome.

Esperou que eu respondesse à sua pergunta anterior.

– A Poppy não estava assustada – disse eu. – Pelo menos, tentou não estar. – Pensei na resiliência da Poppy, nos seus sorrisos e na felicidade inata que irradiara até ao último suspiro. – Ela estava tão feliz. Adorava com toda a garra a família e o namorado. Amou a *vida*... até ao fim.

A Tala virou a cabeça e olhou para uma fotografia que tinha ao lado da cama. Havia uma mulher filipina, um homem caucasiano, um menino e uma menina. E, claro, a Tala, a abraçá-los a todos.

– Eu também adoro a minha família – disse ela, passando o dedo pelos rostos sorridentes. Voltando-se para mim de novo, disse: – Acho que o meu maior medo é deixá-los para trás.

– O da Poppy também. – Envolvi as mãos dela nas minhas. – Mas nós estamos bem – disse eu e senti algo mudar dentro de mim. Eu estava a melhorar. Pela primeira vez em quatro anos, tinha esperança de estar a melhorar. De *ficar* bem. Sorri. – E eu ainda falo com a Poppy – disse eu. – Na campa dela, perto de onde moramos. E falo com ela nas estrelas.

– Estrelas? – perguntou a Tala.

Fiz-lhe um pequeno sorriso.

– Gosto de pensar nela a brilhar sobre mim, a viver entre as estrelas. – Caiu-me uma lágrima na cara. Mas era feliz. Eu estava a recordar a Poppy com *felicidade*. – Ela brilhou tão intensamente nesta vida, que eu sabia que só poderia brilhar ainda mais na próxima.

A Tala estava a sorrir, mas depois vacilou.

– Gosto disso... o que dizes sobre as estrelas – disse ela.

– Então o que se passa? – perguntei, percebendo que estava a pensar em alguma coisa.

– É só que me sinto muito cansada. Tão cansada. – Levantou o olhar para o meu. – Não sei se brilho tanto como a tua irmã. Às vezes sinto que a minha luz está a esmorecer. Que as coisas estão a ficar escuras.

O meu coração parou, ao ouvir as suas palavras tristes. Inclinando-me, apertei-lhe as mãos com mais força e disse:

– As estrelas brilham mais no escuro.

O sorriso que ela me deu em troca rivalizava com o brilho das estrelas, da Lua e do próprio Sol.

– O meu nome, Tala, em tagalo, a nossa língua, significa «estrela brilhante». – disse ela. – Tenho o nome da deusa das estrelas.

Foi então que a senti. Uma vibração do destino brilhar entre nós. A sensação de uma mão macia a pressionar-me as costas, e soube que a Poppy estava ao meu lado. Uma sensação de destino ou algo parecido impregnou o quarto. Eu sabia que o caminho da Tala e o meu deviam cruzar-se. Eu devia conhecê-la e ela a mim.

Alguém bateu e a Susan enfiou a cabeça pela frecha da porta.

– Tala, está aqui a tua família para te levar para casa.

A porta abriu-se e um menino e uma menina entraram e saltaram para a cama da Tala, envolvendo-a com os seus bracinhos.

– Vais voltar para casa, querida! – disse um homem, com sotaque inglês, da porta, e corou ao de leve quando me viu ao lado da filha. – Oh, desculpe interromper.

– Não faz mal – disse eu.

Quando olhei para ele, vi os olhos verdes da Tala fitarem-me. Sorri para ele e para a mulher, que veio em seguida: a mãe.

Levantei-me da cama e larguei a mão da Tala. Ela sorriu para mim.

– Adeus, Savannah.

– Adeus, Tala – disse eu, com a garganta embargada. Porque eu sabia que nunca mais a veria.

Ela engoliu em seco, depois disse, por cima da cabeça da irmã e do irmão:

– Vejo-te das estrelas.

Dirigi-lhe um sorriso fraco.

– Vou estar à tua procura – consegui dizer, antes de sair da enfermaria e ir diretamente para o quarto privado da família, à esquerda.

Levantei a cabeça em direção ao teto e deixei as lágrimas caírem em rios gémeos dos meus olhos. Cobri o rosto com as mãos e deixei transbordar toda a tristeza pela situação de Tala.

A Tala era tão corajosa, tão pura. Era uma alma tão bonita e não merecia morrer.

– Savannah? – A Mia entrou na sala, seguida pela Susan, que fechou a porta atrás delas.

– Eu quero fazer isto – disse eu, sem sombra de dúvida no meu coração, e a voz carregada de emoção. – Quero ser oncologista pediátrica. Quero ajudar a curar estas crianças, que não merecem estar doentes. Quero trabalhar tanto que, um dia, o cancro deixe de afastar as pessoas das suas famílias. Quero ajudar para que o cancro, *todos os cancros* sejam curáveis. Quero. Tanto.

A cada palavra dita, a minha voz ganhava força. Eu fiquei mais forte. Queria tanto. Iria para Harvard nesse outono. Seria aluna do curso de pré-Medicina e não pararia até que nenhuma outra família tivesse de perder uma Poppy ou uma Tala. Um ramo precioso da sua árvore genealógica.

– Eu sou capaz – disse eu à Mia. – Eu sei que sou. – Sorri e disse: – Porque vou ter a Poppy no meu coração.

Os olhos da Mia brilharam e segurou-me nos seus braços.

– Estou tão orgulhosa de ti, minha menina.

– Obrigada – sussurrei.

A verdade é que eu também estava orgulhosa de mim. E estava imensamente orgulhosa da Poppy por me fazer ver isto. Pelo seu diário, que me puxou e segurou através das páginas quando eu não tinha os braços dela para me abraçarem na vida real. E estava orgulhosa da Tala, por me permitir esta dádiva: de falar com ela, de me ajudar a encontrar a minha força interior quando eu pensava que ela se tinha perdido. Era uma honra tê-la conhecido.

Saí do hospital com uma nova determinação no meu passo e um sentido de desígnio no coração. Eu assumiria o que viesse a seguir com gratidão no meu peito. Porque eu tinha uma luz que podia partilhar com o mundo. Tal como a Poppy tinha. Partilhávamos o mesmo sangue. O que passava por ela, passava por mim.

Eu ia fazer aquilo por nós as duas.

Gestos Atenciosos e Música Renascida

Savannah

Manila, Filipinas

Alguns dias depois

FOI A NOSSA ÚLTIMA NOITE NAS FILIPINAS. ESTE TINHA SIDO O PAÍS MAIS emocional e difícil da nossa viagem. Eu ainda estava abatida, depois da minha conversa com a Tala, mas a minha determinação manteve-se forte. Eu sabia que não vacilaria com o que eu queria da minha vida. Eu ia ser médica. Fui firme nessa ambição.

Isso não significava que eu não estivesse emocionalmente abalada por conhecer as crianças doentes e as que estavam a morrer. Por conversar com a Tala sobre os seus últimos dias e o que vinha depois.

Fui sincera no que disse. Haveria de a procurar nas estrelas, da mesma forma que procurava a Poppy. E que agora procurava o Cillian.

Estávamos em Manila nessa noite. No dia seguinte, iríamos de avião para o Japão. A Mia e o Leo disseram-nos na véspera à noite qual seria o nosso último país. Fiquei sem fôlego com a revelação. Porque era o início da primavera. E no Japão, isso significava uma coisa: cerejeiras em flor.

A Poppy sempre quis ver o Japão e as cerejeiras em flor. Não me passou despercebido que eu iria terminar a minha viagem de superação por entre as flores que ela tanto adorava.

– Estás pronta?

Virei a cabeça para a porta do meu quarto de hotel. O Cael estava ali, com uma camisa de manga comprida, os botões de cima abertos e calças pretas elegantes. Penteara o cabelo; estava sem o gorro. Tinha feito a barba e eu sentia o seu cheiro a sal e neve fresca no lugar onde estava sentada. Engoli em seco, ao constatar como era verdadeiramente lindo.

– Cael – disse eu. – Estás um espanto.

Senti as faces a arder. Ora aí estava uma coisa que eu sabia que nunca iria perder: o meu constrangimento.

A coleção de tatuagens do Cael destacava-se orgulhosamente na sua pele beijada pelo sol. Um pequeno respingo de sardas decorava o seu nariz, fazendo com que a argola prateada do nariz e a do lábio se destacassem ainda mais.

Tinha os braços cruzados ao peito e estava encostado à porta, mas o seu olhar azul-prateado era suave quando pousou em mim. Levantei-me do cadeirão e passei as mãos pelo vestido de verão azul-pálido que eu trazia vestido. O meu cabelo caía em ondas suaves e eu usava sandálias de salto médio. Tinha umas bolinhas douradas nas orelhas e até aplicara uma pequena camada de maquilhagem no rosto.

Ia levantar a cabeça, para perguntar como estava, mas antes de conseguir fazê-lo, o Cael pôs os braços à minha volta, puxando-me para o seu forte abraço. Com a boca no meu ouvido, ele disse:

– Bolas, Pêssego, tu estás incrível.

As minhas faces arderam, mas um largo sorriso puxou os cantos da minha boca para cima.

O Cael levantou-se e afastou-me o cabelo da cara. Perscrutou cada feição minha e disse, com voz rouca:

– Nunca hei de perceber como é que arriscaste em mim, caraças. Mas nunca deixarei de estar grato.

– Querido – murmurei, enquanto ele me beijava a testa, as minhas bochechas e, finalmente, os lábios.

Parecia nem se importar com o brilho labial que eu tinha aplicado. Beijou-me profunda e completamente, a sua língua suave ao encontro da minha. As suas mãos envolveram o meu cabelo e abraçou-me, corada, contra o peito. Apreciava-me de todas as maneiras possíveis.

Se havia coisa que eu agora conhecia neste mundo, era a sensação de ser amada. De ser adorada. De ser abraçada nos momentos mais fracos e nos momentos mais fortes.

Eu sabia o que era, de facto, uma alma gémea.

Quando o Cael deu um passo para trás, entrelaçou os dedos das nossas mãos. Estudou-me por tanto tempo, que fiquei com a nuca arrepiada.

– Espero que saibas o quanto eu te amo – sussurrou.

O meu coração desabrochou como uma flor na primavera, mas havia uma pitada de tristeza na minha alma, que refletia a tristeza na voz rouca do Cael, na sua pose.

Não tinha os ombros tão direitos como de costume, os sorrisos largos tinham desaparecido e as gargalhadas eram inexistentes. Tinha trabalhado incansavelmente com o Leo nos últimos dias. Mas o facto é que o Cael tinha andado um pouco para trás com a sua terapia de exposição. Não, não foi andar para trás; foi colocado no caminho *certo*. Mas era imensamente difícil para ele e eu desejava todos os dias poder aliviá-lo da sua dor.

Eu respirava um pouco mais facilmente agora. As respirações do Cael eram laboriosas. Eu tinha-o visto na véspera à noite, quando estávamos com os nossos amigos, e senti-me em pânico. Ele estava tão reservado, tão distante que eu sabia que os outros também repararam. Nunca tinha sido muito falador, mas, ultimamente, ficava em silêncio e retraído. Nos últimos dias, parecia que estávamos em estádios diferentes com a nossa dor. Vi isso no grupo também. Cinco de nós estávamos a mudar: mais saudáveis mental e emocionalmente. O Cael tinha ficado para trás, e era a coisa mais difícil de testemunhar.

– Estás bem? – perguntei eu, passando suavemente o dedo sobre a argola do lábio.

Adorava a sensação da argola nos meus lábios quando nos beijávamos. O olhar leve do Cael caiu no chão. Quando tornou a olhar para mim, tinha os olhos cheios de dor.

– Estou só triste, Pêssego – disse ele baixinho. – Estou só... – Expirou demoradamente. – Estou muito triste.

– Eu sei – disse eu, e envolvi-o nos meus braços. Julguei sentir uma lágrima cair no meu ombro, mas quando o Cael levantou a cabeça, tinha os olhos secos. – Consegues ir a este jantar? – perguntei.

A Mia e o Leo tinham combinado jantar num restaurante local. Uma rara noite afastados das terapias intensas que esta etapa da viagem tinha proporcionado.

Uma oportunidade para todos nós recuperarmos o fôlego antes do nosso voo do dia seguinte.

O Cael assentiu, e um sorrisinho puxou-lhe o canto direito dos lábios.

– Consigo.

– O que foi? – perguntei, desconfiada do seu sorriso.

– Talvez tenha alguma coisa planeada para nós mais tarde.

Senti um nervoso miudinho na barriga.

– Tens?

– Tenho – disse ele, mas vi um lampejo de preocupação. – Eu só... espero que esteja bem.

– Vai estar – disse eu e beijei-lhe as costas da mão. – Eu sei que sim.

O Cael levou-me para fora do quarto, e deparámos com o Travis e o Dylan no corredor.

– Ufa! – disse o Dylan. – Vocês esfregam-se bem!

Ri-me, depois admirei o Dylan e o Travis. Vestidos com belas camisas e calças elegantes, estavam muito bonitos. Sabia bem vestir uma coisa mais elegante depois de tantas semanas de roupas informais.

– Que jeitosos – disse eu, e beijei o Dylan e o Travis na face.

– Ora essa, obrigado, *madame* – disse o Travis, com um grande sorriso. Olhou para o Cael. – Tudo bem, meu?

O Cael acenou com a cabeça, desanimado, e depois premiu o botão do elevador. Dava para ver que o Travis e o Dylan estavam preocupados com ele. Mas não diziam nada que o pudesse perturbar. Todos nós queríamos que o Cael ficasse bom. Ele tinha toda a nossa força por trás dele.

Encontrámo-nos com a Mia, o Leo, a Lili e a Jade na receção e fizemos a breve caminhada sob as luzes da cidade de Manila até ao restaurante. O ar era ameno e a brisa leve. Parecia que a noite nos

beijava a pele. No restaurante, o Cael sentou-se ao meu lado, à minha direita, o Dylan à minha esquerda. Era uma mesa circular numa sala privada, e podíamos ver todos o grupo.

O Leo bateu no copo com a faca e ergueu o copo de água. Todos nós seguimos o exemplo.

– Ao Japão – disse ele, e bebeu.

– Ao Japão – dissemos em eco, e também bebemos.

Quando todos baixamos os copos, a Mia disse:

– Como sabem, o tempo que passámos aqui, nas Filipinas, foi sobre exposição. – Fez um sorriso cheio de orgulho, mas cauteloso. – Sei como esta parte foi difícil para todos vocês. É igual com cada novo grupo que temos. É a parte que nos abala mesmo. Mas é também a que mais nos pode ajudar.

A mão do Cael apertou a minha coxa. Estendi a mão e entrelacei os dedos nos dele. Senti os seus músculos tensos relaxarem um pouco ao meu toque.

O Leo pigarreou.

– No Japão, chegamos à fase final: a aceitação.

Senti arrepios na espinha com aquele anúncio. A mesa estava tranquila e, quando encontrei os olhos do Dylan, do Travis, da Lili e da Jade, senti-me tomada pela emoção. Tínhamos conseguido.

Agarrei-me com firmeza ao Cael e também olhei para ele. Os seus olhos olhavam pela janela. Eu queria agarrá-lo com força e livrá-lo de toda a sua dor. Mas não podia, por isso, deitei simplesmente a cabeça no ombro dele e suspirei quando ele depositou um beijo suave na minha cabeça.

– O Japão é um país deslumbrante e aquilo que planeámos para vocês lá vai inspirá-los e levá-los um pouco mais longe.

O Leo acenou para a Mia, que disse:

– Estou tão orgulhosa de todos vocês. E espero que, ao embarcarmos em mais um país, também estejam orgulhosos de si mesmos. – Fez uma pausa e disse: – Todos vocês.

Dei-me conta do seu olhar subtil para o Cael. Porque ele devia ter orgulho em si mesmo. Tinha-se livrado da raiva do irmão, que o prendia, e abrira o coração para a cura.

Eu tinha mais orgulho nele do que em mim.

A refeição estava deliciosa, e o clima ao redor da mesa era leve. O alívio por estarmos a deixar a parte mais difícil da nossa viagem para trás ficou no ar, e partilharam-se gargalhadas.

Quando a refeição terminou, a Mia pôs-se em pé.

– Travis, Dylan, Lili, Jade, vocês ficam comigo.

Os nossos amigos levantaram-se e, depois de partilhadas as boas-noites, seguiram a Mia para fora do restaurante.

O Leo também se levantou.

– Espero pelos dois lá fora.

Baixei as sobrancelhas em sinal de confusão.

– O que... – ia dizer, mas depois lembrei-me de o Cael ter dito que tinha alguma coisa planeada. Virei-me para ele, a sorrir. Tinha preocupação estampada no rosto. O meu sorriso esmoreceu rapidamente. – Cael...

– Eu queria fazer uma coisa por ti – disparou, apressando as palavras a sair da boca. – Mas não sei se fui longe demais.

– O que é? – perguntei eu, com o coração a bater rápido, de expectativa.

O Cael mexeu-se no lugar e apertou-me a mão. Olhou para mim, como se tentasse ler o meu rosto para obter a resposta a uma pergunta que ele ainda não tinha feito.

– Há algum tempo, disseste-me que já não conseguias ouvir orquestras ao vivo, nem sequer música clássica, porque a Poppy tocava violoncelo e queria ser violoncelista profissional. – Comecei a sentir-me mais quente, o pulso a bater no pescoço e nos pulsos. Acenei com a cabeça, sem saber o que dizer. Ele passou a língua pelo lábio inferior e disse: – Descobri que havia uma orquestra profissional a tocar mesmo ao fundo da rua... é assim que se diz? – perguntou, adoravelmente nervoso.

– Uma orquestra sinfónica? – perguntei, sem fôlego.

– Sim – disse ele, inclinando a cabeça. – Perguntei ao Leo se podia comprar bilhetes para te levar. – Olhou de novo para mim. – Não estou a insistir para ires ver e, se ainda achas muito difícil ouvir esse tipo de música, o Leo leva-nos para junto dos outros, que estão no parque onde há outro tipo de música a tocar. – Inspirou, depois expirou comedidamente. – É só que eu queria fazer isto por ti.

As suas pestanas compridas e escuras beijaram-lhe a face quando fechou os olhos.

– Estiveste ao meu lado durante tanta coisa. Amparaste-me nestes últimos dias, em que fui aberto ao meio e estive em sofrimento.

O meu lábio tremeu. Aquele rapaz... Aquele rapaz era tão gentil, tão atencioso. Eu amava-o muito.

– Deste-me tanto, Savannah, e acho que não entendes o quanto isso significa para mim. – A voz do Cael interrompeu-se e eu pressionei a testa na dele, apenas a senti-lo, a inspirá-lo. – Só queria retribuir com alguma coisa... devolver-te uma parte da Poppy.

– Cael – disse eu, e a minha voz quebrou com um pequeno grito.

Os olhos do Cael voaram para os meus e eu vi o pânico escrito no seu rosto. Embalou o meu.

– Tudo bem, Savannah. Prometo. Não vamos. – Abanou a cabeça. – Eu não devia ter puxado por ti. Devia ter-te deixado fazer isto sozinha, quando estivesses pronta. Eu... Meu Deus, peço imensa desculpa...

– Não – disse eu e agarrei-lhe os pulsos. O olhar inseguro do Cael disparou para o meu. – Percebeste mal – disse eu, e sorri mesmo entre as lágrimas. – É lindo. – Larguei a cabeça para ir, mais uma vez, ao seu encontro. – É o presente mais gentil e atencioso que já recebi.

A expiração aliviada do Cael dizia muito.

Recostei-me, sem nunca o libertar.

– Seria uma honra ir contigo.

Ele observou o meu rosto, à procura de alguma dúvida. Só havia verdade. A maior paixão da Poppy na vida era a música. Era o seu violoncelo. Eu queria voltar a ouvir a música que ela adorava tocar. Queria sentir a sua memória envolver-me enquanto o arco dançava sobre as cordas de som familiar.

Queria quebrar aquela barreira final. E queria fazê-lo com o Cael ao meu lado. Inclinei-o e beijei-o. Depois, levantei-me da mesa e o Cael também veio.

– Tens a certeza? – perguntou.

– Nunca tive tanta.

Sáímos e fomos ter com o Leo, que iria acompanhar-nos. O Leo seguiu connosco, até entrarmos num grande edifício. As pessoas circulavam no átrio e o Cael entregou os nossos bilhetes. O Leo ia

sentar-se longe de nós, para nos dar aquele momento a sós.

Quando fomos levados à sala de espetáculos, respirei tudo. A familiaridade de ver um fosso de orquestra. Nós nunca tínhamos perdido uma apresentação da Poppy. Estávamos sempre lá, a vê-la tocar. Eu costumava sentar-me, hipnotizada, enquanto ela tocava, de olhos fechados e um sorriso no belo rosto. Ela perdia-se nas notas, balançando ao som das melodias, a mão delicada como se executasse um intrincado *ballet* com o seu arco.

Eu adorava. Sempre.

Quando nos sentávamos nos nossos lugares, agarrei com força o programa que nos foi dado. Havia uma fissura de nervos no meu peito. Senti o Cael observar-me.

– Ela praticava o dia inteiro – disse eu, e a mão do Cael foi repousar na minha coxa. Fiquei a olhar para a cortina corrida, que escondia a orquestra. – Eu costumava aninhar-me a ler no lugar da janela da nossa sala de estar, enquanto a Poppy praticava ao fundo. – Sorri com a memória. E quando o fiz, não houve dor. Uma moinha, talvez, mas a memória já não me dilacerava. Era... *bom*, lembrá-la assim.

– Claro, ela tocava em concertos. Era incrível. Participava em muitas orquestras. Sempre no primeiro lugar, porque tinha muito talento. Mas a minha mente continua a levar-me àqueles dias preguiçosos e chuvosos enquanto eu lia na nossa sala de estar e a Poppy tocava ao meu lado, a Ida no chão a brincar com as suas bonecas. – Eu sentia o Cael a sorrir.

As lágrimas brotaram nos meus olhos.

– A casa está muito silenciosa há já algum tempo. – Pestanejei para afastar a falta de nitidez dos meus olhos. – Perto do fim, ela já não conseguia tocar. Ficou fraca demais para segurar o arco. Mas continuava a haver música clássica a tocar sempre em casa.

O Cael apertou-me de novo a perna. Olhei para ele e vi os seus olhos também a brilharem de lágrimas.

– Depois de ela nos ter deixado, a música também nos deixou. – Pensei em ler novamente no recanto da janela quando voltasse a casa. – Talvez quando eu estiver em casa, ponha de novo a música a tocar. Para ela – disse, e sorri. – E para mim.

– Acho que ela ia gostar, Pêssego – disse o Cael, e eu encostei a cabeça na dele, fechando os olhos enquanto ele me beijava o cabelo. De repente, irromperam aplausos e a cortina levantou-se, exibindo a orquestra. Meus olhos procuraram logo os violoncelistas.

Observei com atenção arrebatada enquanto eles se sentavam, e o maestro subia ao palco. A multidão ficou em silêncio, o ar parando também à nossa volta. O maestro deu instruções e a orquestra quebrou a vida.

Sorri quando o *Quatro Estações* de Vivaldi começou a encher a sala. Sorri porque «Primavera» era uma das partes favoritas de Poppy. E quando começou, eu vi-a. Podia vê-la naquele palco mais uma vez, a tocar de olhos fechados, um sorriso no rosto, um laço branco no cabelo e abanando ao som da música.

Também fechei os olhos. Fechei os olhos e só vi a Poppy. A dar-me uma última *performance*. Apenas ela no palco, a tocar para mim do além. E mais ainda quando a sua peça preferida de sempre começou. «O Cisne», de *O Carnaval dos Animais*.

Deixei as lágrimas escorrerem pelo meu rosto enquanto o violoncelista tomava a dianteira. Deixei as notas afundarem-se no meu coração. Que a melodia enchesse cada centímetro da minha alma. E deixei a Poppy tocar para mim na minha mente. Deixei que a minha irmã me desse isso. Me desse o presente da sua música favorita.

A mão de Cael tremia na minha enquanto me agarrava com força. Até ele podia sentir a beleza acrescida deste momento. Um momento que ele me *deu*. Um presente querido que ele me entregou.

Quando a nota final tremeu na corda, vibrando no corpo do teatro, ela deslizou sobre minha cabeça. Abri os olhos quando o público bateu palmas em aplausos arrebatadores. Bati palmas também, mas foi um esforço ficar em pé. Tinha os olhos arregalados e peito em chaga. Mas foi de recuperar aquela parte de mim, da minha irmã, da minha família. Não foi de tristeza. Foi de amor, alegria e esperança.

Era a Poppy.

Virei-me para o Cael quando a orquestra se revezou e começou a deixar o palco. Ficámos de pé, e eu levantei até os dedos dos pés e o beijei. Afundei-me contra ele e sussurrei:

– Obrigada. Muito obrigada.

Eu sabia que ele me tinha ouvido, mesmo com o barulho dos aplausos, porque levou a boca ao meu ouvido e sussurrou:

– Eu faria qualquer coisa para te fazer feliz, Pêssego.

Aquele rapaz tinha todo o meu coração.

O Leo abraçou-me quando saímos do teatro e encontramos à nossa espera. Até os seus olhos mostravam os restos de lágrimas, provando que a música e as artes podiam ser comoventes.

Eu e o Cael caminhamos de volta para o hotel de mãos dadas. Olhei para as estrelas. Havia menos visíveis na cidade, mas ainda havia algumas a brilhar.

– As estrelas – disse eu, e o Cael também olhou para cima. Pressionei a minha bochecha no seu bíceps. – Estão os dois lá em cima, sabes. A observar e a sorrir para nós.

A respiração do Cael falhou, mas depois ele disse:

– Espero mesmo que estejam.

O Leo levou-nos aos nossos quartos, e cada um de nós entrou. Só esperei dez minutos antes de sair sorrateiramente do meu quarto e ir bater no do Cael. Quando ele abriu a porta, tomei o meu lugar junto a ele, os braços a cingir-lhe a cintura. E eu aguentei. Em nenhum lugar me sentiria mais segura do que nos braços de Cael.

Quando me inclinei para trás, ele beijou-me. Retribuí o beijo, não querendo perder um único segundo ao seu lado. Senti um buraco no estômago quando pensei que o Japão seria o nosso último país. Eu não conseguia suportar a ideia de ser arrancada àquele rapaz, aquele por quem eu estava tão irremediavelmente apaixonada. Mas ainda tínhamos tempo. Ainda havia tempo.

Beijei-o mais uma vez e disse-lhe relutantemente «boa noite». Naquela noite, o Cael Woods deu-me o maior presente. Ele era tão altruísta e bonito, e agora estava quebrado. Mas era meu, e eu era dele.

Para sempre.

E sempre.

E eu lutaria também para o tornar de novo inteiro. Fosse como fosse que eu pudesse.

Louça Partida e Beleza Encontrada

Cael

Tóquio, Japão

TÓQUIO ERA UM TUMULTO DE CORES. ESTÁVAMOS NA CALÇADA, A OLHAR PARA a cidade, os edifícios, as cores néon que decoravam aquele lugar especial com luz de prisma digital. Mesmo no meu estado de dormência, vi como era cativante.

– É incrível – murmurou a Savannah, ao meu lado. A sua mão alisou-me as costas e eu fechei os olhos sob o seu toque. Olhei para ela. As luzes refletiam-se nos seus olhos, um sorriso esticado no rosto. Ao dar-se conta que eu a olhava, disse: – Já viste uma coisa assim?

– Nunca – disse eu.

O Travis estava do meu outro lado, o Dylan junto a si; a Lili e a Jade estavam do lado direito da Savannah. Ficámos todos impressionados com as vistas. Devíamos parecer turistas americanos típicos, todos especados a olhar para os edifícios, de boca aberta.

– A terra da *manga* – disse o Travis, e esfregou as mãos. – Estou em *casa*!

O Dylan riu-se e os dois encetaram uma conversa que eu não conseguia acompanhar. Nunca na vida tinha lido uma *manga*.

A Savannah riu-se da animação deles, ainda mais quando a Lili guinchou e disse:

– Eles têm cafés de gatinhos aqui. *Gatinhos*!

– Temos de ir – disse a Jade.

Enterraram as duas a cabeça no telemóvel, à procura do mais próximo. Dei pela Savannah a olhar para os nossos novos amigos com um carinho tão profundo no seu lindo rosto. Disse-me que ia absorver cada segundo do nosso tempo no Japão.

Porque estava a acabar. Era o fim.

Fiquei de coração apertado ao pensar em deixar o grupo para trás. Eu podia não ter sido o membro mais inspirador do nosso grupo incongruente, mas tinha aprendido a gostar de todos – e profundamente. De ninguém mais do que da loira pequenita ao meu lado, que estava debruçada a olhar para a localização de um café que a Lili lhe estava a mostrar.

Pousei o braço no seu ombro e assim fiquei enquanto ela falava com as raparigas. Eu não sabia que era possível ter saudades de alguém antes de a pessoa se ir efetivamente embora, mas era nesse ponto que eu estava com a Savannah. Cada dia ali passado estava um passo mais perto de ter de dizer adeus à rapariga que se tornara o meu mundo, o meu pilar. O meu único consolo era saber que ela ia para a Nova Inglaterra no outono.

Como eu iria estar sem ela até então era uma incógnita.

– Vamos lá – disse a Savannah, abraçando-me a cintura. Levantei a sobancelha. – O que foi? – perguntou, na brincadeira. – Não queres beber um café enquanto os gatos te saltam para cima?

Um sorriso bem-humorado puxou-me os lábios. Era tão raro eu sorrir ultimamente, que o gesto parecia estranho. Claramente, a Savannah pensou o mesmo, porque o seu suavizou com o vislumbre do meu sorriso.

Quanto à Savannah, estava a sair-se incrivelmente. Continuava a ser introvertida; era essa a sua natureza. Mas havia agora uma leveza nela. Uma sensação de paz irradiava de todos os seus poros.

E não tinha um ataque de ansiedade há semanas.

Eu sabia que o Japão era especial para ela. Contou-me do desejo que a Poppy tinha de ver ali as cerejeiras em flor. Não conseguiu chegar a ver.

Até eu fiquei com pele de galinha quando percebi que tínhamos chegado ao Japão quando a maior parte das cerejeiras estavam em flor. Tal como eu sentia em relação à Savannah, era como se algo maior tivesse conspirado para a ter ali quando as árvores que associava à irmã estavam em plena floração. Tínhamos visto algumas em Tóquio. Mas dentro de alguns dias, íamos viajar para Kyoto. Era aí que participaríamos nos festivais das cerejeiras.

Eu queria ficar empolgado. Queria sentir-me em paz e mais forte. Mas não sentia. Ainda conversava muito com o Leo. Sabia que estava para trás no grupo. Não iria para casa sarado. Iria para casa *abatido*. E havia uma parte de mim que temia aquilo em que eu me tornaria sem aquele grupo. Sem o Leo e a Mia, e especialmente sem a Savannah. Será que eu me afundaria ainda mais na tristeza, ou que a raiva que tanto lutei para expulsar voltaria a correr no instante em que me deparasse com os gatilhos que tinha em casa?

O Leo e a Mia ofereceram-me mais ajuda. A verdade é que reformular os meus pensamentos sobre o suicídio do Cillian já não era o meu maior problema. O meu maior problema, de há um ano a esta parte, era que eu não conseguia tirar da cabeça a maneira como ele tinha morrido. Eu tinha presenciado tudo. Eu *vi-o*. Segurei-o nos braços e vi-o morrer.

Sempre que eu fechava os olhos, via aquilo. Quando estava cansado, via. Ouvia a buzina de um carro, o chiar de pneus, e era atirado para lá, o Cillian nos meus braços, quebrado e *morto*, porra.

Lembrei-me da conversa que tive com o Leo poucos dias antes, durante a nossa sessão individual...

– *Cael, eu e a Mia temos conversado e achamos que te faria bem ter mais ajuda.*

Eu nem reagi, tirando um pequeno nó no estômago. A verdade é que eu sabia. Eu sentia isso. Acenei com a cabeça. Faria o que fosse necessário. Nem ia discutir. Aquilo que eu presenciei era traumático, e eu sabia que demoraria mais tempo para ficar bem. Se eu quisesse melhorar pela Savannah, pelos meus pais, por mim, eu tinha de continuar.

– Depois desta viagem, vamos arranjar-te ajuda em casa. – O Leo fez uma pausa e disse: – Achamos que um programa residencial pode ser melhor. Para ir bem fundo e ajudar-te. – O Leo esperou até que os nossos olhos se encontrassem. – Isso é algo que estarias disposto a fazer?

– Sim – disse eu. Eu imaginei novamente o rosto da Savannah. – Vou fazer o que for preciso.

– Volta para mim – disse a Savannah, interrompendo aquela memória.

Tinha as mãos na minha cara, no centro de Tóquio, onde milhares de pessoas andavam, como se fossem água a correr à volta da nossa rocha estacionária. Respirei e senti-me desmoronar. Eu estava a ficar tão cansado de lidar com aquele luto.

Estava a destruir-me.

Quando olhei para a Savannah, soube que iria destruí-la também se não conseguisse lidar com aquilo. Eu não lhe tinha contado sobre a ajuda adicional, no regresso a casa. A verdade é que eu não queria que ela se preocupasse.

– Estou aqui – disse, com voz rouca.

Olhei à nossa volta. Os nossos amigos tinham ido embora.

A Savannah deve ter visto a minha confusão.

– Foram ao café. – Pegou na minha mão. – Anda; vamos a outro sítio qualquer.

Não a deixei puxar-me para irmos embora.

– Não – disse eu, forçando um sorriso apertado. – Vamos ter com eles. – Respirei fundo e rezei para que me desse forças. A Savannah não parecia convencida. – Não temos muito tempo. Queremos passar mais tempo com os nossos amigos.

– Só se tiveres a certeza – disse a Savannah, depois de perscrutar o meu rosto.

Coloquei o braço em volta dos ombros dela e levei-a para o outro lado da rua.

– Tenho a certeza, Pêssego. Não me ocorre nada mais emocionante do que ser atacado por gatinhos enquanto tento comer.

A gargalhada breve da Savannah foi como um raio de luz atravessando o meu céu nublado.

– Noto o seu sarcasmo, senhor Woods, mas desta vez passa. Não há nada que eu queira mais do que saber como lida com vinte gatinhos a disputarem a sua atenção.

Portanto, fomos para o café dos gatinhos e eu enterrei a minha tristeza por mais um dia. Era o expectável, nos dias que corriam.

* * *

– Eu sou a Aika e hoje vou trabalhar com vocês.

A Aika era uma japonesa magra, de metro e meio, com cabelos grisalhos amarrados num carrapito. Sorria muito e emanava uma sensação de paz a cada respiração sua. Parecia ter sessenta e tal anos e tinha um estúdio no centro de Tóquio.

Estávamos num espaço grande e vazio, com paredes brancas luminosas. Havia uma mesa diante de nós, com pratos empilhados. Todos nos alinhámos à frente de Aika.

– Estão a ver a pilha de pratos à frente? Peço a todos que peguem num.

Todos nós fizemos o que ela pediu, depois recuámos para aguardar mais instruções. A Savannah olhou para mim e encolheu os ombros. Também não fazia ideia do que se tratava. A Aika parecia uma artista e o seu estúdio também poderia ser de arte. Se bem que fomos recebidos exclusivamente por paredes brancas nuas.

– Deem uma espreitadela aos pratos. O que veem? – perguntou a Aika.

– É um prato – disse o Travis, claramente tão confuso como o resto de nós.

– Sim – disse a Aika. – E?

– É liso – disse a Jade, nervosa.

– E? – perguntou a Aika.

– É um círculo perfeito – disse a Lili.

A Aika fez um aceno rápido e brusco com a cabeça.

– Rachas?

– Não tem rachas – disse o Dylan, vasculhando o seu prato.

Eu fiz o mesmo. Não havia rachas.

– É o mais perfeito que um prato pode ser – disse a Savannah timidamente.

– Pois é – disse a Aika. E depois: – Quero que se espalhem pela sala e fiquem com algum espaço. – Fizemos como nos disse. A Aika acenou com a cabeça em aprovação, depois disse: – Agora, levantem os pratos. – Fiz o que ela disse, espantada quando acrescentou: – E deixem-nos cair no chão.

Ficámos todos petrificados, sem saber bem se ela estava a brincar ou não. Olhámos uns para os outros para ver se alguém ia mesmo fazer aquilo. Seria um teste? Se fosse, eu não fazia ideia para que serviria.

– Larguem-nos – disse ela novamente, e fez um piparote com os dedos.

– Parti-los? – perguntou a Lili, com a voz insegura.

– Sim – disse a Aika, sem rodeios. – Larguem, partam...❖ em pedaços.

O Dylan foi o primeiro a deixar cair o prato no chão, partido em cinco cacos aos seus pés.

– Ótimo – disse a Aika, depois virou-se para o resto de nós. – Agora vocês.

Um a um, o som dos pratos a partir invadiu a sala. Larguei o meu, com a minha altura de um metro e noventa e três a dar-lhe alguma velocidade. O meu estilhaçou-se em nove pedaços no chão. Conteí-os.

A Savannah estava a olhar para o seu. Estava partido em seis partes maiores. A Aika andou de um lado para o outro na linha, passando pelos pratos partidos.

– Agora, encaixem-nos.

Eu não fazia ideia do que estava a acontecer.

– Como? – perguntou o Dylan.

– Apanhem-nos – disse a Aika. – Voltem a juntar os pratos.

Fazendo o que ela pediu, baixei-me e peguei nos pedaços. Ajoelhado no chão, coloquei-os na forma de círculo que antes tinham. Lascas de cerâmica, ou qualquer que fosse o material de que eram feitos, tinham desaparecido da vista, deixando pequenos cacos do prato que não podiam ser restaurados. Coloquei os pedaços partidos no lugar certo, mas o prato estava partido. Era tão simples quanto isso.

– Peguem no prato como um todo – disse a Aika, e foi recebida apenas com silêncio.

– Não podemos – disse o Travis. – Vai desmanchar-se.

– Ah! – disse a Aika, com as mãos atrás das costas e uma expressão sabedora no rosto. – Então teremos de consertar isso – disse ela e dirigiu-se a uma porta fechada do outro lado da sala. Abriu-a. – Peguem nos pedaços partidos e sigam-me.

– O que é isto? – sussurrou-me a Savannah e eu abanei a cabeça. Não fazia ideia.

Recolhi os meus cacos e segui o grupo até à sala ao lado. Fui o último a transpor a porta, mas vi imediatamente por que razão todos tinham parado. A sala estava cheia, do chão ao teto, com cerâmica de todos os tipos. Olaria com linhas de ouro e prata.

A Aika encaminhou-se para uma mesa redonda com muitos lugares. Gesticulou à volta.

– Todas peças partidas que foram reparadas podem ser usadas de novo.

– Mas mesmo assim, não são como eram antes – disse o Dylan.

– Ah, agora percebes – disse a Aika, e levei apenas alguns segundos a compreender o que ela estava a fazer.

Baixei os olhos para o prato partido que tinha na mão. Os nove cacos partidos, as secções onde as lascas tinham desaparecido, deixando uma aresta áspera. Fiquei logo com a garganta embargada de emoção.

O prato nunca mais seria o mesmo. Estava partido, mas...

– *Agora*, eu ensino como torná-lo novamente funcional – disse a Aika, arrancando, como quem não quer a coisa, um pedaço da minha alma.

A Savannah inclinou-se para mim, e eu soube que ela também entendia por que razão a Aika nos ensinava aquela lição.

Quando olhei em redor do grupo, vi que todos tinham entendido. Aqueles pratos tinham sido despedaçados, mas íamos pegar em algo irremediavelmente danificado e fazê-lo funcionar de novo.

Nós éramos os pratos partidos.

– Por favor, sentem-se – disse a Aika e, quando o fizemos, ela distribuiu pincéis e uma mistura de ouro.

Uma vez entregues os materiais, sentou-se e pegou num prato partido que ela deve ter guardado para aquele momento.

Observámo-la com a respiração sustida. Sabíamos que aquela aula não era só para aprender uma nova competência. Todos sentimos que era para algo mais. Algo para todos nós, para a nossa cura, para a alma e o coração.

A Aika pegou nos dois cacos maiores do prato e revestiu um lado com o líquido de ouro.

– Esta é a arte japonesa do *kintsugi* – disse ela, sem tirar os olhos do que estava a fazer. – Estou a usar um verniz de ouro como cola para reparar o prato. Para juntar novamente os pedaços partidos.

A Aika juntou as peças, os dois segmentos partidos do prato agora fixados, com uma impressionante linha de ouro a delinear a o lugar da racha.

– Esta forma de arte é a manifestação física do princípio do *wabi-sabi*. O *wabi-sabi* ensina-nos a abraçar as imperfeições da vida, a sua impermanência e incompletude.

– Como *sakura*, as cerejeiras em flor – sussurrou a Savannah, com emoção na voz.

– Sim. Como *sakura* – disse a Aika. Acenou então com a cabeça para os nossos pratos partidos e as nossas ferramentas. – Por favor, comecem. Façam o que eu estou a fazer.

A minha mão tremia quando alcancei o pincel. A Savannah não se moveu durante uns minutos, os olhos fechados e a respirar. Coloquei a mão na perna dela. Abriu os olhos.

– Tudo bem? – perguntei baixinho.

– Sim – disse ela. Fez-me um sorriso débil. – É só que eu... precisei de alguns minutos.

Pegou no pincel e começou a reconstruir o seu prato.

Houve silêncio total enquanto todos trabalhávamos. A cada peça que eu colava, vinham-me à cabeça imagens do ano passado. Do estado catatónico em que eu estava depois da morte do Cillian. Da raiva que se enraizou e se espalhou como uma praga por todo meu corpo até me consumir. Lembrei-me da primeira vez que tinha evitado os meus pais, gritando para que me deixassem em paz. De quando saí do ringue de hóquei da minha equipa sem nunca olhar para trás, recusando-me a

começar Harvard no outono. De quando atirei os patins para o barracão da lagoa e bati com a porta. De quando peguei no taco de hóquei do Cillian e o parti em pedacinhos na lagoa gelada que tanto adorávamos.

Cada uma dessas imagens era uma racha na minha alma.

Trás.

Trás.

Trás.

Eram a manifestação física do meu coração a partir, da minha alma a despedaçar-se em mil pedacinhos. Nunca julguei que pudesse recompor-me.

Até esta viagem.

Até me apaixonar pela rapariga mais incrível que me fez ousar ter novamente *esperança*.

Seriam o meu verniz de ouro? Era isso que estava a acontecer ao meu espírito desfeito? Acaso aquela viagem, as novas amizades, a orientação do Leo e da Mia, e apaixonar-me profundamente pela minha miúda, seriam o meu *kintsugi*? Será que eu, todos nós poderíamos ser, de alguma forma, montados de novo? Ou teria eu quebrado de novo desde a terapia da exposição? Teriam as minhas peças sofrido novas fraturas? Teria de me pôr de gatas à procura delas? Ou foram esmagadas em demasiados pedaços já não sendo possível salvá-las? Esse era o meu maior medo. Ter ido longe demais e não poder sarar.

– Estás com dificuldades? – perguntou-me a Aika.

Eu tinha as mãos suspensas no ar e percebi que estava parado, perdido na minha cabeça. Então ouvi a sua pergunta entrar nos meus ouvidos. Eu estava a ter dificuldades?

Tantas.

Engoli em seco e encontrei o olhar perscrutador da Aika.

– É... – Mexi-me no lugar, pouco à vontade em fazer aquela pergunta em voz alta. Mas eu tinha de saber. – Há pratos demasiado partidos para serem reparados? Há... casos perdidos?

A sala ficou em silêncio enquanto a minha pergunta adensava o ar. Senti a mão da Savannah pousar no meu joelho, em sinal de apoio. Mas nunca tirei os olhos da Aika. Sustive a respiração enquanto esperava pela sua resposta.

– Não – disse a Aika, muito prática. – As peças partidas podem levar mais tempo a ser encontradas, e certamente levariam mais tempo a serem consertadas. Mas qualquer prato partido pode ser consertado, com tempo e a pura tenacidade para o fazer.

O alívio que senti com a resposta dela quase me fez cair da cadeira. Eu sentia a Aika olhar-me com mais atenção. Quando olhei para cima e encontrei novamente os seus olhos, ela acenou com a cabeça uma vez, como se pudesse ver na minha alma. Esse aceno de cabeça foi um alento. Eu sabia que ela entendia por que razão eu tinha feito aquela pergunta. Todos à volta da mesa entenderam.

– Tudo bem, querido? – perguntou a Savannah, com a voz sussurrada a tremer de tristeza. Tristeza por mim.

– Estou bem – disse eu e apertei-lhe a mão, depois continuei, ignorando o foco pesado de todos os outros em mim.

Perdido nas horas que levava a consertar o prato, sentei-me quando a peça final tinha sido fixada de volta ao seu lugar. Quando olhei para o meu prato lacado, perdi o fôlego.

Estava arranjado. Não era como antes, mas estava outra vez inteiro. Era algo novo. Mas voltou a ser um prato.

– O que vemos agora quando olhamos para os nossos pratos? – perguntou a Aika, agora com a voz mais suave, mais delicada, como se soubesse que éramos todos tão frágeis como os pratos que tínhamos passado o dia a reconstruir. O verniz demorava a secar. Para torná-los tão forte como eram antes.

– É lindo – disse a Savannah, olhando fixamente para o seu prato. Pestanejou para conter as lágrimas e encontrou o olhar de Aika. – Acho que é ainda mais bonito do que era antes.

– Ah! – disse a Aika. – Isso é verdade. – Gesticulou para todos os nossos pratos. – Uma lição, então – disse ela, e sorriu. – Aquilo que está partido, uma vez reparado, pode ser mais belo do que era antes.

Senti arrepios pela espinha abaixo, que se espalharam pelo meu corpo. Estendi a mão e peguei na da Savannah. Os seus dedos tremiam e, quando olhei para cima, escorriam-lhe lágrimas pelas faces, como se fossem os seus próprios rastros salgados de laca. Eu olhava, cativado pela minha miúda. Ela era linda quando nos conhecemos. Quando estava

partida em mil pedacinhos. Mas agora, que esta viagem e terapia gradualmente a colaram com verniz dourado, estava mais bonita do que nunca.

Eu sabia que as minhas peças ainda estavam partidas. Nem todas estavam lacadas... *ainda*. Mas quando olhei para o meu prato, soube que *podiam* estar. Um dia. Eu nunca mais seria o mesmo depois de perder o Cillian, nenhum de nós era, depois de perder os nossos entes queridos. Não se pode perder alguém que se ama tanto e voltar a ser a pessoa que se era antes.

A perda mudava a pessoa.

Mas a *superação* é possível. Pode-se reparar o espírito fraturado com verniz dourado e agarrar-se à vida. Essa vida nunca mais seria a mesma. Mas isso não significava que não valia a pena. Que não seria bonito. Talvez a perda tenha ensinado a pessoa a amar *mais* a vida. Porque compreendeu o que era perder aquela vida. Já não a tomaria como um dado adquirido.

Eu sabia que ainda não estava lá. Mas se eu continuasse. Se eu continuasse a tentar, se eu continuasse a consertar os meus pedaços quebrados, talvez eu pudesse estar inteiro.

Uma mão pousou no meu ombro. A Aika estava de pé ao meu lado.

– Quero dar-lhes a todos um *kit* para levarem. Para praticarem em casa. – Sorriu, e os seus olhos castanhos encheram-se de bondade. – Para quando sentirem que a vida não pode voltar a ser bela.

– Obrigado – sussurrei e agarrei-me àquele *kit* de *kintsugi* oferecido como se fosse a minha tábua de salvação.

Como se caso eu o segurasse com força suficiente, o verniz dourado correria nas minhas veias, entrariam nas artérias e reparariam o meu coração partido.

Ouvi a voz da Aika ecoar na minha cabeça... *Wabi-sabi ensina-nos a abraçar as imperfeições da vida, a sua impermanência e incompletude.*

Nada dura para sempre. Vida, felicidade... até mesmo a dor.

Mas a *esperança* sim. Se estar perto da Savannah me ensinou alguma coisa, foi que a esperança sempre pairou por perto. E se fosse perdida, podia ser encontrada novamente.

A Savannah deitou a cabeça no meu ombro e ficou simplesmente a olhar para o seu prato. Olhei para o meu, com o mundo a desaparecer à nossa volta. Eu *tinha* de arranjar maneira de reparar as minhas peças partidas. Beije o cabelo da Savannah, cheirei o seu perfume a cerejas e amêndoas. Eu queria uma vida com aquela rapariga. Eu queria encontrar a felicidade com ela também.

Eu queria-a a *ela*, em todos os sentidos.

O verniz dourado brilhava com as luzes do teto. Talvez o coração da Savannah e o meu tivessem sido partidos pela perda dos nossos irmãos. Mas quando começámos a repará-los, talvez os tenhamos fundido um no outro, para criarmos os nossos dois corações como um só.

Éramos mais fortes assim. A bater em uníssono.

E eu tinha a certeza de que eles eram mais bonitos do que alguma vez tinham sido sozinhos.

Flores Desabrochadas e Velhos Amigos

Savannah,

Eu sei que muitas pessoas se perguntam porque é que adoro tanto as cerejeiras. Sempre adorei. Fomos criadas no meio delas. As suas cores, a sua fragilidade eram algo que me fascinava. A maior parte das crianças contava os dias até ao Natal. Eu contava os dias até ser época das cerejeiras em flor.

No momento em que aqui me sento, já elas floriram. O arvoredor florido está cheio de pétalas rosas e brancas. Está vivo, tão vivo. A doce fragrância floral, a beleza deslumbrante que desabrochou, tira-me o fôlego sempre que me levam lá.

Já não consigo andar. Agora uso uma cadeira de rodas. Mas não me importo. Enquanto eu conseguir ver, mais uma vez, o meu bosque florido em toda a sua beleza, fico contente. Especialmente com o Rune ao meu lado. Podemos sentar-nos durante horas lá. Estou segura nos seus braços debaixo daquelas árvores. Cada respiração minha é estimada. Cada beijo que o Rune me dá é um presente que eu não pensei que teria novamente.

Não tomei nada como dado garantido.

Mas a floração deste ano é agridoce, pois sei que será a minha última nesta Terra. Sei que, em breve, quando a primeira pétala cair, as minhas respirações ficarão contadas. Os meus batimentos cardíacos serão finitos. Eu canso-me, Savannah. Mesmo agora, simplesmente

segurar a caneta e escrever para ti deixa-me estafada. Mas não tenho medo. Quero que saibas isso. Tal como a flor da cerejeira, posso ter tido uma vida curta, mas tem sido vibrante e cheia, e muito doce.

Mais doce quando estou com quem amo. E mais doce que tudo quando estou contigo e com a Ida. Com o meu Rune.

Deus sabia que a minha vida seria curta, Savannah. Foi por isso que Ele me deu o meu amor pelas flores de cerejeira. Para que eu entendesse o que era viver uma vida limitada, mas plena. Eu nasci em Blossom Grove para viver entre as árvores pelas quais a minha vida foi tão inspirada. Acredito nisso. Nada é permanente nesta vida, Savannah. Portanto, abraça a sua beleza enquanto podes.

Quando leres isto, quero que saibas que estou no céu, a salvo entre flores de cerejeira que já não morrem. E ficarei muito feliz por me sentar debaixo delas, a pensar na minha família, que prospera em suas respetivas vidas até voltarem para mim e, tal como as cerejeiras celestiais debaixo das quais espero, fiquem para sempre ao meu lado.

Até esse dia,

Poppy

* * *

Savannah

Quioto, Japão

Era demais para absorver. Para todos os lugares que me virava, havia um cobertor de rosa e branco. Árvores alinhadas em todos os caminhos, parques cheios até à borda de árvores em flor. O aroma floral infundia o ar todo, e tudo que eu via, para onde quer que me virasse, era a Poppy. Fiquei contente por estar a ver Quioto agora, no fim da viagem. Porque se eu tivesse visto isto há meses, quando a viagem tinha acabado de começar, eu não teria aguentado.

Agora, podia olhar para aquelas árvores, cheias de vida temporária, e admirá-las com o respeito que mereciam. E podia ver a Poppy a cada curva e não ser derrubada por ela. Ser, antes, *fortalecida*. Sorri, embora o meu peito subisse e descasse com gritos suaves enquanto as lágrimas escorriam dos meus olhos. Caíam no chão, deixando para sempre um

pedaço de mim naquele lugar – uma homenagem de irmã. O Cael segurou a minha mão esquerda, simplesmente a interiorizar aquela visão maravilhosa comigo. Estiquei a direita, a brisa tecendo entre os dedos. E, no olho da minha mente, vi a Poppy ao meu lado, a agarrar-me com força. Ela estaria a olhar para as árvores que tanto amava com nada além de amor e gratidão no seu coração.

– Incrível – sussurrou o Dylan atrás de nós. Abri os olhos e vi pássaros circulando mais à frente, como se fossem fôlego tomado também pela paisagem. – É como o bosque florido, Sav? – perguntou o Dylan. Eu tinha-lhe contado tudo sobre o lugar.

Pensei em casa e senti a pontada da saudade. Por mais magnífica que fosse aquela visão, nada poderia substituir o nosso pequeno bosque florido. Especialmente agora que minha irmã lá descansava. Era um lugar mágico, sereno e abençoado.

Abri a boca para responder quando uma voz ao lado do Dylan disse:

– Nada poderia substituir o nosso bosque florido.

O choque deixou-me imóvel por alguns segundos. Porque eu *conhecia* aquela voz. Tive *saudades* dessa voz. Larguei a mão do Cael e contornei o Dylan. E lá estava o Rune Kristiansen, em carne e osso, ao nosso lado naquele deslumbrante parque de Quioto.

– Rune... – disse eu, e brotaram lágrimas frescas nos meus olhos.

Corri para ele e abracei-o. O Rune apertou-me contra si e eu senti o seu cabelo loiro comprido nas minhas faces quando o fez. Era tudo tão surreal. Estar ali, entre tantas árvores em flor, agora com o Rune da Poppy ao meu lado.

Recuei e enxuguei os olhos. O Rune estava vestido como sempre: calças de ganga pretas, camisa preta e botas de motoqueiro. Não mudara nada, exceto que agora estava um pouco mais velho. E tal como o Rune de antigamente, tinha uma máquina fotográfica na mão.

– Surpresa – disse ele e eu abanei a cabeça, incapaz de falar.

Ele sorriu.

– Tenho estado, há uma semanas, na Coreia do Sul com o meu mentor, em sessões fotográficas. Tivemos uns dias livres entre projetos. Ele ia encontrar-se com alguns colegas antigos, por isso decidi apanhar um avião e fazer um desvio rápido para ver as cerejeiras em flor. Só fico

aqui um dia e uma noite. Mas a tua mãe disse-me que também ias estar aqui. Entrei em contacto com os líderes do seu grupo e eles disseram-me onde irias estar. Queria fazer-te uma surpresa.

– Estás aqui – sussurrei, ainda em choque.

Os olhos do Rune amoleceram e uma pitada de tristeza cintilou lá no fundo, por alguns segundos.

– Nunca perco as cerejeiras em flor, Sav. – Tocou na máquina fotográfica. – Ainda tenho de as mostrar à minha miúda.

As fotografias na campa da Poppy.

Todos os anos, no final da época das cerejeiras em flor, perto do aniversário da sua morte, uma nova imagem de um festival de flores de cerejeira algures no mundo aparecia na lápide da Poppy.

Eu e o Rune partilhámos um olhar demorado e conhecedor, e a emoção embargou-me tanto a garganta que eu não conseguia falar. O Rune afundou a cabeça e eu vi-o enxaguar subtilmente os olhos. Quando me encarou de novo, vi as saudades da minha irmã estampadas no seu belo rosto.

– Pêssego? – O Cael chegou atrás de mim e colocou o braço à volta do meu ombro, virando-me de frente para ele. – Estás bem? – Olhou para o Rune, com confusão olhar.

O Rune inclinou a cabeça de lado perante a proximidade entre o Cael e eu. O calor encheu-me as faces. Claramente, a minha família não lhe tinha falado do Cael. O Rune levantou uma sobrancelha sabedora. Quebrou o peso do momento.

– Cael – disse eu e gesticulei para o Rune. – Este é o Rune, o... – interrompi-me, já sem saber o que dizer.

Senti um aperto no estômago, até que o Rune disse:

– Sou o Rune da Poppy.

O Rune da Poppy... Porque ele sempre foi mais do que o namorado da minha irmã. Foi a vida inteira dela, o bater do seu coração e a sua alma gémea. Foram apenas separados por um tempo.

O Cael tirou o braço de e mim e o seu rosto iluminou-se com reconhecimento.

– Cael – disse ele, e apertou a mão de Rune, que sorriu e olhou para mim como qualquer irmão mais velho faria. Como se eu tivesse umas explicações a dar.

– Rune? – disse o Dylan. Virei-me para o meu amigo, que olhava com franqueza para o Rune.

– *Hei* – disse o Rune ao Dylan, e apertou-lhe a mão, a sua língua norueguesa a imiscuir-se.

Tinha de me lembrar de pedir ao Rune para falar com o Dylan em algum momento antes de ele se ir embora. Eu acreditava que ele também podia ajudar o Dylan.

– Dylan – disse ele. – Amigo da Savannah. Estou na viagem com ela.

O Dylan gesticulou para todos os outros quando se aproximaram de nós com interesse. Um brilho de compreensão surgiu nos olhos azuis do Rune. Um a um, conheceu todos os meus amigos. O Cael colocou a mão nas minhas costas, um apoio silencioso. O Rune dirigiu-nos a todos um pequeno sorriso. Sabia exatamente onde todos nós estávamos emocionalmente. Tinha também percorrido (estava a percorrer) esse caminho.

– Não posso acreditar que estás aqui – disse eu, encontrando de novo a minha voz.

O Rune inclinou a cabeça para o parque.

– Tens tempo para pormos a conversa em dia?

Olhei para a Mia e o Leo, que estavam atrás de nós. Era evidente que já tinham conhecido o Rune e ajudaram-no a planear aquilo. A Mia empurrou-nos com a mão. Virei-me para o Cael. Eu também queria ver aquelas flores de cerejeira com ele. Deve ter visto aquela batalha escrita no meu rosto, porque pressionou a testa contra a minha e disse:

– Eu vou com o grupo. Fica todo o tempo que precisares com o Rune. Vou estar à tua espera quando voltares. – O Cael beijou-me. Foi um beijo suave e terno, e senti arrepios pela espinha abaixo.

– Até breve – sussurrei, depois fui ter com o Rune, que se tinha afastado para nos dar privacidade.

O Rune começou a andar. Pôs o braço à minha volta e abraçou-me ao seu lado.

– Tive saudades tuas, Sav. – Largou-me e estudou-me efetivamente. – Estás com melhor aspeto. – Respirou, aliviado. – Pareces mais forte.

– E estou – disse eu, e fui sincera. – Estou a melhorar. Estou mais forte. – Levantei a mão e passei os dedos suavemente sobre um botão rosa vibrante, prestes a florescer. – Esta viagem... – Abanei a cabeça. –

Nem sei por onde começar.

Chegámos a um pedaço de relva coberto de mesas baixas para piqueniques. O Rune gesticulou para que nos sentássemos. Aquela secção do parque era coberta por um manto baixo de ramos de flores de cerejeira; tinha feito um teto de pétalas. Sorri para a espessa camada de flores, tantas que bloquearam a maior parte do sol da primavera.

– Eu diria que começemos com o rapaz que acabou de te beijar – disse o Rune, com humor na voz.

As minhas faces ardiam com o fogo. Mas estava orgulhosa do Cael. Tinha orgulho de ele ser meu.

– Agora sabes que o nome dele é Cael – disse eu, ouvindo o quanto eu me tinha apaixonado por ele apenas pela minha voz. O Rune deu-me uma cotovelada no braço. Ri-me da sua brincadeira, mas depois fiquei séria rapidamente. – Ele perdeu o irmão mais velho. – Todo o humor abandonou também o Rune. – O Cillian... o seu irmão... suicidou-se.

– Não – sussurrou o Rune, sem dúvida a imaginar Alton na sua cabeça.

– O Cael viu aquilo acontecer. E depois segurou-o nos braços. – Inspirei fundo para evitar a dor de imaginar assim o Cael. – Tem sido... ele está a achar tudo muito difícil.

– Claro que sim – disse o Rune, completamente solidário. Era uma das razões pelas quais a Poppy o amava, eu tinha a certeza. – Esta viagem ajudou-o? – perguntou o Rune.

– Ajudou – disse eu, mas tinha de admitir a verdade a mim mesma. – Mas ele ainda está a sofrer. As terapias que fizemos trouxeram à tona coisas com as quais ele ainda se debate.

O Rune assentiu, depois olhou para as flores. Fechou os olhos e a brisa dançou pelos seus cabelos. Eu gostava de pensar que era a Poppy a passar a mão pelos fios longos enquanto se sentava ao lado dele. Pelo sorriso que puxou os lábios do Rune para cima, talvez ele também pensasse isso.

Ele abriu os olhos e disse:

– Quando perdi a Poppy... – Abanou a cabeça. – Aqueles primeiros dias depois da sua partida. Eu não sabia *respirar*, Savannah. – A voz do Rune quebrou. Também brotaram lágrimas nos meus olhos. Porque tinha-se passado exatamente o mesmo comigo. – Depois, quanto mais

tempo passava, pior ficava. Porque *sentia* a ausência dela. O intervalo entre a última vez que a beijei e aquele momento presente parecia muito tempo. Tempo *demais* para eu aguentar.

O Rune levantou a máquina fotográfica e, vendo algo que eu não vi, tirou uma fotografia. Quando a baixou, disse:

– Aqueles últimos meses com a tua irmã... com a *Poppymín*, foram tudo para mim.

A sua voz era rouca e crua. Eu sabia que aqueles meses eram especiais. Vi-o. Vi a minha irmã e a felicidade que o Rune trouxe de volta à sua vida para os seus últimos dias. Por mais que ela amasse a sua família, só o Rune poderia ter feito do seu falecimento algo tão bonito quanto foi. Tornara-o perfeito para ela. E tinha voltado à vida dela exatamente quando ela mais precisava dele.

Assim como o Cael tinha entrado na minha.

O Rune colocou a mão na minha e apertou-a.

– Tu ama-lo?

Não havia dúvida no meu coração quando eu disse:

– Amo. Mais do que alguma vez pensei ser possível.

O Rune sorriu. Fez um sorriso tão grande que eu sabia que era em nome da Poppy também.

– Então conheceste-o – disse ele. – O rapaz com quem vais passar o resto da vida.

Dei-lhe uma cotovelada e disse:

– O meu Rune.

O Rune engasgou-se com a sua gargalhada e uma lágrima derramou-se do vinco do seu olho.

– O teu Rune – disse, em eco.

– É jogador de hóquei, é dos arredores de Boston – disse eu.

– Boston, hã? – disse ele, referindo-se claramente ao meu futuro em Harvard.

– Devia ter ido para Harvard no outono passado. Com uma bolsa de hóquei. Mas desistiu, e do desporto também, quando o irmão morreu. Ele também era jogador de hóquei e tornou-se muito difícil para o Cael continuar a jogar... as memórias... eram muito difíceis.

– Dá-lhe tempo – disse o Rune. – Trilhou um caminho difícil. Mas pode encontrar o caminho de volta. – Virou-se para mim. – Mas é serendipidade – disse ele. – Que o Cael devesse ter ido também para Harvard... – Era exatamente o que eu tinha pensado. O Rune apontou para o céu. – Eu diria que isso tem a marca da tua irmã escrita por toda a parte.

Ri-me.

– Ela adorava o amor.

– Ela adorava o amor – repetiu Rune melancolicamente. – Meu Deus, Sav. Sinto tanto a falta dela. Estar nestes lugares faz-me ter mais saudades dela, mas também sei que está aqui, ao meu lado.

– Eu sei o que queres dizer – disse eu. Depois perguntei-lhe o que sabia que devia ter-lhe perguntado há muito. – Estás bem, Rune? *Mesmo* bem?

Vi no seu rosto que ele sabia que eu não lhe estava a fazer uma pergunta generalista. Eu estava a perguntar-lhe como estava sem a Poppy.

– Estou – disse ele, e um aperto no meu peito acalmou. – Porque é impossível eu não voltar a ver a tua irmã um dia. Eu *sei* que estarei com a minha miúda de novo. Vou conseguir beijá-la novamente e abraçá-la. Vou ouvi-la rir e tocar violoncelo. Vou dormir ao lado dela e ficar com ela. Como devia ter sido sempre. E todos os anos que tivemos de passar separados vão desfazer-se em pó.

Baixei a cabeça para que ele não me visse quebrar. É evidente que não funcionou, porque ele disse:

– Por enquanto, vejo-a nos meus sonhos, Sav. Falo com ela todos os dias e sei que ela me ouve. Vejo o seu sorriso perfeito de covinhas. E na minha alma, ela garante-me que está feliz e sem dor. Falo dela a qualquer oportunidade que surja. Isso mantém-na viva para mim. – A sua voz ficou rouca, engrossada de emoção. – Nunca haverá mais ninguém para mim. Mesmo do céu, a Poppy dá-me mais amor do que eu poderia precisar. – Levantou a máquina fotográfica. – Eu viajo pelo mundo e tiro fotografias para *ela*. Em sua honra. Ela dá-me um propósito, todos os dias. E isso ajuda-me a continuar. Ajuda-me a ficar longe da escuridão do luto. – O seu lábio torceu-se carinhosamente para

o lado. – A Poppy ensinou-me isso. Como valorizar e amar a vida. Mesmo sem ela. Devo-lhe viver por nós dois. Prometi-lhe isso. E nunca quebraria uma promessa à minha miúda.

– Propósito... como estudar medicina será para mim – disse eu, pensando na Tala, em todas as crianças nas Filipinas, especialmente aquelas que não podiam ser salvas.

– Como estudar medicina será para ti – disse ele, concordando. – Honramos a Poppy continuando, em seu nome. Isso será suficiente para mim até a ver de novo.

Ficou calado durante uns minutos, a nossa conversa flutuando acima de nós.

– Não me arrependo de nenhum momento da minha vida com a tua irmã, Sav – disse ele. – Mesmos os maus momentos. Os piores momentos. Quando ela estava em baixo, nas trincheiras, eu estava lá com ela. Ela sabia disso. Foi isso que nos tornou tão fortes. A prosperar ou a falhar, eu estava ao lado dela, segurando-lhe a mão. Nada me faria deixá-la... nem mesmo a morte.

Pensei no Cael e soube que aquilo éramos nós também. Eu estaria com ele fizesse chuva ou sol, quando ele dançava na luz ou se perdia no escuro. Só rezava para que ele soubesse que me tinha, cem por cento. Eu sabia que ele se achava um fardo para mim. Mas estava longe disso. Ele elevava-me. Construía-me. Eu sabia que ele odiava quando quebrava, quando estava caído e mergulhava na escuridão. Mas o que Cael não compreendeu foi que a sua vulnerabilidade só me fazia amá-lo ainda mais. Eu entendi que mostramos o nosso pior àqueles que mais amamos. Não havia juízos de valor. Apenas um apoio completo e inabalável.

Agarrei-me ao braço do Rune.

– Estou muito feliz por estares aqui – disse eu, e coloquei a face no bíceps dele. – Um pedaço de casa aqui comigo a meio caminho no mundo. – Sorri, enquanto as flores de cerejeira balançavam novamente na brisa. – Um pedaço da Poppy.

O Rune beijou-me o cabelo e ficámos sentados em silêncio, a contemplar as árvores que a minha irmã tanto amava. A lembrarmo-nos dela. A honrá-la. A pensar nela.

A amá-la.

Eternamente.

Adeus

Savannah
Ōtsuchi, Japão

CHEGÁAMOS À PEQUENA CIDADE COSTEIRA DE ŌTSUCHI NUMA TARDE NEBULOSA. Era muito diferente de Quioto. O mar dominava a vista. Árvores e campos. Mas era remota e tranquila.

Eu tinha saído de Quioto a sentir-me plena, mas também um pouco abatida. Ver tantas árvores em flor e ver e falar com o Rune... foi lindo, mas também difícil. Percebi que eram as pequenas coisas que poderiam desencadear a dor do luto no peito. Uma sensação tão avassaladora e forte que, por algumas horas, poderia empurrar uma pessoa de volta para o fogo. Mas eu tinha aprendido a sair dela, um pouco chamuscada, mas não queimada. Era um progresso.

Embora Quioto tivesse sido difícil às vezes, eu tinha tentado ao máximo sentir a beleza. Visitara um lugar que a Poppy queria tão desesperadamente ver. E eu tinha estado lá com o Rune. Sabia que ela teria ficado muito feliz com isso. O Rune tirou uma fotografia de nós os dois juntos, entre o mar rosa e branco de pétalas. E eu sabia que quando voltasse para Blossom Grove, na Georgia, aquela fotografia estaria encostada à cama da minha irmã.

O Rune tinha vindo jantar connosco. Falámos da Poppy com sorrisos rasgados na cara e lágrimas nos olhos, recordando-a com carinho. Este encontro já estava em falta há muito, com o rapaz que, para mim, era

como um irmão.

E sendo o Rune como era, foi dar um passeio nessa noite com o Dylan. Quando voltaram, o Dylan parecia mais leve na sua marcha. Os seus olhos não pareciam tão pesados. Fiquei com um aperto no peito ao olhar para os dois: homens bons que tiveram de se separar das suas almas gémeas cedo demais. Olhei então para o Cael. Envolvera-me nos seus braços sem palavras, como se tivesse lido que havia um pouco de tristeza na minha alma. Como se tivesse tido o mesmo pensamento sombrio que eu: se alguma coisa lhe acontecesse... Eu não sabia como regressar disso. Fez-me admirar, mais do que nunca, o Rune. Como ele tinha agarrado a vida e estava efetivamente a *vivê-la*. Estava a realizar o seu sonho de ser fotógrafo. Tinha feito de viver para a Poppy o seu propósito.

Honra. O Japão tinha ensinado isso acima de tudo. Que toda a ação deve ser feita com honra, com propósito. Que nós, como pessoas, precisávamos de entender que nada dura para sempre. Tudo era efêmero, desde as flores de cerejeira até às estações do ano, passando pela vida breve das flores ou dos animais de estimação e tanto por momentos bons como difíceis. Tudo passava; tudo começava de novo.

Especialmente a vida.

Tudo, menos o amor.

A vida era uma confusão. Podia quebrar e esfrangalhar uma pessoa. Mas isso não significava que a vida, em toda a sua imperfeição, não pudesse ser transformada e refeita em algo belo, não significava que esse quebrar tivesse de ser feio. Podia ser deslumbrante, de cortar a respiração.

Bastou-me olhar para o Cael para me lembrar disso.

E agora estávamos ali. Numa nova parte do Japão. Pequena e sossegada. A nossa última paragem. Havia uma melancolia dentro de mim. Eu tinha lutado muito para não fazer nesta viagem. Agora estava desesperada para ficar. Mas sabia que tínhamos de quebrar a bolha, se quiséssemos mesmo seguir em frente. Tínhamos de levar tudo o que aprendemos para a nossa vida normal.

Rezei para que a força que eu sentia dentro de mim perseverasse. Sentia que sim. Ver outras culturas, enfrentar as questões que eu tinha enterrado profundamente tinha sido libertador. Senti-me como um

pássaro antes engaiolado e agora prestes a ser libertado.

Mas tínhamos mais uma paragem. Só uma, antes de eu poder abrir as asas e voar.

– Amanhã – disse o Leo quando nos reunimos na sala de estar do hotel que eles tinham reservado em exclusivo para nós – será o culminar de tudo o que esta viagem ensinou.

Os nervos subiam e desciam pelo meu corpo como eletricidade. A Mia e o Leo não nos disseram o que ia acontecer. Mas eu sabia que devia ser algo pungente. Tentei não entrar em pânico com isso. Que venha, simplesmente. Eu tinha-me tornado melhor a enfrentar qualquer coisa que a vida me lançasse agora.

Estava no sofá, nos braços do Cael. Ele tinha o corpo tenso e os olhos assombrados. Eu não podia acreditar que, em breve, não o teria a caminhar ao meu lado. Como se o meu coração se afundasse com esse pensamento, ele puxou-me para mais perto. Derreti no seu forte abraço.

Depois de termos acabado de jantar, voltei, de mãos dadas com o Cael, ao meu quarto. Ele esperou por mim à porta. Precisava dele comigo naquele momento. Porque essa noite era intensa para mim. Dirigi-me à cómoda e, pousado no tampo, estava o caderno da Poppy.

Virei-me para o Cael, que me observava com olhos de falcão. O seu olhar azul-prateado suavizou-se quando puxei o caderno para o peito. Com o lábio e a voz trémulos, eu disse:

– Estou na última página.

Eu lá conseguira ler as dezenas e dezenas de entradas do caderno que a Poppy me deixou. Escrevera-lhe de volta no diário que a Mia e o Leo me deram. Foi bom partilhar aquela viagem com ela. Ajudou-me a ligar-me de novo a minha irmã. Através das suas entradas, a Poppy tinha-me levantado quando eu estava a cair, tinha sido o verniz dourado para meus cacos lascados quando eu ficava destroçada.

Ao longo das páginas, ela tinha mantido a sua vigília, ao meu lado, naquela viagem. Quando eu chorava até adormecer. Quando tinha saudades de casa... mas não tanto como o esperado, porque eu tinha a minha irmã a falar comigo todas as noites.

Mas agora acabava.

Era a última noite, o capítulo final da sua despedida de mim. E por mais que eu não quisesse ler, sabia que tinha de ler. Não queria dizer adeus às suas palavras impressionantes, à sua prosa edificante. Não queria despedir-me da minha irmã há quatro anos, e certamente não queria despedir-me agora.

Mas tinha de ser. Era preciso dizer adeus, quer quiséssemos quer não. Como ensinava a *sakura*, a cerejeira que ela tanto adorava, nada dura para sempre. E eu, *todos* nós, tínhamos de aceitar esse facto. Podíamos acreditar noutra vida, encontrar sentido no universo ou naquilo que acreditássemos que acontece depois.

Mas as despedidas, de alguma forma, teriam sempre de ser feitas na Terra.

Ofereci a mão ao Cael. Ele não hesitou. Fez deslizar a mão calejada e tatuada na minha. E apertou-a duas vezes. Lancei-lhe um sorriso fraco. As lágrimas já me raiavam os olhos. Fiquei com a garganta embargada, mas consegui dizer:

– Ficas comigo... – Respirei fundo. – Para esta última entrada?

O Cael pestanejou, contendo as suas próprias lágrimas, e disse:

– Não queria estar em mais lugar nenhum. – A sua voz era rouca, com o sotaque de Boston cerrado. Sofria a sua própria dor, mas também estava lá por mim.

O sítio em que estávamos hospedados era um hotel tradicional japonês. Mesas baixas e biombos de papel a separar secções da divisão. E cada quarto tinha uma vista privada e isolada de um jardim perfeitamente cuidado. Agarrando-me à mão do Cael, levei-o ao assento baixo almofadado do lado de fora e sentei-me. Ele embalou-me nos seus braços, o corpo alto e espadaúdo criando um escudo protetor à minha volta.

Olhei para o sol poente e para as estrelas que começavam a brilhar. O universo era vasto e imponente, tão eterno que deveria ser avassalador. Mas pensei que havia *algo* reconfortante em ter todas as pessoas do mundo a olhar para as mesmas estrelas e a mesma lua todas as noites, independentemente de onde estivessem.

Alisei o caderno com a mão mais uma vez. Sorri com a caligrafia da Poppy. Aquele caderno já tinha sido tão aterrorizador para mim. Eu tinha-o evitado, escondendo-o numa gaveta no meu quarto. Agora, era

uma fonte de paz.

Era a minha linha pessoal para uma irmã que me amava de uma maneira que não tinha comparação com nada.

O Cael aproximou-se e deu-me um sussurro de beijo no pescoço. Deixou um rasto de beijos até à minha face e ao cabelo. Fechei os olhos, a ouvir os pássaros cantar nos galhos escuros das árvores em redor. Sorri ao ouvir o som contagiante do Travis e do Dylan a rirem noutra parte do jardim.

A vida, pensei... era mesmo uma coisa linda.

– Estou pronta – disse eu baixinho, reconhecendo a importância daquele momento. Era quase sagrado. Para mim, foi. Os braços do Cael cingiram-me e abraçaram-me, e eu virei para a última página.

Senti um nó no estômago quando olhei para a escrita da Poppy. Não era tão nítida como a das páginas iniciais. Ao longo do caderno, pude ver que ia ficando mais cansada. A sua caligrafia era mais fraca, mas as palavras que me dirigia eram tudo menos isso.

Lembrei-me desses dias. Lembrei-me de a ver acamada. A sua respiração era tão custosa que ela tinha de usar um tubo de oxigénio dia e noite. Tinha a pele seca e os olhos pareciam grandes demais no seu rosto. Emagrecera. Mas continuava tão bonita como as pétalas que observava começarem a cair pela janela do seu quarto. Suspirei profundamente, depois li o adeus da minha irmã a mim. A irmã mais nova que adorava a irmã mais velha de todo o coração.

* * *

Savannah,

Receio que tenha chegado a hora. Enquanto escrevo isto, a minha mão esforça-se para segurar a caneta. E, honestamente, sinto a força pesada da morte a pressionar-me. Não quero que te preocupes. Não é opressivo. Não é triste nem assustador.

Parece que estou a ser chamada a casa.

As pessoas temem a morte. Veem-na como sombria e aterrorizante. Mas eu estou aqui, no final, e sinto tudo menos isso. É uma leveza inebriante que paira perto. Sinto o cheiro a flores à minha volta. Não

sei porquê, mas gosto de pensar que é a avó a tomar o seu lugar ao meu lado, a guiar-me nestas últimas horas. Até conduzir a minha alma para fora do corpo destroçado. E serei reanimada. Serei de novo forte. Sairei com as últimas flores de cerejeira.

O Rune está ao meu lado agora. Lutou contra o sono durante tantos dias. Levou-me ao baile de finalistas, Savannah. Dançou comigo a minha música preferida e não me largou uma única vez. Neste momento, está a dormir ao meu lado, com o braço a segurar-me junto a si.

Acabaste de entrar e também te sentaste ao meu lado. Não disseste nada, mas ficámos sentadas uma ao lado da outra, a ver as pétalas, do lado de fora da janela, caírem como uma chuva de verão.

Eras assim, Savannah. A acalmia na minha tempestade. O meu consolo. A minha respiração constante. O bater do meu coração.

Espero que, quando leres isso, estejas sarada. Espero que, ao leres esta entrada final, te sintas mais forte. E acredites que já não estou em sofrimento. Acredites que caminho pela vida ao teu lado. Rezo para que possas olhar para o céu e sorrir, sabendo que ainda estou viva. Que estou em casa, onde pertenço, esperando pacientemente ter-te de volta nos meus braços mais uma vez.

Eu amo-te, Savannah. Enquanto escrevo isto, caem-me lágrimas dos olhos. Mas não são lágrimas de dor ou raiva. São lágrimas de alegria, pela sorte que eu tive de te ter tido como irmã. Que felicidade a minha ter tido uma alma tão bonita como tu na minha vida.

Mal posso esperar por olhar para ti, cá em baixo, e ver-te verdadeiramente feliz. Ver-te a viver a tua vida com propósito, amada pela pessoa mais perfeita. Mal posso esperar para te ver retribuir esse amor. Mal posso esperar para ver onde a vida te leva.

Por favor, cuida-te, Savannah. Sê feliz. É tudo o que quero para ti. Que sejas feliz. Porque a felicidade é tudo. E amor. Amor tão forte e tão profundo que irradia da própria alma.

Vive. Agora estou a sorrir. Só a imaginar o teu lindo rosto cheio de alegria, amor e vida.

Savannah, ser tua irmã tem sido uma bênção. E embora eu já não esteja nesta Terra, serei sempre a tua irmã mais velha. Fala comigo com frequência. Eu vou ouvir-te. Adorei cada momento a crescer ao teu lado.

A minha irmã. A minha melhor amiga. Tu és parte de mim, assim como eu sou parte de ti. Isso nunca pode ser extinto.

Isso nunca pode morrer.

Agora tenho de ir. Estou a ficar demasiado cansada. Mas não te esqueças, eu amo-te mais do que todas as estrelas no céu.

Todo o meu amor para sempre,

A tua orgulhosíssima irmã mais velha,

Poppy

Eu não conseguia ver a frase final, por causa das lágrimas que jorravam dos meus olhos. O peito do Cael movia-se, para cima e para baixo, em movimentos rápidos, e eu soube que ele também tinha lido. Virei-me para ele e pus os braços à volta do seu pescoço. Enterrei a cara na curva do ombro dele e desfiz-me. Libertei quatro anos de luto reprimido no rapaz que eu amava mais do que a vida. O Cael enfiou a mão no meu cabelo e apertou-me contra si. Chorou comigo. Chorou por mim. Chorou pela Poppy, e eu sabia que ele chorava por Cillian, o irmão mais velho que tanto o amava, mas que o deixou exposto e sem um verdadeiro adeus.

Talvez o adeus da Poppy pudesse ser também o do Cillian, pensei. Porque eu sabia que o irmão do Cael o amava tanto como a Poppy me amava.

– Ela adorava-te – disse o Cael no meu cabelo. – Ela adorava-te tanto.

E eu não me podia sentir triste com isso. Porque era verdade. Ter sido tão amada mudou tudo. Eu posso ter perdido a minha irmã mais velha, e haveria de sentir a falta dela todos os dias, mas ela amou-me. Eu tinha sentido o seu amor, e ainda sentia o seu amor girando no ar à minha volta. Nas árvores e na terra, no vento e especialmente nas estrelas.

O amor não morria; era eterno. Era uma tatuagem na nossa alma. Um dom que nem a morte podia roubar. Quando se foi amado, mesmo que se tenha sofrido a perda, esse amor nunca desaparecesse. Vai encher o coração e remendar os buracos que o luto deixa para trás.

Só temos de nos agarrar a ele quando tudo parece impossível.

– Amo-te – disse eu ao Cael.

Precisava que ele soubesse. Precisava que esse amor tapasse os buracos no seu coração quando tivermos de nos separar depois da viagem.

– Eu também te amo – disse ele, e senti a verdade disso até os ossos.

– Precisamos de fazer um pacto – disse eu, e o Cael estudou o meu rosto. – Temos de prometer ser sempre honestos um com o outro. Partilhar as nossas esperanças e os nossos sonhos, mas também os nossos medos e apreensões. – Pus a mão no rosto dele. – Se há coisa que a vida nos ensinou é que há altos e baixos, mas também momentos alegres e preciosos. – O Cael baixou os olhos. Pressionei a testa na dele. – Temos de dizer tudo um ao outro... mesmo que custe. Isso é o verdadeiro amor, Cael. Isso é confiar completamente em alguém.

O Cael olhou-me nos olhos e sussurrou:

– O Leo ofereceu-me ajuda adicional. Quando eu voltar para casa, ele quer que eu vá para uma residência que vai escavar mais fundo e ajudar-me a lidar com tudo. – O Cael suspirou, estava cansado. – E acho que ele tem razão. – Os seus braços eram fortes como ferro à volta de mim, como se eu fosse levada pelo vento se ele não me segurasse. – Foi ver... ver o Cillian fazer aquilo... – A sua voz tornou-se um fio.

– Cael – disse de um fôlego, com o coração partido pelo rapaz que eu amava. – Devias ter-me contado.

Tinha o corpo descaído, de exaustão.

– Acho que não queria admitir. Não queria preocupar-te. Mas...

– Mas? – questioneei, rezando para não estar a puxar demais por ele.

– Mas ele tem razão – confessou e, naquele momento, senti um *orgulho* tão grande nele.

O Cael tinha resistido àquela viagem, resistiu às terapias. Mas percebi que ele tinha dado o máximo de si que podia. Mas precisava de continuar. Para ficar mais forte, tinha mais caminho a percorrer.

– Obrigada por me contares – disse eu, e beijei os seus lábios trémulos.

– Obrigado por me amares – disse o Cael suavemente contra os meus lábios, que não queriam mais nada a não ser tê-los colados.

O Cael podia não se achar digno ou passível de ser amado. Mas, aos meus olhos, ele era sublimado.

– Vamos superar isto – prometi.

Porque eu acreditava nele, e acreditava que, juntos, poderíamos enfrentar qualquer coisa.

O Cael abraçou-me e eu abracei-o no eco do adeus da Poppy e da confissão dele. Quando as nossas lágrimas estavam secas e só restava exaustão, erguemos os olhos, observando as estrelas. E eu sorri. Porque sabia que a Poppy estava lá em cima. Agora, isso era tão reconfortante como ter os braços dela à minha volta.

Ventos Quentes e Palavras Sentidas

Savannah
Ōtsuchi, Japão
No dia seguinte

OLHEI PARA O JARDIM PARA ONDE TÍNHAMOS SIDO LEVADOS E PARA A CABINE telefónica que se erguia nele. O mar estava debruçado sobre uma estrada movimentada, mas ali estávamos nós, no meio de um pedaço de vegetação selvagem, a olhar para uma simples cabine telefónica branca. Era daquelas antigas, de estilo inglês. Havia bancos espalhados, mas aquela cabine telefónica estava simplesmente ali, bastante sozinha e deslocada.

– Há anos, esta cidade sofreu um *tsunami* – disse o Leo, e o meu coração parou um instante. Lancei um olhar em redor da pequena cidade. Deve ter sido arrasada. – Esta cidade costeira, em particular, foi severamente afetada. Muitas pessoas morreram. Os habitantes da cidade perderam muitos familiares com aquela catástrofe. – A mão de Cael apertou-me mais.

– Esta cabine telefónica foi posta um ano antes. – O Leo encaminhou-se para ela. – É conhecida como Telefone do Vento. Dentro dela está um telefone com o fio desconectado.

Vi o telefone preto lá dentro. Como uma coisa que se vê num filme mais antigo, antes da existência dos telemóveis.

– O homem que a criou perdeu um primo com cancro. E tinha saudades dele. Tantas que não sabia como processar isso. – Estas palavras eram uma facada no peito. Eu sabia como era. – Sentiu que precisava de um lugar para pôr os seus sentimentos em palavras. E precisava de um lugar para expressá-los. Então, o senhor construiu esta cabine telefónica no seu jardim, como uma forma de falar com ele. – Franzir a testa, num estado de confusão. – Este telefone foi concebido para ajudar com o luto. É uma linha direta para o mundo do além, e para aqueles que faleceram.

– Para compreender por que razão esta cabine telefónica é significativa, é importante fazer notar algumas coisas sobre o Japão e as crenças que muitas pessoas aqui têm – disse a Mia gentilmente. – O Japão é maioritariamente budista. E dentro do budismo, as pessoas acreditam que a linha entre esta vida e a próxima é ténue. Acreditam que tudo no mundo, na *vida*, está ligado, e isso inclui aqueles que já morreram.

Gostei dessa ideia. Lembrou-me o que eu acreditava sobre o universo e o pó das estrelas e a ideia de que acabaríamos por tomar o nosso lugar de volta entre as estrelas, a origem de todos nós. Sobre as nossas energias sobreviverem além do túmulo, permanecendo nesta vida, apenas com uma nova forma. Sem nunca partir.

– Nas casas, por todo o Japão, muitas pessoas têm um altar na sala de estar, dedicado aos entes queridos mortos – continuou a Mia. Eu não conseguia tirar os olhos dela, agarrando-me a cada palavra sua. – Estão repletos de fotografias e lembranças dos que morreram e fruta e arroz e outras oferendas do género são colocadas diante deles. As pessoas acreditam que, apesar de mortos, os entes queridos continuam ligados às suas famílias e devem ser honrados.

Como o diário que o Leo e a Mia nos deram, pensei. Mantive-me ligada à Poppy. E eu sabia que, mesmo depois de terminada a viagem, continuaria a falar com ela através das páginas. Não conseguia ver-me a parar. Não sabia se era saudável, mas estar ali, a ouvir aquelas palavras sobre o budismo e a cultura japonesa, disse-me que estava tudo bem. Não havia problema em ficar ligada à irmã que eu tinha perdido. Através do diário, eu tinha reencontrado a sua voz.

– Esta cabine telefónica é uma extensão dos altares domésticos. Faz a ponte entre a vida e a morte de uma forma saudável e pessoal – disse o Leo. Apontou para a simples cabine telefónica branca. – O telefone que existe lá dentro não está ligado a nada nesta Terra, mas sim ao mundo do Além. Quem o construiu sabia que não havia linha direta para o seu primo perdido, mas gostava de pensar que as suas palavras para ele, em vez de serem levadas por uma linha conectada, estavam a ser transportadas pelo vento. É por isso que se chama «Telefone do Vento».

Tremeram-me as mãos enquanto eu fixava o olhar naquele telefone e naquela cabine telefónica. Senti arrepios na espinha quando uma oportuna rajada de vento soprou à nossa volta. O Cael apertou-me a mão duas vezes. Também eu lhe apertei a sua duas vezes, e senti-o também a tremer.

– Outra parte do sistema de crenças budistas, não muito diferente do que aprendemos em Varanasi, é que, como os nossos entes queridos continuam ligados a nós, também devemos deixá-los ir. No pensamento budista, se não conseguirmos libertar os nossos entes queridos, se não conseguirmos sacudir a dor de os perder, então eles não podem ser libertados e, em vez disso, ficam suspensos numa espécie de terra de ninguém, no mundo do Além – disse o Leo. – Por isso, algumas das frases mais comuns usadas nesta cabine telefónica são: «Não te preocupes connosco» e «Estou a fazer o meu melhor». As pessoas acreditam que isso ajuda a tranquilizar aqueles que amamos de que estamos bem, mesmo que não estejamos, e que os ajuda a passar para o mundo após a morte e para a próxima parte da sua viagem.

O Cael estava rígido como uma prancha ao meu lado. Era a parte mais difícil para ele, deixar ir o irmão. Largar no Ganges a vela que representava o Cillian magoou-o mesmo. Eu sabia que isto não seria diferente. Encostei a cabeça ao braço dele, tentando apenas oferecer-lhe algum consolo.

– Depois do *tsunami* – continuou a Mia, onde o Leo tinha parado – muitos habitantes da cidade começaram a aparecer aleatoriamente neste jardim, para irem à cabine telefónica fazer as despedidas de que foram privados. Como aconteceu a muitos de nós. Acidentes fatais, doenças

rápidas... suicídios... – disse a Mia, gentil e cuidadosamente. – Não há despedidas. Não há nenhuma oportunidade de dizer tudo o que queríamos dizer aos nossos entes queridos.

Naquele momento, senti-me cheia de sorte. Porque eu tinha segurado a mão da Poppy e tinha-me despedido. Disse tudo o que precisava de dizer à minha irmã. Mas o Cael... muitos dos meus amigos aqui não tiveram esse adeus. Não tiveram esse encerramento emocional.

– Nem toda a gente vai querer fazer isto, e tudo bem. Mas descobrimos que, especialmente para aqueles que não se despediram, falar ao telefone é benéfico para a sua cura. Pode de facto ajudá-los a dizer o que precisam de dizer aos entes queridos perdidos, a sós e em total privacidade – disse o Leo. Sorriu para todos nós. – Trouxemo-los aqui hoje, neste último exercício de viagem, para que todos possam dizer o que precisarem àqueles que mais amaram. – Ouvi o som de soluços, fungar e choro visceral dos meus amigos. Mas o meu olhar estava fixo na cabine telefónica. A minha mão agarrou o Cael como se fosse uma tábua de salvação. Quando me atrevi a olhar para o seu rosto, estava pálido como a cal da parede. Tinha os olhos azul-prateados arregalados e com medo.

Deitei a cabeça no braço dele. Estava frio e o seu corpo tremia.

– Daremos a cada um de vocês tempo para entrar na cabine telefónica – disse a Mia. – Eu e o Leo vimos aqui muitas vezes com os nossos grupos. Temos a sorte de garantir algum tempo privado, longe do público, para que vocês possam fazer isto. – A Mia afastou-se para o lado. – Então, por favor, se quiserem e se sentirem prontos, entrem na cabine telefónica.

O Leo veio ter com o Cael e disse, baixinho o suficiente para só nós o ouvirmos:

– Não tens de fazer isto se ainda não estás preparado, filho.

O Cael acenou com a cabeça. Sinceramente, eu não sabia o que ele ia fazer.

Uma mão agarrou a minha mão livre. Era o Dylan. Quando olhei para baixo, vi que estávamos todos unidos. A Lili à Jade, a Jade ao Travis, o Travis ao Dylan, o Dylan a mim e eu ao Cael. Tínhamos chegado ali. Através de lágrimas, dor e agonia e abrindo os nossos corações despedaçados uns aos outros, chegámos ali, àquele exercício final.

– Chegámos até aqui – disse o Dylan a todos nós.

Pois chegámos. Juntos, tínhamo-nos amparado uns aos outros. Fizemo-lo lado a lado, enxugando as lágrimas uns dos outros e consolando-nos mutuamente quando quebrávamos. Tínhamos um vínculo forjado em luto e amor. Eu sabia que ficaria fundida a estas pessoas para sempre.

A Lili avançou primeiro, soltando a mão de Jade. Fiquei a vê-la, sem respirar, subir os degraus da cabine telefónica e entrar. Baixei a cabeça quando ela pegou no telefone, sabendo que os meus amigos a agradeciam da mesma forma.

O vento soprava nas árvores. Os pássaros cantavam mais à frente; o som das ondas lentas a bater na costa e os carros a passarem na estrada movimentada atrás de nós criaram a banda sonora ambiente. Mais importante de tudo, davam à pessoa que estava ao telefone total privacidade.

Um a um, os meus amigos fizeram as suas chamadas. Cada um saía triste e encharcado em lágrimas... mas parecia diferente, de alguma forma. Limpo, reanimado: um *cocktail* de emoções. Demos de novo as mãos, para um fluxo contínuo de apoio. E quando o Dylan voltou à fila, com as bochechas vermelhas e os olhos molhados, chegou a minha vez.

Olhei para o Cael, que arrancou os olhos da cabine telefónica para encontrar os meus.

– Tu consegues, Pêssego – disse ele, a voz rouca e crua.

Acenei com a cabeça e soltei a mão. Era uma metáfora, pensei. Podíamos amparar-nos, apoiar-nos e secar as lágrimas uns dos outros, mas na hora H, as nossas viagens com o luto pertenciam-nos. Estávamos sozinhos. E também tínhamos de nos curar sozinhos.

Cada passo para a cabine telefónica era uma maratona. A porta parecia pesar dez toneladas. Mas, uma vez lá dentro, com o telefone preto a olhar para mim, tudo ficou em silêncio e uma sensação de paz envolveu-me.

Com a mão trémula, levantei o auscultador e levei-o ao ouvido. Só encontrei silêncio.

Mas eu sabia que ela estava lá, à espera no vento.

– Poppy... – disse eu, a minha voz soando tão alto no espaço silencioso. – Eu sei que me consegues ouvir – disse. Fechei os olhos com força. – Li a última entrada do teu caderno ontem à noite. – Respirei fundo e os meus olhos encheram-se de lágrimas. – Foi tão lindo. *Tu* eras tão linda. Espero que saibas isso. – Sorri por entre o meu choro em silêncio. – Despediste-te de mim ontem à noite, portanto é justo que seja a minha vez de me despedir de ti hoje. – Apertei o telefone com mais força. – Só que eu não quero. Porque, se há coisa que esta viagem e o teu caderno me ensinaram é que eu acredito, de alma e coração, que estás comigo. – Funguei e respirei fundo. Sentia o peito dorido e ferido.

– Quando morreste, todo o meu mundo implodiu. Mas agora sinto-te à minha volta. Vejo-te nas estrelas. Vejo-te nos meus sonhos. E agora estou a falar contigo neste telefone.

Enxaguei as faces e imobilizei-me quando uma borboleta pousou numa flor do lado de fora da cabine telefónica. Já foi uma lagarta, agora transformada em borboleta. Essa borboleta, por mais bonita que fosse, teria uma vida curta. Mas a sua beleza ficaria na memória de todos os que a vissem.

– Eu amo-te mais do que todas as estrelas no céu, Poppy. Nunca vou deixar de lamentar todo o tempo da tua ausência na minha vida, mas vou estimar as bênçãos que me deste quando aqui estiveste. – O meu choro esmoreceu e a minha respiração estabilizou. – Não te preocupes connosco – sussurrei, querendo que ela fosse livre. – Cuida-te, minha irmã adorada. Eu adoro-te. Amo-te. E vou sentir a tua falta todos os minutos de todos os dias – disse eu, e voltei a pousar o auscultador no suporte.

A borboleta levantou voo e eu vi-a voar na brisa em direção ao céu, até desaparecer de vista. Fechei os olhos e sorri, ainda mais quando senti o cheiro doce da baunilha impregnar o espaço à minha volta.

Abri então a porta para a rua, vi os meus amigos e o amor da minha vida, todos à espera, de mãos dadas, expressões orgulhosas no rosto. E eu soube, simplesmente, podia senti-lo no fundo do meu coração...

... Eu ia ficar bem.

Vozes Silenciosas e Pontos de Viragem

Cael

A PAZ NO ROSTO DA SAVANNAH AO SAIR DA CABINE TELEFÓNICA ERA UMA FACA de dois gumes. Por um lado, eu estava tão orgulhoso, a abarrotar de felicidade pela minha miúda, que tinha sido corajosa a ponto de despir a alma para a irmã, de quem tanta falta sentia. Tão orgulhoso de como ela estava agora, a caminhar de costas direitas e queixo levantado. Mas, por outro lado, deixava-me ciente como o raio do trabalho que eu ainda tinha de fazer. Coisas que eu não queria enfrentar. Uma dor que eu não queria suportar.

A mão do Leo pousou no meu ombro.

– Repito, não tens de fazer isto, filho.

A mão da Savannah apertou mais a minha. Olhei para ela. Tinha os olhos azuis arregalados e cheios de preocupação por mim. Eu queria melhorar por ela. Caraças, eu queria melhorar por *mim*.

– Eu consigo – disse eu, com voz rouca, e o Leo estudou o meu rosto.

Passados alguns segundos, ele assentiu, mas os seus olhos mostravam cautela. Eu sabia que ele estava preocupado comigo.

Pouco antes de largar a Savannah, ela deu um beijo nas costas da minha mão e afastou-se. Enquanto eu avançava, retive a sensação do beijo dela, cuja marca permanecia na minha pele. O caminho até à

cabine telefónica era como o corredor da morte. Para mim, a cabine telefónica não parecia convidativa, antes, era a personificação dos meus maiores medos.

Parei à porta e obriguei-me a abri-la. O silêncio era ensurdecedor lá dentro, a falta de som perfurava os meus ouvidos como se fosse uma dolorosa frequência aguda. Depois pus a mão no telefone. Senti-o frio e duro. O meu peito começou a subir e a descer. Muito depressa. Tinha a respiração rápida demais. O suor brotou na minha testa, mas respirei fundo e obriguei-me a pegar no auscultador. Tremeu quando o levei ao ouvido.

Só de imaginar o Cillian do outro lado, à espera de que eu falasse, fiquei esmagado. A minha voz perdeu-se na garganta e, como sucedia tantas vezes, aquela noite começou a desenrolar-se na minha cabeça, como um filme. Mostrava o Cillian a embater com o carro, em estéreo e alta definição. Tentei falar, mas não saiu nenhum som. E, apesar do meu esforço, os meus joelhos dobraram-se e eu caí no chão. O telefone estava pendurado da prateleira, a balançar para frente e para trás. Deixei-o estar, querendo dizer ao Cillian como o amava, como sentia falta dele e como havia dias que a vida sem ele nem parecia ser vida. Mas a única coisa que vi foi ele, espatifado nos meus braços... morto.

Morto.

O meu irmão estava *morto*!

E então, desfiz-me. Soluços atormentados rasgaram o meu corpo e eu não conseguia pará-los. Não conseguia levantar-me do chão frio da cabine telefónica. A porta abriu-se e o Leo baixou-se. Ajudou-me a pôr em pé e levou-me até ao caminho. Mas, mesmo assim, os soluços não pararam. O Dylan pôs-se do meu outro lado, ajudando o Leo a levar-me pelo trajeto até ao autocarro que nos esperava. Uma mão familiar pousou nas minhas costas e eu soube que era a Savannah. Era a minha miúda. Sempre lá, com um toque de apoio. Com o seu amor e os nossos dois apertos de mão partilhados.

A viagem de volta foi uma névoa, com o tempo a ceder à tristeza. Eu não conseguia dizer adeus. Eu simplesmente não conseguia dizer adeus.

Não estava pronto para dizer adeus.

Ainda não.

O Leo e o Dylan ajudaram-me a ir do autocarro para o meu quarto. Deitaram-me na cama e, antes sequer de a minha cabeça pousar na almofada, já a Savannah estava aninhada em mim. Respirei um pouco, então. Era sempre assim, quando ela estava por perto. Mas os soluços vieram na mesma. Vieram até nenhuma lágrima me cair nas faces e o sol dar lugar à Lua. O Leo ficou no quarto connosco o tempo todo, deixando-me purgar tudo da minha alma.

Levantou-se finalmente do assento e disse:

– Preciso de falar com a Mia. Volto daqui a um minuto. Ficas bem? – Acenei com a cabeça. Não conseguia falar. A minha voz perdeu-se.

Quando ele saiu, a Savannah sentou-se logo. Tinha os olhos vermelhos de tristeza.

– Tenho tanta pena, amor – disse ela. – Tanta pena que te tenha magoado tanto.

Olhei para aquelas profundezas azuis e soube que, para termos algum tipo de futuro, eu precisava de melhorar.

– Amo-te – disse eu, justamente quando alguém bateu à minha porta.

A Mia entrou, seguida do Leo.

– Savannah – disse a Mia, gentilmente –, vem, vamos jantar qualquer coisa.

– Não. – A Savannah abanou a cabeça.

Eu queria sorrir pela sua tenacidade, mas não conseguia reunir energia suficiente para isso.

– Não comeste – disse a Mia, delicadamente. Depois olhou para o Leo. – Deixa o Leo e o Cael falarem um pouco.

A Savannah abriu a boca para argumentar, mas eu disse:

– Vai, Pêssego. – Cruzei o olhar com o do Leo. O dele disse-me que precisava de falar comigo sobre alguma coisa, algo que eu não tinha a certeza se iria gostar. – Vai comer alguma coisa.

A Savannah perscrutou o meu rosto.

– Tens a certeza? – Baixou os olhos. – Eu não quero deixar-te.

– Eu sei, querida – disse eu. Sentei-me e segurei-lhe o rosto com as mãos em concha. Beije-lhe a testa, as faces e, finalmente, a boca. – Vou ficar bem. Prometo – disse eu, rezando para que estas palavras fossem verdadeiras.

– Está bem – disse a Savannah, confiando plenamente em mim. Fez-me sentir um pouco mais forte. Continuava nisto comigo.

Vi-a sair com a Mia, novamente de coração partido, quando se virou para trás e me deu um sorriso fraco. Quando a porta se fechou atrás delas, virei-me para o Leo.

– Preciso dessa ajuda adicional quando chegarmos em casa – disse eu. – Hoje fez-me perceber o caminho que ainda tenho de percorrer.

O Leo acenou com a cabeça e disse:

– Sugiro que saíamos agora.

O choque e o pânico percorreram-me imediatamente o corpo.

– Agora? – disse eu, e dei um salto da cama. – Não quero sair agora. Não quero deixar a Savannah. Quero viajar para casa com ela e os outros. Chegar ao fim disto.

O Leo veio ter comigo, com uma expressão cautelosa no rosto.

– Filho, eu não te vou obrigar a fazer nada que não queiras fazer, mas receio que, se voltares a ver a Savannah, ou ficares até o fim, não vás. – Imaginei o rosto da Savannah, lembrei-me dos seus braços apertados à volta do meu corpo, como ela me fez sentir seguro e como se eu pudesse apoiar-me nela para sempre. Exalei, derrotado. Ele tinha razão. Eu *sabia* que ele tinha razão, mas eu só queria vê-la mais uma vez. Queria despedir-me. Fazer planos para quando estivéssemos separados. Como continuaríamos a avançar.

– Cael, tu amas a Savannah? – A pergunta do Leo fez-me levantar bruscamente a cabeça arrebentar e arrancou-me aos meus pensamentos de corrida.

Encontrei os olhos dele.

– Completamente – respondi.

A minha voz era firme. O meu amor pela Savannah era a única coisa de que eu tinha a certeza. Tudo o resto me abalara profundamente. O meu amor pela Savannah era concreto.

– Então tens de te ir embora agora, filho. Para teres algum tipo de futuro com ela, deves continuar com a terapia. Esta viagem não basta. Neste momento, estás numa situação precária e eu aconselho-te a que partamos imediatamente. Já vi o que acontece às pessoas quando

quebram e adiam a ajuda. – Eu tinha o estômago às voltas. Estava a falar do Cillian. Eu não queria ser como ele. – Deixa que eu te ajude, Cael. Aceita o meu conselho e deixa-me ajudar-te.

O meu coração batia muito depressa e eu não conseguia concentrar-me. Não sabia o que era melhor. Não tinha a certeza se conseguia deixar a Savannah.

– Vocês têm verdadeira hipótese de serem felizes, os dois – disse o Leo, falando diretamente ao meu coração. – Vamos fazer de Harvard, neste outono, um objetivo. Estar com a Savannah de novo. Quando estiveres curado e te poderes dar por completo a ela.

Conseguia imaginar isso. Nós os dois felizes e saudáveis, a lidar com a nossa dor na faculdade, aquela que estávamos destinados a frequentar juntos. Eu queria isso. Queria tanto que, de repente, não conseguia ver mais nada.

Ele sabia que eu estava a vacilar, depois disse, a matar:

– Tu não queres que o teu amor por ela seja diminuído pela tristeza. Não queres que ela tenha de te partilhar com a escuridão residual. Vem comigo, deixa que te ajudemos e, em seguida, dá-lhe todo o teu coração... *saudável*. Dá-te inteiramente.

Estas palavras tiraram-me o ar dos pulmões. A Savannah merecia o mundo. Merecia ser amada *totalmente*. O Leo esperou pacientemente pela minha resposta.

– Está bem – disse eu, finalmente, com voz rouca; e o meu coração partiu-se nesse momento. Não era o que eu queria. Eu só a queria a ela, mas precisava de me pôr bom.

Eu tinha de fazer aquilo sozinho.

O Leo exalou de alívio.

– Tomaste a decisão certa, Cael. Vou dar-te dez minutos para arrumares as tuas coisas. Tenho de acertar os últimos pormenores.

O Leo saiu do quarto e eu fiquei ali durante uns minutos em silêncio. Não conseguia fazer com que os meus pés se mexessem, era como se protestassem contra o que eu estava prestes a fazer. Mas só de pensar em entrar em Harvard nesse outono, com a Savannah ao meu lado, a vivermos felizes e sem dor, não apenas a sobreviver... fez-me mexer em segundos. Atirei a roupa para a mala e olhei para o quarto, para a marca

da Savannah que ainda estava na cama. Aquela rapariga amava-me, e eu iria provar-lhe que poderia estar inteiramente com ela. Cem por cento. Que, apesar de jovens, poderíamos conseguir.

Ao ver um bloco de notas do hotel na mesa, corri a escrever um bilhete para a minha miúda. Só esperava que ela entendesse. Eu estava a quebrar o nosso pacto. Estava novamente a deixá-la de fora, indo embora sem um adeus. Mas por mais que me custasse, por mais que a minha alma gritasse para eu ficar seguro nos braços dela, aquilo era importante, para nós os *dois*.

Tirei a carteira de cima da mesa e olhei para ela, sentindo lá dentro o peso do bilhete que o Cillian me escreveu. Sem pensar demais, puxei-o para fora, ofegante quando vi a caligrafia familiar e as sete palavras que me destruíram no ano anterior. Tinha-me assombrado, atormentado e devorado até eu não passar de um caos. Não queria continuar a viver assim. Para mim, *chegava*.

Abraçando uma última onda de raiva, rasguei o bilhete em pedaços e atirei-o ao chão. Era um albatroz para a minha cura, um peso que me puxava para baixo.

Peguei na mala, saí pelo corredor e encontrei o Leo na receção. Imediatamente procurei a Savannah. Talvez pudesse ver o seu rosto mais uma vez. Apenas um vislumbre. Talvez se eu conseguisse só beijá-la uma última vez, *tivesse* forças para sair e não cair nos seus braços.

Mas ela não estava à vista e, no fundo, eu sabia que era tudo mentira. Se eu visse a minha miúda, ia ser uma luta para ficar. Ficava e sofria e as coisas só pioravam para mim, para ela, até que minha dor nos consumisse aos dois. Ela merecia ser livre. Tinha chegado longe demais para eu agora a restringir.

Eu só precisava de tempo para a alcançar

– A Mia levou-os a um restaurante longe do hotel – disse o Leo. – Só voltam quando já estivermos longe.

O meu coração encheu-se de tristeza.

Obriguei-me a sair do hotel, com o coração a exigir-me que desse meia-volta. Mas debati-me para entrar no autocarro e me sentar ao lado do Leo. Numa questão de segundos, afastámo-nos do hotel. Iluminada, ao longe, estava a cabine telefónica. Aquela que me expôs e mostrou ao Leo e à Mia que, para mim, a viagem estava só no começo.

Peguei no telemóvel e resisti a marcar o número da Savannah, fazendo, em vez disso, uma ligação há muito esperada.

– Cael? – A voz do meu pai surgiu no altifalante e foi como se o meu peito se estivesse a rasgar, quando o som familiar se acomodou em mim.

– Pai... – disse eu, com a voz quebrada.

– O que se passa, filho?

A voz do meu pai estava em pânico. Ouvi a minha mãe ao fundo, também a expressara sua preocupação.

– Vou voltar para casa – disse eu, e o Leo pousou a mão no meu ombro, num gesto de apoio. – Eu... Preciso de mais ajuda. E estou a voltar para casa.

A voz do meu pai falhou e ele disse:

– Estamos orgulhosos de ti, Cael. Tão orgulhosos. – Fez uma pausa, depois disse: – Vamos ter contigo ao aeroporto. Pede ao Leo que nos envie as informações do voo. Estamos aqui por ti, filho. Nós vamos ajudar-te a ultrapassar isso.

– Está bem – disse eu e fiquei em linha um pouco mais de tempo, apenas pelo consolo de ter os meus pais a apoiar-me pelo telefone.

Algumas horas depois, quando estávamos à espera na porta de embarque e eu me sentia anestesiado pela dor, o meu telemóvel tocou. Fiquei de coração apertado quando vi que era a Savannah. Passei a mão pela fotografia no meu telefone que estava associada ao rosto dela e esforcei-me para não me dilacerar.

– Pêssego – respondi, com a garganta cheia de culpa.

– Tu quebraste o nosso pacto! – disse ela, com a tristeza a atravessar, afiada, o telefone. – Prometeste que me contavas tudo. Nem sequer te despediste! – A Savannah começou a chorar e eu não aguentei o som dela a quebrar, e por minha causa.

Mudei-me para o canto da sala da porta de embarque, para ter privacidade e deixar as minhas próprias lágrimas começarem a cair.

– O Leo estava preocupado comigo. Precisava que eu saísse para pedir mais ajuda. – Abanei a cabeça, tentando encontrar as palavras para explicar. – Eu não consegui, Savannah. Eu não me podia despedir de ti. Estou dilacerado, amor. Não estou a ficar bem, como devia. Eu tinha de ir...

– Isso não é justo – disse ela, interrompendo-me, os soluços a abalarem o seu peito. – Eu ter-te-ia apoiado. Mas devias ter-te despedido de mim. Ter-me abraçado uma última vez. Deixar-me dar-te um beijo e assegurar-me de que estavas bem. Tu magoaste-me. Tu...

– EU NÃO TERIA PARTIDO! – dei por mim a gritar, mais alto do que pretendia, as minhas emoções forjadas a subirem à superfície e a dominarem-me. Olhei para trás e vi vários rostos a observar-me. Incluindo o do Leo.

Pressionei a testa na janela e olhei para as luzes dos aviões que se preparavam para a descolagem. Acalmei-me e senti o batimento do meu coração no peito.

– Se eu me tivesse despedido de ti, Sav – sussurrei sobre o som torturante do seu choro –, não teria sido capaz de te deixar. – Engoli em seco e soube então que o Leo tinha razão. Mesmo agora, eu tinha de lutar contra a ideia de sair a correr do aeroporto, de volta para o conforto de onde ela estava. – E eu preciso de o fazer. – Um soluço arrancou-se da *minha* garganta quando eu disse: – Estou... estou desfeito, Pêssego. Tão porra de desfeito que tenho de pedir ajuda antes que isso me destruía. – A minha voz mal se ouvia. Senti-me exausto. Eu estava tão cansado de lutar.

A Savannah chorava cada vez mais ao telefone. Isso destroçou-me. Mas tinha de ser assim. Eu sabia que sim. No fundo, estava certo de que ela também o sabia.

Enxuguei as lágrimas do rosto e disse:

– Eu quero uma vida contigo, Savannah. Quero encontrar-te em Harvard no outono, mais forte e funcional. Quero que tenhamos uma oportunidade, *preciso* disso. És a única coisa que me faz continuar. Mas dizer-te adeus... Eu não sou forte o suficiente para suportar isso, Pêssego. Não posso dizer adeus ao amor da minha vida. – A respiração da Savannah estava dificultada por tanto choro, mas ela ouvia-me. – Amo-te – disse eu, num suspiro. – Por favor, acredita em mim. Amo-te tanto. És *tudo* para mim.

– Cael – disse a Savannah, com a voz embargada. – Eu também te amo. Amo-te... tanto. Desculpa ter gritado contigo. É só que eu... vou ter saudades tuas.

– Eu também vou ter saudades tuas – disse eu, ainda a sentir-me desfeito, e como se o meu coração estivesse a ser rasgado. – Vou para um programa residencial, portanto não sei se vou conseguir falar muito. Mas ligo-te e mando-te mensagens em todas as oportunidades que eu tiver. Vou precisar que me ajudes a ultrapassar isto.

– Estou tão orgulhosa de ti – disse a Savannah baixinho, aliviando um pouco a dor que ameaçava deitar-me abaixo. – E vou pensar em ti todos os dias.

– Harvard – disse eu, com a garganta embargada, mas dizendo esse objetivo em voz alta. – Vamos encontrar-nos novamente em Harvard.

– Harvard – disse ela, em eco, e uma sensação de paz instalou-se em mim. – Vou contar os dias.

O Leo bateu-me no ombro e vi que o voo estava em fase de embarque.

– Tenho de ir – disse eu. Não queria sair do telefone.

– Amo-te – disse ela. – Depois diz-me que aterraste em segurança.

– Eu também te amo – disse eu, e precisei de todas as minhas forças para terminar a chamada.

Mas fiquei com o rosto da Savannah na cabeça e o seu amor no coração e sabia que eles eram fortes o suficiente para me fazerem avançar.

* * *

Depois de um dia de viagem, desembarquei no JFK. Foi estranho ver outra vez o céu da América. Eu só conseguia pensar no que a Savannah estaria a fazer naquele momento. Viajavam de volta a casa nesse dia. Mas ela estaria na Georgia, e eu em terapia.

Segui o Leo através do aeroporto e até às chegadas. Demorei só uns segundos a encontrá-los. Sem pegar sequer na minha bagagem, corri pela multidão e atirei-me aos braços da minha mãe e do meu pai. As lágrimas jorraram dos meus olhos, e eu sussurrei:

– Desculpem. Desculpem.

– Não tens de pedir desculpa de nada – disse a minha mãe.

– Nada mesmo – disse o meu pai, a voz quase inaudível.

Levantei-me e vi que tinham os olhos vermelhos. Mas também havia felicidade no rosto dos dois. O filho estava de volta, e não era só no sentido físico. Podia ainda estar no processo de cura, mas aproximava-me mais do rapaz que eu era antes do que daquele que tinha sido atormentado pela dor.

O Leo cumprimentou os meus pais e explicou-lhes o que iria acontecer a seguir. Liguei o telemóvel e apareceu uma única mensagem.

Pêssego: Amo-te tanto. Nunca te esqueças disso. Eu sei que tu és capaz de fazer isto.

Suspirei fundo. Depois, enviei-lhe uma mensagem com uma simples palavra.

Eu: Harvard

A minha mãe enfiou o braço no meu, e fomos diretamente para o retiro. O trabalho duro estava só a começar, mas o amor que eu tinha pela Savannah, pela minha mãe, pelo meu pai, por *mim* mesmo... e pelo Cillian. O amor que eu tinha por todos eles haveria de me fazer ultrapassar.

E teria a Savannah de volta nos meus braços nem que fosse a última coisa que eu fazia.

Corações Caseiros e Almas a Sarar

Savannah,

QUANDO COMEÇÁMOS A NOSSA DESCIDA, SAQUEI DA CARTA QUE O CAEL ME tinha deixado e li-a mais uma vez. Por essa altura, já a sabia de cor. Mas mesmo assim, li-a. Porque me fez sentir mais perto dele, mesmo estando a quilómetros de distância.

Pêssego,

Por favor, não fiques zangada por eu me ter ido embora. Mas tenho de ir. Para ser o homem que tenho de ser para ti, para mim, eu preciso de ir com o Leo.

Por favor, não penses que isso significa que te estou a deixar. É o contrário. Vou para que, quando nos voltarmos a encontrar, nada nos separe. Para que nada nos atrapalhe e possamos ter o futuro com que sonhávamos. Tu és o amor da minha vida.

Quando vim para esta viagem, estava desfeito em mil pedacinhos. Mas quanto mais nos aproximávamos um do outro, mais tu me colavas de novo, um a um. Ainda não estou totalmente curado, mas estou determinado a fazer isso por nós.

Eu amo-te, Pêssego. Dá-me tempo e eu vou a correr para ti o mais depressa que puder.

Amo-te,

Cael

Pousei a carta e peguei no telemóvel. Eu fiquei com tanta raiva dele por me ter deixado sem se despedir. Depois de tudo o que passámos, senti que ele me devia isso. Naquele momento, partiu-me o coração. Mas quando falei com ele... apercebi-me. Vi como estava destruído. Mas também ouvi determinação na sua voz.

Passei o dedo pela mensagem que ele me enviou.

Cael: Harvard

Sorri e o meu coração inchou. Era esse o nosso objetivo. Eu tinha começado aquela viagem a querer ficar suficientemente boa para frequentar Harvard e me tornar médica. Continuava a ser esse o objetivo, só que desta vez oferecia-me muito mais do que eu podia ter imaginado. Agora oferecia-me uma vida inteira com o Cael. Uma vida inteira a amá-lo, a estar ao seu lado.

Quando aterrámos em Atlanta, suspirei de felicidade com o calor que invadiu o avião quando a hospedeira abriu a porta de saída. Liguei o telemóvel. Uma mensagem de texto do Cael apareceu imediatamente.

Cael: Estou aqui no retiro. Tiram-nos os telemóveis. Só os temos algumas vezes por semana. Mando-te mensagens e ligo quando puder. Amo-te e tenho saudades tuas.

O meu coração vibrou. Eu tinha total fé nele. Se algum tempo longe um do outro fosse a troca para ficar com ele para sempre, então eu podia viver feliz com isso.

Saí do avião e fui recolher a minha bagagem. As portas mal se tinham aberto para as chegadas quando ouvi: «SAVANNAH!» Olhei para cima a tempo de a Ida se atirar aos meus braços.

Ri-me enquanto ela pulava e punha os braços à volta do meu pescoço. Abracei-a e apertei-a contra mim. Rimos, e o som era uma sinfonia para os meus ouvidos.

A minha irmã.

A minha irmãzinha mais nova.

A Ida deu um beijo na bochecha.

– Tive tantas saudades tuas! – disse ela e recuou. Abriu teatralmente a boca enquanto me examinava. – Tu estás incrível, Sav! – Aproximou-se mais. – Isto é por causa do Cael?

Ri-me da sua expressão sugestiva. Tive saudades dela. E não apenas na viagem. Tinha saudades dela há quatro anos. Não a tinha deixado entrar, mas isso ia mudar a partir de agora.

– Senti a tua falta – disse eu, e abracei-a de novo. – Desculpa por não estar lá por ti.

A Ida recuou e encontrou o meu olhar. Os seus olhos brilhavam com lágrimas por derramar.

– Voltaste? – perguntou ela timidamente.

– Voltei – disse eu, com alívio e promessa em cada palavra.

– Tenho a minha irmã de volta! – disse ela dramaticamente, depois, beijou-me a bochecha.

Foi glorioso.

– Querida! – Os braços da minha mãe eram seguros e quentes quando me engoliu num abraço, e o meu pai envolveu-nos a todos com os seus braços, a Ida também.

Ele beijou-me o cabelo.

– Todas as minhas meninas de volta a casa. – Eu sabia que ele também se referia à Poppy, que estava à nossa espera em Blossom Grove. Há meses, essas palavras ter-me-iam destroçado. E agora? Eram a perfeição.

– Vamos para casa – disse a minha mãe, e o meu pai foi buscar a minha bagagem.

Sorri quando o sol da Georgia me beijou o rosto, a brisa quente envolvia-nos enquanto sussurrava: «Bem-vinda a casa».

Casa. Não há nada que se lhe compare.

No carro, a Ida regalou-me com cada pedacinho da sua vida desde que eu me tinha ido embora. Quando entramos em casa, um milhão de memórias giraram à minha volta. Se eu fechasse os olhos, quase conseguia ouvir o eco de três raparigas a rir, a a correrem atrás umas das outras pelas escadas. Era celestial. O meu coração inchou quando

percebi que podia andar pela casa e sentir-me consolada pelas memórias da Poppy que ali havia, sem ficar paralisada. Era, mais uma vez, o meu santuário, não a minha prisão.

Tomei banho e mudei a roupa da viagem, sempre a imaginar como estaria o Cael no retiro. Eu sofria por saber que ele ia passar por muito, mas implorei ao universo que o ajudasse. Que o tornasse mais forte do outro lado.

Saí do meu quarto e entrei na sala. A minha mãe estava a fazer o jantar, os cheiros enchendo a casa. Mas quando passei pelo quarto da Poppy, em vez de seguir, como tinha feito tantas vezes antes, abri a porta. Estava tudo na mesma. Fui até à janela e olhei para fora. Eu sabia que era ali que ela tinha escrito no seu caderno para mim. Passei a mão pelo assento e sussurrei:

– Obrigada.

Quando abri os olhos, ri-me. Ao olhar pela janela, vi o Alton Kristiansen sentado no banco da janela do antigo quarto do Rune.

Acenei, e ele acenou de volta, parecendo um Rune e miniatura e, por um momento, quase me senti como a jovem Poppy, a olhar para o rapaz que ela adorava. Passei a mão pela escrivaninha dela, a sua cama, e sussurrei:

– Amo-te, Poppy.

Fechei a porta atrás de mim. A Ida estava à espera no corredor.

– Tudo bem? – perguntou ela, com cuidado.

– Tudo – disse eu, orgulhosa por dizer que sim.

Haveria sempre uma parte de mim que estava triste por perder a Poppy. Mas era assim a perda. Era assim o luto. Ficamos sempre com cicatrizes. Mas poderíamos seguir em frente. Ao ritmo que precisássemos.

– Então, agora que voltaste e temos todo o tempo do mundo, conta-me todos os pormenores sobre o Cael – pediu a Ida.

Eu tinha-lhe contado tudo sobre ele quando conversámos ao telefone e por mensagens. Soube-me bem, falar assim com uma irmã novamente.

– Ele saiu antes – disse eu, e a minha mãe e o meu pai também ouviram. Sentámo-nos à mesa da cozinha. – Precisava de voltar aos Estados Unidos para ter mais ajuda.

– Tinhas mesmo de escolher o rapaz com as tatuagens, não era? – perguntou o meu pai, pondo-me um sorriso no rosto.

A Ida riu-se bem alto com a descrição que o pai deu do rapaz que tinha o meu coração nas palmas das mãos.

– Ele não é só um rapaz com tatuagens, pai – disse a Ida. – Ele é o amor da vida dela! – Fiquei com a cara a arder, com a atenção dos meus pais. Eles sabiam que o Cael e eu estávamos juntos. Mas só a Ida sabia o quanto eu o amava.

O meu pai resfolegou e disse:

– Isso é verdade, pequena? Tu amas esse rapaz?

Pus-me séria, a pensar no Cael. Como a única coisa que eu queria era protegê-lo da dor e viver nos seus braços.

– Ele é... – A minha voz perdeu-se, tentando explicar. Então, com um sorriso sabedor, eu disse: – Ele é o meu Rune.

O rosto severo do meu pai suavizou. A minha mãe estendeu a mão e agarrou a minha.

– Isso é tão romântico – disse a Ida, melancólica. – Eu também quero o meu próprio Rune. – O meu pai fulminou a Ida com o olhar, o que trouxe uma explosão de riso à minha boca.

– Porque é que ele precisa de mais ajuda? – perguntou o meu pai.

Então eu expliquei-lhes. Disse-lhes por que razão o Cael estava lá. Tinha mantido a maior parte da sua história privada, por respeito a ele. Mas eles iriam conhecê-lo um dia, eu tinha a certeza. Seriam um apoio para ele também. Para ser isso, precisavam de saber tudo.

– Abençoado seja esse rapaz – sussurrou a minha mãe, com tristeza na voz. O meu pai estendeu a mão e agarrou na minha. Um apoio mudo.

– Ele é forte e muito corajoso. Tão gentil e paciente e ama-me mais do que à vida – disse eu.

A Ida deitou a cabeça no meu ombro.

– Ele só precisa de mais tempo.

Assenti.

– Está a sofrer, mas eu sei que ele vai ultrapassar isto.

Comemos todos juntos e rimos. Quando a refeição terminou, entrei no arvoredor florido e arquejei. Era todos os anos a mesma coisa, mas cada ano fazia uma tapeçaria novinha em folha do bosque pequeno e isolado. Pétalas de branco e rosa estavam em plena floração. E abaixo de

todos eles havia uma lápide de mármore branco, a brilhar com o mesmo brilho. Quando cheguei à campa da Poppy, sorri, a ver a fotografia de mim e do Rune em Quioto, com fita-cola na base.

Sentei-me, permitindo que a brisa morna dançasse em redor do meu cabelo. Suspirei, depois, com inabalável dúvida, disse:

– Poppy... vou para Harvard.

Cura

Cael

Massachusetts

Fim do verão

SEMANAS E SEMANAS INTERMINÁVEIS LEVARAM-ME A ISTO. ESTAVA FINALMENTE em casa. Pus a mão na porta do quarto do Cillian. Fechei os olhos e inspirei profundamente. Todas as terapias, todas as sessões de um dia com o Leo, a Mia e os muitos psicólogos que me guiaram através da minha superação... tinha-me conduzido aqui. O apoio inabalável e as visitas semanais da minha mãe e do meu pai, a única hora por semana que conseguia falar com Savannah levaram-me a este novo lugar de paz.

Eu estava mais forte, agora. Respirei com maior facilidade. Estava mais direito. Não sentia raiva e, acima de tudo, compreendia. Compreendia o Cillian de uma maneira que nunca tinha conseguido antes. Compreendi a sua depressão incapacitante. Compreendi por que razão ele não podia falar comigo. Foi difícil, mas compreendi.

Ele era o meu irmão mais velho. E eu sentia a falta dele. Haveria de sentir sempre. Mas eu também tinha de seguir em frente.

Inspirei fundo e, com a mão na maçaneta, rodei-a e entrei no quarto dele. O sol brilhou pela janela virada a sul. Tinha a cama feita; a mobília estava limpa, centímetro a centímetro. A minha mãe mantinha o espaço

simpático. Eu respirava o ar do quarto e ainda o sentia ali. Ele era tão vibrante e vivo quando estava ali. Era como se tivesse deixado a sua marca naquele quarto.

Em todos nós, os que mais o amávamos.

As paredes do seu quarto eram um santuário do hóquei. Passei os dedos pela camisola assinada do Bruins, emoldurada e protegida por vidro. Depois parei, ao ver a sua camisola de Harvard. A que ele recebeu na sua primeira partida, quando era caloiro. Eu estive nesse jogo. Lembro-me de sorrir tanto que me doíam as bochechas.

Depois fiquei parado quando vi a parede cheia de fotografias minhas e dele. Há meses, aquilo teria sido como arrancarem-me as entranhas. Eu ainda estava triste, quando via essas fotografias. De nós os dois felizes, a promessa de um futuro incrível nos nossos sorrisos largos. Mas o que mais me chamou a atenção foi o bilhete para os Bruins, velho e desgastado, que estava preso ao seu quadro de cortiça.

Aquele que fazia par com o bilhete em que ele se despedira de mim.

Senti um aperto no estômago. Eu tinha-o. Estava tão cansado de me sentir triste e, em num momento de raiva, rasguei-o e deixei-o no Japão.

Agora, o que eu mais queria era ter esse bilhete. Meses de terapia tornaram mais leve todo o mal que vi na morte do Cillian. Ver o embate, segurá-lo nos meus braços... Suspirei fundo quando o meu corpo teve um surto de arrepios, a memória daquela noite ainda era difícil. Eu haveria sempre de pensar assim.

Mas a terapia ajudou-me a reformular as coisas. Fez-me ver que eu tinha tido o privilégio de estar lá com ele, no final. Estava lá com ele quando morreu. Segurei-o no rescaldo, enquanto a sua alma se deslocava. E aquele bilhete... Aquele bilhete era uma memória feliz que tanto significado teve para nós, e agora só se tornou mais especial com o seu adeus escrito à mão. Aquele bilhete também tinha sido um pedaço dele. Um pedaço que lamentei profundamente ter deixado para trás.

Ao final, fiquei feliz por ter lá estado com ele quando deixou a Terra. Amei-o o suficiente para querer que ele me tivesse perto no final. Um irmão que o amava mais do que a vida, ali ao seu lado, quando a morte o reclamava. Era melhor, pensei, ter companhia ao morrer.

Agarrei-me a esse pensamento quando a imagem daquela noite me tentara destruir. Afastei-me dessa parede, orgulhoso de ter enfrentado o meu regresso ali, quando parei. Encostado à parede, estava o taco que eu tinha partido todos aqueles meses antes, quando a minha mãe e o meu pai me disseram que eu ia para a viagem do luto. Só que agora, o taco, envolto novamente nas cores dos Bruins (o taco do Cillian) estava reparado e brilhava ao sol.

Estendi a mão para lhe tocar e levantei-o com cuidado. Dava para ver onde estavam as rachas. Mas tal como o prato que a Aika nos fez estatelar no Japão, e depois reparar, era ainda mais especial no rescaldo. Falava de cura e perdão.

Falava de mim e do Cill.

– Encontrei-o junto à lagoa.

Levantei a cabeça, de surpresa. O meu pai estava à porta, com a minha mãe logo atrás. Estavam tão preocupados comigo. Mas estavam mais leves nesses dias, por também me verem melhor. Eu nem imaginava a dor por que eles tinham passado.

O meu pai entrou mais no quarto. Os seus olhos brilhavam enquanto olhava para as paredes. A minha mãe deixou as lágrimas caírem. Eu costumava achar que aquele quarto estava amaldiçoado. Conspurado. Mas estar ali novamente agora... todo ele era o Cillian. Estava cheio do irmão de quem eu tinha saudades. Não havia nada a temer. Foi... parecia voltar a casa.

O meu pai enfiou as mãos nos bolsos. Tinha acabado de voltar do trabalho, ainda estava com o uniforme de polícia.

– Mande repará-lo. – Olhou-me timidamente. – Achei que ias querê-lo... um dia. Talvez. Não sei...

Passei a mão pela madeira. Muitas memórias tinham sido produzidas com o Cillian a segurar aquele taco. Eu ao lado dele, o meu irmão mais velho, o meu herói...

– Obrigado – sussurrei.

Afundei-me na cama dele, com a minha mãe sentada ao meu lado. Envolveu-me com o seu braço e olhou para a parede de fotografias.

– Vocês os dois... – disse ela, rindo entre lágrimas. – Fiquei com cabelos brancos aos trinta anos graças a vocês os dois e ao hóquei. – Ri-me e limpei os olhos. – Mas adorei, ao mesmo tempo – disse ela,

segurando-me com mais força. – Levá-los aos dois por todo o Estado, levantar-me de madrugada para os treinos... vê-los a jogar na lagoa quando não sabiam que eu lá estava. – A minha mãe ficou séria. – Quando fica difícil, é a isso que eu me agarro – disse ela, com a voz trémula. – E aí encontro a felicidade. Posso ser feliz aí, nessas memórias.

O rosto da Savannah veio-me à cabeça. Foi a menção à felicidade que o trouxe. Tinha tantas saudades da Savannah que não julgava serem possíveis. Sentia falta da sua mão pequenina na minha, sentia falta das faces coradas quando ficava, tão facilmente, envergonhada. Tinha saudades do seu beijo e do sotaque cerrado do Sul.

Tinha saudades dela, ponto final.

– Outra vez a pensar na tua rapariga? – disse o meu pai, e eu dei uma gargalhada.

Tinha-lhes contado tudo sobre ela. Como não? Ela era tudo em que eu pensava. Quando a terapia me pôs de joelhos, foi o rosto dela e o telefonema semanal que me impediram de desmoronar. A sua força tranquila, a maneira como ela havia atravessara o luto com tanta dignidade e graça.

Era a minha miúda.

– Tenho saudades dela – disse eu, e a minha mãe apertou-me com mais força.

– Mal podemos esperar para a conhecer – disse o meu pai.

Gostei da ideia.

Ficámos no quarto do Cillian mais uma hora. A relembrar os tempos que eram mais preciosos nos nossos corações. Sorrímos e chorámos, mas, quando saí pela porta da rua, outro peso se havia levantado. Dia após dia, as algemas que me prendiam começaram a soltar-se e depois caíram completamente.

Era um dia de cada vez, mas a cada dia eu sentia-me mais forte.

Conduzi o meu jipe até ao lugar que já foi, em tempos, a minha segunda casa. Eu sabia que não havia treinos nesse dia. E que estaria vazio. Agora que eu tinha voltado para casa, o meu antigo treinador tinha dito que eu podia ir ali treinar sempre que a pista estivesse livre. Ficou feliz por eu ser eu novamente e por ter encontrado o meu caminho de volta para o gelo.

No instante em que transpus a porta, o vento frio e o cheiro fresco do gelo invadiram meus sentidos. Segui pelo corredor até ao vestiário que bem conhecia. Atirei o saco para o banco e comecei a equipar-me, depois, por fim, calcei os patins.

Quando cheguei à entrada do rink, deixei a brisa fria morder-me o rosto. Segurando o taco nas mãos, pisei no gelo e exalei sem dificuldade. Andei à volta da pista cada vez mais depressa até sentir que estava a voar. Posso ter estado um ano sem treinos, mas aquilo era memória muscular. Foi para isto que eu nasci.

Não se esquece uma coisa dessas.

Olhei para os assentos, imaginando-os cheios outra vez, as luzes a brilhar no gelo e a música a explodir dos altifalantes. Vi-me e à minha equipa a alinharmo-nos, de mão no peito a cantar o hino nacional.

Eu queria aquilo. Queria-o tanto de volta.

– Woods! – Abri os olhos e parei abruptamente.

O meu coração bateu mais rápido quando vi o Stephan Eriksson, o meu melhor amigo, a patinar na minha direção. O treinador tinha-me dito que não ia estar ali ninguém nesse dia. Pelos olhos arregalados e chocados do Stephan, deduzi que o treinador lhe tivesse dito a mesma coisa. Era mesmo coisa dele, juntar-nos assim à socapa.

– Voltaste ao gelo? – perguntou o Stephan, com a voz envolta em esperança.

– Sim – permiti-me dizer e senti essa resposta até aos ossos. Eu estava de volta. – Estou de volta – disse eu, e o Stephen deu um salto para mim e pôs os braços à volta do meu pescoço.

Abraçou-me um bocadinho demais.

– Que bom ter-te aqui outra vez, mano – disse ele e, desta vez, o termo carinhoso não doeu. O Stephan foi o meu melhor amigo durante anos. Tinha sido um irmão para mim, ainda era.

– Desculpa – disse eu, quando ele se afastou. Estávamos sozinhos no centro do gelo. Reinava o silêncio, tirando a nossa respiração. – Desculpa...

– Não tens de pedir desculpa de nada – disse o Stephan, e eu vi no seu rosto que ele falava a sério. Eu ia contra-argumentar. Que eu o tratei como merda durante muito tempo. Mas ele parou-me com a mão no meu braço. – Não tens de pedir desculpa de *nada*, Cael. De nada.

Acenei com a cabeça, a garganta cheia de emoção. Não conseguia falar. O Stephan podia ver isso claramente e patinou para trás.

– Então, Woods, que tal um pouco de um contra um? – disse ele provocando. – Provavelmente apanho-te, agora que estás um bocado enferrujado.

O meu peito ergueu-se de leveza e encheu-se de calor. Fiz um sorriso largo.

– Não importava que eu não tivesse jogado durante dez anos, Steph. Dava cabo de ti na mesma, em qualquer lugar, a qualquer altura.

O Stephan riu-se e trouxe-nos um disco. Estiquei os braços e o pescoço e depois joguei contra o meu melhor amigo, como se tivesse sido ontem. Jogámos durante horas. Rimos. Eu sorri. Inspirei fôlegos demorados e indolores.

Ganhei todos os jogos.

E, mais importante, tinha um futuro para recuperar. Prometi à minha miúda que nos encontraríamos de novo.

Não ia dececioná-la.

Convidados Surpresa e Corações Ligados

Savannah

Universidade de Harvard

Outono

– CERTIFIQUEM-SE DE QUE FAZEM A LEITURA PARA A PRÓXIMA SEMANA! – gritou o professor por cima da massa de pessoas que arrumavam os seus apontamentos e corriam porta fora.

– Acho que tive mais olhos do que barriga – disse a Cara, a minha nova colega de quarto.

– Tu consegues – disse eu, colocando a mala ao ombro para sair do edifício.

A faculdade tinha acabado de começar. Tivemos uma semana de orientação e aquele era o primeiro dia de aulas. Mas, melhor ainda, eu ia tornar a ver o Cael em breve. Assim que cheguei, a equipa de hóquei partiu para um campo de treino fora do *campus*. Ele tinha-me dito que estava de volta nesse dia e eu contava os segundos para o tornar a ver.

Tínhamos conversado todos os dias desde que saiu do retiro, e eu mal conseguia respirar por querer tanto voltar a vê-lo. Para que ele me envolvesse nos seus braços fortes e me puxasse para o seu peito.

Eu também estava nervosa. Fazia meses que ele tinha deixado o Japão. Que nos beijámos ou abraçámos um ao outro. Houve alturas em que tive tantas saudades que me apeteceu embarcar num avião para ir

vê-lo. Mas eu sabia que ele precisava de se concentrar e que eu o veria novamente na faculdade.

Mal podia acreditar que o veria novamente numa questão de horas.

Dirigimo-nos ao corredor e saímos do edifício, entrando na beleza que era Boston no outono. Era tão bonito que não parecia real. Verifiquei o telemóvel para ver se ele tinha ligado. Ainda não havia nada. Coloquei o telemóvel no bolso, olhei para cima e parei. O meu coração disparou, quando, ao fundo das escadas, de pé contra uma árvore no pátio, estava o Cael. Procurava alguém à sua volta... procurava-me a *mim*, percebi. Os alunos murmuravam quando tinham de se apertar para passar pela minha figura de estátua, mas eu não me conseguia mexer, tão chocada por ver de novo o Cael, ali mesmo à minha frente.

– Savannah? O que foi... – disse a Cara, mas depois as suas palavras esmoreceram em silêncio. E então ela disse: – Esse é o Cael Woods. – Mas os meus olhos estavam bloqueados no rapaz que me roubara o coração desde o momento em que lhe pus a vista em cima. O rapaz que segurou aquele coração nas mãos durante meses, mantendo-o seguro até que eu estivesse de volta aos seus braços.

O Cael usava roupas desportivas. Calças de fato de treino e um casaco. A minha respiração gaguejou de felicidade quando vi que era um casaco que dizia Crimson Hockey. As suas tatuagens subiam pelo pescoço e saíam do colarinho, o seu cabelo escuro, curto de lado e despenteado em cima... então, encontrou-me e cruzámos o olhar.

A expressão do Cael derreteu quando os nossos olhares finalmente chocaram. E como se eu tivesse sido um barco à deriva no mar, encontrei uma âncora nos seus olhos, a sua própria presença. Com as pernas trémulas, nunca quebrei o contacto visual quando comecei a correr pelos degraus e pelo pátio até onde ele estava.

As lágrimas acumularam-se nos meus olhos enquanto eu o bebia a cada passo. Ele estava ali. O Cael estava mesmo ali. Não hesitou e começou também a correr para mim e, incapazes de estarmos separados por mais um segundo, caímos nos braços um do outro, os peitos encontrando-se e os braços envolvendo o outro como se nunca fossem deixá-lo ir. Segurei-o com força, a minha alma voando agora que eu estava de volta ao seu abraço.

– Pêssego... – murmurou o Cael no meu pescoço, e eu quase me desfiz ao ouvir aquele sotaque de Boston dizendo esta palavra – a *minha* palavra.

– Amor – sussurrei de volta e puxei-o com mais força, tanta que nos fundimos num único vulto no pátio da faculdade.

O Cael recuou e eu estudei-o atentamente. Foi como ver o nascer do sol mais glorioso depois de muitas noites de escuridão.

– Tive tantas saudades tuas, Pêssego – disse ele, com a sua voz grave, e senti a verdade dessas palavras em cada centímetro do meu coração. – Meu Deus, a porra das *saudades* que eu tive de ti.

Baixou a testa para a minha e entrelaçou os nossos dedos.

– Eu também tive tantas saudades tuas – disse eu, mal conseguindo encontrar a minha voz, tão tomada de felicidade, o seu cheiro a sal marinho e neve fresca fazendo com que eu sentisse que ele era a minha casa.

O Cael inspirou, depois beijou-me as faces, a testa e, procurando nos meus olhos permissão – o que estava mais do que dada – beijou-me os lábios. Ao fazê-lo, a dor da sua longa ausência desapareceu. O meu Cael estava a *beijar-me*. Ele estava *ali*.

Retribuí o beijo, mergulhando nele enquanto me beijava profunda, honesta e verdadeiramente. E senti uma nova leveza dentro daquele rapaz que eu amava com todo o meu ser. Os seus beijos sondavam, mas eram amorosos. Eram otimistas, não envoltos em tristeza e desespero.

Uma lágrima escapou do canto do meu olho quando ele me puxou ainda mais para si. Eu estava segura nos seus braços, mais uma vez. E ele estava seguro nos meus.

O Cael interrompeu o beijo.

– Amo-te, Savannah – disse, com voz rouca, e eu senti esse amor irradiando da sua alma.

Coloquei a mão na face dele.

– Eu também te amo. Tive muitas saudades tuas.

O Cael recuou. Perscrutou o meu rosto como se fosse uma pintura renascentista. Então, o seu olhar brilhou de nervos.

– Por favor, vens hoje à noite? – disse ele, com a voz embargada.

– O que é que acontece hoje à noite? – perguntei.

– Um treino aberto – disse ele e largou-me uma mão para passar os dedos pelo meu cabelo. Os meus olhos fecharam-se ao seu toque. – Quero-te lá. – Engoliu em seco. – É o primeiro evento que a equipa faz fora dos treinos fechados. – Inspirou fundo, depois expirou devagar. Segurei a suas mãos e apertei duas vezes. O nosso sinal secreto. Um sorriso, tão ofuscante, iluminava-lhe o rosto e rivalizava com o sol.

Meu Deus, ele era lindo!

– Não perdia isso por nada do mundo – disse eu e pousei a cabeça no peito dele. O Cael expirou, aparentemente aliviado. O som do seu coração acelerado deixou-me com um nervoso miudinho no peito.

Tinha-o volta. Estávamos juntos de novo.

Continuava a passar a mão pelo meu cabelo comprido, como se não suportasse deixar de me tocar, de alguma forma, depois de todo aquele tempo separados.

Segurou-me então o rosto com as mãos em concha e beijou-me os lábios.

– Eu não posso acreditar que estás aqui, à minha frente. Não parece real – disse ele, e eu sorri, virando a cabeça e dando-lhe um beijo na palma da mão.

– É real – disse eu, enfiando o braço em torno da sua cintura. – Somos reais.

O Cael engoliu-me num abraço. Ergueu-se sobre mim e eu senti-me tão segura no seu abraço. Não queria afastar-me nunca, queria ficar assim, sempre.

– Harvard – murmurou ele, apenas para mim, reconhecendo em voz alta que tínhamos alcançado o nosso objetivo.

– Harvard – sussurrei em resposta, sentindo-me tomada pela emoção. Quando o Cael recuou, disse com relutância:

– Eu agora tenho de ir, mas...

Eu não queria deixá-lo ir.

– Cael! – Olhei por cima do ombro do Cael e vi um rapaz louro a chamá-lo.

O Cael levantou a mão, um gesto de que estava a caminho.

– Aquele é o Stephan, o meu melhor amigo e companheiro de equipa. Temos uma reunião de equipa a que temos de ir. – Senti um aperto no peito, não por ele ter de se ir já embora, mas por ter acolhido o Stephan

de volta na sua vida. Eu estava tão orgulhosa dele que podia ter rebentado.

O Cael recuou, nenhum de nós disposto a desviar o olhar do outro, até ele estar muito longe da vista e eu ter de me afastar. Senti-me chocada; o meu coração estava tão acelerado que me senti tonta.

Eu estava tão incrivelmente feliz.

A Cara veio para o meu lado.

– Tu namoras com o Cael Woods? – perguntou ela, parecendo bastante deslumbrada. Esqueci-me que ela era dali e era fã de hóquei.

Voltei-me para Cara, o meu coração tão cheio que mal conseguia respirar, e disse:

– Queres vir comigo assistir a um treino aberto comigo? O amor da minha vida vai estar no gelo.

* * *

O estádio estava meio cheio, o que a Cara me disse que era normal para um treino aberto. Procurei o Cael na pista, mas não consegui encontrá-lo. Nesse momento, vi-o sair do túnel e bater no gelo. O número oitenta e sete ergueu-se orgulhosamente de costas. Eu tinha o coração na garganta ao vê-lo patinar pela pista, ganhando velocidade a cada passo.

Foi surreal vê-lo assim. Eu sabia que ele jogava hóquei. Tínhamos conversado sobre isso incessantemente quando ele saiu do programa de terapia e obteve o seu lugar de volta na lista de Harvard para o presente ano. Até me enviou *links* para alguns dos seus jogos antigos, quando eu expressei o meu desejo de os ver. Mas agora que eu estava ali, sentir o frio do gelo bater no meu rosto foi diferente do que eu podia ter imaginado.

Vi o Cael a perscrutar a multidão. Soube quando ele me viu, pois abrandou ao passar por mim. Encontrou os meus olhos e eu sorri para ele. Ele retribuiu o sorriso. Era tão perfeito.

Um treinador apitou e o Cael posicionou-se. Fui a primeira a admitir que não fazia ideia do que estava a acontecer no treino. Eu estava a tentar aprender as regras, tinha passado muitas noites no verão a tentar entendê-las. Haveria de lá chegar. Por enquanto, fiquei admirada ao ver o Cael no seu elemento. Mesmo que eu não entendesse o jogo, qualquer

um podia dizer que o Cael estava um passo acima dos outros. Ele era mais rápido e mais dinâmico, afundava discos na rede, e parecia que podia continuar a noite toda nunca se cansar.

Fiquei sem fôlego enquanto o via. Ainda mais quando ele ria, sorria e celebrava com os companheiros de equipa. Estava feliz ali. E tinha sido ele a conseguir. Estava sarado. Aquele rapaz no gelo estava muito longe do rapaz que eu tinha visto pela última vez no Japão. Se fosse possível, vê-lo assim fez-me amá-lo ainda mais. Como a Aika lhe dissera, ele tinha tido a tenacidade de se recompor e estava ainda mais bonito do que nunca.

Quando o treino acabou, os rostos atónitos dos fãs que estavam a ver o Cael a recuperar, gritaram para mim como ele era talentoso e como, se nunca tivesse voltado a este jogo, teria sido uma farsa.

O Cael veio até onde eu estava sentada. Levantei-me e mudei-me para as tábuas.

– Querido... – disse eu, abanando a cabeça, incapaz de colocar palavras nos meus sentimentos. As faces do Cael coraram de vergonha perante o meu elogio. Era tão adorável, eu queria beijá-lo e nunca mais parar.

– Vais ter comigo à porta do vestiário? – perguntou ele, e eu assenti. Por mais que eu tivesse gostado de o ver treinar, eu queria falar com ele e passar horas ao seu lado.

– Vou voltar para a residência – disse a Cara. Acenei com a cabeça para ela e segui os sinais para os vestiários. Fiquei do lado de fora, no corredor, à espera de ver o Cael sair. Havia outras pessoas à espera, cumprimentando diferentes jogadores que saíam do vestiário.

O Cael saiu com o rapaz que eu agora sabia ser o Stephan. Os olhos perscrutadores do Cael encontraram-me imediatamente. Correu para onde eu estava e envolveu-me nos seus braços. Esmagou-me contra o peito, os cabelos molhados do chuveiro colados à minha bochecha. Ri-me e, perante esse som, o Cael apertou-me um pouco mais.

Uma garganta pigarreou atrás de nós. O Cael largou-me e estava ali o Stephan. Com os seus cabelos loiros e os olhos azuis, lembrava-me o Rune.

– Esta é a famosa Savannah? – perguntou ele, e eu senti as faces a arder com as suas palavras. O Stephan bateu no peito de Cael. – Adoro este tipo, mas se eu tiver de ouvir falar de ti mais uma vez, a minha cabeça pode explodir.

– Palhaço – disse o Cael, mas riu-se do amigo.

O Stephan piscou-me o olho.

– Enfim, prazer em conhecer-te, Savannah. – O Stephan abraçou o Cael. – Encontramo-nos no dormitório.

O Cael pôs o braço em cima dos meus ombros e beijou-me a têmpora.

– Vem comigo, Pêssego. Temos de pôr a conversa em dia.

* * *

Cael

Levei a Savannah para o meu carro, no estacionamento. Atirei o meu saco para o jipe e depois estiquei a mão. A Savannah tomou-a, sem hesitar.

– Dás uma volta comigo? – perguntei.

– Para qualquer lugar – disse ela, a sorrir.

Porra. Eu não conseguia acreditar que ela estava ali comigo. Parecia um sonho. Tinha-me focado nela por tanto tempo, todos aqueles dias compridos e difíceis no retiro. Especialmente nos dias mais difíceis, quando eu achava que não aguentava mais, era o rosto da Savannah e os seus telefonemas que me mantinham forte.

Quando ela tremeu com os primeiros frios do outono, corri para trás e tirei um blusão do porta-bagagens do meu carro. Lembrei-me de como se debateu contra o frio no Lake District e na Noruega, o meu Pêssego da Georgia, a precisar do seu sol. Estendi-lho e a Savannah riu-se ao vesti-lo, pois afogava a sua estatura franzina.

Eu não podia imaginá-la mais perfeita do que com o meu nome nas costas. Atravessámos o *campus* num silêncio confortável e seguimos para um parque iluminado. Sentámo-nos num banco isolado, com

apenas algumas pessoas a passearem os cães, nos caminhos ali perto. Apertei-lhe a mão, e levei os seus dedos à minha boca. Beije-a. Não conseguia parar.

Ela estava ali.

Ela estava verdadeiramente ali.

– Cael – Ia dizer alguma coisa, mas eu falei antes que ela pudesse fazê-lo.

– Foi tão difícil, Sav. – A adrenalina dessa noite estava a diminuir e o cansaço, a instalar-se.

A Savannah aproximou-se e eu virei-me para ela. Já ela me observava. Eu não conseguia tirar os olhos dela, como se ela fosse uma miragem que eu tinha evocado na terapia e se eu desviasse o olhar, ela desapareceria.

– Estou aqui – disse ela. Mas era como se meu coração precisasse entender que ela não era um sonho febril. A minha miúda estava em Boston; nós estávamos ali juntos. Prontos para começarmos a nossa vida juntos.

Inspirei fundo e disse:

– Foi tão difícil. Mas eu tinha de ficar melhor. Por ti, por nós, eu tinha...

– Não – disse a Savannah, abanando a cabeça. – Melhor não, Cael. Estavas a sarar. Estavas de luto. Não há melhor ou pior nisso. Simplesmente é. O teu coração estava partido, e tu tentavas consertá-lo, dia após dia. E conseguiste. – Pôs a mão na minha face e encontrou o meu olhar azul tenaz. – Nunca precisaste de melhorar por mim. Foste sempre suficiente. Mesmo quando estavas nas trincheiras. Sempre foste suficiente.

Que raios, alguma vez alguém lutou mais por uma pessoa do que essa rapariga por mim?

– Sou o tipo mais sortudo do planeta. Sabias? – disse eu e beijei a bochecha fria da Savannah. Fechei os olhos, apenas a senti-la contra mim. – Posso viver a minha vida contigo, Pêssego. Posso dar-te o meu coração, tão remendado e tão marcado como está. – O seu lábio tremeu e eu passei o polegar sobre ele, os olhos azuis a brilhar. – É teu e eu posso ter o teu lindo coração e alma em troca. – Apontei para mim mesmo. – Que tipo mais sortudo.

– Somos os dois – disse ela e afastou-me o cabelo do rosto. Ainda estava húmido do duche depois dos treinos. A Savannah sorriu, e eu sabia que lhe daria a ela o mundo inteiro para fazê-la ficar assim. – Estamos vivos, somos mais fortes e estamos juntos. É isso que nos dá sorte. Isso... – Interrompeu-se e olhou para as estrelas, que começavam a brilhar.

Segui a linha de visão dela e perguntei:

– Isso o quê?

A Savannah virou-se para mim. As suas covinhas apareceram enquanto ela sorria, e eu queria guardá-la na memória.

– Que percorremos um caminho difícil para chegar a esta felicidade. E, por isso, nunca tomaremos a nossa vida juntos como garantida. – O meu coração bateu. Porque tudo que ela disse era verdade. A Savannah beijou-me as costas da mão. Sobre o meu coração tatuado. Passou a mão pela tinta preta, depois olhou para mim e disse: – Perdemos. Sabemos o que é sofrer e sentir tanta falta de alguém que não conseguimos respirar. Mas por causa dessa perda, vamos amar-nos mais profundamente, apoiar-nos ainda mais e mostrarmo-nos um para outro com mais força. A perda ensina-nos a valorizar o amor. Esse é o nosso futuro, Cael. Amando-nos uns aos outros da melhor maneira que sabemos: completamente.

– Amo-te, Savannah. Nunca vou parar de te dizer isso.

Ela sorriu.

– E eu nunca vou deixar de aceitar. – Eu ri, e a Savannah também, o peso se quebrando em pedaços leves ao nosso redor.

Quando a nossa risada esmoreceu, ela disse:

– Tenho uma coisa para ti. Mas não sei se é uma coisa boa ou má. Não sei se fiz a coisa certa.

A apreensão na sua voz era evidente.

– Nada que pudesses fazer seria mau, querida – disse eu. No entanto, a expressão preocupada no rosto de Savannah permaneceu. Olhou-me nos olhos, depois colocou a mão no bolso. Quando ela levantou a mão, no centro da palma, estava o bilhete de despedida do Cillian para mim, o seu pedido de desculpas rabiscado no meu precioso bilhete dos velhos Bruins. Aquele que eu tinha destruído no Japão.

Só que o bilhete tinha sido cuidadosamente reconstruído com laca dourada. A minha respiração veio pesada enquanto eu olhava para este bilhete lindamente remendado deitado na mão gentil de Savannah.

– Encontrei-o quando te foste embora. – A sua voz era calma e cheia de emoção. – Quando foste... Eu fui ao teu quarto de hotel só porque... – A Savannah engoliu em seco. – Vi o teu bilhete para mim, e depois vi isso no chão, rasgado. Quando voltei a juntar as peças, percebi o que eram. Levei-o de volta para o meu quarto e consertei-o com o *kit kintsugi* que a Aika nos tinha dado. – Ela pestanejou, encontrando os meus olhos. – Desculpa se foi demais. Eu apenas pensei...

Eu esmaguei a boca na da Savannah, cortando tudo que ela estava prestes a dizer. Ela tinha feito aquilo por mim. Tinha pegado no meu maior arrependimento e concertou-o. E tinha-o feito mais bonito, porque arranjava-o por amor a mim. Por amor ao meu irmão, que ela nunca tinha conhecido.

Quando interrompi o beijo, sem fôlego e tão grato pela minha miúda, sussurrei:

– Obrigado. Muito obrigado, querida.

Peguei no bilhete, que estava seguro dentro de um envelope de plástico transparente, e coloquei-o no bolso. Tinha-o de volta. Eu tinha um pedaço do meu irmão de novo comigo. O alívio foi avassalador.

– É isto – disse eu à Savannah.

– O quê? – perguntou ela, inclinando-se para o meu lado, com a cabeça no meu bíceps. Não resisti a dar-lhe um beijo na cabeça.

– O começo do nosso para sempre – disse eu e senti a esperança correr nas minhas veias. Sentia-me tão bem que era inebriante.

– Para sempre – ecoou a Savannah.

– Estamos aqui, juntos na faculdade. Vejo-te todos os dias. Consigo jogar hóquei, voltar a ser eu próprio. E tu... tu tornas-te médica, querida. Eu sou o teu gajo...

– Eu posso ser a tua miúda – disse ela, feliz no seu tom.

– E conseguimos viver a vida juntos.

Vida. O passeio mais estranho de altos e baixos, mágoa e perda. Mas também, uma vida com o mundo, as estrelas e o sol, a alegria e o amor.

E, claro, o amor. Amor acima de quase tudo.

Corrida da Vitória e Estrelas da Esperança

Savannah

Faculdade de Harvard

Sete semanas depois

O ESTÁDIO ESTAVA LOTADO. OLHEI, DE OLHOS ARREGALADOS, PARA A multidão, toda vestida de vermelho. A música berrava e os gritos empolgados dos estudantes eram ensurdecedores. Agarrei-me à Cara como se a minha vida dependesse dela.

Aquele era o mundo do Cael. O treino aberto não era nada comparado com isto. Estar na viagem tinha feito esta parte de quem ele era parecer tão distante, quase conceptual. Mas esta era a sua arena. Os meus nervos estavam ao rubro e tive de respirar muito para acalmá-los. Quando chegámos aos nossos lugares, tivemos uma visão perfeita do rinque. As luzes dançavam no gelo ao ritmo da música.

Um locutor falou de estatísticas enquanto eu esperava, sustendo a respiração, para ver o Cael ir ao gelo. Ele estava ansioso por este jogo. Tive de me encontrar com ele atrás do estádio uma hora antes...

– *Estou nervoso – disse o Cael e passou a mão pelo cabelo.*

– *Vais sair-te lindamente – disse eu, tentando ao máximo acalmar os seus nervos.*

O Cael fechou os olhos e inclinou a cabeça para o céu. Estava a concentrar-se nas estrelas, e eu sabia que se debatia com as lágrimas. Os seus olhos brilharam quando encontrou os meus.

– Eu sempre pensei que ele estaria aqui, sabes. Neste momento. – O Cael suspirou. – Acho que me bateu de novo que ele não está.

Apontei para as estrelas.

– Ele está aqui – disse eu, e o seu rosto suavizou.

O Cael envolveu-me nos seus braços.

– Não sei o que faria sem ti, Pêssego – disse ele e beijou-me os lábios. Ouviu-se a sua equipa ir para o gelo para aquecer.

– Tenho de ir.

– Vou estar na bancada – disse eu, e o Cael acenou com a cabeça. Fez-me um pequeno sorriso e eu rezei para que ele passasse por este primeiro jogo...

Pestanejei de volta ao aqui e agora, e um milhão de pensamentos passaram pela minha cabeça. Tudo sobre o Cael. O suficiente para que, no que pareceu ser tempo nenhum, a música baixasse e o locutor comesse a falar.

Foquei-me naquele túnel de onde eles iam sair. Então, de repente, as luzes apagaram-se e o locutor disse:

– Esta noite, este jogo será jogado em homenagem a Cillian Woods, a nossa estrela principal que, infelizmente, perdemos tragicamente. Para o homenagear, o seu irmão mais novo e atual jogador principal do Harvard Crimson, Cael Woods.

Tudo pareceu parar naquele momento: a música, a respiração, o coração. Senti o estômago às voltas e um misto inebriante de tristeza e orgulho rodopiou dentro de mim. A multidão levantou-se, batendo palmas em apoio enquanto Cael, sem capacete e luvas e usando uma braçadeira preta ao redor do bíceps, se fez ao gelo e começou a patinar para o Cillian. Para o irmão que ele tanto amava, mas tinha perdido tão jovem, tão tragicamente...

Arquejei quando o Cael patinou na direção oposta, e me deram uma visão das suas costas. Porque o rapaz que eu amava, a quem eu tinha dado todo o meu coração, já não usava o número oitenta e sete na camisola. Agora, tinha o número trinta e três estampado na camisola.

O número do Cillian.

Ele estava a patinar para o Cillian.

Honrava o seu irmão da melhor maneira que sabia.

Um soluço mudo arrancou-se da minha garganta enquanto eu o via patinar lentamente em redor da pista, de taco no ar, uma homenagem ao seu irmão mais velho, um homem que deveria estar aqui para patinar ao seu lado. Era por isso que o Cael estava tão nervoso antes. Ia homenagear o Cillian no gelo que ambos adoravam tanto.

Eu acreditava que o Cillian estava ali, nesse momento, o vento frio a fluir-lhe no cabelo, o braço sobre o ombro do Cael, como eu o tinha visto fazer naquela fotografia tantos meses atrás.

A Cara juntou-se a mim para assistir ao jogo e colocou o braço em cima de mim quando o resto da equipa de Harvard foi para o gelo, patinando também em homenagem ao Cillian – uma equipa de luto por um dos seus. Vi o Cael aproximar-se de onde eu estava. Tapei a boca com a mão quando ele se aproximava.

– Cael... – sussurrei quando ele parou à minha frente. Tinha os olhos cheios de lágrimas, e pressionou a mão no vidro diante de mim. Estendi a mão e toquei-lhe também, como se não houvesse vidro entre nós, e as nossas palmas se beijassem. Baixou a testa para ela – eu fiz o mesmo. Chorei lágrimas pelo homem que eu nunca tinha conhecido, mas de quem já sentia a falta. E chorei pelo rapaz por quem eu estava loucamente apaixonada, que partilhava a sua dor com o mundo, para honrar o irmão de quem tinha saudades.

Quando ele recuou, eu disse:

– Amo-te. Estou muito orgulhosa de ti.

– Eu também te amo – disse o Cael, e depois seguiu para o túnel. Mantive a mão no vidro quando ele saiu novamente para jogar. E eu nunca desviei os olhos dele enquanto voava pelo gelo como se tivesse nascido com lâminas de aço nos pés e um taco nas mãos.

Jogava de todo o coração.

Honrou o irmão que perdeu.

O Cael marcou quatro golos.

E Harvard ganhou.

Para o Cillian.

* * *

Cael

A adrenalina corria-me nas veias quando me sentei no cacifo no vestiário. Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, ouvindo a equipa festejar a nossa primeira vitória da época. O suor escorria pelas minhas costas e o meu coração trovejava no meu peito.

Tínhamos ganho. Tínhamos ganho para o Cillian. Virei a cabeça, como se ele estivesse ali ao meu lado. Senti-o ao meu lado, naquele gelo, nessa noite. Depois da sua morte, senti-me roubado do nosso futuro a jogarmos juntos. Mas ele estava lá nessa noite, eu sabia disso. E uma coisa que eu tinha aprendido no ano anterior era que Cillian estaria sempre comigo, pois ele fazia parte de mim. Nem sequer a morte poderia tirar-nos isso.

Sorri ao imaginá-lo ao meu lado. *Conseguiste, irmãozinho. Conseguiste!*

Conseguimos, diria eu. *Fizemo-lo, como sempre planeámos.*

Uma mão pousou no meu ombro. Olhei para cima, para ver o meu treinador. Toda a equipa estava a olhar para mim. Eu conhecia a maior parte. Eram amigos do Cillian. E pelas lágrimas na maioria dos olhos, também eles o sentiam ali connosco.

– Este disco pertence-te, filho – disse o treinador, e eu peguei nele. Eu não era de palavras, portanto levantei-me simplesmente, beijei o taco e ergui-o aos céus.

Esta é para ti, Cill. Esta é para ti.

* * *

Saí do vestiário e sorri quando vi a Savannah à minha espera. Estava aninhada contra a parede sozinha, tornando-se o mais pequena possível, a amiga claramente tinha ido para casa. Ela haveria sempre de ser a minha miúda, tão introvertida. O olhar de alívio e orgulho no seu belo rosto e olhos azuis brilhantes quando me viu quase me deitou ao chão.

Assim que fui ter com ela, segurei-a nos meus braços. Ela derreteu-se contra mim e sussurrou:

– Eu... Não tenho palavras para esta noite, amor. Eu... – Inclinou a cabeça para trás e disse: – Estou tão orgulhosa de ti. E o teu novo número de camisola, que forte foste... – Abanou a cabeça quando as

palavras lhe escaparam.

– Eu também te amo, Pêssego – disse eu, e ela lançou-me um sorriso trémulo pouco antes de eu a beijar, sem querer nunca parar.

– Cael? – Uma voz familiar interrompeu o beijo à minha miúda. Eu ri quando me virei e estavam ali a minha mãe e o meu pai, com ar divertido. A Savannah deve ter visto as parecenças da família, porque ficou logo vermelha de vergonha.

– Deduzo que seja a famosa Savannah? – disse o meu pai e estendeu a mão para a Savannah.

– Sim, senhor – disse a Savannah, fazendo-me derreter com a sua timidez e impecáveis modos sulistas.

O meu pai apertou-lhe a mão, mas a minha mãe aproximou-se e envolveu a Savannah num abraço. Não me passou despercebido quando sussurrou, ao ouvido da Savannah:

– Obrigada. Obrigada por ajudar a salvar meu filho.

A Savannah abraçou a minha mãe com força, e disse:

– É tão bom conhecê-la, minha senhora. – Fez-me um sorriso tímido.

– Eu adoro o seu filho. Ele também ajudou a salvar-me.

Esta rapariga...

– Vamos deixá-los em paz – disse o meu pai, e abraçou-me, com força. – Nunca na vida tive tanto orgulho em ninguém, filho – disse ele, fazendo-me ficar com um nó na garganta.

A minha mãe veio depois ter comigo e disse:

– Ela é linda, Cael. Tão linda e doce. – Mal podia esperar que os meus pais conhecessem Savannah. A minha mãe recuou e segurou firmemente a mão do meu pai. – Vou fazer um jantar este domingo. – Virou-se para Savannah. – Adorávamos que viesses, querida.

– Gostava muito. Obrigada, minha senhora – disse ela e deu outra vez cabo de mim, porra. Era impossível amar mais aquela rapariga. A minha mãe e o meu pai deram-me espaço enquanto eu me instalava na faculdade. Mas eu queria-os no meu primeiro jogo. E queria mesmo que eles finalmente conhecessem a rapariga que me salvou.

Pensar que eu tinha resistido à viagem do Leo e da Mia todos aqueles meses atrás. Lutei contra ela com todas as células do meu corpo. Mas o universo tinha-me colocado num percurso de cura. E isso trouxe-me a minha miúda, para a outra metade do meu coração, a minha alma

gémea. Eu iria esforçar-me, todos os dias, para a fazer feliz, para deixá-la orgulhosa. E caminharíamos pela vida de mãos dadas, com os nossos irmãos a caminharem ao nosso lado, com as mãos nos nossos ombros, a mostrar-nos o caminho.

E seríamos felizes.

Estaríamos juntos.

E viveríamos para sempre em honra daqueles que perdemos.

Epílogo

Debaixo das Estrelas e Céus Eternos

Savannah

Lake District, Inglaterra

Oito anos depois...

– PARECE DIFERENTE NO VERÃO – DISSE EU A CAEL ENQUANTO CAMINHÁVAMOS de mãos dadas ao longo de uma costa familiar. O lago Windermere espalhava-se diante de nós, uma piscina cintilante de diamantes. A noite aproximava-se, as noites inglesas de luz de verão conferiam ao lago um brilho etéreo.

O Cael apertou-me a mão, e eu olhei para ele e sorri. Era tão bonito. Não passava um dia em que eu não agradecesse às estrelas por trazê-lo para a minha vida. Especialmente nos últimos tempos. Na verdade, a vida tinha lançado outra perda no nosso caminho.

Rune.

A viver a vida que sempre sonhou, como fotógrafo. Estava numa zona de guerra, a captar o conflito em fotos, quando um míssil perdido atingiu o seu hotel, levando-o de nós também. O Cael segurou-me através da dor de perder outro ente querido. Mas desta vez, apesar de doer, não fiquei arrasada. Porque eu sabia que o Rune estava de volta com a Poppy, reunido com a sua alma gémea no seu bosque florido, feliz mais uma vez. Foi o maior consolo, pensar neles dessa forma. Não mais separados pela vida, mas juntos, onde sempre deveriam ter estado.

Agarrei o braço do Cael enquanto ele nos levava a um molhe de aparência familiar. Só que, em vez de um barco a remos nas proximidades, um pequeno barco a motor aguardava. Ri-me quando o Cael me ofereceu a sua mão.

– Senhorita Litchfield – disse ele, todo pompa e circunstância, o que me fez rir ainda mais. Ele era tão brincalhão. Cômico, à sua maneira tranquila.

– Lembro-me disto – disse eu, e o Cael levantou-me pela cintura. Antes de me colocar no barco, beijou-me. Sentei-me e o Cael subiu rapidamente atrás de mim e ligou o motor.

– Foi onde tudo começou, Pêssego – disse ele, com um brilho nos olhos.

Parecia ter sido tudo há tanto tempo. Aquela fatídica viagem à volta do mundo. Eu acabara a faculdade de medicina e estava a fazer formação no hospital. Estava cada vez mais perto de me tornar a médica que sempre quis ser. E adorei. Era difícil, e muitas vezes emotivo, mas voltava para casa, para a segurança do Cael, e ele tornava tudo melhor. Nos dias em que eu me ia abaixo, ele estava lá para me amparar.

O Cael tinha ficado em Harvard apenas dois anos, antes de entrar no reforço da NHL. Agora jogava pelos Bruins, fazia o All-Stars em todas as temporadas e foi o jogador de destaque da equipa dos EUA. Ele era excepcional, e não havia nada de que ele gostasse mais do que jogar – era como ver a verdadeira liberdade.

A nossa vida era em Boston, e eu não poderia estar mais feliz. Visitávamos a Georgia com frequência. A Ida vivia a sua própria vida, feliz e ainda tão gregária como sempre. A minha família adorava o Cael e, claro, eu tinha de voltar para ver a Poppy... e agora o Rune, que jazia ao seu lado no seu bosque florido.

– É estranho não ter os outros à espera no albergue de volta à costa – disse eu, e o Cael assentiu. Cumprimos a nossa promessa. O nosso grupo da viagem reunia-se uma vez por ano. Eram os nossos melhores amigos. Especialmente o Travis e o Dylan, que encontraram o caminho juntos nos anos que se seguiram. A Lili e a Jade eram casadas com homens incríveis. A Lili estava grávida do primeiro filho.

Eu não poderia estar mais orgulhosa de todos.

– Vamos convidá-los da próxima vez – disse o Cael, e eu reparei como os seus olhos azuis-prateados combinavam com a tonalidade da lua cheia que pairava sobre nós. Os anos tinham sido gentis com o Cael. Ele era mais espadaúdo por causa do hóquei, e continuava cheio de tatuagens, a minha preferida era a de um pessegueiro que ele agora tinha no peito, sobre o coração. E a linha dourada ao estilo *kintsugi* que atropelava a tatuagem de coração partido na sua mão – um coração que já não estava partido.

Fechei os olhos e sorri enquanto a brisa quente me tomou. Aquele lugar era mágico para nós os dois. Foi onde começámos a apaixonar-nos. Quando estávamos de coração partido e fraco, aquele lugar tinha sido a génese de nós e da nossa jornada para a força.

A nossa viagem uns para os outros.

O nosso caminho para o poder curativo do amor.

Não pude deixar de imaginar o Cael naquela época. Vestido todo de preto, gorro preto na cabeça e o cabelo despenteado, que eu achei perfeito. Hoje, usava calções de cargo azul-marinho e uma camisa branca. Tinha as mangas arregaçadas até aos cotovelos, exibindo a massa de tatuagens intrincadas nos antebraços musculados. Ele era lindo. Eu estava com um vestido azul de verão. O Cael adorava ver-me de azul. Disse que combinava com os meus olhos.

– Pêssego... – disse o Cael, e eu abri os olhos.

O meu coração começou a disparar quando me deparei com Cael de joelhos, segurando um anel na mão. Tapei a boca, em choque. Os olhos do Cael nadavam com lágrimas felizes e eu fazia um esforço para respirar.

– Savannah – disse ele, com a voz rouca. – Quando viemos para cá, anos atrás, estávamos ambos destroçados. Sentimos que não havia um caminho de volta para a felicidade. – Vi o clarão de tristeza que aquelas palavras trouxeram ao olhar do Cael. – Mas não sabíamos que nos encontraríamos um ao outro nesta viagem. Não sabíamos que encontraríamos a nossa alma gémea e a outra metade do nosso coração fora dos Estados Unidos e pelo mundo fora. – O Cael sorriu quando as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. – Essa viagem mudou toda a minha vida. Ensinou-me a viver, a ser forte, mas, principalmente, ensinou-me a amar, mesmo através da dor. E eu amo, Pêssego. Amei-te

mais do que julguei ser possível. És a minha razão para respirar. Fazes-me mais feliz do que eu poderia ter sonhado. És a melhor coisa da minha vida, e eu queria perguntar... se me dás a honra de casar comigo.

Tudo se aquietou – os pássaros, os ramos balançando, o meu coração, enquanto proferia as duas palavras mais preciosas:

– Casa comigo.

O meu mundo encheu-se de luz quando estendi a mão e me ajoelhei diante dela. Enquanto eu lhe segurava o rosto perfeito e lindo com as mãos em concha e pressionava os lábios nos dele.

– Sim – disse eu, acenando com a cabeça, a chorar, tomada por tanta felicidade. – Sim, é absolutamente um sim. – Com apertos de mão, o Cael empurrou a safira azul e o anel de diamante no meu dedo e ele brilhou ao crepúsculo.

– Esperei tanto tempo para fazer isto, pois queria dar espaço para os teus estudos sem a pressão de um casamento. Mas sinceramente, querida, eu não podia esperar mais um dia para ter um anel no teu dedo e realmente tornar-te minha. Oficialmente.

– Amo-te – disse eu. Não havia uma pessoa neste planeta que me entendesse mais do que este homem.

Então ele surpreendeu-me quando disse:

– Não estive num campo de treino no fim de semana passado. – Franziram as sobrancelhas, confusa. – Estive na Georgia, a pedir autorização ao teu pai para me casar com a sua menina.

– Cael... – disse eu, de coração a derreter.

– Eu queria fazer isto como deve ser – disse ele e afastou-me o cabelo da cara. Puxou-me para si, as minhas costas para o seu peito, envolvendo-me nos seus braços fortes. – Quero-te tanto como minha mulher que já não aguento.

E conseguia vê-lo agora. Nós íamos casar. Eu seria médica e o Cael continuaria a viver o seu sonho como jogador de hóquei. Teríamos uma família e seríamos tão felizes que não haveria um único dia desperdiçado nas nossas vidas. Iríamos amar-nos de todo o coração e aproveitaríamos ao máximo o nosso breve tempo nesta Terra. A vida ensinou-nos a não tomar um único dia como garantido e a não desperdiçar um minuto.

– Amo-te – repeti, e virei-me para o beijar, cheia de tanta felicidade que quase não aguentei.

Ele beijou-me completa e profundamente, com tanta adoração que eu soube que o nosso amor nunca iria desaparecer. Assim como as estrelas, pensei, olhando para elas agora. Eu costumava olhar para o Cinturão de Orion e pensar que representava a Poppy, a Ida e eu. Agora, quando olhei para ele, vi a Poppy, o Rune e o Cillian, olhando para nós, observando-nos ao vivo, regando-nos também com o seu amor celestial.

E depois havia a Estrela do Norte. Para a Tala.

– Eles também estão a comemorar lá em cima agora, sabes disso, não sabes? – disse o Cael, olhando também para as estrelas.

Porque eu sabia. Perder um ente querido, independentemente das circunstâncias, era a coisa mais dolorosa que uma pessoa poderia suportar. Mas viver para eles, amá-los mesmo após a perda, também era a cura. Porque eles estariam sempre ao nosso redor, querendo que vivêssemos com todo coração. Querendo que amássemos e vivêssemos uma vida tão plena, sem espaço para arrependimentos quando chegasse a hora da nossa morte.

Eu tive isso com o Cael. Uma vida tão doce que eu nunca poderia querer mais nada. Fui feliz. Verdadeiramente feliz. E agarrava isso com as duas mãos.

E sabíamos que a Poppy e o Cillian estavam ao nosso lado. Por isso, vivemos e amamos em sua honra. No seu legado. E eu amava mesmo o Cael, mais do que alguma vez pensei ser possível. Eu ia ser a mulher dele. Ele ia ser o meu marido. Nunca duas palavras tinham soado tão bonitas.

E eu mal podia esperar para o resto da nossa vida começar.

O Fim Começo

Agradecimentos

Quando escrevi *Mil Beijos*, o livro nasceu de anos a fio a ver os meus familiares mais próximos sofrerem de cancro. Essa doença horrível atormentou os meus avós, os meus pais e o meu sogro. Depois de perder os meus avós e o meu sogro, quis – não – *precisei* de exorcizar toda a dor e amargura pela doença, reprimidas *e acumuladas* ao longo dos anos. Levou da minha vida três pessoas muito amadas. Felizmente, a minha mãe estava em remissão, mas o meu pai ainda sofria com a doença. O seu cancro era incurável. Foi uma batalha constante, mas ele enfrentou-a, com bravura, todos os dias.

Quando comecei a escrever todos os meus sentimentos sobre perda, viver e aceitar as agruras que enfrentamos, *Mil Beijos* foi o resultado.

Nunca planeei escrever uma sequência. Matutei em algumas ideias, mas nada chamava por mim como a história do Rune e da Poppy. O mundo que eu tinha criado em Blossom Grove, Georgia, parecia completo. Eu tinha posto o meu coração nessas páginas e partilhado a minha dor com o mundo. Tinha feito o que me propus a fazer.

E foi então que o impensável aconteceu. Perdi o meu pai. Depois de todo o tempo que sofreu com um cancro incurável, no final, a sua morte foi rápida e inesperada. Outro tipo de cancro tinha crescido dentro dele (de que não tínhamos conhecimento) e tirou-o das nossas vidas num piscar de olhos.

Dizer que fiquei de coração partido é um eufemismo. Um sofrimento como eu nunca tinha sentido enterrou-se dentro de mim e arrastou-me tão para baixo que eu senti que não conseguia respirar. A perda não era

novidade para mim. Mas a perda de um dos pais era. Eu sabia o que era sofrer, mas não o que era sofrer com a dor cáustica de ver o meu pai, a minha *segurança*, ser arrancado da minha vida.

Na sequência disso, os meses passaram por mim, enquanto eu tentava reencontrar uma espécie de vida. E, como escritora, como criativa, uma nova história começou a crescer dentro de mim. Enquanto eu contemplava a minha «nova» vida sem o meu pai, uma nova pergunta começou a formular-se na minha cabeça: O que aconteceu às pessoas que a Poppy deixou atrás? Os meus pensamentos dirigiram-se imediatamente para a Savannah. A irmã mais calada. Aquela que amava suavemente, mas se importava imensamente.

Sofro de ansiedade crónica e escrevo como forma de terapia. E quando comecei a escrever, a história da Savannah e do Cael jorrou dos meus dedos. Uma história de perda e luto e tantas saudades de um ente querido faz com que a pessoa sinta que nunca mais poderá ser feliz.

Mas vai ser. O meu percurso através do luto, e o que tentei mostrar neste livro, é que, gradualmente, a pessoa recomeça *mesmo* a viver. Começa a recordar não só as partes tristes de perder o ente querido, como também os momentos felizes que partilhou com eles. Quando escrevi este livro, queria tanto isto para a Savannah e o Cael porque sabia que o meu pai também queria o mesmo para mim. Não queria que ficássemos destroçados. Haveria de querer que superássemos o melhor que pudéssemos e vivêssemos *por* ele.

Mil Corações Partidos foi o livro mais difícil que já escrevi, porque se baseia no momento mais difícil da minha vida. Mas também se tornou uma enorme fonte de consolo para mim. Ver a Savannah e o Cael lentamente reinventarem-se, enfrentarem o luto e trabalharem através dele e de toda a sua dor tornou-se inspirador para mim. Espero que, de alguma maneira modesta, este livro tenha também ajudado aqueles que amaram e perderam. A mim, deu-me um lugar seguro para o luto e, por isso, a Savannah e o Cael terão sempre um lugar especial no meu coração.

Pus a alma a nu nestas páginas. Só espero ter deixado meu pai orgulhoso. Foi verdadeiramente tudo em seu nome.

Para chegar a este ponto, em que *Mil Corações Partidos* está lançado no mundo, foi preciso um exército de pessoas. Posso ter escrito este livro para me ajudar no meu próprio percurso de luto, mas sem o apoio e o amor de todos os que me rodeiam, nunca teria chegado a existir.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu marido. A quantidade de lágrimas derramadas enquanto escrevia *Mil Corações Partidos* não tem precedentes e tu estiveste ao meu lado a cada passo do caminho, a abraçar-me quando eu não tinha a certeza se conseguia continuar. És a minha rocha. Amo cada pedacinho de ti.

És o meu Rune.

Aos meus filhos. Deram-me uma razão para continuar. Quando as coisas eram negras e eu estava desfeita, animaram-me. Fizeram-me sorrir e rir quando eu achava que não voltaria a sorrir. Amo-os tanto, aos dois. São tudo para mim.

Mamã. Que tempos estes. Como sempre, tens sido um pilar de apoio ao longo de tudo. E eu sei que, provavelmente, tiveste medo de ler este livro por causa do significado que ele teve para mim... para todos nós. Mas espero ter-te também deixado orgulhosa. Amo-te tanto. És a pessoa mais forte que eu conheço. A melhor mãe, a melhor avó, a melhor pessoa. Espero que saibas.

Samantha. Tu atravessaste a morte do pai de mãos dadas comigo, como só um irmão pode fazer. Eu sei que nunca vais ler *Mil Beijos* ou *Mil Corações Partidos* porque os achas muito difíceis – porque também o viveste –, mas quero que saibas que eu vou estar sempre imensamente grata por te ter ao meu lado. Não consigo imaginar fazer os últimos dois anos sozinha.

Aos meus melhores amigos, vocês ajudaram-me a seguir em frente e o vosso apoio significou tudo para mim. Aos T-T-Teessiders, o Coven, o grupo da minha mãe, que se tornou uma peça preciosa da minha vida, obrigada a todas por me ajudarem.

Liz, a minha agente superestrela. Dez anos e continuamos fortes. Tens-me amparado desde o primeiro dia, e mal posso esperar pelos próximos dez e todas as coisas que temos planeadas. Que viagem. Tenho muita sorte por te ter do meu lado, no bom e no mau.

A Christa Heschke, Danielle e Alecia e todos na McIntosh e Otis, obrigada por trabalharem incansavelmente em meu benefício.

Christa Désir, a editora que mudou a minha vida. Obrigada por tudo o que fizeste por mim. Pegaste em *Mil Beijos* e catapultaste-o até à lua. Chorámos juntas, rimos e amparaste-me nos momentos mais negros. Mal posso esperar por todos os projetos futuros que teremos. Isto é só o começo!

Dom, e todos os outros que trabalham na Bloom Books, obrigada por tudo. Estou tão entusiasmada para continuar a escrever livros e a trabalhar com vocês. São uma equipa incrível.

Um enorme obrigada a Rebecca da Penguin UK, Federica, Simona, e Alessandra, da Always Publishing, Itália. As minhas outras equipas de publicação estrangeiras: Brasil, Alemanha, territórios de língua espanhola e todas as outras muitas editoras do mundo inteiro que pegaram em *Mil Beijos* e lhe deram uma casa. Estou verdadeiramente grata a todos vocês.

Nina e a equipa do Valentine PR, obrigada por serem a equipa mais incrível para se trabalhar. Não imaginam como os estimo. E uma aclamação especial a Meagan Reynoso, que tem sido um anjo para mim, especialmente nos tempos mais difíceis. Muito obrigada.

Aos meus leitores. Por onde é que eu hei de começar? São o grupo de pessoas mais amoroso e leal que eu poderia ter pedido. Vocês amparam-me e ajudam-me a seguir em frente nos momentos em que eu tenho dúvidas. Apoiam-me e gritam dos telhados sobre os meus livros. Adoro-vos a todos. Não fazem ideia do quanto os estimo e adoro a todos.

A todos os que falam de livros no Instagram, no TikTok e que escrevem resenhas que ajudam a falar ao mundo sobre os meus livros. Vocês mudaram a minha vida. Obrigada.

E à comunidade de autores. Que lugar edificante e solidário para se estar. Obrigada por torcerem sempre por mim. Só vos desejo também o melhor.

Se me esqueci de alguém, saibam que estou grata também a vocês!

Por fim, ao meu pai. Foste a *maior* razão para eu escrever *Mil Beijos* e adoravas ver o caminho que a Poppy e o Rune seguiram. Foste a razão para eu escrever *Mil Corações Partidos*. Tal como sucedeu com a Savannah e o Cael, o meu coração pode ter sido remendado aos poucos, mas as cicatrizes de te perder estarão sempre lá. Estarei sempre triste por já não estares aqui. Mas tal como a Savannah, sei que estás lá em

cima, nas estrelas, como sempre quiseste estar. Vou viver por ti, pai. Vou continuar a criar em teu nome. E eu sei que olhas cá para baixo, tão incrivelmente orgulhoso de tudo o que está a acontecer a todos nós.

Amo-te.

Todos te amamos.

E para sempre teremos saudades tuas.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Prólogo](#)
3. [1 Fôlegos Perdidos e Nuvens Deslizantes](#)
4. [2 Sonhos abandonados e lagos congelados](#)
5. [3 Corações Tímidos e Primeiras Vistas](#)
6. [4 Aviões a Jato e Céus Chuvosos](#)
7. [5 Montes Ondulantes e Barcos Oscilantes](#)
8. [6 Palavras Sinceras e Abraços Calorosos](#)
9. [7 Segredos Partilhados e Céus de Despedida](#)
10. [8 Sonhos Ressurgidos e Sorrisos Congelados](#)
11. [9 Neve Deslizante e Gargalhadas Ligeiras](#)
12. [10 Céus Coloridos e Beijos Congelados](#)
13. [11 Almas Derretidas e Corações Abertos](#)
14. [12 Areias Douradas e Tristezas Profundas](#)
15. [13 Corações Partidos e Memórias Fraturadas](#)
16. [14](#)
17. [15 Escuro como Breu e Luz Ofuscante](#)
18. [16 Cores Fortes e Gargalhadas Mais Fortes](#)
19. [17 Corações Partidos e Deixar Partir](#)
20. [18 Desgostos e Afinidades](#)
21. [19 Histórias Angustiantes e Raiva Extinta](#)
22. [20 Céu Escuro e Estrelas Mais brilhantes](#)
23. [21 Gestos Atenciosos e Música Renascida](#)
24. [22 Louça Partida e Beleza Encontrada](#)
25. [23 Flores Desabrochadas e Velhos Amigos](#)
26. [24 Adeus](#)
27. [25 Ventos Quentes e Palavras Sentidas](#)
28. [26 Vozes Silenciosas e Pontos de Viragem](#)
29. [27 Corações Caseiros e Almas a Sarar](#)
30. [28 Cura](#)
31. [29 Convidados Surpresa e Corações Ligados](#)
32. [30 Corrida da Vitória e Estrelas da Esperança](#)

- 33. [Epílogo Debaixo das Estrelas e Céus Eternos](#)
- 34. [Agradecimentos](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)
- 2. [Title-Page](#)
- 3. [Table of Contents](#)
- 4. [Preface](#)
- 5. [Acknowledgments](#)